Revista The Bard

Poesia, arte e música

MATÉRIA DE CAPA

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
"Imagens Que Salvam a Humanidade"

Ano 6 - Nº 40 - Edição Novembro e Dezembro 2026

www.revistathebard.com

ISSN 2764-9768

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA.



REVISTA THE BARD

Revista The Bard

Poesia, arte e música

ISSN 2764-9768

REVISTA ELETRÔNICA

REVISTA EM 3D

REVISTA EM PDF INTERATIVO

Fundada e idealizada por J.B. Wolf - Poeta, Escritor, Músico e Monarquista, a REVISTA THE BARD® faz parte da iniciativa THE WOLF BARD®, que é um projeto Multiliterário, multiartístico e multicultural. Tendo a sua primeira edição publicada em Setembro de 2020 com edições mensais até Dezembro do mesmo ano, passando a ser publicada bimestralmente a partir de Janeiro de 2021.

Inteiramente acessivel, oportuniza com a sua publicação, as criações plurais, valorizando as artes, reconhecendo a capacidade humana em expor suas ideias, criações e produções em diferentes linguagens artísticas.

A REVISTA THE BARD® está presente em cento e cinquenta e sete Países e em cinco Continentes: África, Ásia, Europa, Oceania e América, abordando um conteúdo com amplo referencial cultural, estético e artístico em cada uma de suas edições. Possui quarenta e três colunas, com temas livres escritos por escritores, poetas, contistas, músicos, jornalistas, professores, pesquisadores entre outros, cada um expressando a sua arte, contribuindo para a construção e ampliação de conhecimentos dos seus leitores nos diferentes contextos sociais, usufruindo da oportunidade de exercitarem o direito de suas expressões artísticas.

A Revista tem um Site de avançada tecnologia AI e Feed RSS em PDF com acessibilidade para pessoas com deficiências visual e auditiva. Conta com três modalidades de acesso: Revista 3D, Revista eletrônica e PDF interativo com botões (links) direcionados para os sites, blogs, fanpages, perfis de seus participantes.

EQUIPAMENTOS, TECNOLOGIAS E PROGRAMAS

the

WOLF BARD

POESIAS, FRASES & PENSAMENTOS

PROJETO

REVISTA

AGÊNCIA

TIKTOK

canal

CANAL YOUTUBE

POETA J.B WOLF

SELO

JORNAL THE BARD NEWS

EM BREVE

EM BREVE

Edição da Revista

ED. NOV/DEZ 26





Ano 2026

ED. NOV/DEZ 26



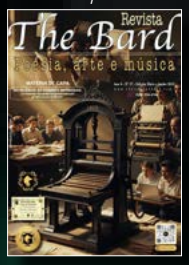
ED. SET/OUT 26



ED. JUL/AGO 26



ED. MAI/JUN 26



ED. MAR/ABR 26



ED. JAN/FEV 26



Ano 2025

ED. NOV/DEZ 25



ED. SET/OUT 25



ED. JUL/AGO 25



ED. MAI/JUN 25



ED. MAR/ABR 25



ED. JAN/FEV 25



Ano 2024

ED. NOV/DEZ 24



ED. SET/OUT 24



ED. JUL/AGO 24



ED. MAI/JUN 24



ED. MAR/ABR 24



ED. JAN/FEV 24



revista

THE BARD

POESIA, ARTE & MÚSICA

Ano 2023

ED. NOV/DEZ 23



ED. JUL/AGO 23



ED. MAI/JUN 23



ED. MAR/ABR 23



ED. JAN/FEV 23



Ano 2022

ED. NOV/DEZ 22



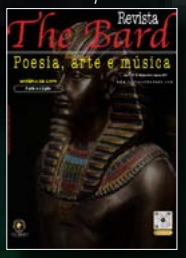
ED. SET/OUT 22



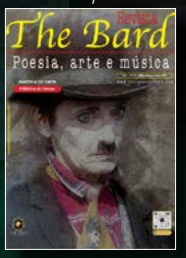
ED. JUL/AGO 22



ED. MAI/JUN 22



ED. MAR/ABR 22



ED. JAN/FEV 22

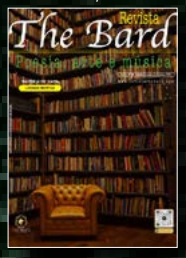


Ano 2021

ED. NOV/DEZ 21



ED. SET/OUT 21



ED. JUL/AGO 21



ED. MAI/JUN 21



ED. MAR/ABR 21



ED. JAN/FEV 21

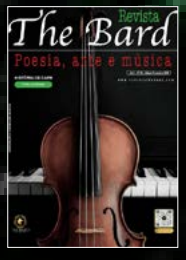


Ano 2020

ED. DEZ/20



ED. NOV/20



ED. OUT/20



ED. SET/20



BOAS-VINDAS

Caros leitores, é com imensa alegria, entusiasmo e gratidão que abrimos as páginas da 40ª edição da Revista Internacional The Bard, um espaço concebido para celebrar a literatura, a arte, a poesia e a multiplicidade de vozes que fazem da cultura uma das mais belas expressões da humanidade.

A cada edição, renovamos nosso compromisso de iluminar mentes, despertar emoções, provocar reflexões e inspirar a criatividade, aproximando leitores, escritores, poetas, artistas e pensadores por meio da palavra e de suas inúmeras formas de expressão.

Nesta edição, reservamos um espaço especial aos nossos apoiadores que adquiriram o Certificado de Participação nº 1 – Ouro, gesto que reconhece e fortalece a caminhada cultural construída em parceria com a Revista Internacional The Bard. A cada apoiador, nossa sincera gratidão por acreditar neste projeto e contribuir para que ele continue alcançando novos horizontes.

Nossa matéria de capa apresenta o tema "Dinâmicas Artístico-Culturais: imagens que salvam a humanidade", por Jeane Tertuliano. Nos mostrando quando a arte transforma imagens em esperança, a cultura revela sua força mais sublime: salvar a humanidade do esquecimento, da indiferença e da incapacidade de sonhar.

Na seção de Poesia, convidamos você a se deixar conduzir pelas palavras e a mergulhar em versos que tocam a alma, despertam sentimentos, provocam questionamentos e revelam diferentes maneiras de perceber o mundo. Reunimos poetas e poetisas do Brasil e de outras partes do mundo, celebrando a diversidade de estilos, vozes, sensibilidades e experiências que fazem da poesia uma linguagem universal.

Além das colunas que já conquistaram seu espaço nas edições anteriores, esta edição também traz novidades, entre elas "Frases e Pensamentos", "Contos" e "Minicontos", "Cordel", entre outras propostas que ampliam nosso diálogo com a literatura e a arte.

Apresentamos ainda o Selo Litero-Cultural The Wolf Bard, criado com o propósito de expandir nossa contribuição para o universo das artes e da literatura, oferecendo visibilidade e destaque nacional e internacional a editoras e escritores.

O selo constitui uma iniciativa gratuita, voluntária e recíproca, voltada à divulgação e valorização de obras selecionadas, estabelecendo uma ponte entre criação literária, reconhecimento e novos públicos.

E, para completar esta jornada, criamos um espaço especial e exclusivo para nossos artistas, escritores, poetas e artesãos: a "Vitrine The Bard".

Mais do que um espaço de exposição, a Vitrine nasce como uma oportunidade de prestigiar talentos, apresentar obras e aproximar criadores e leitores, valorizando aqueles que transformam ideias, sentimentos e matérias em expressão artística.

Convidamos você, leitor, a entrar neste universo da 5ª Arte e percorrer cada poema, texto, conto, imagem, artigo e história aqui reunidos. Permita-se descobrir novos autores, conhecer diferentes perspectivas, emocionar-se com as palavras e encontrar, em cada página, uma possibilidade de olhar o mundo de outra maneira.

Símbolos & Funções da REVISTA THE BARD

Links internos: Clique para ser direcionado (a) à página desejada.

Voltar ao sumário e a Coluna: Clique para ser direcionado (a)

Tradução: Clique para ser direcionado (a) Para a página traduzida ou Para voltar à pagina de origem.

Link ativo : Clique para ser direcionado(a) à plataformas e sites.

Link ativo O Pensador : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.

Não recomendado para menores de 18 anos, conteúdo erótico.

Link ativo site : Clique para ser direcionado(a) ao site referido.

Link ativo Blog : Clique para ser direcionado(a) ao blog referido.

Link ativo Facebook : Clique para ser direcionado(a) ao facebook referido.

Link ativo Instagram : Clique para ser direcionado(a) ao Instagram referido.

Link ativo Youtube : Clique para ser direcionado(a) ao Youtube referido.

Link ativo Twitter : Clique para ser direcionado(a) ao Twitter referido.

Link ativo Tumblr : Clique para ser direcionado(a) ao Tumblr referido.

Link ativo Pinterest : Clique para ser direcionado(a) ao Pinterest referido.

Link ativo para o SITE da Revista The Bard : Clique para ser direcionado(a) aos Posts no site da revista.

Colunista da Revista The Bard

SAIBA COMO PARTICIPAR



Acesse o **EDITAL** da Revista Internacional THE BARD 41ª Edição **JAN/FEV 2027**

LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:

"imagens que salvam a humanidade"



40ª EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE | FACEBOOK | INSTAGRAM | YOUTUBE | TWITTER/X

EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

ENTRE ESTANTES, BANCAS E SEBOS:

"Os lugares onde os livros nos encontram"

41ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

PERÍODO DE 11 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.

Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

Certificado Impresso
Da Revista Internacional The Bard
40ª edição



APOIADOR(A) THE BARD



DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:
"imagens que salvam a humanidade"

Prezado(a) Participante,

É com imensa alegria e sincera gratidão que recebemos seu apoio à arte e à literatura adquirindo o **CERTIFICADO** da 40ª edição Novembro e Dezembro 2026, sua contribuição para a nossa causa.

Esperamos continuar a inspirar e ser inspirados por você em futuras edições da revista.

Segue abaixo a lista de **APOIADORES THE BARD** seguidos de foto, nome e sobrenome, minibiografia, link da rede social, certificado e logo da coluna participada.

Com os melhores cumprimentos e agradecimentos.

J.B WOLF
Idealizador, Fundador e Editor Chefe da Revista Internacional The Bard

Certificado Impresso Da 40ª Edição Da Revista Internacional The Bard



Fagner Lima

Fagner Lima é Jornalista, Radialista, Animador, Cantor e Contador de Histórias. Criador da Turma do Faguinho, atua há mais de duas décadas levando alegria, música e imaginação ao público infantil — sendo 20 anos dedicados especialmente à turma que conquistou corações por onde passa. Suas histórias encantam, ensinam e transformam cada momento em uma aventura inesquecível.

INSTAGRAM



Contadores de HISTÓRIAS



Rute Ella Dominici

Rute Ella Dominici Escritora e Poetisa, paulistana ,odontóloga. Superior língua francesa. Civilization Écriture et Littérature/ Alliance Française. Livro Solo de Poemas 'Mar Germinal' lancado em 09/2023. Livro Solo de Poemas 'lava Incontida' a ser lançado au 'Salon du Livre à Genève', Membro da AMCL Academia Mundial de Cultura e Literatura, Membro imortal/ Cadeira 117/ Olga Savary, Membro Internacional da FEBACLA Cadeira 345/Amós Oz, Academia Virtual dos Poetas da Língua Portuguesa, Cadeira 113/Miryam Fraga, Participação em Antologias Diversas.

INSTAGRAM



Alma em Perspectiva



Stella Gaspar

Stella Gaspar, nascida em João Pessoa – Paraíba. Pedagoga, professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um PhD na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha. Escritora, poetisa, contista. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus", ao mesmo tempo coautora e autora livros técnicos e didáticos na área das Ciências Humanas. Colunista no Blog da Editora Valleti Books, além escritora. Colunista e pesquisadora da Revista Internacional The Bard. Colunista do "Jornal Internacional The Bard News". Pesquisadora registrada no Diretório dos Grupos de Pesquisa (DGP) no Brasil, com afiliação ao CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

INSTAGRAM



Coluna Autopoiese & Narrativas



Nazareth Arrais

Nazareth Arrais. Professora Associada da Unidade Acadêmica de Letras e do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP) – Cajazeiras, Paraíba - Brasil. Mestra em Letras (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa Semiótica, Discurso e Ensino (SEDE), certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Semiótica Discursiva e do Conto de Expressão Popular.

INSTAGRAM



Recanto DAS CULTURAS TRADICIONAIS



Renato Mota

Desenhista. Autor de ficção de fantasia. Desenvolvedor de jogos para computador e consoles. Produtor de universos fantásticos e surreais, com caminhos para todos os afetos em intersecções com nossa realidade. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Design Gráfico pela Uninter. Cursou Psicanálise pela Associação Psicanalítica do Brasil. Na The Bard é colunista da coluna Desvendando a Fantasia.

INSTAGRAM



Desvendando a Fantasia

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA

































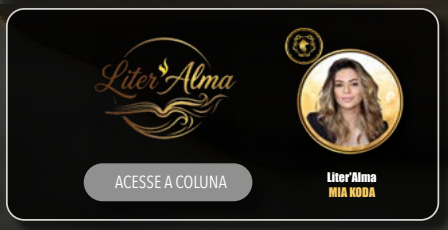










Imagem de Nomadsoul1 por Freepik

Colunas & Colunistas

ACESSE AS COLUNAS CLICANDO NO CARD DE CADA COLUNISTA

ACESSE A COLUNA



Raízes do Brasil
RENATA MUNHOZ

ACESSE A COLUNA



Inclusão & Acessibilidade em Foco
SANDRA SANTIAGO

ACESSE A COLUNA



As Cores da Sociedade
ELKE LUBITZ

ACESSE A COLUNA



Alma em Perspectiva
RUTE ELLA DOMINICI

ACESSE A COLUNA



Nau Literária - Entrevistas
MAGNA ASPÁSIA

ACESSE A COLUNA



Florescendo em Pensamentos
CRISTINA GOMES

ACESSE A COLUNA



Mãe África
REDAÇÃO THE BARD

ACESSE A COLUNA



Nem te conto
FABIANA FRANCISCO

ACESSE A COLUNA



Desnuda em Palavras
TÔNIA LAVÍNIA

ACESSE A COLUNA



Desvendando a Fantasia
RENATO MOTA

ACESSE A COLUNA



Momento Resenha
NATÁLIA CARMO

ACESSE A COLUNA



Recanto das Culturas Tradicionais
NAZARETH ARRAIS

ACESSE A COLUNA



O Mundo da Fantasia
REDAÇÃO THE BARD

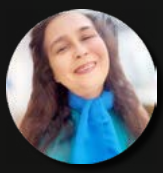
ACESSE A COLUNA



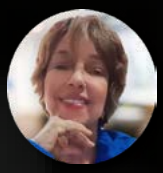
Vitrine The Bard
COLUNA DA REVISTA

Marketing & Divulgação

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



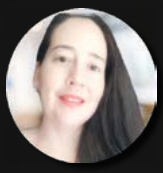
BETÂNIA PEREIRA
Professora e Historiadora
Diretora de Marketing
ACESSE



RILNETE MELO
Poetisa e Cordelista
Divulgadora
ACESSE



MARIA LÚCIA HADDAD
Poetisa
Divulgadora
ACESSE



REJANE LIMA
Produtora de Eventos
Divulgadora
ACESSE



NICE VELOSO
Escritora
Divulgadora
ACESSE

VAGO

SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO

SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO

SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO

SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO

SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO

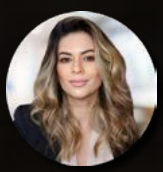
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO

SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

Redatores Digitais

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



MIA KODA
Redatora Digital
ACESSE



RENATA MUNHOZ
Redatora Digital
ACESSE

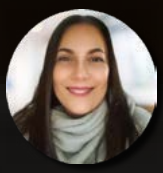


SANDRA SANTIAGO
Redatora Intérprete de Libras
ACESSE

Imagem de Vecstock por Freepik

Revisão e Avaliação Textual

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



STELLA GASPAR
Escritora e Professora
Coordenadora
ACESSE

VAGO
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

Colaboração e Pesquisa

SIGA A REDE SOCIAL DE NOSSOS COLABORADORES



ADRIANA MAGALHÃES
Neuropsicopedagoga e Poetisa
Pesquisadora
ACESSE



TÔNIA LAVÍNIA
Escritora
Pesquisadora
ACESSE



ARELY SOARES
Escritora e Poetisa
Pesquisadora
ACESSE

VAGO
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

VAGO
SEU NOME
Venha fazer partedo Time de Marketing e Divulgação
ACESSE

QUER FAZER PARTE DAS EQUIPES?

RECEBA BENEFÍCIOS PUBLICITÁRIOS E DIVULGAÇÃO E DESENVOLVA DENTRO DA REVISTA

Sumário



18 Matéria de Capa: Dinâmicas Artístico-Culturais: imagens que salvam a humanidade, por Jeane Tertuliano



74 Vida de Autor
Por Lilian Stocco

82 História das Artes
Imagens que salvam a humanidade: a arte como guardiã da memória, por Betânia Pereira

86 Mitologias e Crônicas
Cultura Persa, por Ladylene Aparecida



96 Poetas e Poetisas
Por Redação The Bard

104 Literatura de Cordel
Por Beth Baltar

114 Vai um livro aí?
Por Arely Soares

118 Liter'Alma
por Mia Koda

Edição Nov/Dez 2026

26 Tudo Sobre Cinema
Por Redação The Bard

42 Autopoiese & Narrativas
A arte no cotidiao - o olhar sensível na contemplação de imagens artísticas, por Stella Gaspar

52 Contadores de Histórias
por Fagner Lima

58 Neuro Music
Quando o belo reorganiza a mente, por Drika Gomes

68 Grandes Autores
Frédéric Mistral e José Echegaray: quando o Nobel dividiu-se, por J.B Wolf



126 Nossa Literatura
Memória para além de arquivos - a imagem que desperta o olhar para o futuro, por Márcia Neves



130 A Língua em Movimento
O direito de entender, por Redação The Bard



138 Dialética
por Clayton Zocarato



148 **Tons do Cotidiano**
por Redação The Bard



156 **Raízes do Brasil**
por Renata Munhoz



160 **Inclusão e Acessibilidade em Foco**
Eis a imagem que pode nos salvar,
por Sandra Santiago



164 **As Cores da Sociedade**
por Elke Lubitz

170 **Alma em Perspectiva**
A alma sitiada,
por Rute Ella Dominici

178 **Nau Literária**
Por Magna Aspásia

198 **Florescendo em Pensamentos**
Por Cris Gomes



206 **Mãe África**
por Redação The Bard



212 **ResilienteMente**
Por Fabiana Francisca

218 **Desnuda em Palavras - Erótico**
Por Tônia Lavínia

226 **Desvendando a Fantasia**
O estranho mundo de Jack,
por Renato Mota

232 **Momento Resenha**
Por Natália Carmo



238 **Recanto das Culturas Tradicionais**
por Nazareth Arrais

246 **O Mundo da Fantasia**
Por Redação The Bard



MATÉRIA de CAPA

06



Jeane Tertuliano

Mulher autista, com TDAH e baixa visão. Escritora, professora, revisora e palestrante, reside em Campo Alegre, Alagoas. Graduada em Letras, Artes e Filosofia, atua nas áreas da educação, literatura e cultura. É vice-presidenta do Conselho Municipal dos Direitos da Mulher, conselheira titular do Conselho Municipal de Políticas Culturais, membro da Academia Independente de Letras e colunista da Revista The Bard. Em 2022, recebeu o 1º lugar em Crônica no Prêmio Destaques Literários Focus Brasil – New York. Em 2023, recebeu o Título de Notório Saber em Literatura pela FEBACLA. Em 2024, foi eleita pela sociedade civil para representar o setor Livro, Leitura e Literatura na 4ª Conferência Nacional de Cultura, em Brasília. Em 2026, recebeu da União Brasileira de Escritores (UBE) – Núcleo Arapiraca o título de Embaixadora da Literatura Alagoana. Autora de mais de 20 livros e organizadora de diversos projetos antológicos, dedica sua atuação à valorização da escrita de mulheres, à formação de novos escritores e à promoção da literatura como instrumento de inclusão e transformação social.

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS: IMAGENS QUE SALVAM A HUMANIDADE



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Antes mesmo de escrevermos a nossa história, já encontrávamos maneiras de deixar marcas do que vivíamos. Muito antes de organizar o pensamento por meio das palavras, registrávamos, de outras formas, aquilo que nos cercava, o que temíamos, desejávamos e considerávamos importante guardar. Nas paredes das cavernas, nos objetos feitos pelas mãos, nos movimentos do corpo, nos sons e nos símbolos, o ser humano foi deixando sinais de sua passagem pelo mundo. Essas manifestações fazem parte da trajetória da humanidade e mostram que criar nunca esteve ligado apenas à beleza. Registrar uma experiência também foi, desde muito cedo, uma forma de fazê-la permanecer.

A produção artística, por isso, não se limita à procura pelo belo. Ela participa da construção da memória e pode guardar aspectos de uma época que outros registros não conseguem revelar da mesma maneira. Uma fotografia conserva um rosto e, ao mesmo tempo, pode trazer consigo o ambiente, os costumes e as relações de determinado período. Uma pintura registra uma forma de perceber a realidade. Os movimentos de uma dança carregam conhecimentos transmitidos ao longo das gerações. Uma canção pode trazer para o presente uma lembrança que parecia esquecida. Até um desenho infantil, quando observado com atenção, oferece pistas sobre o lugar em que a criança vive e sobre as relações que fazem parte de seu cotidiano.

A arte se relaciona diretamente com a cultura e com as experiências vividas pelas pessoas. Por isso, as dinâmicas artístico-culturais envolvem mais do que atividades, apresentações ou produções destinadas à apreciação. Há nelas uma experiência de descoberta, participação e pertencimento. Toda criação nasce de um contexto e carrega marcas de quem a produz. As experiências pessoais, as relações sociais e o ambiente em que alguém vive atravessam aquilo que é criado. Quando a arte passa a fazer parte do cotidiano, também contribui para a maneira como as pessoas compreendem a própria realidade.

A cultura também se manifesta nesses espaços próximos, muitas vezes tão familiares que deixam de ser percebidos como parte de um patrimônio coletivo. Ela está na maneira de celebrar, cozinhar, brincar, contar histórias e ensinar algo que foi aprendido com outras pessoas. Aparece nas festas populares, nos saberes familiares, nas manifestações religiosas, na literatura, no artesanato e nas práticas construídas em diferentes territórios. Registrar essas experiências ajuda a preservar conhecimentos que poderiam desaparecer silenciosamente. Mais do que conservar costumes, esse registro reconhece a existência de modos de vida que contribuíram para formar uma comunidade e sua memória.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Essa possibilidade de registro ganha outro peso quando se considera que nem todos tiveram as mesmas condições para contar suas histórias. Durante muito tempo, grupos inteiros foram descritos a partir do olhar de quem estava fora deles, enquanto suas próprias experiências permaneciam pouco conhecidas. A produção artística pode modificar essa relação. Uma fotografia, um poema, uma pintura ou o registro de uma manifestação cultural também podem constituir espaços para que uma comunidade mostre como se percebe, o que valoriza e aquilo que deseja preservar. Nesse caso, criar passa a envolver também uma forma de participação na construção da própria narrativa.

Reconhecer-se em uma produção pode produzir uma sensação profunda de pertencimento. Uma criança que desenha a rua onde mora registra mais do que uma paisagem. Ela escolhe aquilo que merece aparecer e transforma em imagem um espaço que faz parte de sua vida. Algo semelhante acontece quando uma comunidade representa seus costumes, suas personagens, suas paisagens ou suas celebrações. A simplicidade da forma não determina a importância do que está sendo comunicado. Muitas vezes, o significado de uma produção permanece ligado às histórias que estão por trás dela e que somente quem viveu aquela experiência consegue reconhecer por inteiro.







IMAGENS GERADAS POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

O cotidiano contemporâneo acrescentou outra questão a essa relação com as imagens. Elas estão presentes praticamente o tempo todo, nas telas dos celulares, nas redes sociais, na televisão, na publicidade e nos espaços públicos. Recebemos tantas informações visuais que olhar passou a ser, em muitos momentos, uma ação automática. Uma imagem aparece, outra ocupa seu lugar e logo seguimos adiante. Nesse fluxo, nem sempre existe tempo para perguntar quem produziu aquele registro, em que contexto ele surgiu ou o que ficou fora do enquadramento. Olhar com atenção exige outra disposição.

A experiência artística pode favorecer justamente esse momento de pausa. Uma obra nem sempre entrega seu sentido de imediato, e talvez seja essa uma de suas características mais interessantes. Algumas produções provocam perguntas; outras despertam lembranças, desconforto ou identificação. Há imagens que aproximam o observador de uma realidade desconhecida e outras que fazem surgir algo muito familiar. A interpretação também se transforma de acordo com quem observa, porque cada pessoa traz consigo experiências, referências e memórias diferentes.

As dinâmicas artístico-culturais encontram força nessa relação. Uma fotografia pode conduzir uma conversa sobre as mudanças de um bairro. Uma dança pode trazer à lembrança uma festa conhecida desde a infância. Uma pintura pode provocar diferentes leituras de uma paisagem que todos imaginavam conhecer. Uma música pode aproximar gerações que não compartilham as mesmas experiências, mas reconhecem nela alguma lembrança. A participação, nesse processo, não termina quando a obra é apresentada. O olhar de quem a recebe também contribui para ampliar seus sentidos.

Essa diversidade de percepções é parte importante da experiência cultural. Uma mesma fotografia antiga pode provocar saudade em alguém que reconhece um familiar, curiosidade em quem nunca conheceu aquela época e estranhamento em quem percebe o quanto determinado lugar se transformou. Nenhuma dessas reações precisa ser descartada para que outra seja considerada válida. O significado de uma produção pode se modificar conforme novas pessoas entram em contato com ela. É dessa maneira que determinados registros continuam encontrando espaço muito depois do momento em que foram produzidos.





IMAGENS GERADAS POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



Há imagens que adquirem importância por motivos que não têm relação direta com sua qualidade estética. Uma fotografia antiga pode parecer banal para quem não conhece as pessoas retratadas. Dentro de uma família, porém, ela pode representar uma das poucas formas de recuperar um momento que não voltará. As roupas, os objetos, a organização do espaço e as expressões dos rostos podem trazer lembranças que nenhum relato conseguiria reproduzir exatamente. O registro passa a funcionar como testemunho de uma experiência e ganha um valor que depende muito mais da história que carrega do que de sua aparência.

As imagens podem, de alguma maneira, preservar aquilo que o tempo tende a levar. Elas não interrompem guerras, não eliminam desigualdades e não impedem que experiências dolorosas aconteçam. O que conseguem fazer é diferente. Podem evitar que determinadas experiências desapareçam sem deixar marcas. Uma fotografia mantém a presença de alguém na memória. Uma manifestação cultural conserva conhecimentos transmitidos de uma geração para outra. Um poema registra uma experiência que encontrou dificuldade para ser dita de maneira direta. Uma música pode carregar uma lembrança familiar durante décadas. A arte não detém o tempo, mas oferece lugares onde ele pode deixar vestígios.

Perder esses vestígios também significa perder possibilidades de compreender o próprio percurso. O problema se torna mais evidente quando uma comunidade não encontra condições para registrar e compartilhar suas experiências. Sem esses registros, outras versões podem ocupar o espaço deixado por aquilo que não foi contado. Valorizar a produção cultural de diferentes grupos amplia, portanto, as possibilidades de participação na memória coletiva. Não se trata somente de preservar manifestações, mas de reconhecer quem as produz e permitir que essas pessoas também façam parte das narrativas que ajudam a explicar a sociedade.

A arte não precisa responder a tudo. Em muitos casos, seu papel começa quando consegue fazer uma pergunta permanecer. Uma obra pode levar alguém a lembrar de uma experiência, perceber uma situação antes ignorada ou rever algo que parecia conhecido demais. Uma exposição pode provocar esse deslocamento. Uma apresentação também. O mesmo pode acontecer diante de uma fotografia encontrada em casa ou de um desenho produzido por uma criança. O objeto permanece o mesmo, mas o olhar pode mudar depois do encontro com ele.

> *E quando uma comunidade perde a chance de registrar e compartilhar esses vestígios, ela perde também parte da sua própria memória, por isso valorizar quem produz cultura é garantir que mais vozes possam participar da narrativa que explica quem somos.*

É preciso considerar ainda que grande parte da experiência humana se constrói em acontecimentos que dificilmente aparecem nos grandes registros históricos. Está na dança aprendida com os mais velhos, na receita que atravessa uma família, na cantiga repetida por uma criança, na história contada durante uma reunião familiar. São experiências comuns, mas não irrelevantes. Elas ajudam a formar vínculos, transmitir conhecimentos e estabelecer relações entre diferentes momentos da vida. Quando são registradas por meio da arte, ganham uma possibilidade de permanência que ultrapassa o instante em que aconteceram.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

As dinâmicas artístico-culturais participam desse movimento porque permitem que a cultura seja experimentada e não apenas observada. Ao entrar em contato com uma manifestação, as pessoas podem conhecê-la, questioná-la, reinterpretá-la e encontrar novas formas de expressá-la. Nenhuma tradição permanece completamente imóvel quando atravessa diferentes gerações. O modo de cantar pode mudar, os movimentos de uma dança podem ganhar novas características, uma história pode receber outra interpretação. Preservar não significa impedir essas transformações. Significa manter aberta a possibilidade de transmissão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Por isso, o registro de uma experiência não precisa ser grandioso para adquirir importância. Pode estar em uma fotografia de família, no desenho produzido durante uma aula, na imagem de uma celebração, em uma dança apresentada por uma comunidade ou em uma obra criada por alguém que encontrou na linguagem artística uma maneira de expressar aquilo que não conseguia dizer de outro modo. Depois que o momento passa, esses registros continuam disponíveis. Podem ser vistos por alguém que não estava presente, provocar uma lembrança ou despertar uma pergunta que não existia antes.

A arte também permanece naquilo que conseguimos guardar dela. Uma fotografia, uma pintura ou qualquer outro registro pode conservar uma experiência que, com o passar dos anos, seria difícil recuperar. Um rosto, uma paisagem, um costume ou uma história encontram nesse registro uma maneira de continuar presentes. E quando outra pessoa se depara com essa imagem, pode reconhecer nela algo que lhe é familiar, mesmo sem ter vivido aquela mesma situação. É nesse encontro entre diferentes experiências que um registro deixa de pertencer apenas ao momento em que foi criado e passa a fazer parte de outras memórias.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

A cultura permanece viva porque continua sendo recriada. O que uma geração recebe não chega à seguinte exatamente da mesma maneira. Cada pessoa acrescenta suas referências, modifica alguns sentidos e encontra outras formas de expressar aquilo que recebeu. O passado não desaparece completamente, mas também não permanece imóvel. Ele volta a ser interpretado sempre que uma nova experiência entra em contato com aquilo que já existia.

O gesto mais significativo pode estar justamente aí, na decisão de registrar aquilo que não queremos perder. Uma experiência ganha outro alcance quando encontra alguém disposto a recebê-la, mesmo que esse encontro aconteça muitos anos depois. Uma fotografia pode atravessar o tempo, assim como uma canção pode chegar a outra geração e uma manifestação cultural continuar viva porque alguém se dispôs a transmiti-la. As imagens não salvam tudo, mas podem impedir que determinadas histórias desapareçam sem deixar marcas. Enquanto houver quem se lembre, recrie e compartilhe aquilo que recebeu, a experiência humana continuará encontrando formas de permanecer.

JEANE TERTULIANO

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

POST NO SITE

Ficha Técnica

Expediente

Revista The Bard
Ano 6, Nº 40 , Novembro e Dezembro 2026
Periodicidade Bimestral.

Publicação Digital e em 3D:
Site: www.revistathebard.com
Publicação em PDF Interativo:
Facebook, WhatsApp, Telegram, E-mail.
Publicação em Links:
Facebook, Instagram, X, Wattpad, Pinterest
YouTube, Sweek, LinkedIn.

CEO (Diretor Geral) J.B Wolf
Webposter: Edna Lessa
Design Gráfico e Web Design: J.B Wolf
Diagramação: J.B Wolf
Criação IA da Capa: J.B Wolf
Design de Capa: J.B Wolf
Revisão textual: Stella Gaspar
Tema sugerido: Aline Abreu Santana

Colunas & Colunistas:

• Matéria de Capa - Jeane Tertuliano
• Tudo Sobre Cinema - Redação The Bard
• Autopoiese & Narrativas - Stella Gaspar
• Contadores de Histórias - Fagner Lima
• NeuroMusic - Drika Gomes
• Grandes Autores - Redação The Bard
• Vida de Autor - Lilian Stocco
• História das Artes - Betânia Pereira
• Mitologias & Crônicas - Ladylene Aparecida
• Poetas & Poetisas - Redação The Bard
• Literatura de Cordel - Beth Baltar
• Vai um livro aí? - Arely Soares
• Liter'Alma - Mia Koda
• Nossa Literatura - Virtudes Poéticas - Márcia Neves
• A Língua em Movimento - Redação The Bard
• Coluna Dialética - Clayton Zocarato
• Crônica Tons do Cotidiano - Redação The Bard
• Raízes do Brasil - Renata Munhoz
• Inclusão e Acessibilidade em Foco - Sandra Santiago
• As Cores da Sociedade - Elke Lubitz
• Alma em Perspectiva - Rute Ella Dominici
• Nau Literária - Magna Aspásia
• Florescendo em Pensamentos - Cris Gomes
• Mãe África - Redação The Bard
• ResilienteMente - Fabiana Francisco
• Desnuda em Palavras - Tônia Lavínia
• Desvendando Fantasia - Renato Mota
• Momento Resenha - Natália Carmo
• Recanto das Culturas Tradicionais - Nazareth Arrais
• O Mundo da Fantasia - Redação The Bard
• Vitrine The Bard - J.B Wolf

Editorial: Equipe de Colaboradores
páginas 14 e 15

Artes de Anúncios: J.B Wolf
Criação Digital e finalização: J.B Wolf

Revista The Bard

Poesia, arte e música



ISSN 2764-9768
SNIIC AG-217193

157 Países



Tudo SOBRE CINEMA

REDAÇÃO THE BARD

A Revista The Bard é uma iniciativa multicultural, multilinguística e multiartística dedicada à arte, literatura e cultura. Promove visibilidade a escritores e artistas, conectando suas obras a leitores no Brasil e no mundo.

QUANDO A ARTE GANHA MOVIMENTO, A HISTÓRIA ENCONTRA NOVOS OLHOS

O cinema tem uma maneira singular de nos transportar para lugares onde talvez nunca estivemos, apresentar personagens que permanecem em nossa memória e contar histórias capazes de provocar aquilo que nenhuma outra linguagem consegue reproduzir da mesma forma. Entre imagens, sons, silêncios e interpretações, a sétima arte transforma experiências humanas em narrativas que atravessam o tempo.

Nesta edição de Novembro e Dezembro de 2026, a coluna Tudo Sobre Cinema convida você a entrar novamente nesse universo de possibilidades. Reunimos produções que transitam entre aventura, fantasia, comédia, drama, ação e nostalgia, mostrando como o cinema continua encontrando novas maneiras de reinventar histórias conhecidas e dialogar com diferentes gerações.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf. Criada em 08/10/2026"

Entre os destaques desta edição estão Enola Holmes 3, que traz de volta a jovem detetive interpretada por Millie Bobby Brown em uma nova investigação; Mestres do Universo, aventura que revisita o universo de He-Man sob a direção de Travis Knight; Michael, cinebiografia dedicada ao rei do pop, Michael Jackson; e O Diabo Veste Prada 2, que reúne novamente Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt e Stanley Tucci sob a direção de David Frankel, quase duas décadas depois do primeiro filme.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 08/10/2026"

Mais do que apresentar filmes, queremos convidá-lo a olhar para o cinema com outros olhos. Observar seus personagens, compreender suas escolhas, perceber suas mensagens, questionar suas narrativas e descobrir aquilo que existe para além da tela. Afinal, uma grande obra cinematográfica não termina necessariamente quando sobem os créditos, algumas histórias continuam vivendo dentro de nós.

Prepare a pipoca, acomode-se e venha conosco.

Porque, na coluna Tudo Sobre Cinema, cada filme é uma porta.

Cabe a nós decidir para qual mundo queremos entrar.

REDAÇÃO THE BARD

INSTAGRAM

POST NO SITE

Enola Holmes 3

A jovem detetive está de volta em uma nova aventura, agora mais madura, complexa e com uma atmosfera um pouco mais sombria. Em "Enola Holmes 3", interpretada novamente por Millie Bobby Brown, Enola viaja até Malta para se casar com Lord Tewkesbury (Louis Partridge), mas seus planos são interrompidos quando descobre que seu irmão, Sherlock Holmes (Henry Cavill), desapareceu. O que seria uma viagem marcada por expectativas pessoais transforma-se em uma investigação perigosa.



A personagem precisa, então, conciliar dois desejos que começam a entrar em conflito: construir sua própria vida e continuar sendo a investigadora determinada que aprendeu a ser. Ao procurar pistas sobre Sherlock, Enola se vê diante de um caso que exige inteligência, coragem e uma percepção cada vez mais apurada sobre as pessoas ao seu redor.

A direção agora está nas mãos de Philip Barantini, cineasta conhecido por Adolescência, vencedor do Emmy. A mudança de diretor também acompanha uma transformação da própria personagem, com o terceiro filme apostando em uma abordagem mais adulta e voltada ao suspense. Henry Cavill, Helena Bonham Carter, Himesh Patel e Sharon Duncan-Brewster completam o elenco.



ASSISTA AO TRAILER

Mais do que uma aventura de mistério, o filme trabalha a ideia de amadurecimento. Enola já não é apenas a irmã mais nova de Sherlock tentando provar seu valor: ela começa a descobrir quem deseja ser e qual lugar pretende ocupar em um mundo que ainda insiste em subestimá-la.

POST NO SITE

Mestres do Universo



O universo de He-Man ganha uma nova versão em live-action em Mestres do Universo, produção que resgata uma franquia que marcou gerações e a apresenta a um público contemporâneo. A história acompanha Príncipe Adam (Nicholas Galitzine), que retorna a Eternia depois de anos afastado e encontra seu planeta dominado pelo temível Esqueleto (Jared Leto). Para salvar seu povo, Adam precisará aceitar seu destino e se transformar no lendário He-Man.

Ao seu lado estão personagens fundamentais para essa jornada, entre eles Teela (Camila Mendes) e Duncan, o Homem-de-Armas (Idris Elba). O elenco ainda reúne Alison Brie, como Evil-Lyn, Morena Baccarin, James Purefoy e Kristen Wiig, que empresta sua voz a Roboto.

A direção é de Travis Knight, cineasta responsável por Bumblebee e conhecido também por seu trabalho na animação Kubo e as Cordas Mágicas. O diretor conduz a produção procurando equilibrar fantasia, aventura, ação e nostalgia, sem abandonar a essência da mitologia de Eternia.

O resultado é uma aventura que trabalha temas clássicos do gênero: identidade, responsabilidade, coragem e a descoberta de uma força que precisa ser utilizada não apenas em benefício próprio, mas em defesa daqueles que dependem do herói.

O filme também teve forte recepção comercial no Brasil: nas primeiras semanas de exibição, ultrapassou 1 milhão de espectadores nos cinemas brasileiros, demonstrando a força que personagens como He-Man ainda possuem no imaginário popular.

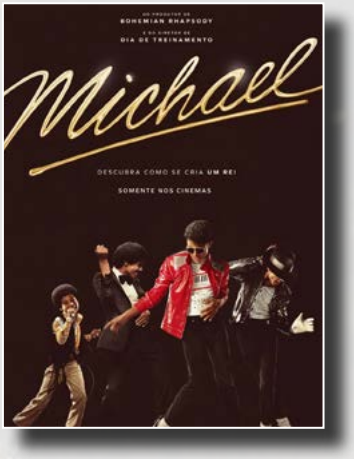


ASSISTA AO TRAILER

POST NO SITE

Michael

Michael leva às telas a trajetória de Michael Jackson, uma das figuras mais influentes e controversas da história da música popular. A cinebiografia acompanha sua caminhada desde os primeiros anos como integrante do Jackson 5 até a consolidação de sua carreira solo, mostrando tanto o artista que conquistou multidões quanto o homem por trás do espetáculo.



O papel principal é interpretado por Jaafar Jackson, sobrinho do cantor, em sua estreia no cinema. A escolha confere ao filme uma dimensão particularmente simbólica, enquanto Colman Domingo interpreta Joseph Jackson e Nia Long vive Katherine Jackson. O elenco ainda conta com Miles Teller, Laura Harrier e Mike Myers.

A direção é de Antoine Fuqua, cineasta conhecido por trabalhos como Dia de Treinamento e pela franquia O Protetor. O roteiro foi escrito por John Logan, responsável por filmes como Gladiador e O Aviador. A produção procura reconstruir momentos importantes da carreira de Michael, incluindo apresentações e a transformação do jovem integrante do Jackson 5 em um fenômeno mundial.



ASSISTA AO TRAILER

Um dos aspectos que mais chamam atenção é justamente a tentativa de aproximar o público da pessoa por trás do ícone. Entre palco, fama, ambição artística e relações familiares, o filme procura apresentar um Michael marcado pela busca permanente pela perfeição e pelo desejo de se tornar um dos maiores artistas de seu tempo.

A produção também recebeu reconhecimento em premiações de 2026. Jaafar Jackson venceu o National Film Award de Melhor Revelação e recebeu o prêmio de Outstanding Performance, além de ter conquistado o prêmio de Melhor Ator no Astra Midseason Movie Awards. O próprio filme recebeu o Truly Moving Picture Award do Heartland Film.

POST NO SITE

O Diabo Veste Prada 2



Quase duas décadas depois do filme que transformou Miranda Priestly em um dos grandes ícones do cinema sobre moda e trabalho, O Diabo Veste Prada 2 reúne novamente Meryl Streep, Anne Hathaway, Emily Blunt e Stanley Tucci. A história encontra Andy Sachs em uma nova fase profissional, agora mais madura e experiente, enquanto Miranda enfrenta as transformações e dificuldades de um mercado editorial cada vez mais instável.

O reencontro entre Andy e Miranda acontece justamente quando os caminhos profissionais das duas voltam a se cruzar. Enquanto Miranda luta para preservar o império da revista Runway, Andy precisa lidar com sua própria trajetória e com as mudanças de uma indústria que já não funciona como antes. Emily Blunt também retorna como Emily, agora ocupando uma posição importante no universo das marcas de luxo.



ASSISTA AO TRAILER

A direção novamente é de David Frankel, responsável pelo primeiro filme, enquanto Aline Brosh McKenna retorna ao roteiro. A sequência também amplia seu elenco com nomes como Kenneth Branagh, Simone Ashley, Justin Theroux e Lucy Liu, mantendo a combinação entre humor, drama e crítica ao universo profissional e editorial.

O filme funciona, portanto, não apenas como uma continuação nostálgica, mas como uma reflexão sobre mudanças profissionais, poder, envelhecimento, ambição e transformação da mídia. Miranda continua sendo uma figura de autoridade quase inabalável, mas agora precisa enfrentar um mundo que mudou, e Andy já não é a jovem insegura que entrou pela primeira vez na Runway.

A produção já recebeu reconhecimento em premiações de 2026, incluindo uma vitória no Golden Trailer Awards, além de indicações em outras categorias.

POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS



Contos

J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

O Café Passagem

Capítulo 9: O Irmão

Miguel Carvalho estava no meio de uma cirurgia quando recebeu a mensagem de Daniel: "Preciso conversar. É sobre ela."

Como neurocirurgião, Miguel estava acostumado a lidar com situações complexas e delicadas, mas quando se tratava de seu irmão mais novo e suas "peculiaridades", sentia-se sempre desarmado. Respondeu rapidamente: "Termino às 18h. Te encontro em casa."

Aos 35 anos, Miguel havia construído uma vida meticulosamente normal. Casado com Ana, pai de dois filhos, dono de uma carreira respeitada, ele representava tudo que Daniel nunca conseguira ser: estável, previsível, firmemente ancorado na realidade.

Mas Miguel guardava um segredo que nem a esposa conhecia: ele também havia herdado o dom da família.

Quando chegou ao apartamento de Daniel às sete da noite, Miguel encontrou o irmão caminhando de um lado para outro da sala, visivelmente agitado.

— Ela investigou — Daniel disse sem preâmbulos. — Luísa passou o dia inteiro pesquisando sobre mim.

— Como você sabe?

— Dona Carmen me ligou. Disse que Luísa esteve no café fazendo perguntas. Roberto da editora também mencionou que uma mulher foi lá procurando informações sobre mim.

Miguel se serviu de um copo d'água e se sentou no sofá.

— E isso te incomoda?

— Deveria incomodar?

IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 01/06/2026"

— Daniel, você contou para uma mulher que pode ver o futuro. É natural que ela queira verificar se você não é um maluco perigoso.

— Mas e se ela descobrir que...

— Que o quê? Que você é exatamente quem diz ser? — Miguel estudou o rosto do irmão. — Daniel, o que realmente te preocupa?

Daniel parou de caminhar e se sentou na poltrona em frente ao irmão.

— Estou com medo de perdê-la.

— Por causa do dom?

— Por causa da falta dele. Miguel, eu não consigo mais ver nada. É como se... como se uma parte de mim tivesse simplesmente desaparecido.

Miguel suspirou. Era a conversa que vinha adiando há anos.

— Daniel, preciso te contar uma coisa.

— O quê?

— Eu também tenho o dom.

Daniel o encarou como se tivesse levado um soco.

— Como assim?

— Sempre tive. Desde os quinze anos, como você. Mas aprendi a controlá-lo, a... desligá-lo quando necessário.

— Isso é possível?

— Para mim, foi. Descobri que podia escolher quando usar e quando não usar. Por isso consegui ter uma vida normal, uma carreira, uma família.

Daniel se levantou bruscamente.

— E você nunca me contou? Todos esses anos eu me senti como um freak, como se fosse o único...

— Porque você nunca quis uma vida normal! — Miguel se levantou também. — Você se agarrou ao dom como se fosse sua identidade. Eu tentei te mostrar outras possibilidades, mas você sempre escolheu viver no futuro em vez de viver o presente.

— Não era uma escolha! As visões simplesmente vinham!

— Vinham porque você permitia. Porque, no fundo, era mais fácil viver em um mundo de possibilidades do que enfrentar a realidade.

Daniel sentiu como se o chão tivesse desaparecido sob seus pés.

— Você está dizendo que eu podia ter controlado isso o tempo todo?

— Estou dizendo que talvez você não quisesse controlar. Daniel, você passou quinze anos escrevendo sobre uma mulher que nem conhecia. Isso não é dom, é fuga.

— Fuga de quê?

Miguel hesitou, mas decidiu que era hora da verdade completa.

— Da vida real. Dos relacionamentos reais. Do risco de se machucar de verdade.

Daniel se sentou novamente, a cabeça entre as mãos.

— Então você acha que Luísa é apenas... o quê? Uma fantasia que se materializou?

— Acho que Luísa é a primeira pessoa real que você permitiu entrar na sua vida. E isso te apavora tanto que você preferiu perder o dom a correr o risco de descobrir que ela pode não ser perfeita.

— Ela é perfeita.

— Ninguém é perfeito, Daniel. E é isso que torna o amor real interessante.

Daniel ergueu a cabeça para olhar o irmão.

— Como você fez? Para desligar as visões?

— Prática. Meditação. E principalmente, escolha consciente de viver o presente. Quando conheci Ana, decidi que queria construir um futuro com ela, não apenas observá-lo acontecer.

— E você nunca sentiu falta?

— Às vezes. Especialmente no trabalho — seria útil saber como uma cirurgia vai terminar antes de começar. Mas aprendi que a incerteza também tem seu valor. Ela nos mantém atentos, nos força a dar o melhor de nós.

Daniel ficou em silêncio por um longo momento.

— Miguel, posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Você consegue ver alguma coisa sobre mim e Luísa?

Miguel sorriu tristemente.

— Não funciona assim, Daniel. Não consigo ver o futuro de pessoas que amo. É como se o amor criasse uma zona cega nas visões.

— Por quê?

— Porque quando amamos alguém de verdade, o futuro deixa de ser algo que observamos e passa a ser algo que construímos juntos.

Daniel absorveu as palavras do irmão. Tudo fazia sentido agora: por que as visões sobre Luísa haviam parado, por que se sentia perdido, por que tinha tanto medo.

— Ela vai jantar comigo hoje à noite — disse finalmente.

— E como se sente em relação a isso?

— Aterrorizado. E empolgado. E... vivo. Mais vivo do que me senti em anos.

Miguel sorriu.

— Então você já tem sua resposta.

— Qual resposta?

— Se vale a pena trocar a certeza do futuro pela aventura do presente.

Daniel olhou para o relógio. Eram sete e quarenta.

— Preciso ir. Vou buscá-la às oito.

— Daniel?

— Sim?

— Se você quiser, posso te ensinar a controlar o dom. Para que você possa escolher quando usar e quando não usar.

— E se eu escolher nunca mais usar?

— Então você será apenas um homem normal, apaixonado por uma mulher normal, tentando construir uma vida normal juntos.

— Isso soa... assustador.

— E maravilhoso?

Daniel sorriu pela primeira vez desde que chegara.

— E maravilhoso.

Quando Daniel saiu do apartamento de Miguel, sentia-se como se tivesse acabado de acordar de um sonho de quinze anos. Pela primeira vez, entendia que o dom não era uma bênção ou uma maldição — era uma escolha.

E ele estava pronto para fazer uma escolha diferente.

No caminho para buscar Luísa, parou em uma floricultura e comprou um buquê de margaridas brancas. Não porque havia visto em uma visão que ela gostaria, mas porque eram simples e bonitas, como o momento que estavam prestes a viver.

Quando tocou a campainha do apartamento dela, Daniel Carvalho não era mais o homem que via o futuro. Era apenas um homem que havia decidido que o presente era o único tempo que realmente importava.

E pela primeira vez em quinze anos, isso era mais que suficiente.

Lá em cima, Luísa olhou pela janela e viu Daniel parado na calçada, segurando flores e parecendo mais nervoso que ela jamais o havia visto. Sorriu, pegou a bolsa e desceu as escadas.

Não sabia o que o futuro reservava para eles. Mas pela primeira vez na vida, isso não a assustava.

Na verdade, mal podia esperar para descobrir.

CAPÍTULO 1 CAPÍTULO 2 CAPÍTULO 3 CAPÍTULO 4
CAPÍTULO 5 CAPÍTULO 6 CAPÍTULO 7 CAPÍTULO 8
COLUNAS E COLUNISTAS
INSTAGRAM
POST NO SITE

MINI Contos

J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

O presente atrasado

O pacote chegou no dia 27, sem remetente.
Dentro, uma foto da família reunida no Natal,
até a avó, morta havia anos.
No colo de Ana, um bebê que ela ainda não tinha concebido.
No verso, em letra trêmula: “Para mamãe. Do seu filho.”
Ana virou a foto. Atrás dela, no corredor escuro,
uma porta entreaberta.
Do outro lado, alguém embalava um berço vazio.

INSTAGRAM

POST NO SITE

IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 Rare..AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 11/11/2026"



MINI Contos

EDUARDO GRABOVSKI

Cidade: Campina Grande do Sul
Estado: Paraná
País: Brasil

Contemplar a Memória

De expressível a inexpressível.
Passando por rodovias sob pontes e passarelas,
via o horizonte pleno;
fitava sob longarinas: barcos e caravelas;
reverberava em seu ermo ser a ver arual forma.
Inconsebível teor com forte rugor;
premissa de vislumbrante aurora.
Via o manto que no horizonte toma forma.
És a nuvem sob o mar que amplia e sacia a memória.
Culmina em imagem que ilustra a história.

Universo do Tio Dudú

IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026"

FRASES E PENSAMENTOS

"Escrever é deixar no tempo aquilo que a vida não pôde guardar."

J.B Wolf

"A arte é a mentira que nos permite conhecer a verdade."

Pablo Picasso

"A ciência descreve as coisas como são; a arte, como são sentidas, como se sente que são."

Fernando Pessoa

"Paradoxalmente, embora possa parecer, não é menos verdade que a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida".

Oscar Wilde

"Quando as palavras se tornam obscuras, começo a me concentrar nas fotografias. Quando as imagens se tornarem inadequadas, ficarei contente com o silêncio."

Ansel Adams

"A arte é a contemplação; é o prazer do espírito que penetra a natureza e descobre que a natureza também tem alma."

Auguste Rodin

"Todo o grande artista amolda a arte à sua imagem."

Victor Hugo

"A arte é a expressão da sociedade no seu conjunto: crenças, ideias que faz de si e do mundo. Diz tanto quanto os textos do seu tempo, às vezes até mais."

Georges Duby

"O maior problema de toda arte é produzir por meio de aparências a ilusão de uma realidade mais grandiosa."

Goethe

"A arte não reproduz o que vemos. Ela faz-nos ver."

Paul Klee

IMAGEM GERADA POR IA "usando NANO BANANA 2 LITE-AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 12/09/2026

FRASES E PENSAMENTOS

"A finalidade da arte é dar corpo à essência secreta das coisas, não é copiar a sua aparência."

Aristóteles

"Certas ausências não deixam vazio, deixam presença demais em lugares onde já não podemos encontrar ninguém."

J.B Wolf

"A arte existe para que a realidade não nos destrua."

Friedrich Nietzsche

"Eu quero tocar as pessoas com a minha arte. Eu quero que elas digam: 'ele sente profundamente, ele sente com ternura'."

Vincent Van Gogh

"SUA FRASE AQUI"

"As artes não são uma maneira de ganhar a vida. Elas são uma maneira muito humana de tornar a vida mais suportável."

Kurt Vonnegut Jr.

"Pouco conhecimento faz com que as pessoas se sintam orgulhosas. Muito conhecimento, com que se sintam humildes."

Leonardo da Vinci

"Em algum lugar, alguma coisa incrível está esperando para ser descoberta."

Carl Sagan

"O objetivo da arte não é representar a aparência externa das coisas, mas o seu significado interior."

Aristóteles

"A imagem é um poema que se vê e não se ouve."

Leonardo da Vinci

COLUNA Autopoiese & Narrativas

28



Stella Gaspar

Stella Gaspar natural de João Pessoa - Paraíba. Professora Universitária. Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha. Autora do livro "Um amor em poesias como uma Flor de Lótus". Escritora-Poetisa da Editora Valleti Books. Colunista-Pesquisadora-Escritora da Revista Internacional THE BARD. Registro no CNPq-Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Apaixonada pelas letras e livros, encontrou no universo poético, formas de expressar sentimentos, fazendo de sua docência uma extensão para caminhos inspiradores, fazendo pousos em sua alma com espaços para o amor de todas as formas e linguagens.

A ARTE NO COTIDIANO — O OLHAR SENSÍVEL NA CONTEMPLAÇÃO DE IMAGENS ARTÍSTICAS

Prezado Leitor!

Para início de conversa…

É com grande alegria que escrevemos na nossa coluna "Autopoiese & Narrativas" construtos sobre **"A arte no cotidiano — o olhar sensível na contemplação de imagens artísticas".** O objetivo desta narrativa é proporcionar aos leitores interessados pela temática achados significativos, com foco nas diferentes artes.

A arte sensorial e visual é ressaltada como um processo criativo, aguçando a sensibilidade. Assim, o enfoque volta-se para a percepção de que as artes acontecem também em lugares comuns, aberta à expressão em todas as formas e possibilidades, em diferentes linguagens, respeitando a delicadeza verbalizada e não verbalizada, em contextos que abrem espaço para a aprendizagem, a produção, o intercâmbio, a ampliação das relações e o mergulho no universo sociocultural.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Enfim: pretendemos levá-lo, querido leitor, a refletir, sentir e perceber o trabalho artístico, com um olhar para o mundo menos rotineiro, buscando uma vivência cultural maior. Como caracteriza Barbosa (2010, p. 100), ao dizer que: "Desconstruir para construir, selecionar, reelaborar, partir do conhecido e modificá-lo de acordo com o contexto e a necessidade são processos criadores desenvolvidos pelo fazer e ver arte […]." A arte é a linguagem natural da humanidade e representa um caminho de conhecimento da realidade humana. Assim, ela se faz presente na originalidade de cada cultura. A arte é o fazer, é a criação de nossa autopoiese. A arte é o trabalho do pensamento.

Destacamos nesse artigo, na 40ª edição da Revista Internacional The Bard, vozes artísticas emancipatórias, olhares sensíveis e reflexivos, significativos e criativos.

Saber que vocês e seus olhos sensíveis estão lendo esse artigo me faz muito bem!

Stella Gaspar



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

1 – A arte no cotidiano — o olhar sensível na contemplação de imagens artísticas

As sociedades não vivem sem arte e cada lugar produz diferentes manifestações artísticas. Ao longo do tempo, a forma de criar e mostrar as artes foi mudando, e definir o que é arte e onde ela está não é tarefa das mais simples, afinal o conceito de arte foi variando de acordo com a época e com a cultura. Cada pessoa tem um processo de criação singular, em liberdade, e, assim, encontra formas harmoniosas de se comunicar, se relacionar e estar no mundo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Nós lidamos com as artes quase diariamente e muitas vezes nem percebemos: vamos a shows, assistimos a filmes, vamos a festas e podemos notar que muitas casas têm quadros pendurados na parede, esculturas nos jardins. Ou seja, a arte rodeia-nos, mas não a vemos enquanto manifestação artística, e sim como atividades "normais" que todos praticam.

Isso posto, o desafio que precisamos enfrentar está no resgate da memória coletiva e da herança sociocultural, também na preservação destas para as gerações futuras. Se pararmos para observar, nos mais diferentes trajetos que realizamos diariamente, nos deparamos com arte, com linguagens artísticas. Se andarmos pelas ruas nas cidades grandes, passamos por museus, teatros, estátuas e esculturas. Na maioria das vezes estamos apressados ou distraídos e não nos damos conta de que aquelas obras são obras de arte, que carregam sentidos, produzem conhecimento e ainda podem mostrar contextos sócio-políticos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

As diferentes formas de arte são encontradas em diversos locais nas cidades: hoje vemos arte nas ruas, nas praças, em galpões, ao ar livre e não mais somente em lugares ditos específicos para a arte, como museus, teatros e casas de cultura. A arte manifesta-se por linguagens criadas a partir de preocupações sociais, de sentimentos, de emoções, do que alguns chamam de inspiração e de ideias. Um dos principais sentidos da arte é despertar algum significado nas pessoas e estimular canais sensíveis. Na verdade, a arte não tem uma justificativa para existir. Ela é uma linguagem, uma forma de expressão e comunicação. Contudo, hoje podemos dizer que uma das funções da arte é refletir a sociedade.

Porém, ela é mais que um espelho da realidade; ela também é produtora dessa realidade. É no cotidiano, pois, que as sensibilidades se constroem; é no cotidiano em que podemos buscar uma nova forma de relação com os lugares, com as pessoas, de deixar-nos sensibilizar pelas experiências.

1.1- Um olhar calmo, sensível e atento

Um olhar em um ritmo lento, com respiros profundos e um olhar calmo, atento, que deseja guardar o que vê, encontrando na arte a abertura para pensar a sobrevivência do lugar em direção a um movimento com um convite: ver, ao sentir, escutar, estar junto, ao perceber-se em uma poética que se relaciona à construção de uma presença atenta, que busca cultivar um tempo mais generoso e soma-se a uma força perceptiva sensível, da ordem do cuidado. Vivemos, nesses tempos que correm, uma incessante demanda por produtividade, rendimento, eficiência e atualização. Por conseguinte, somos conduzidos a uma existência anestesiada que nos embrutece, tornando-nos menos sensíveis à percepção do mundo e mais limitados quanto à capacidade de atenção, de alteridade e de uma experiência na qual possa realmente se constituir.

Vivemos, na época atual, em um beco sem saída, desenvolvendo-se de maneira unilateral, o que acarretou um desequilíbrio que vem desestruturando os pilares que sustentam sua coesão interna. O resgate do amor e da capacidade de relacionar-se amorosamente com o mundo poderia torná-los mais integrados.

Somos parte de um grande tecido cósmico, de uma sinfonia na qual apenas nos é pedido que tragamos o nosso tom, as nossas contribuições. Podemos assumir o nosso lugar na orquestra da criação, por meio da expressão de nossos talentos, colocando-nos como cocriadores da realidade.

Em Ensaio sobre a cegueira (1995), o escritor português José Saramago nos apresenta uma realidade diatópica na qual o mundo entra em caos pela inesperada perda de visão de seus habitantes. Consequência da aceleração e do excesso de imagens a que estamos submetidos diariamente e que tendem a influenciar a nossa relação com o mundo, a cegueira branca, a qual fala o escritor, revela-nos uma realidade na qual há uma grande cegueira generalizada em que se pode ver, mas não de fato enxergar as coisas para além de sua superfície. Afinal, como percebemos o mundo através de um olho que esconde um corpo e seus sentidos?

Na sentença "se podes olhar, vê. Se podes ver, repara", Saramago (1995) nos mostra o quanto o verbo reparar é dar atenção, olhar com mais afinco, como também voltar a pôr em funcionamento, de consertar as coisas no sentido de uma aproximação outra com suas formas. Entretanto, temos esquecido que reparamos com todo o corpo, por meio de nossos sentidos e de nossa memória; que percebemos por que nos envolvemos com uma determinada situação ou contexto e, antes mesmo, porque nos dedicamos a um estado de presença e a um tempo mais generoso que propiciam este envolvimento. A cegueira branca de Saramago talvez se explique ao entendermos que o mundo da percepção, revelado a partir de nossos sentidos e pela experiência, fica restrito, hoje em dia, apenas à visão, impossibilitando a nossa capacidade de percepção sensível.

Para o filósofo John Dewey, "toda experiência é resultado da interação entre a criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive" (DEWEY, 2010, p. 122), é sempre uma experiência vinculada a um lugar, um contexto, uma historicidade, uma vida. É de uma ideia de presença ativa no mundo que este conceito de experiência emerge. Por isso mesmo ela abre sempre uma dimensão política. Para Dewey, uma das funções da arte seria eliminar o preconceito, retirar os antulhos que impedem os olhos de ver, rasgar os véus decorrentes do hábito e do costume, aprimorar a capacidade de perceber (DEWEY, 2010, p. 548). Vistos por esse ângulo, conhecer e viver, saber e fazer, agir e refletir são partes integrantes de um mesmo processo existencial, na qual o homem e o mundo são um vir-a-ser contínuo.

1.2 - As imagens artísticas e suas narrativas

Nossas percepções podem ser narradas por meio de múltiplas possibilidades expressivas, em cores e formas. Neste contexto, ao observar e criar, é possível renovar e se encantar, nos espaços abertos, seguindo novas possibilidades e novas trilhas, reveladas por percepção e consciência estética.

E assim, vamos nós, com imagens, no desvelar-se pela produção simbólica. Neste sentido, concordamos com Barcellos: "A imagem é um ato! A imagem é um ato da alma e a ele devemos responder neste nível, imaginário. Assim, é preciso viver na arte, com a arte e para a arte. A este respeito, Patrícia B. Allem nos explica que o processo artístico fornece os meios para se viver profundamente sentimentos. Ou seja, o que estamos mostrando é que a arte sustenta as esperanças de renovação, regeneração e reencantamento.

As formas mais comuns de apresentar uma obra artística são: exposições, apresentações de espetáculo, desempenhos na rua, escrevendo e publicando livros de diversos temas, fazendo shows, recitando poesias, além de muitas outras.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

São expressões artísticas relevantes para a humanidade.

Hoje em dia, fala-se muito em arte erudita e arte popular. Durante muitos anos, a arte foi privilégio de poucos e acessada pela camada mais nobre ou rica da sociedade. A partir, principalmente, do século XX, muitas mudanças ocorreram e as artes puderam acompanhar essas transformações. Com isso, flexibilizaram-se as formas de produção de arte e houve espaço para diferentes formas de produzir arte. Como o valor do produto artístico é dado pelo artista, as artes populares foram sendo autenticadas pela sociedade e seus artistas começaram a ser reconhecidos. Atualmente, o grafite, o funk, as artes digitais (animação) e outras manifestações podem ser consideradas artísticas. A arte popular pode ser definida como arte produzida sem que seus artistas tenham frequentado escolas ou tenham formação específica, ao passo que a arte erudita é considerada a arte realizada por artistas consagrados, que cria códigos universais, cujos artistas possuem conhecimento técnico apurado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

2- A arte dos desenhos guardando momentos em memória

Estudos realizados apontam que esses desenhos podem, e muitas vezes, ajudam você a se recordar de coisas que foram escutadas, aprendidas ou apenas vividas. Um exemplo é o professor Jesse Prinz, que rabisca rostos de pessoas enquanto assiste a palestras ou conferências. Ele diz que, quando volta a ver os desenhos, consegue reconstruir o que foi escutado durante as palestras. "É como um viajante que esquece coisas sobre a viagem, mas, quando olha as fotos ou cartões postais, as memórias que ele não recordava vêm à tona".

Desenhar o mundo surge da experiência dos autores como artistas e professores de educação visual e plástica. Partindo do desenho como um meio espontâneo, onipresente, democrático e inerente ao ser humano, eles examinam a prática artística e educativa do desenho. Voltar a desenhar (para que os adultos que trabalham com crianças recuperem o desenho), contar desenhando (experiências nas quais convivem palavras e imagens), brincar desenhando (desenho por meio de brincadeiras) e conscientizar desenhando (desenho ativista). Todas elas incidem na ideia de processo, ou seja, buscam descobrir formas de tornar-se abertas, sem buscar um único resultado; experimentar técnicas e linguagens artísticas com diferentes materiais; favorecer a criação de um imaginário e de um estilo pessoal; e educar o senso estético.

Assim, caminhar sempre pelo caminho dos poemas, das canções, em caminhos rodeados por imagens. Uma boa imagem é inesquecível; ela sobrevive aos tempos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Estética é uma parte da filosofia que estuda os fundamentos da arte e a natureza do belo. Ou seja, a estética nos diz sobre a apreciação de algo, de forma que o julguemos sob as concepções de belo e feio e as emoções geradas pelos objetos artísticos. Ou seja, para apreciarmos uma arte, devemos observá-la de modo a buscar sensações, emoções. Ao apreciar a arte, nós fazemos uma apreensão sensorial que nos faz dar sentido ao que vemos e ouvimos.

3 - A arte e o belo

Mas, o que é o belo? Dir-se-á, certamente, sendo o que agrada os sentidos. Objetos e imagens belas, sons, sabores e aromas são tudo o que dá prazer. O que enleva, o que emociona. Sons são belos quando trazem melodias ao ouvido. Enlevam, emocionam, transportam o pensamento para um mundo de fantasias encantadoras ou para lembranças que também emocionam. Outros sentidos, como o olfato, o paladar e o tato, também são tocados pelo prazer do que sentem como belo. O toque numa superfície cálida e aveludada, o perfume das flores e o sabor dos manjares.

A arte pictórica surgiu quando o ser humano, por seu deslumbramento, quis retratar as belezas que o cercavam e tentar nelas pôr algo mais vindo dos seus próprios sentimentos e das suas próprias emoções. Quis eternizar suas paixões, seus momentos de êxtase.

O grande compositor Ludwig Van Beethoven dizia que "somente a arte e a ciência podem elevar o homem a Deus". Se a concepção de Deus é o símbolo da suma sapiência, é o limite que o ser humano busca alcançar. É uma escalada ao sublime. Essa escalada atinge todas as habilidades humanas. No atletismo, por exemplo, é emocionante assistir ao grau de aperfeiçoamento que alcançam os atletas em cada Olimpíada. É arte, sem nenhuma dúvida. A vocação nata, cultivada com muito esforço e persistência. Em todas as atividades humanas, a arte pode ser aplicada. O esmero, requinte, a sutileza, a busca da harmonia são percebidos em cada gesto, em cada atitude e em cada expressão do verdadeiro artista.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART:AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Uma imagem, uma arte expressiva, é como um espelho em que olhamos como um outro de nós mesmos, nos reconhecendo, e pelo qual nos colocamos no mundo. Todas as civilizações, desde as mais primitivas da Mesopotâmia, mostram uma evolução cultural expressa pelas artes que vão se sofisticando até um clímax, quando há uma interrupção causada talvez por invasões bárbaras ou cataclismos. Assim floresceram a Babilônia, o Egito, a Grécia, os Maias, Astecas e Incas. A Grécia, principalmente com a estatuária e a arquitetura. É preciso muita arte com sofisticada técnica para produzir, de um tosco bloco de mármore, uma Vênus de Milo, um Hermes de Praxiteles, um Davi ou a Pietá de Michelangelo. As telas e afrescos dos grandes mestres da pintura, como a Santa Ceia de Da Vinci ou o teto da Capela Sistina no Vaticano.

Na Europa, para muitos historiadores, a arte teve seu clímax com a escultura e a pintura de 1500 a 1800, que buscavam a perfeição nos detalhes e na expressão. Já a música evoluiu até 1826 com a monumental e revolucionária nona sinfonia de Beethoven, a Coral, e os seus últimos e refinados quartetos de cordas. Schubert e Schumann, contemporâneos, assim como Brahms, produziram obras tão nobres como as de Beethoven, sem, no entanto, superá-lo. Schubert era um perfeccionista e talvez o superasse se não tivesse falecido tão cedo. Mahler, mais tarde, usou também o recurso de coral nas suas magníficas composições sinfônicas. A música operística ainda evoluiu com as principais inovações até o fim do século XIX, principalmente com Verdi, Wagner, Pucinni, Rossini e o nosso Carlos Gomes, entre outros. Obras que continuam veneradas, ganhando mais brilho ainda nos recitais anuais em grandes teatros europeus. Dai nesse espaço foram tentadas inovações, mas perdendo o lirismo e a riqueza melódica. Hoje cresce o interesse pela música clássica ocidental no Oriente, como na China e no Japão. No YouTube há uma belíssima apresentação da ópera Turandot, de Pucinni, na Cidade Proibida da China. Famosos cantores operísticos têm participado em récitas com cantores populares, trazendo a música erudita a plateias mais ecléticas.

A arte e a natureza do belo oferecem um universo poético, motivando-nos a fazer da nossa existência uma obra de arte.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

A caminho dos finalmente...

As atribuições da vida, pouco a pouco, nos roubam tempo e atenção para um envolvimento com o mundo, limitando nossa capacidade de percepção-sensível. Entretanto, a partir de uma interferência entre arte e vida, a experiência com a arte pode criar uma consciência sobre as coisas do mundo e, quem sabe, contribuir chamando a atenção daqueles que vivem a coação e cegueira impostas pela lógica embrutecedora dos tempos que correm.

A arte proporciona vivências e experiências racionais, emotivas, afetivas, que ajudam na construção de cidadãos críticos, sensíveis ao mundo, produtores de conhecimento. A arte pode ter diferentes papéis na sociedade, e um deles é o de expressar a opinião do povo, relatando e denunciando fatos históricos.

Que este artigo seja apenas uma porta aberta para novas leituras, reflexões e descobertas.

O sonho dá ordens à inteligência: "Pense, invente as ferramentas de que é necessário para realizar seu sonho. "Aí a inteligência pensa." (Rubem Alves, 2018).



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

"Juntos moramos em um mundo que nos cabe."

Colunista Stella Gaspar

LIVRO DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

STELLA GASPAR

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

FACEBOOK

RADIO

POST NO SITE

LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:

"imagens que salvam a humanidade"



40ª EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE | FACEBOOK | INSTAGRAM | YOUTUBE | TWITTER/X

EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

ENTRE ESTANTES, BANCAS E SEBOS:

"Os lugares onde os livros nos encontram"

41ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

PERÍODO DE 11 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.

Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

Contadores de HISTÓRIAS

06



FAGNER LIMA

Fagner Lima é Jornalista, Radialista, Animador, Cantor e Contador de Histórias. Criador da Turma do Faguinho, atua há mais de duas décadas levando alegria, música e imaginação ao público infantil, sendo 20 anos dedicados especialmente à turma que conquistou corações por onde passa.
Suas histórias encantam, ensinam e transformam cada momento em uma aventura inesquecível.

A FADA SEM COR: UMA HISTÓRIA SOBRE O ENCANTO DE SER DIFERENTE

Em seu primeiro livro, o professor e escritor mineiro Vitor Hugo Arriel transforma fantasia em uma delicada reflexão sobre empatia, respeito e aceitação.

A literatura infantil tem uma maneira especial de abordar assuntos importantes: transforma sentimentos, descobertas e ensinamentos em histórias capazes de tocar crianças e adultos. É nesse universo de fantasia que nasce "A Fada sem Cor", primeiro livro do professor de inglês e escritor mineiro Vitor Hugo Arriel.

A obra apresenta Fada Lelê, uma personagem que nasce sem cor em uma cidade onde todas as outras fadas possuem uma. Mas aquilo que poderia ser motivo de tristeza ou insegurança para muitos não representa um problema para Lelê. Ela não apenas aceita sua diferença, como também ama ser quem é.

A partir dessa premissa, Vitor constrói uma narrativa que convida o leitor a refletir sobre diferenças, autoestima, respeito e, principalmente, empatia. Mais do que uma história de fantasia, A Fada sem Cor procura mostrar às crianças que cada pessoa possui características que a tornam única e que respeitar o outro é uma atitude capaz de transformar vidas.

A inspiração para criar a história veio de uma pessoa muito especial para o autor: sua sobrinha. Muito próximo dela desde o nascimento, Vitor conta que sempre admirou sua criatividade. Em um momento simples do cotidiano, enquanto observava a menina pintar com as mãos cheias de tinta, surgiu a ideia que posteriormente se transformaria em livro.

A história foi escrita e enviada para a Editora Telha, que demonstrou interesse pelo projeto.Assim, aquilo que começou como uma homenagem à sobrinha ganhou forma e passou a ocupar as páginas de seu primeiro livro.



VITOR HUGO ARRIEL

Da sala de aula para a literatura

Nascido e criado em Divinópolis, Minas Gerais, Vitor decidiu seguir a carreira de professor no final de 2017, quando escolheu cursar Letras. O interesse pela educação, entretanto, já fazia parte de sua vida. Filho de professora, ele sempre teve facilidade e prazer em ensinar e costumava ajudar os amigos da escola nos estudos de inglês.

Desde 2020, atua dando aulas para crianças e adolescentes. Mas a escrita chegou aindaantes da profissão. Para Vitor, escrever é uma paixão de infância.

"Escrever é uma paixão de infância, sempre gostei de criar e contar histórias", revela.

Uma personagem que não tem medo de ser diferente

O grande diferencial de Lelê está justamente na maneira como ela encara sua própria identidade. Em um lugar onde todas as fadas possuem uma cor, ela nasce sem nenhuma.

Ainda assim, não permite que o olhar dos outros determine quem ela é.

Essa característica fez com que o próprio autor criasse uma identificação especial com a personagem.

Assim como Lelê, Vitor afirma que valoriza a felicidade e procura não se prender ao julgamento alheio. A personagem, portanto, carrega não apenas uma mensagem para o público infantil, mas também um pouco da personalidade e dos valores de seu criador.

Outros personagens também possuem relações afetivas com a vida do escritor. A Fada Naná foi inspirada em sua irmã, enquanto a Fada Fumaça, vilã da história, nasceu inteiramente da imaginação de Vitor.

Literatura como ferramenta de educação

Professor de inglês, Vitor também acredita que os livros possuem um papel importante dentro do processo educacional. Para ele, a literatura contribui para ampliar o vocabulário, estimular a criatividade e enriquecer a cultura dos estudantes.

Essa visão aproxima ainda mais sua experiência como educador de sua estreia como escritor. Afinal, tanto na sala de aula quanto nas páginas de um livro, existe a possibilidade de despertar curiosidade, estimular pensamentos e apresentar novas perspectivas.

É também nesse ponto que Vitor reconhece a importância dos escritores e contadores de histórias na formação das crianças. Para ele, esses profissionais ajudam a enriquecer culturalmente a sociedade, mantendo viva a tradição de contar histórias, formando seres humanos pensantes e estimulando a criatividade.



Imagem de arquivo pessoal - Vitor Hugo

IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"



O desafio de transformar um sonho em livro

Transformar uma ideia em uma obra publicada pode parecer simples para quem acompanha apenas o resultado final, mas o processo exige dedicação. No caso de Vitor, o principal desafio esteve menos na criação da história e mais em conciliar a escrita com sua rotina profissional como professor.

O autor conta que prefere desenvolver suas ideias aos poucos, buscando aperfeiçoar cada detalhe. Para ele, a escrita exige tempo e dedicação.

"Senti uma emoção e uma alegria que não consigo descrever. É muito doido ter em mãos algo que você conceituou com tanto carinho", conta.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

Uma mensagem que ultrapassa as páginas

No centro de A Fada sem Cor está uma mensagem simples, mas extremamente necessária: a diferença não deve ser motivo para afastamento, preconceito ou tristeza.

Vitor espera que as crianças terminem a leitura compreendendo a importância da empatia e do respeito pelas diferenças.

A trajetória de Lelê mostra justamente isso. Em vez de tentar se encaixar em um padrão, ela aprende a valorizar aquilo que a torna única.

Em tempos em que falar sobre respeito, inclusão e convivência se torna cada vez mais importante, a literatura infantil pode contribuir para que esses valores sejam apresentados de maneira leve, afetiva e acessível às crianças.

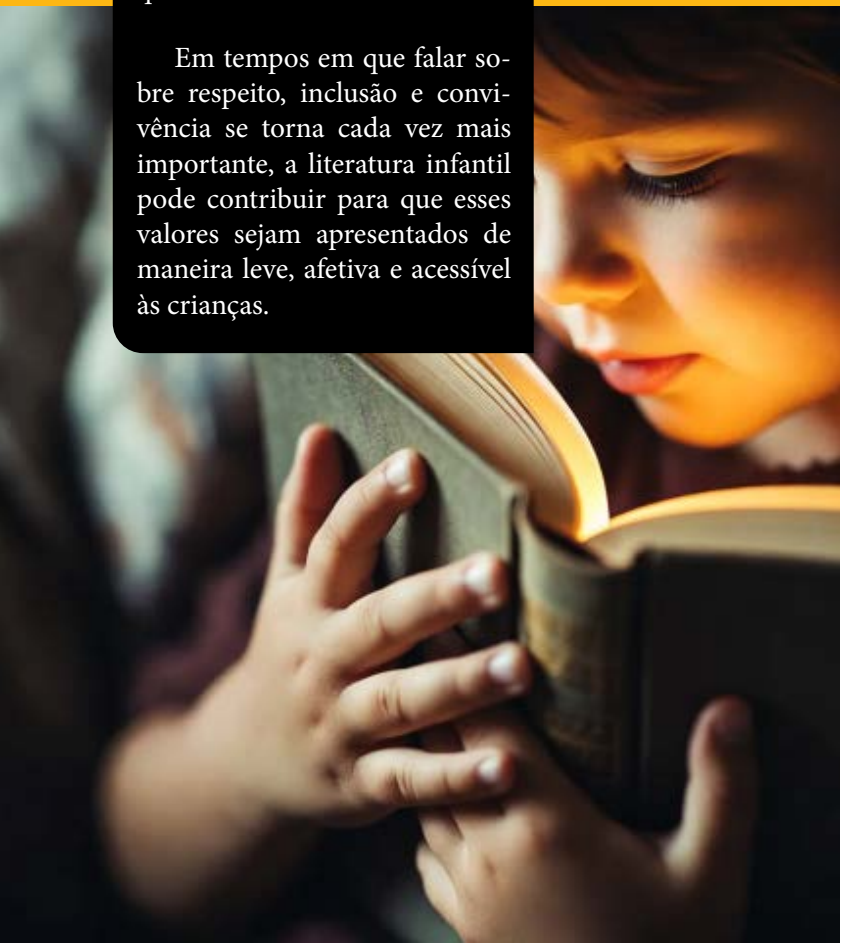


IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

E vem muito mais por aí

A Fada sem Cor marca apenas o início da trajetória de Vitor Hugo Arriel como escritor.

Apaixonado por histórias desde a infância, ele já revela que novos projetos estão a caminho.

"Claro que pretendo! Já temos novas obras em produção", afirma.

Para os leitores da Revista Internacional The Bard, Vitor deixa um convite para conhecer sua obra e, sobretudo, permitir que a história provoque uma reflexão.

Ele espera que o livro alcance o coração de cada leitor e faça com que todos pensem sobre como uma simples atitude empática pode mudar completamente a vida de alguém.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

Uma fada que ensina a celebrar as diferenças

Com "A Fada sem Cor", Vitor Hugo Arriel estreia na literatura infantil levando para as páginas uma mensagem que ultrapassa o universo da fantasia: não precisamos ser iguais para pertencermos ao mesmo mundo.

A trajetória da Fada Lelê mostra que aquilo que poderia ser visto como uma diferença pode, na verdade, tornar-se uma das características mais bonitas de alguém. Ao transformar a criatividade de sua sobrinha em inspiração, Vitor criou uma história que une fantasia, afetividade e reflexão.

Seu primeiro livro também revela um escritor que acredita na força da literatura como instrumento de educação e transformação. E, se depender de sua paixão pelas histórias, A Fada sem Cor será apenas o primeiro capítulo de uma trajetória literária que ainda promete muitos outros mundos para descobrir.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

“A Fada sem Cor” — seu primeiro livro, uma obra infantil sobre aceitação, respeito e o valor de ser quem somos.



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAART.AI, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026”

Livro - Vitor Hugo Arriel



Clique aqui

INSTAGRAM

Vídeos no Youtube:

VÍDEOS ANIMADOS TURMA DO FAGUINHO



ASSISTIR AO VÍDEO

CORES DO CORAÇÃO



ASSISTIR AO VÍDEO

COLUNISTA FAGNER LIMA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

YOUTUBE

POST NO SITE

05



DRIKA GOMES

Neurocientista, hipnoterapeuta e filósofa, especialista em neurociência da música. Analista Junguiana e criadora do método NeuroMusic®, mostra como sons e frequências transformam emoções, despertam consciência e geram equilíbrio. Autora best-seller, traduz ciência em poesia. Na revista The Bard, leva aos leitores um olhar à luz da ciência e da arte, em diálogo profundo com a alma. Conheça mais em @drikagomes_neuro.

Quando o Belo Reorganiza a Mente

Arte, Música e a Neurociência da Harmonia

O que acontece no cérebro quando entramos em contato com algo verdadeiramente belo? Por que determinadas músicas parecem acalmar emoções, despertar memórias, ampliar a percepção e produzir uma sensação de harmonia? Essas questões atravessam a arte, a filosofia e, cada vez mais, a neurociência. Hoje sabemos que experiências estéticas mobilizam sistemas ligados à percepção, memória, atenção, emoção, expectativa e recompensa. O belo, portanto, não alcança apenas os sentidos: ele modifica a qualidade da nossa experiência interna.

Entre todas as formas de arte, a música ocupa um lugar singular. Ela se desenvolve no tempo e exige do cérebro participação contínua. Ritmos criam previsibilidade, melodias evocam lembranças, harmonias constroem tensão e resolução, e determinadas passagens podem mobilizar profundamente os sistemas emocionais. Uma música pode nos conduzir da introspecção ao entusiasmo, da nostalgia à esperança, do silêncio interno ao movimento, tornando-se uma experiência capaz de integrar corpo, memória e emoção.

É justamente nesse território que se encontra uma parte central do meu trabalho com a NeuroMusic. Nas experiências que conduzo, tanto online quanto presencialmente, busco aproximar a neurociência da música do contato com o belo, criando percursos capazes de modificar a qualidade da atenção, da emoção e do estado mental. Ao longo dessas vivências, observo mudanças na expressão, na postura, na respiração e na maneira como os participantes descrevem o próprio estado interno. Os relatos recebidos ao final dessas experiências também alimentam meu banco de pesquisas sobre música, cérebro, emoção e consciência.

Talvez seja justamente aí que ciência e arte se encontrem de maneira mais profunda. A neurociência pode explicar mecanismos e circuitos, mas a experiência do belo precisa ser vivida. Uma arquitetura pode nos fazer silenciar, uma pintura pode nos emocionar e uma música pode transformar nosso estado interno em poucos minutos. Mais do que perguntar por que apreciamos a beleza, talvez a questão seja: o que o contato frequente com o belo é capaz de fazer conosco?



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

A neuroestética, campo que investiga os mecanismos cerebrais relacionados à experiência estética, mostra que o belo não pode ser localizado em um único ponto do cérebro. A experiência estética surge da integração entre sistemas perceptivos, emocionais, cognitivos, motores e circuitos relacionados ao valor e à recompensa. Quando observamos uma pintura, ouvimos uma música ou entramos em um edifício que consideramos extraordinariamente belo, o cérebro compara aquilo que percebe com memórias, expectativas, referências culturais e experiências anteriores. Por isso, a beleza nunca é inteiramente objetiva nem inteiramente subjetiva: ela emerge no encontro entre propriedades da obra e a história daquele que a contempla. O belo, portanto, não está apenas no objeto diante de nós; ele acontece na relação entre o mundo percebido e a mente que o recebe.

Por que o ser humano busca o belo?

Talvez porque a beleza não seja apenas algo que vemos, mas algo que acontece dentro de nós. Desde as primeiras civilizações, o ser humano parece demonstrar uma necessidade quase instintiva de criar formas, organizar sons, ornamentar espaços, esculpir pedras, pintar paredes, construir templos e transformar experiências em arte. Muito antes de existir aquilo que hoje chamamos de neurociência, já construíamos catedrais, inventávamos melodias, desenhávamos padrões geométricos, escrevíamos poemas e contemplávamos o céu. Há alguma coisa na beleza que nos convoca, e essa experiência parece nascer da combinação entre proporção, surpresa, complexidade, coerência, familiaridade, novidade e significado. Quando uma obra nos toca, não estamos apenas identificando cores, volumes, linhas ou sons; estamos construindo uma experiência emocional e cognitiva a partir deles.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

O cérebro reconhece harmonia?

O cérebro humano é, entre muitas outras coisas, um extraordinário detector de padrões. Ele identifica regularidades, compara informações, reconhece repetições, percebe diferenças e tenta antecipar aquilo que provavelmente acontecerá em seguida. Essa capacidade é fundamental para a adaptação ao ambiente, mas também participa de maneira profunda da experiência artística. Na arquitetura, percebemos proporções, continuidade, simetria, contraste, escala e organização espacial. Na pintura, observamos relações entre cores, formas, perspectivas e movimentos. Na dança, acompanhamos ritmos e gestos. Na música, porém, essa relação com os padrões ganha uma dimensão especial, porque o cérebro precisa organizar acontecimentos que se desenvolvem continuamente no tempo.

Ao ouvir uma composição, antecipamos a próxima nota, reconhecemos temas quando retornam, percebemos alterações de ritmo, sentimos tensão diante de determinadas progressões e experimentamos alívio quando uma expectativa encontra algum tipo de resolução. Isso não significa que uma música "harmônica" transforme literalmente o cérebro em um sistema harmonicamente organizado, mas que estruturas musicais oferecem ao sistema nervoso padrões ricos de repetição, variação, previsão e surpresa. A música cria uma espécie de campo organizado de acontecimentos no qual memória, atenção e emoção participam simultaneamente. O cérebro não apenas recebe sons: ele constrói relações entre eles, e essas relações passam a formar uma experiência.

O que acontece quando o cérebro encontra uma obra de arte?

A experiência estética pode mobilizar muito mais do que uma avaliação consciente de beleza. Diante de uma obra que nos toca profundamente, diferentes sistemas cerebrais participam ao mesmo tempo. Regiões perceptivas analisam formas, sons e cores; sistemas associados às emoções atribuem valor afetivo; memórias podem ser evocadas; circuitos relacionados à recompensa participam do prazer; e regiões envolvidas em interpretação e conhecimento procuram estabelecer significado. Até mesmo sistemas motores podem integrar essa experiência, especialmente quando observamos movimento, dança ou gestos expressivos. É justamente essa integração que ajuda a explicar por que uma obra de arte pode provocar algo físico: um arrepio, uma sensação de expansão, lágrimas ou simplesmente um silêncio interno difícil de traduzir em palavras.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Em muitos momentos, sentimos antes de compreender. A emoção chega antes da explicação racional, e só depois tentamos nomear aquilo que aconteceu. Talvez parte da força da arte esteja exatamente aí. Ela alcança regiões da experiência que nem sempre são acessadas pela linguagem cotidiana. Uma pintura pode despertar uma memória que não estava conscientemente disponível; uma escultura pode produzir uma sensação de força ou delicadeza; uma música pode alterar nosso estado emocional antes mesmo de conseguirmos identificar por quê. A arte, nesse sentido, não apenas transmite informação. Ela cria estados.

A arquitetura também pode modificar nosso estado interno?

Os lugares que habitamos não são emocionalmente neutros. Altura, iluminação, textura, cores, amplitude, simetria, materiais e organização espacial influenciam a maneira como percebemos e sentimos um ambiente. É por isso que determinados espaços podem transmitir acolhimento, solenidade, grandiosidade, intimidade ou transcendência. A chamada neuroarquitetura investiga justamente essa relação entre cérebro, corpo e espaço construído, mostrando que não passamos pelos lugares de maneira indiferente. O ambiente participa da experiência psicológica.

Pensemos no Panteão de Roma, cuja cúpula e proporção produzem uma sensação de integração monumental; nas catedrais góticas, onde verticalidade, repetição de arcos, vitrais e luz conduzem o olhar para cima; na Sagrada Família, de Gaudí, onde estruturas arquitetônicas evocam formas naturais; ou nos templos e jardins japoneses, nos quais o vazio, a madeira, a pedra, a água e a luz criam uma estética de extrema sutileza. Ao caminhar por esses espaços, o corpo participa da obra. A perspectiva muda a cada passo, a acústica modifica a percepção do som, a luz se transforma, o espaço envolve o observador e altera sua própria percepção de escala. A arquitetura deixa de ser apenas algo que vemos e se transforma em algo que vivemos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Existe uma arquitetura do belo?

Essa pergunta também atravessa meu livro O Código Sonoro de Deus, no qual exploro a ideia de que a beleza não surge apenas do acaso, mas pode ser percebida em relações, proporções, formas, ritmos e estruturas que se repetem na música, na natureza, na arquitetura e na própria experiência humana. Quando observamos uma construção de grande beleza, uma composição musical cuidadosamente estruturada ou mesmo determinadas formas encontradas na natureza, temos a impressão de reconhecer uma espécie de ordem silenciosa. Não necessariamente uma ordem rígida ou perfeitamente simétrica, mas uma organização capaz de produzir sentido, equilíbrio e fascinação.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

No livro, essa ideia aparece como uma espécie de arquitetura do belo. A música talvez seja uma de suas expressões mais extraordinárias, porque transforma relações matemáticas, intervalos, ritmo, repetição e variação em experiência emocional. Aquilo que poderia existir apenas como proporção ou frequência torna-se sensação, memória, movimento e significado. É como se determinadas estruturas sonoras fossem capazes de construir dentro de nós espaços invisíveis, da mesma maneira que uma arquitetura constrói espaços físicos. Uma catedral organiza pedra, luz e proporção; uma música organiza silêncio, tempo, tensão e resolução. Em ambos os casos, algo exterior encontra uma resposta interior.

Essa é uma das reflexões que mais me fascinam: talvez o ser humano reconheça a beleza porque também somos seres organizados por ritmos, ciclos e relações. Nosso cérebro funciona identificando padrões, nosso corpo possui ritmos próprios, nossas memórias se estruturam em associações, e nossa percepção procura constantemente estabelecer relações entre aquilo que vemos, ouvimos e sentimos. Quando entramos em contato com uma obra que nos parece bela, talvez não estejamos apenas contemplando uma forma externa. Estamos também experimentando uma relação entre essa forma e a arquitetura da nossa própria percepção.

Foi justamente por isso que escolhi o título O Código Sonoro de Deus. Não como uma tentativa de reduzir o mistério a uma fórmula, mas como uma provocação filosófica: e se existirem estruturas de beleza, proporção e harmonia que atravessam a música, a natureza, a arte e a consciência? E se a busca humana pelo belo estiver relacionada também a essa capacidade de reconhecer ordem dentro da complexidade? A ciência pode investigar os mecanismos pelos quais o cérebro percebe padrões, responde à música e atribui valor estético. A arte, porém, nos permite vivenciar aquilo que a ciência descreve. E entre uma coisa e outra permanece o mistério, talvez justamente o lugar onde a beleza se torna sublime.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

O que senti ao entrar no Teatro Municipal de São Paulo?

Lembro-me de uma visita ao Teatro Municipal de São Paulo que permaneceu profundamente registrada em mim. Eu conhecia a importância histórica daquele edifício, mas conhecer intelectualmente um lugar é muito diferente de estar dentro dele e permitir que sua presença nos atravesse. Quando entrei e comecei a observar aquela arquitetura tão rica, os ornamentos, as curvas, as cores, os detalhes e a imponência do conjunto, tive uma sensação muito particular: parecia que aquela beleza penetrava minha mente e minha emoção. Meu olhar queria permanecer ali, percorrendo lentamente as formas, os desenhos, os volumes e os pequenos detalhes que, juntos, compunham aquela atmosfera.

Percebi, naquele momento, que não estava apenas admirando um edifício. Algo em meu estado interno havia mudado. As preocupações do cotidiano pareciam recuar, o pensamento diminuía de velocidade e a atenção se concentrava inteiramente naquilo que estava diante de mim. Havia encantamento, mas também uma espécie de organização silenciosa. Como se a mente, exposta àquele excesso de beleza e cuidado formal, passasse por alguns instantes a acompanhar a mesma ordem que percebia externamente. Essa experiência me fez pensar em algo que considero fundamental: talvez determinados ambientes não apenas sejam belos, mas criem condições para que também experimentemos internamente estados de contemplação, presença e amplitude.

Por que a música ocupa um lugar tão especial entre as artes?

A música possui uma característica singular entre as manifestações artísticas: ela existe dentro do tempo. Uma pintura permanece diante de nós, uma escultura ocupa o espaço, mas a música precisa acontecer e desaparecer continuamente. Uma nota deixa de existir para que outra possa surgir. Enquanto isso acontece, o cérebro precisa manter aquilo que acabou de ouvir, processar aquilo que está acontecendo agora e antecipar o que provavelmente virá em seguida. Essa característica transforma a música em uma experiência extremamente complexa de integração entre memória, previsão, emoção e atenção.

O córtex auditivo analisa propriedades do som; estruturas relacionadas à memória participam do reconhecimento de melodias e associações; regiões ligadas à emoção atribuem valor afetivo ao que ouvimos; circuitos de recompensa respondem a determinados momentos de expectativa e prazer; e áreas motoras podem reagir ao ritmo mesmo quando não estamos conscientemente nos movimentando. Por isso gosto de pensar na música como uma espécie de arquitetura invisível. A arquitetura organiza formas no espaço, enquanto a música organiza acontecimentos, expectativas e emoções no tempo. Em ambas, existe uma experiência de estrutura, mas na música essa estrutura atravessa o ouvinte segundo após segundo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Quais composições nos aproximam da sensação de beleza?

Algumas obras musicais parecem particularmente capazes de criar estados de delicadeza, contemplação, equilíbrio ou grandiosidade, embora nenhuma experiência musical seja inteiramente universal. Cultura, memória, preferência e história individual modificam profundamente a maneira como recebemos uma composição. Ainda assim, existem obras que demonstram com clareza como a organização sonora pode construir paisagens internas extremamente ricas. Em "Clair de Lune", de Claude Debussy, a sensação é quase de suspensão do tempo, como se a música criasse um espaço de delicadeza no qual cada nuance pudesse ser percebida. No "Air", da Suíte Orquestral nº 3 de Johann Sebastian Bach, linhas musicais se cruzam em uma construção de extraordinário equilíbrio. O "Canon em Ré Maior", de Johann Pachelbel, desenvolve-se a partir da repetição e da transformação progressiva de um padrão, criando familiaridade sem perder movimento.

Em "O Cisne", de Camille Saint-Saëns, a linha melódica parece deslizar com elegância, enquanto o Adagietto da Quinta Sinfonia de Gustav Mahler expande a experiência para um território mais profundo, quase transcendental. Já Beethoven, especialmente no segundo movimento da Sétima Sinfonia, demonstra como repetição, pulsação e tensão podem construir uma emoção poderosa sem depender de palavras. Essas obras são profundamente diferentes umas das outras, e talvez justamente por isso revelem algo importante: a beleza não possui uma única fórmula. Ela pode ser suave, monumental, melancólica, luminosa, delicada ou intensa. O que permanece é a capacidade que determinadas estruturas possuem de nos fazer entrar em relação com elas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

A música realmente atua nos sistemas emocionais do cérebro?

Sim, embora seja importante compreender que emoção não pertence a uma única região cerebral. Durante muito tempo, utilizou-se a expressão "sistema límbico" como sinônimo de cérebro emocional, mas hoje sabemos que os estados afetivos dependem da interação entre diversas redes. Ainda assim, estruturas tradicionalmente associadas à emoção, memória e recompensa participam intensamente da experiência musical. O hipocampo pode contribuir para a evocação de lembranças; a amígdala participa da avaliação da relevância emocional; circuitos dopaminérgicos estão relacionados a expectativa e recompensa; e regiões corticais integram percepção, atenção e significado.

Isso ajuda a explicar por que uma música pode trazer de volta uma cena da adolescência em segundos, produzir lágrimas ou alterar nosso estado corporal antes mesmo de percebermos conscientemente o que aconteceu. Uma canção não é recebida como uma sequência neutra de sons. Ela pode estar conectada a lugares, pessoas, perdas, conquistas e momentos de vida. Em alguns casos, basta ouvir os primeiros acordes para que toda uma experiência emocional retorne. Essa combinação entre som, memória e emoção é uma das razões pelas quais a música possui um lugar tão particular na experiência humana.

Como levo a neurociência da música para a experiência concreta do belo?

Essa investigação não permanece apenas no campo teórico do meu trabalho. Uma parte importante do que desenvolvo atualmente consiste justamente em aproximar a neurociência da música da experiência concreta do belo, criando situações nas quais o indivíduo não apenas compreenda intelectualmente como música, emoção e cérebro se relacionam, mas possa vivenciar essa relação em seu próprio corpo e em seu próprio estado mental. Nas experiências NeuroMusic, tanto nas imersões realizadas on-line quanto nos encontros presenciais, procuro construir percursos musicais que envolvam diferentes qualidades de atenção, memória, emoção, imaginação, contemplação, movimento e conexão. Meu interesse está em observar como determinados arranjos sonoros, sequências musicais e contextos de escuta podem favorecer mudanças perceptíveis no estado interno das pessoas.

Ao longo dessas experiências, algo que me chama continuamente a atenção é a transformação emocional que acontece durante o próprio percurso. Muitas pessoas chegam aos encontros mentalmente aceleradas, dispersas, preocupadas ou emocionalmente sobrecarregadas. Conforme a música e as práticas se desenvolvem, observo mudanças na postura corporal, na expressão facial, na respiração, na disponibilidade para o movimento e, principalmente, na qualidade da atenção. Em alguns momentos há silêncio e contemplação; em outros, memória afetiva; em outros, entusiasmo, conexão, alegria ou sensação de expansão. Não interpreto essas respostas como efeitos universais ou idênticos para todos, mas como manifestações individuais de um cérebro que está processando uma experiência musical complexa em diálogo com sua própria história.

Os relatos que recebo ao final dessas experiências são particularmente importantes para o meu trabalho. Participantes frequentemente descrevem mudanças no estado emocional, sensação de clareza, relaxamento, reconexão consigo mesmos, ampliação da percepção, lembranças que emergiram durante determinadas músicas ou a impressão de terem acessado estados internos que não experimentavam havia muito tempo. Esses relatos não substituem estudos experimentais controlados e não devem ser apresentados como evidência clínica isolada, mas constituem um material observacional extremamente rico. Eles alimentam meu banco de pesquisa sobre neurociência da música, permitindo identificar recorrências, formular novas perguntas e observar como diferentes pessoas descrevem subjetivamente a ação da música sobre memória, emoção, atenção, corpo e consciência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

O contato com o belo pode nos ensinar alguma coisa sobre harmonia interior?

Talvez a arte nos ensine que harmonia não significa ausência de tensão. Uma grande composição musical contém contrastes, suspensões, dissonâncias, mudanças inesperadas e momentos de resolução. Uma pintura utiliza luz e sombra. A arquitetura combina cheio e vazio. A própria experiência do sublime nasce muitas vezes da coexistência entre fascinação e estranhamento. O equilíbrio estético não resulta da eliminação das diferenças, mas da capacidade de integrá-las dentro de uma forma maior.

Algo semelhante acontece na vida psíquica. Equilíbrio emocional não significa não sentir tristeza, medo, dúvida ou conflito. Significa desenvolver flexibilidade suficiente para atravessar esses estados sem permanecer aprisionado em apenas um deles. Talvez seja por isso que a arte seja uma professora tão poderosa. Ela demonstra, sem precisar explicar, que a tensão pode fazer parte da beleza, que o silêncio faz parte da música, que a sombra pertence à pintura e que o vazio também pode participar de uma composição. O que chamamos de harmonia talvez não seja uma ausência de contraste, mas uma forma mais ampla de integrá-lo.

"A arte nos ensina que, assim como a luz precisa da sombra e a música do silêncio, nossa alma também encontra equilíbrio ao reconhecer e integrar suas diferentes emoções."

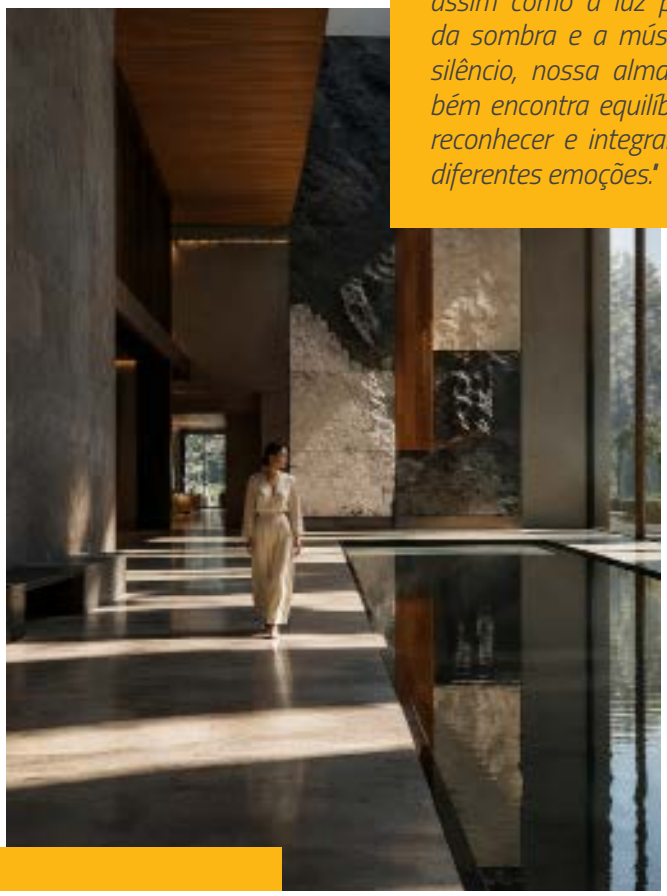


IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Estamos perdendo nossa capacidade de contemplar?

Vivemos cercados por imagens rápidas, notificações, vídeos curtos, mensagens, informações fragmentadas e estímulos que competem constantemente por nossa atenção. O cérebro contemporâneo é convidado a mudar de foco inúmeras vezes ao longo do dia, e talvez por isso a contemplação esteja se tornando uma experiência ainda mais necessária. Contemplar exige algo diferente: permanecer. Ouvir uma música inteira sem antecipar o próximo estímulo. Observar os detalhes de um edifício. Permitir que uma pintura não seja imediatamente explicada. Ficar alguns segundos em silêncio depois de uma composição.

O belo talvez precise de tempo para produzir seu efeito. Uma obra pode ser vista em segundos, mas ser realmente contemplada exige disponibilidade. E talvez essa seja uma das grandes contribuições da arte para a vida contemporânea: devolver profundidade à atenção. Quando deixamos de simplesmente passar pelos estímulos e começamos a habitá-los, algo muda na qualidade da experiência. A percepção se torna mais detalhada, a mente menos dispersa e a emoção encontra espaço para surgir.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Talvez o cérebro também precise aprender a contemplar

Há algo profundamente humano na criação do belo. Criamos música porque existem emoções que não cabem em palavras. Criamos arquitetura porque não queremos apenas ocupar espaços; queremos atribuir significado a eles. Criamos pinturas porque enxergar não é suficiente, precisamos interpretar. Criamos poesia porque a linguagem cotidiana nem sempre alcança a profundidade da experiência. A arte existe justamente nessa fronteira entre matéria e significado, entre percepção e emoção, entre o mundo exterior e aquilo que acontece dentro de nós.

Entre todas as artes, a música talvez revele essa relação de maneira particularmente delicada. Ela não pode ser segurada nem congelada. Existe durante alguns segundos e desaparece, mas algo permanece depois que o último som termina: uma memória, uma sensação, uma imagem, um arrepio ou uma mudança quase imperceptível na forma de sentir. Talvez seja por isso que continuamos procurando o belo. Em um mundo frequentemente desorganizado, ele nos apresenta formas. Em um mundo excessivamente ruidoso, oferece escuta. Em um mundo fragmentado, mostra relações. E, diante de uma obra suficientemente bela, talvez aconteça algo ainda mais raro: por alguns instantes, não sentimos necessidade de acrescentar nada. Apenas contemplamos.

Talvez o sublime comece exatamente aí, quando a beleza deixa de ser simplesmente algo que observamos e passa, silenciosamente, a reorganizar a forma como percebemos o mundo, e a nós mesmos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

COLUNISTA DRIKA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS

COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM YOUTUBE SITE SITE POST NO SITE

Coluna Grandes Autores

REDAÇÃO THE BARD

A Revista The Bard é uma iniciativa multicultural, multilinguística e multiartística dedicada à arte, literatura e cultura. Promove visibilidade a escritores e artistas, conectando suas obras a leitores no Brasil e no mundo.

Frédéric Mistral e José Echegaray: quando o Nobel dividiu-se entre a língua do povo e o palco das paixões



Imagem - Frédéric Mistral de Lart Vaes por Google



Imagem - José Echegaray de Biografías y Vidas por Google

Em 1904, apenas no quarto ano de existência do Prêmio Nobel de Literatura, a Academia Sueca tomou uma decisão simbólica e, de certo modo, ousada: dividiu o prêmio entre dois escritores de perfis muito diferentes, de países diferentes, com trajetórias distintas, mas que, cada um à sua maneira, representava uma faceta essencial da cultura europeia da época.

De um lado, Frédéric Mistral, poeta francês que escolheu escrever não em francês, mas em provençal, a língua do sul campesino, e transformou um idioma regional quase esquecido em instrumento de alta poesia. Do outro, José Echegaray, matemático, engenheiro, político e dramaturgo espanhol, que levou para o teatro conflitos morais intensos, personagens em crise e dilemas éticos em tom quase operístico.

Juntos, eles revelam um momento em que o Nobel de Literatura ainda tateava seus próprios critérios, oscilando entre a consagração de grandes projetos culturais coletivos e a celebração de obras dramáticas voltadas à consciência moral.

Frédéric Mistral: o poeta que ressuscitou uma língua

Frédéric Mistral nasceu em 1830, na região da Provença, sul da França. Filho de agricultores, cresceu entre vinhas, campos e aldeias que falavam uma língua diferente daquela ensinada nas escolas e usada em Paris. Ali, o que se falava era o provençal, uma das variantes do occitano, idioma que tivera brilho literário na Idade Média, sobretudo com os trovadores, mas que, no século dezenove, era visto como simples dialeto rústico.

Mistral não aceitou essa desvalorização. Ainda jovem, tomou uma decisão que mudaria sua vida e a história da literatura occitana: faria da língua de sua infância o veículo de uma poesia de alta qualidade. Em vez de abandonar o idioma do povo para ascender ao francês, ele decidiu elevar o idioma do povo ao patamar da grande literatura.

Em 1854, participou da fundação do movimento Félibrige, ao lado de outros poetas e intelectuais do sul da França. A missão era clara: revitalizar a língua e a cultura provençais, criar obras, dicionários, gramáticas, festas literárias, tudo o que pudesse devolver prestígio àquela tradição. Mistral assumiu o papel de líder natural desse movimento.

"Mirèio": o épico da terra e do amor

A obra que o projetou internacionalmente foi o poema épico "Mirèio" (em francês, Mireille), publicado em 1859. Escrito em versos e em provençal, o poema conta a história de amor trágico entre Mireille, jovem camponesa, e Vincent, rapaz de origem humilde, condenado pela diferença social e pela oposição familiar.

À primeira vista, é um romance de amor infeliz, tema clássico na literatura. Mas Mistral transforma a história em um grande painel da vida rural provençal: costumes, festas, crenças, lendas, paisagens, ritmos do campo. A língua, musical e rica, carrega essa experiência com uma beleza que impressionou leitores muito além das fronteiras regionais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/09/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/09/2026"

O sucesso foi imediato. A obra foi traduzida para o francês, comentada por grandes críticos, admirada até por Victor Hugo. Operistas se interessaram pela história: o compositor Charles Gounod adaptou "Mireille" para a ópera, levando a camponesa provençal ao palco lírico.

Longe de ser apenas um regionalista pitoresco, Mistral conseguiu algo raro: usou uma língua minoritária para tocar temas universais. Seu provençal não era barreira, mas convite. A Academia Sueca viu nisso um feito notável: a prova de que a literatura podia ser, ao mesmo tempo, profundamente local e universal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/09/2026"

O dicionário como obra de arte

Além da poesia, Mistral dedicou décadas à elaboração de uma obra monumental: o dicionário "Lou Tresor dóu Félibrige", que reunia vocabulário, expressões, usos e sentidos da língua occitana em suas diversas variantes. Era, ao mesmo tempo, trabalho científico, cultural e afetivo.

Esse dicionário não era algo frio. Era, em certo sentido, o museu vivo de uma língua que ele se recusava a ver morrer. A Academia Sueca, ao premiá-lo, mencionou explicitamente não só sua criação poética, mas seu esforço em preservar e organizar linguisticamente uma tradição ameaçada pela centralização cultural francesa.

Mistral, agricultor, poeta, lexicógrafo, tornou-se uma espécie de símbolo: o homem que provou que a cultura de um povo não é menos nobre por serem camponeses ou por falarem um idioma não oficial.

José Echegaray: o engenheiro do drama moral

Se Mistral representava a força de uma língua regional, José Echegaray encarnava outra figura típica do século dezenove: o intelectual polivalente, transitando entre ciência, política e arte.

Nascido em 1832, em Madrid, Echegaray teve formação sólida em matemática e engenharia. Desde jovem, destacou-se como professor de física e como engenheiro envolvido em obras públicas. Ao mesmo tempo, interessava-se por economia, filosofia e política. Ocupou cargos importantes no governo espanhol, chegando a ser ministro de Finanças e de Fomento em períodos-chave da instável monarquia espanhola.

Tudo indicaria uma carreira brilhante nas ciências e na administração pública. Mas, a partir da década de 1870, Echegaray começou a se dedicar com intensidade ao teatro. E foi justamente no palco que ele encontrou a forma mais poderosa de expressar seus dilemas e preocupações.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/09/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/09/2026"

O teatro como campo de batalha moral

As peças de José Echegaray bebem da tradição do drama romântico e do melodrama, mas com forte componente moral e psicológico. Seus personagens não são apenas bonecos em tramas mirabolantes. São homens e mulheres em conflito, dilacerados entre dever e desejo, honra e paixão, lealdade e traição.

Entre suas obras mais conhecidas estão "El gran Galeoto", "La esposa del vengador", "O loco Dios" e "Mar sin orillas". Em muitas delas, o dramaturgo explora:

– segredos do passado que irrompem no presente;

– casamentos em crise, marcados por mentira e sacrifício;

– personagens que pecam e buscam redenção;

– conflitos entre honra social e verdade íntima.

Há um gosto evidente pelo excesso dramático, típico da época, que hoje pode parecer exagerado. Gritos, revelações chocantes, coincidências improváveis, finais intensos. Mas, por trás desse estilo mais "alto", há perguntas incômodas sobre culpa, responsabilidade e perdão.

Echegaray não fugia de temas ousados, como adultério, filhos ilegítimos, corrupção política, hipocrisia familiar. Seu teatro não era abstrato. Dialogava diretamente com um público que reconhecia, nos palcos, seus próprios problemas morais.

Ciência, razão e tragédia

É curioso notar como a formação científica de Echegaray convive com seu impulso dramático. Ele acreditava na razão, na lógica, no progresso técnico. Mas, no palco, mostrava o lado obscuro da condição humana, onde a racionalidade cede espaço a forças afetivas incontroláveis.

Essa tensão entre o homem racional e o homem trágico é uma das marcas de sua escrita. Em algumas peças, personagens tentam justificar seus atos com cálculos frios, mas acabam arrastados por paixões que escapam a qualquer equação.

A Academia Sueca viu em Echegaray um continuador do grande teatro europeu do século dezenove, herdeiro de Victor Hugo e parente distante, em espírito, dos problemas que Ibsen e outros contemporâneos começavam a trazer à tona. Seu Nobel reconhecia não apenas um repertório amplo e popular, mas também o esforço em usar o teatro como arena para discutir valores.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.A1, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/09/2026"

Um Nobel dividido: o que significava premiar os dois

Ao dividir o Nobel de 1904 entre Mistral e Echegaray, a Academia Sueca parecia querer afirmar duas coisas ao mesmo tempo.

Com Mistral, homenageava:

– a resistência cultural das línguas minoritárias;

– o poder da poesia em salvar e reinventar tradições locais;

– a capacidade de um escritor em fazer do regional algo universal.

Com Echegaray, reconhecia:

– a importância do teatro como espaço de reflexão pública;

– o papel do escritor engajado em dilemas morais e sociais;

– um modelo de intelectual que não se separa das grandes questões de seu tempo.

O prêmio duplo mostrava um Nobel ainda em busca de equilíbrio entre diversas formas de grandeza literária: a do poeta que cuida da memória profunda de um povo e a do dramaturgo que põe em cena as contradições éticas de uma sociedade.



Legados distintos, sombras diferentes

Com o passar do tempo, os dois laureados de 1904 tiveram destinos críticos diferentes.

Frédéric Mistral manteve, especialmente no sul da França, um lugar de honra como herói cultural. Sua defesa da língua occitana influenciou movimentos regionalistas posteriores e até debates contemporâneos sobre diversidade linguística na Europa. Sua poesia ainda é estudada e lida, sobretudo por quem se interessa por línguas e culturas minoritárias.

José Echegaray, por sua vez, perdeu espaço no cenário internacional. O estilo teatral que praticava, marcado pelo melodrama, foi sendo ofuscado por dramaturgos como Ibsen, Tchekhov e Strindberg, cujas obras envelheceram melhor aos olhos da crítica moderna. Hoje, ele é muito mais lembrado como figura histórica do que como autor encenado com frequência.

Ainda assim, seu Nobel não pode ser reduzido a um equívoco. No contexto da virada entre século dezenove e vinte, ele representava uma forma de teatro que havia tido impacto real em seu público, levando questões difíceis ao palco e ajudando a formar consciência.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.A1, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/09/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/09/2026"

Por que 1904 ainda fala algo para nós

Olhar para o Nobel dividido entre Mistral e Echegaray é um exercício interessante para pensar o que valorizamos em literatura:

– a voz que preserva o que está à margem, como Mistral, ou a voz que dramatiza o conflito no centro da vida social, como Echegaray?

– a obra que cria beleza a partir da língua quase esquecida, ou a que se arrisca a discutir moral em linguagem mais direta?

Talvez a resposta esteja menos em escolher um lado e mais em reconhecer que a literatura ganha quando múltiplas formas de grandeza convivem.

Frédéric Mistral nos lembra da importância de ouvir o que é dito nas línguas não oficiais, nas aldeias, nas margens. José Echegaray nos recorda que o palco e, por extensão, a arte pode ser um lugar legítimo para expor nossas contradições mais íntimas.

Em 1904, o Nobel de Literatura ainda estava desenhando seu rosto. Ao premiar esses dois nomes, traçou duas linhas que, até hoje, continuam cruzando o mapa literário: a linha da memória cultural profunda e a linha do confronto ético à luz dos refletores.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 18/09/2026"

REDAÇÃO THE BARD

INSTAGRAM

POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS

COLUNA

Vida de Autor



Lilian Stocco

Escritora, designer, fotógrafa, roteirista e artista visual. Autora de 3 romances sendo,“ Os Sete Segredos’’ finalista do concurso Best-seller startups 2019. Autora de 15 fotolivros com as belezas do Brasil e do mundo. Está envolvida em 3 novos projetos de escrita, é participante da "Vivendo de Inventar” do grupo “Hardcover” do escritor Best Seller André Vianco, é membro da Sociedade de Autores Literários — SAL, onde atua como escritora, ilustradora e capista. Participante de antologias de contos como: “Não Conte a Ninguém” (Carreira Literária / oito e meio editora), "Você Não Está Só” (Editora Itapuca), “Contos da Quarentena” (A Arte da Palavra) e “Likes”(Insight Editorial). É colunista da revista “The Bard” com a coluna “Vida de Autor” e recentemente lançou um livro de contos em parceria com o autor Josenilson Oliveira (Nem te Conto - Histórias Quase Autorizadas) pela Editora Itapuca.

Como construir um vilão terrivelmente bom em ser vilão

Sabe aquele personagem antagonista, aquele que é bem vilão mesmo e que esta na história justamente para abalar as estruturas do protagonista? É exatamente sobre ele que iremos falar.

Venham comigo desvendar as características da construção de um vilão terrivelmente terrível que irá abalar a estrutura do protagonista e conquistar seus leitores.

Um bom vilão normalmente não nasce de uma ficha de personagem cheia de informações. Ele nasce de uma ideia dramática forte que depois ganha personalidade, história e comportamento.

Vilões são especialmente interessantes porque, em uma boa narrativa, eles não existem apenas para “ser maus”. Um antagonista memorável costuma pressionar os valores, desejos e fragilidades do protagonista, criando conflito que vai além de simplesmente “herói contra vilão”.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"





IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"

Criar um vilão realmente marcante co meça muito antes de decidir sua aparência, seus poderes ou o tamanho da ameaça que ele representa. Um bom vilão nasce, principalmente, de uma pessoa que possui desejos, medos, crenças e contradições próprias. Ele precisa parecer alguém que existiria mesmo se o protagonista não estivesse presente. Afinal, o vilão não deveria estar vivo apenas para atrapalhar o herói; ele precisa ter uma vida, uma história e objetivos que continuariam avançando mesmo se o protagonista desaparecesse da narrativa.

Por isso, talvez a primeira pergunta a ser feita não seja "o que torna esse personagem mal?", mas sim "o que ele quer?".

Todo personagem forte precisa desejar alguma coisa, e isso também vale para o antagonista. Será esse desejo que irá tornar seu personagem muito mais do que apenas marcante. Entretanto, não adianta apenas dizer que ele "quer poder" ou "quer dominar o mundo" normalmente esse é apenas o principio da ideia. O interessante está em descobrir por que ele deseja aquilo. Um homem pode querer controlar um reino porque é gananciosa, mas outro pode querer exatamente a mesma coisa porque passou a vida inteira acreditando que pessoas livres inevitavelmente destroem umas às outras. Os dois possuem o mesmo objetivo superficial, mas seriam personagens completamente diferentes ao longo do seu desenvolvimento na história.

É justamente aí que entram a motivação e a crença. O objetivo é aquilo que o vilão quer conquistar; a motivação explica por que isso é importante para ele; e a crença é aquilo que ele acredita sobre o mundo e que faz suas escolhas parecerem justificáveis aos próprios olhos.

Essa última parte é especialmente importante. Um vilão interessante raramente acorda pela manhã pensando "Nossa! Como sou uma pessoa horrível e hoje farei algo maligno, hahaha!". Na maioria das vezes, ele acredita que existe uma razão para fazer aquilo que faz. Talvez pense que está protegendo alguém, corrigindo uma injustiça, impedindo uma catástrofe ou construindo um mundo melhor. O leitor não precisa concordar com ele. Na verdade, é perfeitamente possível que o leitor considere suas escolhas monstruosas. O importante é conseguir compreender a lógica que levou aquele personagem chegar até elas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"

Imagine alguém que tenha perdido toda a família durante uma guerra. A experiência poderia levá-lo a acreditar que a liberdade é perigosa porque foi justamente a disputa entre diferentes grupos que provocou o conflito que destruiu sua vida. A partir daí, ele pode concluir que a única maneira de garantir a paz é eliminar a possibilidade de discordância. Então começa a defender um governo absoluto. Para ele, não está destruindo a liberdade: está impedindo que outras famílias passem pelo mesmo sofrimento. Essa diferença é fundamental. O passado não serve simplesmente como desculpa para que ele seja cruel. O passado produziu uma ferida, a ferida produziu uma interpretação do mundo, essa interpretação produziu uma crença e a crença passou a orientar suas decisões.

É nesse momento que o vilão começa a ganhar profundidade. Esse é o momento importante para o seu desenvolvimento.

Exemplo: Thanos

Em Vingadores: Guerra Infinita, Thanos não se enxerga como alguém que deseja simplesmente matar. Ele acredita que o crescimento populacional levará à escassez e que uma redução brutal da população seria uma solução. A lógica interna dele é importante porque transforma suas ações em expressão de uma ideologia pessoal. Isso não torna suas ações moralmente aceitáveis. Torna o personagem dramaticamente compreensível.

Também é interessante evitar a ideia de que uma história triste automaticamente transforma alguém em vilão. Duas pessoas podem sofrer exatamente a mesma tragédia e tomar decisões completamente diferentes. Não será o tamanho da tragédia que irá moldar todos os envolvidos da mesma maneira. Portanto, o mais importante não é apenas perguntar "o que aconteceu com ele?", mas "o que ele decidiu acreditar por causa do que aconteceu?". Essa é uma pergunta importantíssima que irá guiar todas as suas ações, vícios e virtudes. Uma pessoa pode perder alguém que ama e concluir que precisa aprender a aceitar a perda. Outra pode concluir que nunca mais permitirá que alguém que ama fique vulnerável. A primeira pode seguir em frente; a segunda pode tentar controlar absolutamente tudo ao seu redor. A tragédia é a mesma, mas a escolha transforma as pessoas em personagens diferentes.

Um vilão realmente interessante também precisa possuir alguma espécie de humanidade, mas isso não significa necessariamente torná-lo bonzinho. Humanidade pode aparecer em pequenas coisas. Ele pode amar alguém. Pode ter senso de humor. Pode ser extremamente educado. Pode cuidar de um animal. Pode cumprir uma promessa feita décadas atrás. Pode odiar determinado tipo de crueldade. Pode sentir vergonha de alguma coisa que fez. Pode até demonstrar genuína compaixão em determinadas situações. Essas características não anulam as coisas terríveis que ele faz. Pelo contrário: elas tornam o personagem mais contraditório e, consequentemente, mais humano.

As contradições são especialmente poderosas porque impedem que o vilão pareça uma máquina programada para fazer maldades. Um personagem pode defender que ninguém merece uma segunda chance e, ao mesmo tempo, ser incapaz de abandonar alguém que ama. Pode acreditar que emoções são uma fraqueza e passar anos movido pelo amor que sente por uma pessoa. Pode exigir honestidade absoluta dos outros enquanto esconde um segredo gigantesco. Pode desprezar pessoas fracas e, secretamente, sustentar um abrigo para aqueles que considera indefesos. Essas contradições criam perguntas, e perguntas mantêm o leitor interessado no seu personagem.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"

Uma pergunta particularmente útil para construir esse tipo de personagem é:

"O que ele jamais faria?".

Descobrir o limite moral do vilão pode ser tão importante quanto descobrir aquilo que ele está disposto a fazer. Se ele acredita que absolutamente tudo é permitido, o personagem pode acabar ficando previsível. Mas se existe uma linha que ele se recusa a cruzar, o leitor começa a prestar atenção. E então surge uma possibilidade ainda mais interessante: "O que precisaria acontecer para ele cruzar essa linha?". Talvez a história inteira caminhe lentamente em direção a esse momento.

Outro elemento importante é fazer com que o vilão seja realmente capaz de enfrentar o protagonista. Isso não significa necessariamente que ele precise ser fisicamente mais poderoso. Um antagonista pode ser perigoso porque é inteligente, influente, paciente, persuasivo, rico, politicamente poderoso ou simplesmente muito bom em compreender as fraquezas das pessoas. O importante é que suas ações produzam consequências. Se o vilão ameaça destruir uma cidade, mas nunca consegue fazer nada relevante, o leitor rapidamente percebe que ele não representa uma ameaça verdadeira. Por outro lado, quando suas decisões conseguem prejudicar pessoas importantes, destruir planos e obrigar o protagonista a fazer escolhas difíceis, sua presença passa a ter peso.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"

Entretanto, existe uma diferença entre um vilão competente e um vilão perfeito. Um personagem que nunca erra, nunca perde, nunca se engana e sempre sabe exatamente o que os outros estão fazendo pode acabar parecendo artificial. É muito mais interessante quando a própria qualidade que torna o vilão poderoso também contém a semente de sua fraqueza. Um personagem extremamente inteligente pode se tornar arrogante. Alguém que precisa controlar tudo pode ser incapaz de lidar com o inesperado. Uma pessoa extremamente leal pode transformar sua lealdade em fanatismo. Alguém que ama profundamente pode se tornar possessivo. Dessa maneira, sua eventual queda não parece simplesmente uma decisão do autor. Ela nasce do próprio personagem.

É aqui que o vilão pode se transformar em um espelho do protagonista. O antagonista não precisa apenas impedir que o herói alcance seu objetivo; ele pode representar uma versão diferente da mesma questão que o protagonista está tentando resolver. Se o protagonista acredita que as pessoas precisam ser livres, talvez o vilão acredite que as pessoas precisam ser controladas para serem protegidas. Se o protagonista acredita que todos merecem uma segunda chance, talvez o vilão acredite que algumas pessoas precisam ser eliminadas antes que tenham a oportunidade de causar mais sofrimento. Se os dois personagens desejam proteger as mesmas pessoas, mas possuem ideias completamente diferentes sobre como fazer isso, o conflito se torna muito mais interessante do que simplesmente "herói bom contra vilão mau".

Um bom exemplo é o Batman e Coringa. O Coringa não é simplesmente "um criminoso que Batman precisa prender". Ele pode ser interpretado como uma provocação à crença de Batman em ordem, regras e significado. Batman acredita que certos limites não devem ser ultrapassados. O Coringa frequentemente tenta demonstrar que esses limites são frágeis.

O conflito, portanto, não é apenas:
Batman vs. criminoso.

Mas também é:
ordem vs. caos
princípio vs. niilismo
limite moral vs. ausência de limite



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026

Isso também permite criar uma das melhores formas de antagonismo: a tentação. O vilão pode oferecer ao protagonista exatamente aquilo que ele deseja. Imagine um herói que perdeu alguém e deseja desesperadamente recuperar essa pessoa. O vilão possui uma maneira de fazê-lo. O preço, porém, é terrível. Nesse momento, o antagonista deixa de ser apenas uma ameaça externa. Ele passa a representar uma escolha. O leitor não está mais apenas esperando para descobrir quem vencerá uma luta. Quer descobrir qual decisão o protagonista tomará.

Um bom vilão também deve possuir uma vida própria. Imagine que o protagonista desapareça durante metade da história. O que o antagonista faria nesse período? Se a resposta for "esperaria o herói voltar", talvez seja necessário desenvolver melhor sua agenda. Um vilão que possui objetivos próprios pode conquistar territórios, formar alianças, perder aliados, mudar de estratégia, descobrir segredos, cometer erros e tomar decisões sem que o protagonista sequer saiba o que está acontecendo. Isso cria a sensação de que o mundo continua existindo fora da perspectiva do herói.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"

Uma pergunta que eu gosto de fazer sempre é: *"Se eu tirasse toda a maldade desse personagem, que pessoa sobraria?"*

Se a resposta for interessante, há grandes chances de existir ali um personagem interessante também. Pense nisso!

Outra característica poderosa é não revelar tudo sobre o vilão imediatamente. Quando conhecemos sua história inteira, suas motivações, seus poderes, seus planos e suas fraquezas na primeira aparição, sobra pouco para descobrir. É mais interessante permitir que o leitor construa uma imagem dele aos poucos. Primeiro podemos enxergar apenas suas ações. Depois percebemos um padrão. Mais tarde descobrimos uma crença. Depois encontramos uma contradição. Em determinado momento descobrimos algo sobre seu passado que muda a maneira como interpretamos suas ações anteriores. A sensação é semelhante à montagem de um quebra-cabeça.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"

Isso também ajuda a evitar um dos problemas mais comuns dos vilões: os grandes monólogos explicativos. Quando o personagem passa vários minutos contando toda a sua história e explicando exatamente por que se tornou quem é, o mistério desaparece. É muito mais interessante deixar que suas ações revelem sua personalidade. Se ele diz que valoriza a lealdade, observe como trata um subordinado que o trai. Se afirma que odeia crueldade, veja o que acontece quando alguém ameaça aquilo que ama. Se diz que deseja paz, observe o preço que está disposto a pagar para consegui-la.

"Sempre o comportamento é mais revelador do que o discurso."

A maneira como o vilão fala também pode ajudá-lo a se tornar reconhecível, mas sua personalidade não deveria depender apenas de bordões, risadas assustadoras ou roupas extravagantes. Um personagem memorável continua sendo reconhecível mesmo quando você remove sua aparência. Talvez ele tenha o hábito de fazer perguntas em vez de dar ordens. Talvez seja sempre extremamente educado, inclusive quando ameaça alguém. Talvez nunca levante a voz. Talvez faça piadas nos momentos mais inadequados. Talvez trate seus inimigos com mais respeito do que seus próprios aliados. Pequenos padrões de comportamento podem criar uma presença muito forte.

No fim das contas, talvez a melhor maneira de avaliar um vilão seja perguntar o que acontece com o protagonista depois de conhecê-lo. Um antagonista realmente importante deveria deixar alguma marca. Pode fazer o herói perder alguém, mudar de opinião, questionar seus valores, perceber uma verdade sobre si mesmo ou ser obrigado a tomar uma decisão que jamais imaginou tomar. O conflito externo é a luta entre os dois personagens, mas o conflito interno é aquilo que essa luta desperta dentro do protagonista.

É por isso que um grande vilão não precisa necessariamente ser o personagem mais cruel da história. Ele precisa ser um personagem que faça a história acontecer. E isso tem diferença. Ele deve querer alguma coisa, acreditar em alguma coisa, tomar decisões por causa dessas crenças e possuir força suficiente para obrigar os outros personagens a reagir. Deve haver algo nele que o leitor compreenda, algo que o leitor questione e, idealmente, algo que o leitor não consiga esquecer.

Se quisermos transformar tudo isso em uma única linha de raciocínio, podemos imaginar a construção do vilão como uma sequência:

* Algo aconteceu com ele;

* Ele interpretou esse acontecimento de determinada maneira;

* Essa interpretação criou uma crença;

* Essa crença gerou um desejo;



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI,, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"

* O desejo se transformou em objetivo;

* O objetivo levou a determinadas ações;

* Essas ações entraram em conflito com o protagonista;

* Durante esse conflito, as próprias virtudes e defeitos do vilão começaram a empurrá-lo em direção ao seu destino.

Pronto! Um vilão de arrasar! Que não precisa começar como um monstro. Ele pode começar como uma pessoa que queria alguma coisa desesperadamente. O que torna sua história fascinante é descobrir o que aconteceu entre esse desejo inicial e o momento em que ele decidiu que, para conseguir aquilo, estava disposto a ir longe demais.

Agradeço por ter acompanhado essa coluna até aqui e convido a nos encontraremos na próxima edição para nos aprofundarmos ainda mais na criação de personagens, histórias e mundos que vão fazer seus leitores te seguirem pelo resto da vida de verdade.

Aguardo vocês!

LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui

OLUNAS E COLUNISTAS

LILIAN STOCCO

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS**

PUBLICAÇÕES FOTOGRAFIA DESIGN INSTAGRAM POST NO SITE

COLUNA

História das Artes

32



Betânia Pereira

Mulher nordestina, maranhense, católica. Historiadora, Enfermeira, pós-graduada em Historia do Brasil, Informática na Educação, Psicologia na Educação, Saúde da Família, Enfermagem em Terapia Intensiva. Professora efetiva do Seeduc - MA. Participou de varias antologias. Tenho como prioridade tocar almas através do dom das palavras.

"A arte visual é o espelho da alma humana; quando o mundo desaba, são as imagens que nos relembra o valor da beleza e da esperança."

Imagens que Salvam a Humanidade: A Arte como Guardiã da Memória

Quando pensamos na história da nossa espécie, é impossível separá-la das imagens que produzimos. Muito antes da escrita estruturada, nós já pintávamos as paredes das cavernas. Não fazíamos isso apenas por distração, mas pela necessidade vital de registrar, de dar sentido à existência e de nos conectar com o outro. É a partir dessa perspectiva que proponho uma reflexão sobre as dinâmicas artístico-culturais contemporâneas sob o tema: "Imagens Que Salvam a Humanidade". Mas o que significa, afinal, dizer que uma imagem pode salvar a humanidade? Não se trata de uma salvação literal ou messiânica, mas sim de um resgate da nossa capacidade de sentir, de empatizar e de lembrar quem somos diante do caos do mundo.

A fotografia transformou-se em uma ferramenta de sobrevivência global a partir de 1839, quando a invenção do daguerreótipo rompeu com séculos de registros históricos baseados apenas em relatos escritos ou pinturas interpretativas. Ao longo do século XX, com a popularização da imprensa e a portabilidade das câmeras, o fotojornalismo documental passou a atuar diretamente sobre as dinâmicas artísticas e culturais das sociedades para despertar a consciência coletiva. Mais do que meros registros de fatos, as imagens que historicamente salvaram populações, interromperam guerras ou mudaram leis utilizam a estética do choque, arquétipos visuais e releituras de ícones sacros (como a estrutura renascentista da Pietà) para romper barreiras geográficas e culturais. Ao cruzar o valor documental do resgate histórico com a potência da linguagem visual, essas fotografias converteram espectadores distantes em testemunhas ativas, mobilizando a opinião pública e forçando governos a intervir diante de crises humanitárias e ambientais.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"

Portanto, debater as dinâmicas artístico-culturais hoje é compreender o poder político, social e afetivo daquilo que escolhemos registrar e olhar. "Imagens que salvam" são aquelas que nos arrancam da indiferença. Elas preservam a nossa memória, provocam a nossa consciência e nos lembram de que, enquanto formos capazes de criar e nos emocionar com a beleza e com a verdade, ainda haverá salvação para nós.

À medida que os conflitos globais escalavam, a fotografia documental assumiu o papel de "tribunal visual", desmantelando narrativas oficiais e propagandas estatais. Durante a Guerra do Vietnã, o governo norte-americano sustentava um discurso de controle e missões humanitárias. Esse cenário ruiu em 8 de junho de 1972, quando o fotógrafo Nick Ut registrou a jovem Kim Phuc, de apenas nove anos, correndo nua por uma estrada após ter suas roupas e pele queimadas por um ataque de napalm.

Vivemos em uma era de saturação visual. Somos bombardeados por milhares de estímulos diários que, muitas vezes, servem apenas para nos anestesiar. No entanto, no meio desse oceano de ruído digital, existem imagens que operam milagres cotidianos. São aquelas fotografias de fotojornalismo que param guerras ou denunciam injustiças; são as pinturas que dão voz a corpos e identidades historicamente silenciados; são as manifestações visuais do cinema e do grafite urbano que transformam a dor coletiva em manifesto e esperança. Para que uma imagem salve vidas, ela precisa ser compreendida instantaneamente por diferentes culturas. É nessa necessidade que o fotojornalismo histórico buscou abrigo nas dinâmicas artísticas tradicionais, ativando símbolos universais que a humanidade já reconhecia.

A arte, por meio da imagem, funciona como um espelho e um farol. Como espelho, ela nos obriga a encarar as nossas piores facetas, a violência, a desigualdade, o descaso com o planeta. Como farol, ela nos aponta caminhos de cura, solidariedade e transcendência. Quando uma imagem consegue fazer com que uma pessoa mude sua perspectiva sobre o sofrimento alheio, a cultura cumpre o seu papel mais nobre: o de humanizar o ser humano.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"

> OLHAR PARA O OUTRO COM SENSIBILIDADE É O PRIMEIRO PASSO PARA REGISTRAR A IMAGEM QUE CURA.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"

Artisticamente, a foto operou na estética do choque. A horizontalidade da estrada criava uma perspectiva que empurrava o sofrimento da criança diretamente para o colo do espectador. Culturalmente, a imagem destruiu o distanciamento geográfico: o público ocidental não via mais o "inimigo político", mas sim a infância universal sendo destruída pela engrenagem militar. O clamor público gerado por essa única fotografia acelerou o isolamento político da guerra e pressionou os Estados Unidos a acelerarem a retirada de suas tropas, salvando milhares de outras vidas civis da linha de frente.

O resgate histórico por meio da imagem tem, para mim, o sabor de um ato de justiça. Cresci ouvindo a história oficial, aquela escrita em linhas retas, com heróis de mármore que nunca pareciam humanos de verdade. Mas a minha sensibilidade sempre tendeu para as margens. Eu procurava os bastidores. A escrita pode ser rasurada, censurada ou reescrita pelos vencedores, mas a imagem, mesmo a mais encenada, carrega frestas de verdade que o poder não consegue controlar totalmente. Um olhar de soslaio, uma roupa remendada na ponta da foto, um cenário de fundo improvisado: ali mora a história viva.

Lembro-me de visitar um museu histórico e ficar paralisado diante de um quadro que retratava uma revolta popular. Enquanto o guia repetia datas e nomes de generais, meu olhar ficou preso nas mãos de um personagem anônimo no canto da tela, que segurava uma ferramenta de trabalho como se fosse uma arma de libertação. Aquelas mãos calejadas, pintadas com pinceladas rápidas e densas, pareciam às mãos do meu próprio avô, que passou a vida inteira moldando o barro e o cimento. Naquele instante, a barreira dos séculos ruiu. O resgate histórico operou um milagre afetivo: eu não estava apenas olhando a história; eu fazia parte dela. A dinâmica artística se transformou em uma ponte de empatia radical.

Salvar a humanidade, portanto, significa também salvar as narrativas daqueles que foram silenciados. Quando a arte e a fotografia trazem para a luz do dia os rostos das comunidades tradicionais, a altivez dos povos indígenas dizimados, as lutas operárias e a delicadeza cotidiana de vidas invisibilizadas, elas operam uma contranarrativa política essencial. A imagem se torna o documento de uma dívida histórica e, ao mesmo tempo, a celebração da resistência. Ela nos ensina que a beleza e a dignidade não eram privilégios dos palácios; elas resistiam nas cozinhas, nas roças, nos quilombos e nas vilas operárias.

A capacidade de salvar a humanidade também se estendeu à preservação do nosso próprio habitat. Em 24 de dezembro de 1968, o astronauta William Anders, a bordo da missão Apollo 8, capturou a icônica foto Nascer da Terra (Earthrise). Pela primeira vez na história, a civilização pôde contemplar o próprio planeta de fora: uma esfera azul reluzente, isolada, frágil e sem fronteiras visíveis, contrastando com a escuridão hostil do espaço sideral.

Essa imagem gerou um forte impacto cultural que coincidiu com os movimentos pacifistas da década de 1960. Ela subverteu a ideia de exploração espacial nacionalista e deu origem ao movimento ambientalista moderno. A percepção visual de que a Terra era uma "nave espacial" com recursos finitos impulsionou, nos anos seguintes, a criação das primeiras leis de proteção ambiental em larga escala, a fundação de ONGs globais e a instituição do Dia da Terra.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"

Não há como falar do poder salvador da imagem sem passar pelo corpo, pela experiência física de ser atravessado por um registro visual. Muitas vezes, essa salvação se dá pelo espanto. Penso nas grandes fotografias humanitárias do nosso século e do século passado, os flagrantes de secas terríveis, os corpos desabrigados pelas guerras, mas também os abraços nos reencontros de refugiados e os sorrisos das crianças que ganham cadernos em zonas de conflito. Essas imagens nos agridem de uma forma necessária. Elas quebram a nossa carapaça de cinismo cotidiano. Elas nos forçam a lembrar que a dor do outro, por mais distante que esteja geograficamente, ecoa na nossa própria carne.

Transpondo essa reflexão para a minha própria vivência urbana, percebo esse resgate acontecendo diariamente nas cicatrizes de concreto das cidades. Caminhar pelas metrópoles hoje é ser bombardeado por murais de grafite e intervenções artísticas que reconfiguram o espaço público. Muitas dessas obras são, em si, monumentos de resgate histórico. Rostos de líderes comunitários esquecidos, divindades de matrizes ancestrais e símbolos de revoltas populares são estampados em empenas cegas de prédios de vinte andares. O muro, que antes dividia e isolava, passa a ser uma página aberta de um livro de história democrático, onde qualquer um que espera o ônibus pode ler.

Ao final dessa caminhada pelos labirintos da memória visual, percebo que escrever sobre esse tema é um ato de responsabilidade. As imagens que salvam a humanidade do passado são as mesmas que nos dão as ferramentas para inventar o amanhã. Elas funcionam como uma vacina moral e ética contra a banalização do mal. Fecho os olhos e volto àquela tarde de chuva da minha infância, àquela caixa de sapatos cheia de fotos desbotadas. Cada um de nós é um curador dessa grande galeria da existência humana. As dinâmicas artístico-culturais são, em última análise, o oxigênio do espírito coletivo. Sem elas, seríamos apenas uma espécie biológica que consome e destrói. Com elas, nos tornamos criadores de sentidos, contadores de histórias, guardiões da luz. Que saibamos, portanto, honrar, decifrar e amar as imagens que nos trouxeram até o dia de hoje. Pois são elas que continuam salvando a nossa humanidade.

Te vejo logo mais!

Vejo flores em você!

Betânia Pereira.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE.AI, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"

BETÂNIA PEREIRA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO, VISITEM SEU BLOG E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM BLOG LINKS POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS

MITOLOGIAS & CRÔNICAS

28



Ladylene Aparecida

Apaixonada pela literatura e uma jornalista cultural em ascensão. Nascida e criada em Santa Luzia, Minas Gerais, essa mineira de alma boêmia começou sua jornada literária na adolescência, quando escrevia em diários e se perdia nas histórias de sua banda favorita. Aos 14 anos, por intermédio de uma amiga, teve o prazer de conhecer os livros do autor Pedro Bandeira, especialmente a coleção "Os Karas", que se tornaram seus fiéis companheiros até o fim do ensino médio. Em 2022, ela se tornou colunista e cronista da Revista Internacional The Bard, onde explora temas culturais e a beleza das palavras. Além disso, é acadêmica honorária pela ALUZ – Academia Luziense de Letras e Artes, consolidando ainda mais sua presença no cenário literário. Atualmente, como jornalista cultural e criadora de conteúdo na ONG Instituto Letra Preta, Ladylene se dedica a promover vozes diversas e dar espaço a novas narrativas.

CULTURA PERSA

Olá, querido leitor! Mais uma vez vamos mergulhar nas mais belas histórias da antiga Pérsia.

E é um fato que o Natal, como o conhecemos hoje, tem raízes muito mais antigas do que as próprias tradições cristãs. Muito mais antigas, em verdade, do que se costuma reconhecer. Encontramos ecos desse mesmo ritual em diversas mitologias e povos espalhados pelo mundo. E com a mitologia persa não seria diferente.

No hemisfério norte, esse momento é conhecido como solstício de inverno: a noite mais longa do ano, quando a escuridão parece alcançar seu auge. Mas essa noite não é um fim, é um sinal. Pois a partir daí, os dias voltam a crescer, a luz retoma seu caminho, e com ela chegam à promessa de verões quentes, colheitas fartas e prosperidade para o povo.

Foi pensando nisso, e em honra a essa ancestral celebração da luz, que trago para você nesta edição um pouco da tradição persa nesse período, um tempo de vigília, de união e de esperança que, há milênios, aquece os corações na estação mais fria do ano.

Então… pegue sua bebida favorita, se aconchegue, e boa leitura...



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

A Noite em que o Sol Renasce: A Tradição Persa e as Origens de Dezembro

Muito antes do Natal ser celebrado em 25 de dezembro, havia uma terra de luz e fogo onde, na noite mais longa do ano, o povo se reunia para esperar o renascimento do Sol. Na antiga Pérsia, aquela noite, o solstício de inverno, por volta de 21 de dezembro, não era apenas uma virada do tempo: era o momento em que a escuridão terminava e a luz prometia voltar. Chamavam-lhe Shab-e Yalda, a noite do nascimento, ou Shar-e Chelleh, a noite que marca o fim dos meses escuros. Uma festividade que nasceu há milênios, cujas raízes símbolos e sentimentos seguem vivos até hoje, mesmo que muitos não percebam de onde vieram.

A figura que se venera nessa noite era Mithra ou Mehr, como também era chamado. O deus do Sol, da Luz, da Justiça e dos Pactos Sagrados. Segundo a tradição persa, ele nascia numa caverna, precisamente na noite mais escura e longa do ano, trazendo consigo a certeza de que os dias voltariam a crescer. Mithra não era apenas um deus do céu: era a própria vitória da Luz sobre as Trevas, do Bem sobre Mal. Com o tempo, essa crença se espalhou para além das fronteiras da Pérsia, chegando ao Império Romano, onde passou a ser celebrada como o Nascimento do Sol Invencível, em 25 de dezembro. Data que séculos depois, seria adotada também pelo Cristianismo para marcar o nascimento de Jesus. A escolha, grande medida, foi uma forma de respeitar e acolher uma tradição já profundamente enraizada no coração dos povos: a de que, no auge da escuridão, algo novo e brilhante nasce para o mundo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

Os costumes da noite de Yalda eram carregados de simbologia, pensados para acolher e fortalecer o retorno da luz. As famílias se reuniam na casa dos mais velhos e permaneciam acordados toda a noite, em vigília, pois se acreditava que, naquela noite, as forças das trevas estavam no auge, e a presença unida das pessoas, com luz e calor, ajudava a derrotá-las. Ninguém dormia: era preciso ver o Sol nascer. Sobre a mesa, dispunham-se frutas de cor vermelha, romãs, melancias, maçãs, cujas sementes e carne lembram o fogo e o nascer do sol. A romã, sobretudo, era sagrada: seus grãos vermelhos representavam a vida, a fertilidade e a luz que se multiplica. Mantinham-se também lâmpadas e fogo acesos sem parar, como uma pequena imagem de Mithra entre os homens. A luz que não se deixa apagar.

Quando O Inverno Ganha Fogo: Sadeh - O Festival do fogo

A noite mais longa do já passou. A luz renasceu em Yaldã, e não foi apagada. Avançamos aproximadamente quarenta dias na estação fria, e agora a chama acesa naquela vigília cresce, se expande e toma o céu. Chegamos a Sadeh – O festival do fogo.

Se Yaldã foi o nascimento da luz é a sua expansão. O fogo que antes brilhava contido em lamparinas e lares agora se ergue em grandes fogueiras, visíveis de longe, proclamado que o inverno já cede espaço. O próprio nome nos revela um segredo Sadeh significa "cem". Cem dias contados em direção a primavera ou, com mais precisão, 50 dias e 50 noites que nos separam do Nowrūz, o renovar do mundo na chegada da estação nova. A escuridão não foi vencida de uma vez: ela recua, passo a passo, e cada chama acesa é um marco nesse caminho.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

A tradição conta que o foi o rei Hushang, figura lendária entre os primeiros soberanos da Pérsia, quem descobriu o fogo. Ao lançar uma pedra contra serpente, o ferro tocou a rocha e saltou a centelha. E o rei, reconhecendo ali um dom sagrado, instituiu aquele dia como festa. Não era apenas uma descoberta técnica: era o momento em que a humanidade aprendeu a ter, em suas próprias mãos, o poder de afastar o frio, dissipar a sombra e guardar viva a promessa de vida. Por isso, em Sadeh, o fogo nunca é fogo qualquer: é o mesmo fogo que Hushang viu nascer, passado de mão em mão, de geração em geração.

Os rituais se desenrolam ao ar livre, em lugares altos, onde as chamas possam erguer-se sem obstáculo. A comunidade recolhe lenda juntos. Jovens batendo de porta em portam pedindo ramos e toras, cantando versos que pedem bençãos para quem compartilha. Antes do entardecer, a lenha é empilhada, ao cair da noite, os sacerdotes, vestidos de branco, acendem a pira com preces antigas, em louvor ao fogo que purifica, que aquece que ilumina. Em volta dela, o povo se reúne: Canta, dança e partilha o alimento entre todos de forma igualitária. Ninguém fica de fora, ninguém fica sem luz.

Primeiro, espera-se na escuridão e vê-se a luz nascer; depois, avança-se como o fogo crescido, aquecendo o caminho; e por fim, chega-se à primavera, quando a terra inteira floresce. Sadeh é a certeza de que a luz não apenas nasceu, mas já é forte o bastante para nós promete que o frio acabou amanhã, nos promete que estamos sozinhos no frio. Que a chama partilhada aquece mais do que isolada. Que a esperança, quando reunida, se torna labaredas que nenhum vento apaga.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

Roma entra em cena
O encontro entre Oriente e Ocidente

O fogo aceso nas planícies da Pérsia não ficou confinado às suas fronteiras. Com o tempo, as legiões, os mercadores e os viajantes levaram aquela chama mais longe, cruzando montanhas e mares, até chegar ao coração de um império que abraçava o mundo conhecido: Roma. O que aconteceu ali não foi uma simples transferência de crenças – foi um encontro, entre dois mundos, que transformou para sempre o modo como o Ocidente passou a celebrar a luz no tempo do frio.

A medida que Império Romano se estendia em direção ao Oriente, rotas de comércio e campanhas militares abriram caminho também para ideias, histórias e devoções. Cultos vindos da Ásia Menor, da Síria, da Pérsia, do Egito encontraram solo fértil entre os soldados, os comerciantes e o povo romano. Não era imposição: era atração. Em meio a um mundo vasto em transformação as antigas divindades do Olímpio pareciam, por vezes distantes demais; as tradições vindas do Oriente traziam algo diferente: mistério, intimidade, uma ligação pessoal com a luz e a salvação. Entre todos esses, nenhum deixou marca tão profunda quanto o culto de Mithras.

O Sol Invencível e a Festa dos Dias que Crescem

Paralelamente, consolidou-se em Roma a devoção ao Sol Invictus, o Sol Invencível, celebrando oficialmente no dia 25 de dezembro. A escolha não foi ao acaso: era o momento em que o solstício já havia passo e os dias, visivelmente, voltam a crescer. O Dies Natalis Solis Invicti. Tornou-se uma das festas mais brilhantes e populares do calendário. As ruas se enfeitavam, as lâmpadas eram acesas, e o podo saudava e estrela que não sucumbira à noite mais longa.

Assim, o que começou como vigília numa noite persa, espalhou-se, ganhou novas formas e floresceu no coração do Império. O simbolismo solar, a luz que renasce, o fogo que não se apaga, o ciclo que se renova, tornou-se parte do imaginário comum. E quando, séculos depois, novas crenças tomaram o centro da cena, não foi preciso apagar tudo: a ideia de que, no auge do inverno, algo sagrado nasce para aquecer a humanidade já estava gravada fundo na alma do povo.

Roma não apenas importou uma tradição: ela a fez crescer, levou-a a todos os cantos do Mediterrâneo e, sem o saber, preparou o terreno para que aquela antiga mensagem, a luz sempre volta, chegasse até nós, atravessando impérios e eras.

REIS, DEUSES E O CICLO DO SOL

O sol não apenas iluminava a terra dos persas, ele servia de modelo para tudo o que ali se compreendia como governo. Ao longo de três grandes eras os Aquemênidas, os Partos e os Sassânidas.

A relação entre o céu e o trono foi sendo tecida de formas diferentes, mas sempre com um mesmo fio: a ordem do mundo reflete a ordem do céu. E assim como o sol retorna e restitui a luz, o rei justo restaura e mantém a harmonia entre as criaturas.

Os Aquemênidas, a dinastia de Ciro, Dario e Xerxes, construíram o primeiro grande império persa (c. 550–330 a.C.). Em inscrições reais, como as de Persépolis, os monarcas apresentavam-se como escolhidos por Ahura Mazda, o Senhor da Sabedoria, para governar com justiça e defender a verdade (asha). O poder real não era domínio arbitrário: era encargo sagrado. Cabe notar: as fontes diretas dessa ligação vêm principalmente de inscrições reais e de registros externos; a narrativa detalhada chegou até nós filtrada por tradições orais e textos compilados muito depois.

Os Partos (c. 247 a.C.–224 d.C.) governaram por quase meio milênio, mantendo a identidade persa entre influências culturais diversas. Menos documentados em textos próprios, são conhecidos sobretudo por registros gregos, romanos e pela tradição posterior recolhida no Shāhnāmeh. Neles, a figura do rei como guardião da tradição permanece, mas com contornos mais fluidos, entre o histórico e o lendário.

Os Sassânidas (224–651 d.C.) restauraram com força a ligação entre trono e templo. Ardashir I, fundador da dinastia, consolidou o zoroastrismo como religião de Estado e instituiu a imagem do rei como detentor da farr. A glória divina que legitima o governo. A doutrina política era clara: o monarca recebe do céu a missão de manter a ordem; se falha, perde essa graça.

Na tradição zoroastriana, Mitra, é também quem confere e retira a graça real. Ele vigia que o governante cumpra seu acordo com o céu: proteger o povo, manter a verdade, afastar o caos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

A PÉRSIA ENCONTRA O CRISTIANISMO
Cristãos no Império Persa

Costuma-se imaginar o encontro entre a Pérsia e o cristianismo como algo que aconteceu nas fronteiras. Como se uma fé estivesse de um lado, o antigo mundo persa do outro, e o encontro fosse apenas de fora para dentro. Mas a verdade é outra, e merece ser dita com clareza: o cristianismo não chegou apenas do lado de fora da Pérsia. Ele viveu, cresceu e criou raízes dentro do mundo iraniano durante séculos. Muito antes de a fé cristã se tornar dominante no Ocidente, comunidades inteiras já rezavam, ensinavam e construíam suas igrejas em terras persas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

Fé que Fez Casa Dentro da Pérsia

A presença cristã no Império Sassânida, que governou entre os séculos III e VII, não foi breve nem marginal. Ao contrário: as comunidades cristãs faziam parte do tecido social, viviam nas cidades, falavam as línguas do lugar e carregavam uma identidade própria, distinta daquela que se formava no Império Romano. Duas tradições brilharam com força especial:

- As comunidades assírias: falando o siríaco, língua próxima à de Jesus, foram entre as primeiras a abraçar o cristianismo. Organizaram-se com escolas, mosteiros e bispos; sua influência estendeu-se da Mesopotâmia até além das fronteiras do império. A Igreja que construíram não era uma cópia de Roma, tinha teologia, liturgia e estrutura próprias, profundamente enraizadas nas terras onde a civilização havia nascido.

- As comunidades armênias: na região noroeste do domínio persa, o povo armênio acolheu o cristianismo como fé oficial ainda no século IV, entrelaçando sua identidade nacional à nova crença. Viviam sob influência ora persa, ora romana, mas mantiveram caminho próprio, traduzindo as Escrituras e criando uma literatura sagrada na sua língua materna.

Relações, Convivência, Tensão e Respeito

A convivência não foi sempre a mesma nem sempre tranquila. No Império Sassânida, a religião oficial era o zoroastrismo, e o poder real mantinha laços estreitos com os sacerdotes. Em períodos de tensão política com Roma que, a partir do século IV, adotou o cristianismo como fé de Estado, os cristãos da Pérsia foram vistos com desconfiança, como se pudessem ser aliados do inimigo externo. Houve, em certos momentos, perseguições e proibições.

Mas houve também longos períodos de paz, respeito e convívio. Cristãos serviram como médicos, escribas e conselheiros nas cortes persas; trocaram saberes com as tradições antigas; viveram lado a lado com os zoroastrianos, partilhando mercados, ruas e estações do ano. A Pérsia não era um mundo fechado à fé nova: era um espaço onde ela cresceu com rosto próprio, sem depender de Roma ou de Constantinopla.

É importante lembrar disso porque desfaz uma ideia comum, mas equivocada: a de que o cristianismo veio apenas de fora, para substituir as tradições antigas da Pérsia. Não. Ele esteve lá dentro, ao lado delas, durante gerações. Conheceu as luzes de Yaldā, as chamas de Sadeh, a reverência ao fogo e ao sol e cresceu junto com tudo isso, no mesmo solo, sob o mesmo céu de inverno e de primavera.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

O que herdamos, portanto, não é uma simples vitória de uma fé sobre outra: é um entrelaçamento. Dois mundos que se olharam, conviveram, às vezes se chocaram, mas também se tocaram. E nasceram disso, lado a lado, as festas, as datas, os símbolos que hoje reconhecemos carregando, cada um à sua maneira, a luz que os persas foram os primeiros a acender na noite mais longa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

O IRÃ MODERNO

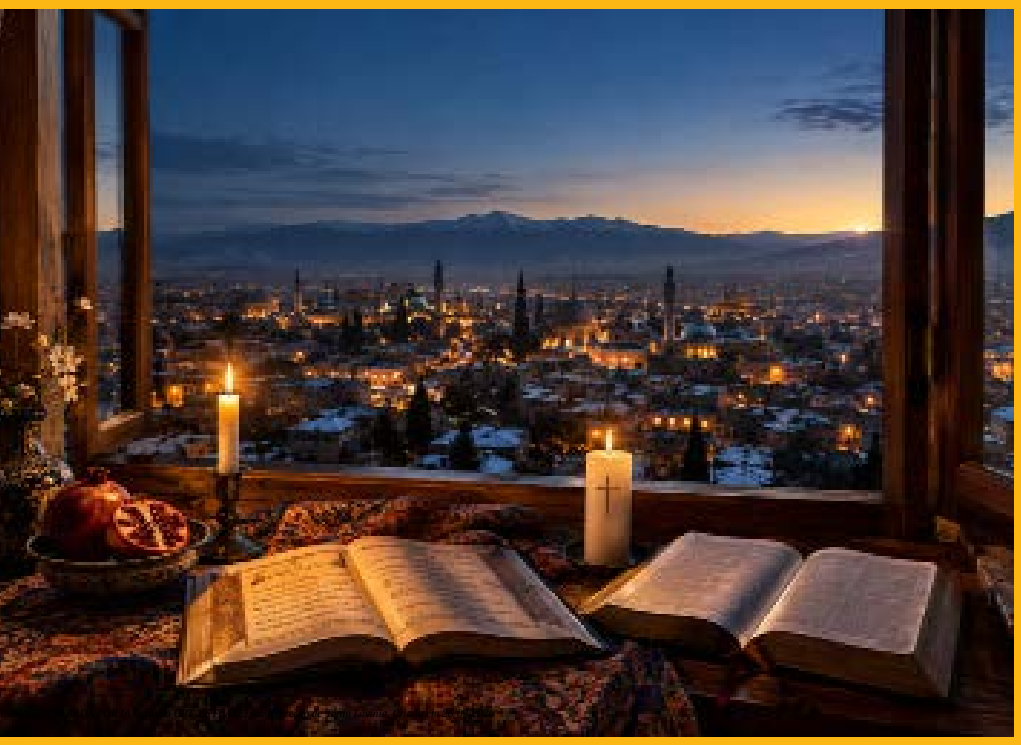
Yaldā Hoje — A Chama que nunca se apagou

Muitos podem pensar que as vigílias, as fogueiras e as noites de espera pertencem apenas ao passado, guardadas entre as páginas dos livros de história. Mas a verdade é mais bela e viva: Yaldā não é uma lembrança. É uma noite que continua acontecendo, ano após ano, nas casas do Irã de hoje, como acontecia há milênios. A noite mais longa ainda chega, e o povo ainda se reúne para vê-la passar.

Nas cidades e nos campos, nas casas de famílias inteiras, a tradição permanece de pé. No dia 21 de dezembro, as portas se abrem e todos se dirigem à casa dos mais velhos, avós, pais, tios, porque essa noite não se passa sozinho. Reúnem-se ao redor de mesas ricamente preparadas, onde não podem faltar os frutos que carregam a cor e a promessa do sol: a romã, cujas sementes vermelhas brilham como centelhas; a melancia, fruto do verão guardado para lembrar que o calor retorna; nozes, frutos secos e tudo que guarda sabor e energia para os dias que virão.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"



Comem-se partilhando histórias. Os mais velhos narram lendas antigas, falam da luz que vence a escuridão, passam adiante o que ouviram quando eram pequenos. E quando a noite avança, abre-se o Divã de Hafez. O livro repousa no centro da mesa; alguém o abre ao acaso, lê um verso, e todos escutam como se o poeta, que viveu há séculos, estivesse ali também, soprando ao ouvido de cada um o que o destino reserva. Ninguém dorme antes do sol nascer. Permanecer acordado é mais que um costume: é uma forma de honrar a luz, de dizer que não se tem medo da escuridão quando se está junto. Celebram, assim, o retorno gradual da luz devagar, dia após dia, até a primavera.

E o Irã de hoje também guarda outro brilho, que convive com essa tradição. Nas mesmas terras, nas mesmas cidades, cristãos iranianos, armênios e assírios celebram o Natal. Para eles também, dezembro é mês de luz e nascimento. Há famílias que vivem a vigília de Yaldā e, pouco depois, acendem as velas do Natal. Há lares onde a romã e a árvore, a poesia de Hafez e a leitura das Escrituras partilham o mesmo espaço. Isso também é o Irã: um lugar onde tradições milenares e fé cristã convivem, cada uma com sua voz, mas ambas saudando, à sua maneira, o nascimento da luz no tempo mais frio do ano.

Assim, quando olhamos para as janelas acesas no Irã nesta noite, não vemos apenas um povo que preserva o que recebeu dos avós. Vemos que a chama acesa há milênios não foi apagada pelo tempo. Que o gesto de reunir-se, partilhar, esperar e crer isso permanece, igual e sempre novo, em cada geração. A luz não renasce apenas no céu. Renasce também em nós, enquanto nos mantemos juntos, aguardando o amanhecer.

LADYLENE APARECIDA

INSTAGRAM

POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS


À PO
PAÍSES PAR
Poésie
Poetry
Poesía
Poesia
Poëzie
Poesía
Poesia
Poësie
Поэзия
Şiir
Poesia
Poesía
Poesia
Poesía
Poetry
Poesía
Poesie
Poesía

ESIA

TICIPANTES

Poesía

Mga tula

Поезия

Poesía

Poesia

Poesía

Poetry

Poezja

Poesía

Poesía

Poesía

Poesi

Poetry

Poesia

Poesía

الشعر

Poesía

Poesía

Ποίηση

REDAÇÃO THE BARD

A Revista The Bard é uma iniciativa multicultural, multilinguística e multiartística dedicada à arte, literatura e cultura. Promove visibilidade a escritores e artistas, conectando suas obras a leitores no Brasil e no mundo.

Os Infinitos Mundos que Habitam um Poema



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 02/10/2026"

A poesia nasce onde as palavras encontram aquilo que, muitas vezes, a alma não consegue explicar. Ela habita o intervalo entre o sentir e o dizer, transforma emoções em imagens, silêncios em significados e experiências cotidianas em pequenas eternidades. Mais do que versos organizados sobre uma página, o poema é uma forma singular de perceber o mundo, de interpretar a existência e de revelar aquilo que permanece escondido sob a superfície das coisas.

Mas como se constrói um poema? De onde vêm as imagens que nos comovem, as metáforas que ampliam nossos horizontes e os ritmos que parecem acompanhar as batidas do coração? A criação poética é um encontro fascinante entre sensibilidade, pensamento, linguagem e imaginação. Às vezes, nasce de uma lembrança distante; outras, de uma inquietação presente, de uma paisagem, de um encontro ou até mesmo de uma ausência. O poeta observa o que muitos não percebem, sente o que nem sempre pode ser nomeado e encontra nas palavras possibilidades de dar forma ao indizível.

Cada poema guarda uma maneira particular de existir. Há versos que acolhem, outros que provocam; alguns nos conduzem à contemplação, enquanto outros questionam certezas, rompem padrões e desafiam nossa compreensão da realidade. A poesia não oferece necessariamente respostas: muitas vezes, sua grandeza está em formular perguntas que continuam ecoando em nós muito depois da última palavra.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 02/10/2026"

É nesse universo de descobertas que se insere a coluna Poetas e Poetisas. Mais do que apresentar poemas e celebrar seus autores, este espaço propõe um mergulho nas múltiplas dimensões da criação poética: suas origens, suas estruturas, suas linguagens, suas emoções e as diferentes formas pelas quais a poesia se manifesta ao redor do mundo. Um convite a explorar conceitos, conhecer novas perspectivas e compreender como cada cultura, época e indivíduo encontra na palavra poética uma maneira própria de expressar a experiência humana.

Afinal, a poesia não pertence apenas a quem escreve, mas também a quem lê, interpreta, sente e se reconhece nos versos de outra pessoa. Entre a intenção de quem cria e a sensibilidade de quem recebe, o poema ganha novas vidas, atravessa fronteiras e estabelece pontes invisíveis entre diferentes mundos.

Que cada encontro nesta coluna seja uma oportunidade de olhar além das palavras, descobrir a beleza de suas construções e reconhecer, na poesia, essa extraordinária capacidade de transformar sentimentos em linguagem e linguagem em experiência humana.

Venha explorar conosco o fascinante universo da poesia! Descubra novas vozes, desvende a essência dos versos e permita que cada palavra desperte emoções, reflexões e novos olhares sobre o mundo. A coluna Poetas e Poetisas espera por você!

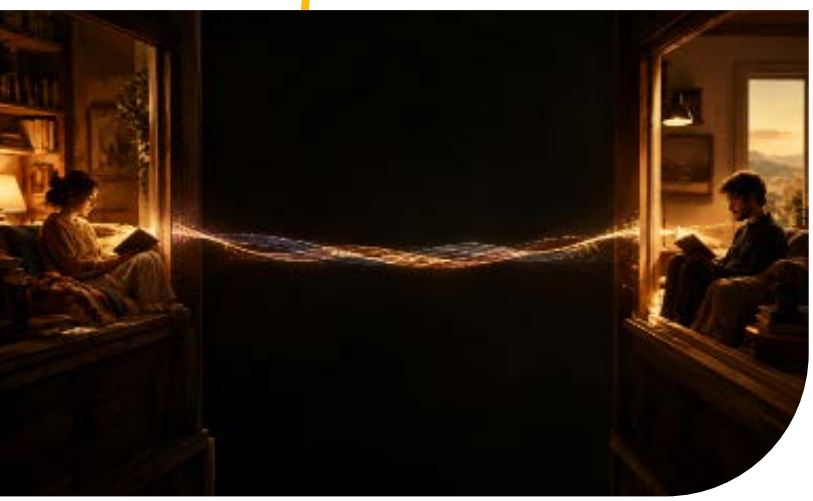


IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 02/10/2026"

> "A POESIA É A ESSÊNCIA DA EXISTÊNCIA TRADUZIDA EM PALAVRAS: TRANSFORMA EMOÇÕES EM VERSOS, SILÊNCIOS EM SIGNIFICADOS E A VIDA EM ARTE CAPAZ DE TOCAR A ALMA E ETERNIZAR SENTIMENTOS.

INSTAGRAM

POST NO SITE



FRANCISCO MARTINS

Cidade: Uruçuí
Estado: Piauí
País: Brasil

A TERRA SECA CANTA POR UMA GOTA D'ÁGUA

Ela canta para sentir o líquido que sacia a sede;

Ela canta para provar da umidade do tempo;

Ela canta para lembrar-se que o oásis existe;

Ela canta porque sente saudade da biodiversidade;

Ela canta com o sonho de voltar a ser fértil;

Ela canta por uma gota d'água na esperança de que venham muitas delas até que nela se crie um belo manancial.

INSTAGRAM

POST NO SITE



NICE VELOSO

Cidade: Salvador
Estado: Bahia
País: Brasil

Poetas & Poetisas

A FORÇA DA CRIAÇÃO

A beleza nasce devagar,
entre os cacos do que foi quebrado,
como uma flor que aprende a brotar
no chão de um tempo devastado.

Criamos com os olhos marejados,
catando os cacos pelo chão.
E as mãos, entre ruínas, descobrem
matéria para outra canção.

E a alma insiste em renascer.

Não há silêncio que apague o traço,
nem tempestade que curve a canção.
O caos que racha o chão de aço
alimenta a chama da criação.

Do cinza brota o mais vivo poema,
que rasga a sombra com luz e cor.
Criar em meio a um duro dilema
é a maior vitória do sonhador.

INSTAGRAM

POST NO SITE



Poetas & Poetisas

STELLA GASPAR

Cidade: João Pessoa
Estado: Paraíba
País: Brasil

AS MAIS BELAS HISTÓRIAS DE AMOR

Têm a fluidez das gotas de orvalho,
transformando-se em oceano.
São intensas como um mar de sonhos.
Elas têm olhos e toques,
como o encanto da noite,
desvirginando o amor nascente.

As mais belas histórias de amor nos engravidam antes da luz do dia.
Nelas, o amor é inédito, belo e parceiro.
Com elas, nossa experiência de vida não é uma sobrevida,
mas uma vivência profunda do amor.
Um amor que alcança lugares suficientes para aquecer o frio das almas.

As mais belas histórias de amor realmente têm o poder de mudar tudo,
fazendo-nos sentir, a cada estrofe, o quanto são bonitas e aconchegantes.
As histórias dos amores que se amam ao longo da vida,
não carregam o peso da dominação narcisista.

Os amores se oferecem, se convidam, juntos inventam sentidos.
O amor é presença nas linhas dos destinos.
Naquele encontro, eu te conheci, fui apresentada ao amor.
Nós nos aprendemos, bordando poesias,
na companhia de um pôr do sol,
belo como o lirismo de Shakespeare.

INSTAGRAM

POST NO SITE

J.B WOLF

Cidade: Brasília
Estado: Distrito Federal
País: Brasil

O ESPELHO QUE DEVORA QUEM CONTEMPLA

Narcisismo, ó labirinto de espelhos polidos,
onde a alma se perde em seu próprio reflexo,
és tu quem transforma a água sagrada
do autoconhecimento
em poço venenoso de adoração incontida.

Nasceste da beleza que se inclina sobre as águas,
encantado pela própria imagem refletida,
e desde então ensinas aos corações vaidosos
que não existe paisagem mais bela que o próprio rosto.

És templo erguido para adoração de um único deus
aquele que habita dentro dos próprios olhos.
Cada oração é sussurro dirigido ao espelho,
cada gesto é coreografia para o próprio deleite.

Quem te possui não ama verdadeiramente a si mesmo,
pois confunde amor-próprio com culto à imagem,
e constrói altares para a própria estátua
enquanto o templo verdadeiro da alma desaba
em ruínas.

Ó narcisismo, ladrão silencioso de vínculos,
que fazes de cada relação outro espelho
que deve refletir apenas tua grandeza,
nunca tua fragilidade, nunca tua falha.

Sob tua influência, o outro não existe como ser
existe como plateia que aplaude,
como sombra que realça,
como ferramenta que serve ao
engrandecimento próprio.

Mas há tragédia sublime em teu domínio:
aquele que se ama demasiado
jamais será amado o suficiente,
pois o coração que se fecha sobre si mesmo
deixa de fora todo amor que tentava entrar.

E quando o espelho finalmente se quebrar
como todos os espelhos um dia se quebram
restarão apenas mãos sangrando
sobre cacos de uma imagem que nunca foi real.

LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:

"imagens que salvam a humanidade"



40ª EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE | FACEBOOK | INSTAGRAM | YOUTUBE | TWITTER/X

EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

ENTRE ESTANTES, BANCAS E SEBOS:

"Os lugares onde os livros nos encontram"

41ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

PERÍODO DE 11 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.

Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.



BETH BALTAR

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel. Colunista da Revista Internacional The Bard e do Jornal The Bard News.

MESTRA CLAUDETH GOMES: QUEM VERSA VERDADE, ENTOA LIBERDADE



Imagem de arquivo pessoal - Claudeth Gomes

Pedindo vossa licença,
Quero aqui me apresentar:
Sou cultura popular,
Mas transcrita em renascença.
Mulher marcando presença
No cordel, sou aprendiz,
Minha rima já bem diz:
Sou artista, sou poeta,
Sou atriz, sou mãe, direta
Sou Claudete e sou feliz.

"Quem versa verdade, entoa liberdade" é a filosofia de vida da Mestra Claudeth Gomes, quando ela se vincula ao compromisso, a honestidade, a conquista e com a capacidade de agir de forma ética e consciente, em busca da verdade e da liberdade humana.

Raízes firmes na luta:
Versos feitos de verdade,
Mas que ecoem nossa história,
Cantam a ancestralidade.
Pois quem planta resistência
Traz justiça, fé, ciência,
Para entoar liberdade.



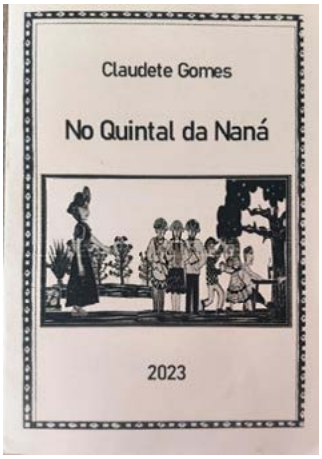
CLAUDETE GOMES



Claudete Gomes nasceu no dia 13 de setembro de 1977, em Nilópolis, Rio de Janeiro. Filha de Wanalda Oliveira Santos (Dona Naná) e Carlos Gomes dos Santos (Seu Carlinho). Em 1991, veio morar em João Pessoa, Paraíba, onde consolidou sua carreira artística e literária. Nas poéticas adotou o pseudônimo de Claudeth Gomes.

CLAUDETE GOMES - APRESENTAÇÃO, COMPROMISSO E INTENÇÃO





Bem... No Quintal da Naná
Era tudo diferente:
Com gente por todo lado
E sempre muito contente.
Tinha de tudo que é tipo,
Pois afinal: gente é gente.

No Rio de Janeiro integrou grupos de teatro de rua na Baixada Fluminense e no meio artístico é conhecida como "Bebeca". Na Paraíba, graduou-se em Licenciatura Plena em Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas, Mestra em Artes, Especialista em Docência para a Educação Profissional e Tecnológica; em Práticas Assertivas da Educação Profissional Integrada à Educação de Jovens e Adultos – com Ênfase em Didática; e em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Especialista em Gestão e Produção Cultural, pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

A Mestra Claudeth Gomes é poeta, cordelista, atriz, arte educadora, contadora de História, pesquisadora e autora de cordéis (individuais e coletivos), poesias contemporâneas, artigos acadêmicos e capítulos de livro voltados à área educacional. Membra efetiva, eleita em 07 de março de 2020, Academia de Cordel do Vale do Paraíba – ACVPB, ocupante da cadeira 19, cujo patrono é Delarme Monteiro. Em 26 de dezembro de 2022, foi eleita Vice-Presidente da entidade. Idealizadora e organizadora do Projeto "Vozes Femininas – ACVPB". Também compõe o quadro de sócia efetiva da UBE-PB – União Brasileira de Escritores da Paraíba – desde 2021 e eleita Secretária Executiva em 12 de janeiro de 2022, associada ao Balaio Nordeste e atuou como curadora no Centro de Cordel e Culturas Populares da Paraíba, vinculado à Fundação Casa de José Américo.

Como atriz desde 1994, ganhou destaque no teatro paraibano e recebeu o prêmio de melhor atriz em 1997 no espetáculo "Duas bruxinhas muito mais", do grupo Os Comediantes do Rei. Também se destacou com o espetáculo Poetéia, na Mostra Paralela do IV FENART, em 1998 e por várias cidades do estado. Desde então suas declamações são dramatizadas de forma teatral; recebeu o prêmio de "Melhor Atriz" da I Mostra Estadual de Teatro para Crianças em 1997, promovida pela FUNESC e neste mesmo ano foi indicada como atriz revelação estadual. Declamando Zé da Luz, ganhou em 2º e 3º lugar no Concurso de Talentos, nos anos de 2009, 2008 e 2007, promovido na semana do servidos pela Prefeitura Municipal de João Pessoa.



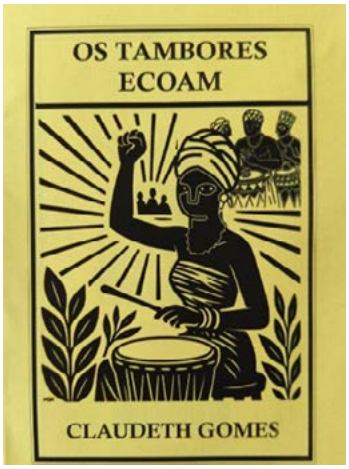
IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

A Mestra Claudeth Gomes é idealizadora e diretora dos Projetos "Descobrindo a Cidade" e "Santo(a) de Casa Faz Milagre: Paraíba, Sim Senhor!", que foram desenvolvidos de 1999 a 2021, junto aos alunos da Rede Estadual e das Redes Municipais de Cabedelo e João Pessoa, nas escolas em que já lecionou, estimulando a análise ampla, fundamentada e contextualizada na vida e obra de artistas paraibanos vivos, nascidos ou radicados na Paraíba, com o objetivo de fomentar a leitura e a escrita, além do diálogo com a comunidade escolar acerca das identidades culturais, combatendo preconceitos, oportunizando a ampliação das experiências culturais e artísticas dos educandos, a pesquisa e aproximação com o artista, assim como a descoberta de novos talentos, contribuindo para o desenvolvimento e enriquecimento intelectual e, desta forma, para a formação integral dos mesmos. Com estes projetos, foi premiada no Programa "Mestres da Educação" da Secretaria Estadual de Educação da Paraíba nos anos de 2012 a 2017 e ficou como semifinalista no XXII Prêmio Arte na Escola Cidadã.

E que a escola seja porta,
Mas para todo estudante.
Que o racismo não impere
Seu discurso degradante.
Educar é semear
Liberdade dominante.

[...]

E que ecoem os tambores
Bem do toque dos terreiros
Com o som dos atabaques
A conclamar os herdeiros.
Pois a música liberta
Os nossos povos guerreiros.



É ativista cultural na busca pelo fomento, (re)conhecimento e a valorização da riqueza do Patrimônio Histórico, Artístico, Cultural e Imaterial da Paraíba. Ministra cursos e oficinas literárias: arte da escrita e cordel desde 2012, atividade esta que se intensificou a partir de 2020.

É autora de diversos folhetos de cordel, com forte atuação na afirmação feminina na literatura de destaque popular, como o cordel "Vixe! Mas como tem Zé! É… mas também tem Maria".



E quem disse que não tem,
Em terra de tanto Zé,
Paraíba feminina,
Abundância de 'mulé'?
Tem muito cabrita forte:
Muita Maria José.

São tantas e talentosas
Que fazem da arte ofício.
Tiram sustento do barro
Trazem nas entranhas vício:
Pela raiz, tradição;
Dom, em nosso benefício.

[...]

Pra encerrar este cordel
E com muita calmaria:
Paraíba tem um 'mói';
Oxe! É em 'confraria"!
'Vixe'! Mas como tem Zé.
É... mas também tem Maria.

CLAUDETE GOMES - RAÍZES EM VERSOS QUE ENTOAM LIBERDADE



Para a Mestra Claudeth, a Coletânea "Raízes em Versos que Entoam Liberdade" nasce como um gesto de afirmação, memória e resistência, reunindo cinco Cordéis que dialogam com a Lei 10.639/2003. Nesta obra, cada poema busca cumprir com leveza, rigor poético e compromisso ético, aquilo que a lei propõe: reconhecer, valorizar e difundir as contribuições dos povos africanos e afro-brasileiros; ao mesmo tempo em que combate o racismo, a intolerância religiosa e fortalece a identidade negra.



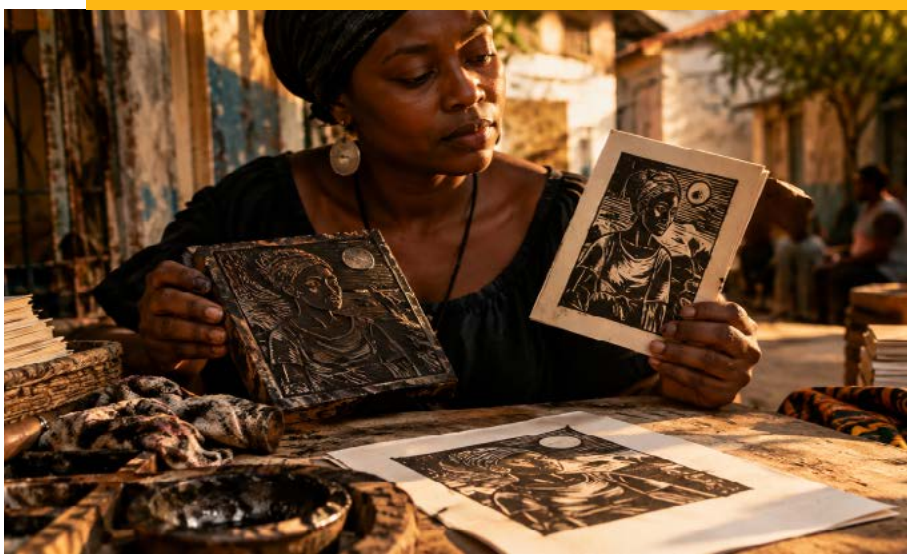


IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

A cultura é instrumento:
É tambor, canto e poesia;
É capoeira girando;
O batuque e a melodia.
Quem conhece sua origem
Nunca perde a autonomia.



Começamos com respeito
Saudando cada encantado.
Cada orixá, um enredo
De axé vivo, bem firmado.
São forças da natureza
Guardam nossa realeza,
Que do povo é legado.

IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"





IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 26/09/2026"

Na antologia Cordel do encanto feminino: coletânea de cordelistas nordestinas, organizada por Porcina Furtado , a Mestra Claudeth Gomes "considera que ser autora de literatura de cordel é uma marca de resistência", expressada em uma das estrofes do poema "Há gratidão pela vida!":

Mulher na literatura
"Inda" dá um alvoroço,
Somos carne de pescoço!
Envolvidas com cultura,
Com tanta desenvoltura...
Sim. Sei que sou atrevida.
E tem alguém que duvida?
Ser poeta tem poder,
Mas não tem por que esconder,
Há gratidão pela vida!

A Mestra Claudeth Gomes é também a representante do Coletivo Palmas. Um grupo de poetas, cordelistas, xilogravadores e repentista, ou seja, de detentores de saberes e fazeres e pesquisadores da cadeia produtiva do Cordel e das Poéticas da Oralidade, defensores da cultura nordestina, com o objetivo de defender e promover os direitos artísticos, difundir as produções artísticas e culturais, contribuir para a formação e qualificação, elaborar e apoiar projetos de cultura e tradição nordestina, fomentar, manter, preservar, valorizar e salvaguardar as obras e as memórias dos artistas.

Coletivo PALMAS

CLAUDETE GOMES: ACADÊMICA DA ACADEMIA DE CORDEL DO VALE DA PARAÍBA



ASSISTIR AO VÍDEO

BETH BALTAR

CONHEÇAM O SEU TRABALHO, VISITE SEU SITE
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

COLUNAS E COLUNISTAS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

POST NO SITE



CLAUDETH GOMES
Cordelista e Atriz

Coluna de CoRdEL

THE BARD em cordel

Por Claudeth Gomes

1
Nasceu de um sonho bonito
E sem ter fim lucrativo.
J. B. Wolf fundou
Plano colaborativo:
Fez da cultura missão,
Pôs arte em celebração
E a THE BARD é o ativo.

2
Com Poesia, Arte & Música
A revista floresceu
E foi em dois mil e vinte
Que tudo se assucedeu.
Wolf quis conectar
Quem cria ou quer aflorar
As artes que em nós nasceu.

3
E a revista veio ao mundo
Sem cobrar do seu leitor:
Criada por um poeta,
Também músico e escritor;
Que visou interação
Com ampla divulgação
Das artes e seu valor.

4
The Bard é multilíngue,
Multicultural, plural.
No caminhar, multiartística,
Com encontro universal:
Entre artistas e leitores,
Países e criadores;
Num diálogo real.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"



5
O projeto abriu caminhos.
Faz arte se espalhar,
Criando redes de apoio
Pra o artista compartilhar
Seus saberes, seus valores
Com o público e os autores:
Cultura a dialogar.

6
Diversas vozes se encontram
Neste espaço sempre aberto:
Todo artista nele cabe,
Pro pesquisador, é certo,
Pra mostrar a criação,
Publicar, divulgação.
Wolf é um cabra esperto!

7
Seu segundo grande intento:
Ensinar e provocar
Com temas contemporâneos
Pro leitor poder pensar.
Com um debate acessível,
Educativo e sensível,
Fazer saber circular.

8
No começo era mensal:
Setembro trouxe a primeira,
Outubro trouxe a sequência,
Novembro abriu a fronteira;
Dezembro, no mesmo ano,
Fechou o primeiro plano
Da jornada pioneira.



9
E a The Bard foi crescendo
E com muita inovação:
PDF interativo,
Virtual circulação;
Links, vídeos e caminhos,
Meios digitais são ninhos
Pras artes e informação.

10
E na primeira edição
Teve "O Bardo" como tema,
Com histórias, lenda antiga.
Sem se perder de seu lema,
Na segunda, "Atenas" brilha,
O "Partenon" compartilha
A "Grécia" e um forte sistema.

11
A terceira trouxe "A Arte
E a Música" a se encantar.
Já na quarta, "As Nove Musas
Das Artes" a celebrar.
Primeiro ano fechou,
Mas a The Bard traçou
Plano pra sempre avançar.

12
E no início foi mensal:
De setembro até dezembro;
Mas em dois mil e vinte e um,
Com novo ritmo: lembro;
A revista renovou
E o projeto se firmou,
Bimestral pra cada membro.

13
"O Livro Através do Tempo",
Tema da quinta edição;
Depois, "A Mulher e a Música"
Ganharam voz e expressão;
Na sétima, "A Arte e a Dança"
Compuseram a mudança
Da nova publicação.

14
Já a oitava trouxe "A Arte,"
Mas junto "a Literatura".
Os "Gêneros Literários",
Na nona, com estrutura,
Para décima ter partes,
Com "As Sete Belas Artes",
E ir celebrando a cultura.

15
Dois mil e vinte e dois veio
Com "A História" em evidência:
"Da Escultura, Do Cinema,
Fotografia"; em ciência.
Teve "Carlitos" em capa:
O olhar do Chaplin, um tapa;
Traz memória e referência!

16
Também teve "A Arte e o Egito",
O "Poema e a Poesia",
Sem se esquecer do "Poeta".
Então, das mãos de "Alegria",
"Mãe África – Cultura e Arte"
Também configuram parte,
Trazendo grande euforia.

17
Mas na edição dezesseis,
"Para Além da Arquitetura",
"A Primeira Bela Arte",
Posta nesta conjuntura,
Trouxe um grande fechamento:
Ano em desenvolvimento
Para The Bard em feitura.

18
E vinte e três foi chegando.
"A Evolução das Histórias
Em Quadrinhos" conduziu
Os caminhos, trajetórias,
"Do Teatro", e, também, "Lendas:
O Bardo"; não teve fendas,
Fortaleceu as memórias.

19
E "O Folclore Brasileiro"
Ganhou, sim, publicação:
Mitos, lendas e costumes
Povoaram a edição.
E, à moda "Brasileira",
"A Literatura", inteira,
Valorizou a nação.

20
E na edição vinte e dois
Veio "A Arte e a Inteligência",
Mas sendo "Artificial":
Tema que pediu prudência.
Mas com ampla dimensão,
The Bard abriu discussão,
Pro leitor ter consciência.

21
Em dois mil e vinte e quatro
Foi "A História da Pintura".
Com Mona Lisa na frente,
Convidando pra leitura.
Pois isto, vindo em primeiro,
Deu destaque verdadeiro
Para embarcar na aventura.

22
"O Papel da Cor na Arte"
E "A Cultura Milenar",
Seja "Chinesa", "Africana",
É tanto pra se mostrar...
"Mosaico de Tradição,
Costumes, Riqueza", ação,
"Culturas" a revelar.

23
"Cartas que Moldaram Laços"
Vieram, depois, contar
As "Memórias" preservadas
Pela "História Epistolar".
E no final deste ano,
"Natal" reuniu o humano
Das culturas a o louvar.

24
Já dois mil e vinte e cinco:
"Museus Pelo Mundo" afora.
E "O Papel Desses Espaços"
Abre reflexão que aflora,
Também, pras "Vozes Eternas:
A Ópera"; com lucernas
Pra iluminar nosso agora.

25
"Páginas de Pedra" foi
Nos narrar todo legado
Das "Grandes Bibliotecas",
Sempre com muito cuidado.
E "Sob os Ventos do Norte":
"A Arte Nórdica", forte;
Também foi bem editado.

26
Mas "Entre os Tons do Nordeste",
Com "Olhares do Sertão";
Bem na edição trinta e três
Ganhou, sim, contemplação.
E fechando o ano, "O Amor",
Arte de todo esplendor,
É "Fonte de Inspiração".



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tânia Lavínia. Criada em 29/09/2026"

27
Quando "O Amor" chegou às páginas,
Ele nos fez perceber:
"Arte de Todas as Artes",
Faz a "Humanidade" ver;
Que amar também é criar,
"Moldar o Comunicar",
É forma de se viver.

28
E então chegou vinte e seis
Com "Memória Popular",
"Passadas Pelos Festejos",
E os "Tempos" a preservar...
"Por viagem: a Expressão
"De Chronos, Kairos e", então,
"Aion" a coabitar.

29
Assim, "No Espírito Humano",
Trouxe "Os Tempos" à questão.
Mas a edição trinta e seis
O trouxe pra reflexão:
Três modos de percebê-lo,
Pra podermos compreendê-lo
Do âmago e criação.

30
E na edição trinta e sete:
"Do Silêncio pra Impressão";
"Papel da Tipografia
Na Democratização".
E é preciso dizer:
Cordel também fez crescer,
No Brasil, a "Informação".

31
Mas já na edição seguinte
Nos trouxe "O Esvaziamento
Da Palavra neste Século",
Bem, deste atual momento:
De tanta "Hiperconexão",
"Quando Falar Já é Não
Dizer" com bom fundamento.

32
Mas depois veio a leveza
Nos trazendo "Infância, Escola",
Com muita "Imaginação"
E "A Formação" que extrapola
Pois, "Desde os Primeiros Anos",
Cultura forma os humanos
Com tradição na cachola.

33
Chegou a edição quarenta
Propondo um novo pensar,
Trazendo "Imagens que Salvam
A Humanidade", ao contar
Com "Dinâmicas" reais,
"Artístico-Culturais":
Um tema a nos provocar.

34
The Bard tem conteúdo!
Cada qual com seu lugar:
Cinema, conto e poemas,
São artes pra contemplar.
Cordel, crônica e resenha,
Livro, pinturas e tenha
Pra onde o leitor viajar.

35
Por toda história das artes,
Mitologias e além.
"Liter'Alma" traz sentido
E a poesia também.
É tanta diversidade,
Com acessibilidade,
E artistas que veem e vêm.

36
São quarenta edições feitas,
Em seis anos de labor.
Cento e dezessete pátrias
Que espalham seu esplendor.
The Bard: ponte e caminho,
Onde a arte tem seu ninho,
Encontro, saber e amor.

37
Na revista que se fez:
Arte, história, tradição;
Os costumes e os olhares
Ganham nova dimensão.
Tá em cinco continentes
O que nos deixa contentes,
Com mais vozes e união.

38
E assim caminha The Bard,
Sempre pronta a renovar,
Mostrando a pluralidade
Das artes pra contemplar;
E a cada nova edição
Faz de tal publicação
Um convite a imaginar.

Estrutura
Título: THE BARD em cordel
Autora: Claudeth Gomes
Capa: Claudeth Gomes
Estrutura Poética: 38 septilhas em redondilha maior; 266 versos heptassílabos
1ª Edição



Imagem de arquivo pessoal - Claudeth Gomes

INSTAGRAM
POST NO SITE
COLUNAS E COLUNISTAS

COLUNA

Vai um livro aí?

Resenhas

12



ARELY SOARES

Arely Soares Reis, professora de Língua Portuguesa e Inglesa, é uma profissional de atuação versátil. Natural de Caxias (Maranhão), ela se destaca como escritora, revisora e tradutora. Autora da obra Re-tratos Poéticos, Arely utiliza o pseudônimo "Menina Poetisa" para disseminar seus poemas nas mídias sociais. Apaixonada por leitura, com especial apreço por romances clássicos, e por arte, ela complementa sua produção literária, que se estende a colaborações em antologias, revistas e canais digitais.

Quando as Histórias nos encontram



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK.AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/09/2026"

Olá, queridos leitores! Sejam bem-vindos à 40ª edição da Revista Internacional The Bard e a mais uma imersão entre folhas e histórias na coluna "Vai um livro aí?".

Como foi incrível trilharmos juntos essa caminhada literária e chegarmos até aqui, não é mesmo? Uma trajetória repleta de descobertas e páginas compartilhadas ao longo deste ano.

Convido-os a viver mais um capítulo de experiências que acrescentarão ao seu repertório intelectual. Este ano pode estar finalizando, todavia, não paramos por aqui; este ciclo se fechará com mentes iluminadas e corações cada vez mais abertos às boas narrativas.

Para inaugurar este momento, selecionamos um título com clima de final de ano, chocolate quente e sofá aconchegante: o romance comovente "Meus Dias com Você", de Clare Swatman. É um livro irresistível e de tirar o fôlego! A autora aborda o amor sob uma perspectiva profunda e provocadora.

E, para concluir, acredito que a maioria já tenha ouvido falar de Nicholas Sparks quando a referência é "Querido John" ou "Diário de uma Paixão". Pois bem, seguindo a trajetória do autor, apresento-lhes "Dois a Dois", mais uma criação que conquistou leitores pelo mundo todo. Com mais de cem milhões de exemplares vendidos, é uma história que faz rir e chorar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GROK-AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/09/2026

Antes que caminhemos para conhecer esses livros magníficos...

Agradeço a cada leitor que acompanha a nossa coluna e consegue sentir a profundidade de cada palavra.

Que fechemos este ano com luzes de felicidade, brindes de alegria, paz no coração e muito amor.

Vamos esperar juntos por um próximo Feliz Natal e Ano Novo.

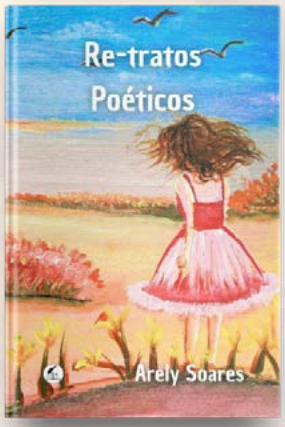
Com a nossa coluna "Vai um livro aí?", estamos criando uma ponte para que suas obras cheguem a leitores espalhados pelo mundo. É a chance de ver seus livros ganhando visibilidade e integrando uma rede literária internacional. Para fazer parte, é só nos enviar um exemplar da sua obra e acompanhar a revista em nossas redes sociais.

Nossa colunista definirá a melhor ocasião para apresentar seu livro. Será uma excelente forma de promover seu trabalho e criar laços com um público de diferentes países.

Mais do que uma simples divulgação, esta é a oportunidade de integrar um projeto maior, um intercâmbio literário que atravessa fronteiras.

Lembrem-se: cada livro é único, assim como cada autor. Estamos ansiosos para descobrir a magia das suas palavras e compartilhá-la com o mundo.

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

INSTAGRAM

POST NO SITE

LIVRO: MEUS DIAS COM VOCÊ

AUTORA: CLARE SWATMAN



CLICK AQUI

Se você tivesse o poder de mudar o destino... será que tentaria? Viver é um grande desafio, pois nunca sabemos quanto tempo temos para tomar uma decisão e fazer o que é certo.

A autora Clare Swatman, em seu livro arrebatador "Meus Dias com Você", nos traz essa indagação: Será que é tarde demais para mudar o rumo das coisas?

Vamos pensar juntos, leitor!

Esta narrativa possui um toque envolvente do início ao fim, pois desde as primeiras páginas já nos deparamos com um conflito extremamente doloroso. Os personagens principais são Ed e Zoe, um casal que vive dilemas profundos e se depara com um acontecimento no casamento que transformará toda a história.

É isso mesmo! Acompanhar esta trama nos dá a sensação de que o óbvio vai acontecer, como naquelas histórias de amor em que a mocinha e o Don Juan brigam e, logo após, fazem as pazes, selando seu final feliz. Mas não é bem por aí que a trama caminha!

São muitas reviravoltas; então, é preciso respirar fundo e se concentrar em cada linha.

Ed e Zoe enfrentam juntos o mais impactante acontecimento que pode haver em uma união. Não posso dar spoiler, porque a cereja do bolo fica reservada para o encerramento.

Garanto-lhes que o texto nos prende até o último suspiro — e pode esperar: você vai ficar em choque com o desfecho!

As temáticas abordadas dentro dessa escrita confiante e única são: amor, perda, arrependimento e redenção.

Acredito muito que este final de ano pede que você leia uma história tão provocadora e emocionante.

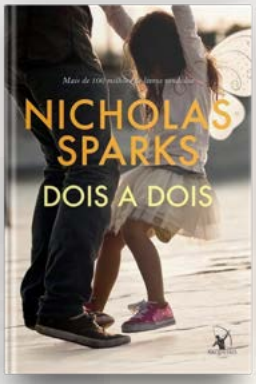
Prepare o chocolate quente, pegue os biscoitos e vá ao encontro desta leitura.

Se você é fã de "Um Dia", de David Nicholls, este livro vai te encantar muito além do que imagina.

POST NO SITE

LIVRO: DOIS A DOIS

AUTOR: NICHOLAS SPARKS



CLICK AQUI

Quem se preocupa com a vida quando tudo está indo bem e a rotina parece perfeita?

Nesta obra, o autor destaca a temática do amor de uma forma diferente, pois é uma história que fala sobre a entrega incondicional de um pai diante dos momentos mais difíceis da caminhada.

O personagem principal, Russell Green, inicialmente tem uma vida maravilhosa, um emprego dos sonhos e uma esposa amorosa que se dedica à filha, London. Mas, em pouco tempo, a realidade muda impiedosamente: ele perde o trabalho e vê o seu casamento desmoronar.

É um romance em que o protagonista terá que se reinventar profissional e emocionalmente para tentar sobreviver. Quando sua esposa toma outro rumo, ele se transforma em pura resiliência paternal para reconstruir sua jornada ao lado da pequena London.

É um enredo que desperta muito a nossa atenção para a responsabilidade masculina e para as questões familiares que, muitas vezes, são banalizadas socialmente.

Ao acompanhar este livro, querido leitor, iremos nos emocionar com esse amor incondicional de um pai para com sua filha de seis anos. A reflexão virá à tona no coração de cada um de vocês: é possível vencer na vida quando ela própria nos dá mais espinhos do que flores?

Cada página do texto é um convite para aprofundarmos nossas emoções, pensamentos e refletirmos sobre o que realmente faz sentido na nossa alma.

Os temas presentes são: crises no casamento, força interior, amor paternal, dificuldades e superações.

Estimado leitor, não fique apenas pensando em ler esta história... vai de encontro com esse livro e se surpreenda!

Abraços literários! Até breve!

POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS

06



MIA KODA

Psicanalista, poetisa, espiritualista, escritora e criadora de conteúdo digital. Autora de seis obras, sendo "Rios Internos – Deixe sua essência fluir" sua publicação mais recente. Defensora da causa animal, destina parte dos direitos autorais para abrigos que resgatam animais abandonados. Membro da FEBACLA – Federação Brasileira dos Acadêmicos das Ciências, Letras e Artes – e vice-presidente da APL – Academia Penapolense de Letras. Redatora digital e colunista da Revista Internacional The Bard.

UMA PROVA DE MATEMÁTICA - O QUE O TEMPO NOS FAZ ESQUECER SOBRE NÓS

Esta edição da Liter'Alma nasceu de uma lembrança vivida há trinta anos, numa época em que eu era apenas uma adolescente com poucas certezas, muitos sonhos e algumas poucas amizades. Uma época que parece distante, mas que, de repente, voltou a existir por alguns minutos na memória de uma amiga.

Outro dia, Paulinha me encontrou nas redes sociais. Enquanto conversávamos sobre a vida, os caminhos que tomamos e tudo aquilo que aconteceu desde os anos do ensino fundamental, ela me fez uma pergunta inesperada:

— Mia, você lembra da prova de matemática?

Eu não lembrava.

Paulinha, sim.

Ela, então, começou a me contar que eu era muito boa em matemática, que costumava ensiná-la e que sempre tirava boas notas.

Naquela ocasião em especial, passei dias tentando explicar para Paulinha a matéria daquela prova, repetindo os cálculos, mostrando o raciocínio de diferentes maneiras, até perceber que, por mais que tentasse, ela não conseguia entender. No dia da prova, fiz a minha e, depois, numa decisão que hoje reconheço como uma pequena transgressão da adolescência, troquei minha folha pela dela e fiz a prova de Paulinha também. No fim, nós duas tiramos uma boa nota.

Décadas depois, foi ela quem me contou essa história, porque eu já não me lembrava dela — nem de que, naquela época, matemática era uma das coisas que eu sabia fazer bem.

E foi justamente essa diferença entre o que eu havia esquecido e o que ela ainda guardava que deu origem a esta reflexão.

No entanto, esta não é apenas uma história sobre trapacear em uma prova. Embora, admito, a história tenha começado exatamente aí.

É uma história sobre aquilo que o tempo apaga da nossa memória, sobre as amizades que ficaram espalhadas pelos anos e, principalmente, sobre as partes de nós mesmos que deixamos para trás sem perceber.

A vida é assim, enquanto seguimos criando novas memórias, também vamos nos esquecendo das antigas.

Esquecemos quem fomos, o que sabíamos fazer, os sonhos que tivemos, as pessoas que nos acompanharam e até os pequenos gestos que foram importantes para alguém.

Às vezes, precisamos que outra pessoa nos conte uma história sobre nós para perceber que houve uma versão nossa que ainda merece ser lembrada.

Foi isso que aquela pergunta fez comigo.

Uma simples pergunta sobre uma prova de matemática me devolveu uma parte da minha própria história.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

CADERNO DE RECOMEÇOS

Deixe eu contar um pouco mais sobre a Paulinha.

Ela não foi apenas a menina que um dia me pediu ajuda com uma prova de matemática. Ela fez parte de uma fase muito importante da minha vida: a adolescência, aquele período estranho entre a menina que ainda somos e a mulher que ainda não sabemos se conseguiremos ser, quando estamos confusas e cheias de ilusões.

Passei muitas tardes na casa dela. Estudávamos juntas, conversávamos sobre a vida, fazíamos planos e inventávamos futuros que pareciam muito mais simples quando cabiam nas nossas conversas de adolescentes. Havia uma intimidade própria das amizades daquela idade, quando ainda não sabemos que algumas pessoas que parecem permanentes podem, um dia, desaparecer completamente da nossa rotina.

Nossa amizade se perdeu no movimento da vida.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

Meu pai mudava muito de cidade, e cada mudança significava deixar para trás lugares, colegas, escolas e pessoas que haviam se tornado importantes. Mas essa é uma história para outro dia.

Naquela época, não havia redes sociais para manter alguém por perto. Não existia WhatsApp, Instagram, Facebook ou qualquer outra janela pela qual pudéssemos acompanhar a vida de quem ficou distante. Ninguém carregava um celular no bolso. Não havia fotografias diárias, mensagens instantâneas, aniversários lembrados por notificações ou aquela sensação de que, mesmo longe, sabemos o que está acontecendo com alguém.

Quando uma amizade se afastava, ela simplesmente podia desaparecer. E muitas desapareceram.

Por isso, quando Paulinha entrou em contato naquele dia, senti algo raro na minha história de vida, pois ela havia procurado por mim e me encontrado. Quantas vezes na vida somos tão relevantes na vida de alguém a ponto desta pessoa, após 30 anos sem contato, ainda procurar por nós? Não sei com você, mas minha experiência diz que algo assim é muito especial.

Talvez ela não soubesse o que isso significaria para mim. Não era apenas uma antiga colega aparecendo novamente nas redes sociais. Era alguém que carregava dentro da própria memória uma parte da minha adolescência que eu havia deixado em algum lugar do passado.

Ela lembrava das tardes na sua casa, dos estudos para as provas, de coisas que eu já não lembrava.

E eu fiquei muito feliz por isso.

Não apenas porque reencontrei uma amiga, mas porque descobri que aquela amizade havia existido de verdade de um jeito que o tempo não conseguiu apagar completamente.



Há pessoas que passam pela nossa vida e ficam. Não necessariamente porque continuam presentes, mas porque alguma coisa delas permanece em nós.

Paulinha me devolveu uma dessas tardes.

Por alguns minutos, a adolescente que eu fui deixou de ser uma fotografia antiga e voltou a ter voz, planos, amigas, provas de matemática e tardes inteiras pela frente.

Isso me faz pensar que alguns reencontros não aconteçam para recuperar o tempo perdido, mas para nos lembrar de que o tempo não levou tudo.

Algumas pessoas continuaram guardadas em nós. E, de vez em quando, uma delas aparece para dizer: "Eu ainda me lembro de você."

Que presente é descobrir que alguém, em algum lugar, se lembrou.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

CARTOGRAFIA DA ALMA

Quem somos nós, afinal?

Parece uma pergunta simples, mas basta tentar respondê-la para perceber que não somos feitos de uma única coisa. Somos aquilo que vivemos, aquilo que escolhemos, aquilo que perdemos, aquilo que aprendemos, as pessoas que amamos, os lugares onde estivemos e também as histórias que contamos sobre tudo isso.

O filósofo francês Paul Ricoeur dedicou parte importante de sua obra justamente à questão da identidade, da memória, da narrativa e do esquecimento. Para ele, não compreendemos quem somos como quem consulta uma ficha com informações permanentes sobre nossa personalidade. Nossa identidade é construída e reconstruída por meio das histórias que contamos sobre nossa própria existência.

Em O Si-Mesmo como Outro, Ricoeur desenvolve o conceito de Identidade Narrativa. A ideia central é que compreendemos quem somos através da narrativa que reúne acontecimentos, ações, relações e mudanças ao longo do tempo. A identidade, nesse sentido, não é uma fotografia imóvel, mas algo que pode ser interpretado à medida que nossa história se desenrola.

Isso muda a maneira de olhar para a memória.

Porque, se nossa identidade também depende das histórias que contamos sobre nós, o que acontece quando algumas dessas histórias desaparecem?

IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"





IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

Foi exatamente isso que aconteceu comigo diante de uma situação simples: permanecer na memória de alguém, por décadas, por algo que eu mesma já não recordava.

Depois dessa conversa com a Paulinha, percebi algo que vai muito além de uma lembrança escolar. Eu havia perdido uma pequena parte da narrativa da minha própria vida, mas ela continuava existindo na memória de outra pessoa.

Ricoeur nos ajuda a entender que nossa identidade não é algo parado no tempo. Nós mudamos, amadurecemos, aprendemos, perdemos e recomeçamos, mas continuamos reconhecendo uma ligação entre quem fomos e quem somos hoje. Não precisamos ser iguais à pessoa que éramos anos atrás para continuar sendo nós mesmos. A nossa identidade também está na história que une todas essas versões de nós ao longo do tempo.

Eu não sou mais aquela menina, mas reconheço nela algo que ainda vive em mim: o desejo de ajudar com o meu conhecimento aqueles que de alguma forma precisam.

Quando Paulinha relembrou nossa amizade, ela não estava apenas recuperando um episódio antigo. Estava oferecendo um testemunho sobre quem eu havia sido no passado.

E o reconhecimento é uma palavra importante para esta história. Porque, naquele momento, eu não apenas lembrei de uma prova, eu reconheci uma parte de mim. Ou, para ser mais precisa, fui reconhecida através da lembrança de outra pessoa.

Quando Paulinha disse: "Você era boa em matemática." E, embora essa afirmação fosse sobre uma habilidade, que eu mesma nunca creditei ter tido, ela carregava algo maior.

Ela dizia, de alguma maneira: "Eu me lembro de você."

Nós não construímos nossas histórias completamente sozinhos. Nossa vida também é feita de encontros, de pessoas que chegam, permanecem por algum tempo e acabam deixando marcas que nem sempre percebemos enquanto estamos vivendo.

Há acontecimentos que só podem ser lembrados porque alguém estava lá. Há versões nossas que continuam existindo na memória de quem compartilhou conosco determinado período da vida.

Muitas pessoas foram capítulos importantes da nossa história e hoje já não sabemos onde estão. Algumas amizades se perderam com as mudanças de cidade, de escola, de trabalho ou de rotina. A vida seguiu, os caminhos se afastaram e o contato desapareceu, mas aquelas pessoas continuam fazendo parte de quem fomos.

E, quando uma amizade termina ou simplesmente se perde no tempo, não levamos apenas a saudade de quem ficou para trás; levamos também a versão de nós mesmos que existiu ao lado daquela pessoa.

CRIAR-SE

Seja a Paulinha de alguém.

Pense em uma pessoa que fez parte da sua vida e que, por algum motivo, acabou ficando distante. Pode ser uma amiga da adolescência, uma professora, uma colega de trabalho, um vizinho ou alguém que esteve ao seu lado em um momento importante.

Agora pergunte-se: o que eu ainda me lembro sobre essa pessoa?

Recorde de uma qualidade, uma gentileza, uma conversa, uma tarde, um talento que só ela tinha ou alguma coisa que ela fez por você e que permaneceu na sua memória.

Depois, procure essa pessoa. Não precisa preparar um grande discurso, apenas uma mensagem simples e sincera é suficiente.

"Hoje lembrei de você e de uma coisa que talvez você nem imagine que eu ainda guarde na memória..."

Diga o que aquela pessoa significou naquele momento da sua vida, que talvez ela nem se lembre. Ofereça uma boa lembrança.

Acredite, há pessoas que passam pela nossa vida sem saber que deixaram marcas bonitas. E, de vez em quando, alguém precisa voltar para dizer: "Eu me lembro de você. E aquilo que você fez teve importância."

Hoje, seja você essa pessoa.

> *Às vezes, um simples gesto de lembrar e agradecer a alguém pelo bem que nos fez é capaz de reacender a beleza de um momento e mostrar que nenhuma gentileza verdadeira passa pela vida sem deixar marcas.*



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

ALMA EM VERSOS

A Um Amigo (*Trecho*)- Machado de Assis (1839-1908)

A amizade é uma virtude
Que as almas nobres possuem,
Que os corações sinceros sentem
E as grandes mentes traduzem.
É o laço que nos une,
Na alegria e na dor,
É o farol que nos guia,
Com seu puro resplendor.

Meus Oito Anos (*Trecho*)- Casimiro de Abreu (1839-1860)

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Quem me dera que eu tivesse
As asas do passarinho
Para voar no espaço
E ir buscar o passado
Que já não volta mais!



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

HISTÓRIAS QUE ESCOLHO

Conta Comigo (Stand by Me, 1986) é daqueles filmes que fazem a gente olhar para uma amizade antiga com um pouco mais de ternura.

A história acompanha quatro amigos adolescentes que saem juntos em uma pequena aventura, sem imaginar que aqueles dias ficarão guardados para sempre como algumas das lembranças mais importantes de suas vidas. Anos depois, já adulto, um deles volta à memória daquele tempo e das pessoas que fizeram parte dele.

E talvez seja justamente isso que torne o filme tão especial. Crescer não significa deixar de ser quem fomos. A criança ou o adolescente que um dia riu ao nosso lado continua fazendo parte da pessoa que nos tornamos. Assim como continuam fazendo parte de nós as pessoas que conheceram versões nossas que já não conseguimos lembrar tão bem.

Assista com uma pergunta em mente: quem são as pessoas que fizeram parte de uma versão sua que você quase esqueceu?

ENTRE LINHAS

Há pessoas que passam pela nossa vida e levam consigo uma parte de quem fomos. Não porque nos roubem alguma coisa, mas porque algumas versões de nós só existiram ao lado delas. O tempo passa, as cidades mudam, as amizades se afastam e, pouco a pouco, esquecemos detalhes de quem éramos.

Até que alguém reaparece e nos conta uma história que já não lembrávamos.

Foi isso que aconteceu comigo quando Paulinha perguntou sobre a prova de matemática. Enquanto ela se lembrava de uma adolescente que eu havia esquecido, percebi que nossa história não vive apenas naquilo que conseguimos guardar na própria memória. Ela também vive nas pessoas que caminharam conosco.

Talvez seja por isso que alguns reencontros sejam tão especiais: eles não trazem apenas alguém de volta, trazem de volta uma parte de nós.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"





IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 27/09/2026"

ESSENTIA

Existem memórias que o tempo leva de nós, mas deixa guardadas em outras pessoas. Um dia, sem aviso, alguém pode nos devolver uma delas e, junto com a lembrança, uma pequena parte de quem fomos.

Que a vida também nos ensine a guardar com carinho as pessoas e as histórias que passaram por nós.

Se esta reflexão encontrou uma lembrança sua, compartilhe comigo nos comentários do Instagram @miakodaoficial.

Com carinho,

Mia Koda

LIVROS DA AUTORA



COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

POST NO SITE



MÁRCIA NEVES

Márcia Neves é graduada em Letras pela Unisantos, pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Unisanta e pós-graduanda em Psicologia Educacional; baiana de origem, vicentina e santista de coração. Mamãe do Yohan, amante das letras e da poesia, defensora da educação. Autora dos livros "Grades de Liberdade"/poesias, "Poesia - o lugar encantado das crianças"/conto infantojuvenil, "Bucólicos"/haikais, "Xii ka ka - entre silêncios e gargalhadas"/conto infantojuvenil, "Ninguém ronca mais que eu"/infantil e "Telúricos"/haikais. Com participação em diversas antologias poéticas e revistas literárias; coautora nos Fanzines "Korja Sacrílega" e "Semeaduras de lume, para noites trsngressoras".

Memória para além de arquivos - a imagem que desperta o olhar para o futuro

Estimados leitores,

É chegada a última edição do ano da Coluna Nossa Literatura – virtudes poéticas na Revista Internacional The Bard. Convido-os a um diálogo comigo, acerca do que vemos e do que pode ocupar o nosso olhar.

Nesta 40ª edição, cuja temática nos convida a pensar e a ver pela ótica da complexidade, pensar o mundo enquanto imagem exige que nós, também, estejamos nela.

Acredito na sensibilidade com a qual percebemos o mundo. Assim como acredito na indignação que nos leva além do que nele percebemos. Entender nossas complexidades pelo que enxergamos, talvez seja um caminho para o reconhecimento e a identificação de nós mesmos. E talvez, seja isso essencial para o discernimento dos recortes "amplos" que queremos ao alcance de nossos olhos.

De fato, faço um convite ao mergulho das palavras. E nessa imersão cada um de nós fica responsável por revelar a sua imagem.

Reitero a minha alegria por trazer nesse espaço algumas impressões e pensamentos das imagens que tento construir ao longo da vida e pela liberdade e lugar de fala que a literatura me permite. Reforço também meus agradecimentos especiais a todos que me leem e à equipe editorial da The Bard.

Festivo abraço,

Márcia Neves | colunista



"O mundo é grande e cabe
Nesta janela sobre o mar..."
(Carlos Drummond de Andrade)



IMAGENS GERADAS POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/10/2026"

Guardar imagens é cuidar para que o futuro tenha lembranças de um passado edificante. E fazemos isso desde a construção de nossa história, familiar, social, histórica, etc. O caminho é o tempo. É ele quem se encarrega de nos fazer construir um enredo no presente, de encontro com o passado e o futuro. Fotografias sempre foram cruciais nesse processo. E o que fotógrafos, historiadores e pesquisadores fazem é captar instantes que ditam memórias para sempre. Memórias essas que, externamente, abrem nossos olhos para vê-las, mas é a consciência do que vemos que nos leva a perceber e a permanecer naquilo que enxergamos, compreender suas consequências e atuar com a beleza e a realidade do que está ao alcance, também, de uma história que faça sentido, sem que, para isso, precisemos fechar os olhos, nem transformar imagens em espetáculos, tampouco, em simplesmente, especulações e fantasias.

Toda imagem tem a sua ótica, o seu enquadramento. Primeiramente, de quem a capta; depois, de quem a observa. Não se trata, portanto, da materialização de um olhar. Tem a ver com a capacidade de enxergar por entre lentes, reflexos e em dimensões e configurações distintas, íntimas e individuais. Isso significa que ver não é o mesmo que compreender. Por isso, trago nesse artigo algumas reflexões que possam, de alguma forma, nos conectar.

Há imagens e imagens, inclusive "que salvam a humanidade". Nesse contexto, entretanto, apresento universalmente a principal. A consciência é a imagem com maior capacidade de orientação e discernimento do nosso olhar para o futuro. E destaco-a, ainda, como arte primorosa, dessas que se apresentam e ensinam reconhecimento e constroem identificação. Uma fotografia, um vídeo, uma pintura, qualquer registro pode impactar nossos olhos, mas só a consciência do que "decidimos" ver é que pode nos revelar alguma coisa.

Quando se trata de humanidade, já há em nós uma imagem panorâmica, reveladora de nossas percepções de mundo, cada um com seus experimentos. Experiências essas que se transformam em memórias, em entendimento do tempo, testemunho de realidades, mobilização de mudanças, isto é, capacidades de agir com responsabilidade, em torno de si e das histórias que o mundo vai revelando. Preservar memórias, no entanto, ultrapassa ângulos. **Encapsular instantes vai além de materializar o tempo.** Quando um olhar se torna capaz de despertar a consciência, é essa imagem construída que vai salvar a humanidade, decerto.

Obviamente, há seres que escolhem o que querem ver, bem como há registros com intenções delimitadas, é que para tudo o que fazemos, deve haver planejamento. Assim como o meu desejo aqui é que notemos a capacidade interna que possuímos de revelar o mundo do qual fazemos parte. Ao tornar uma realidade visível, podemos despertar em nós e no outro, questionamentos e busca incessante por respostas. Quero dizer que **só a consciência reconhece os limites de nosso olhar e dimensiona nossas memórias.**



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/10/2026"

Imagens que salvam a humanidade exigem de nós muito mais do que encontrar um ângulo perfeito. Não são estáticas, nem permanentes. Transformam-se enquanto desenham o mundo, sem reduzir pessoas a números, a símbolos, por exemplo. Penso que a consciência nos oferece uma visão adjacente à vida, tal qual ela é. A qual consiste em reconhecer a realidade em sua diversidade com respeito e capacidade de agir no mundo. Imagens que salvam o mundo são complexas, de fato. Sem indignação nem sensibilidade pode ser que não as vejamos. Pode ser que, ao vê-las, queiramos saber o que não coube no enquadramento, muito mais do que o que ali foi registrado. Isso porque, muitas vezes, o que fazer com as percepções do que vemos torna-se mais valioso do que a captura em si.

A consciência, de fato, é a imagem interior que nos alerta de que tudo o que nossos olhos captam importa para a humanidade. É a forma de reconhecer que o que vemos faz parte de nós e nos envolve. É a memória a que devemos recorrer sempre que precisamos revisitar o tempo para o entender em seu decurso. **Enxergar o mundo com consciência talvez seja a imagem ideal para salvar a humanidade.**



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/10/2026"

IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/10/2026"



Possivelmente, vocês devem estar se questionando sobre o que essas reflexões têm a ver com poesia. E eu lhes respondo: a poesia tem o poder de mostrar. Só ela é capaz de se camuflar nas palavras para revelar o mundo em todas as suas dimensões. A poesia está em todas as coisas, e para vê-la, basta abrir os olhos. Assim, vendo-a, a literatura se compraz no mundo. E nós? Nós buscamos poesia para todos os assuntos, principalmente aqueles que desencorajam o povo de falar. E sabe por que isso acontece? Porque a poesia é a consciência das coisas inexpressivas, e por si só, sempre dá conta de dar o recado.

"*A consciência é a voz da alma, as paixões são a voz do corpo.* "
(Jean-Jacques Rousseau)

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard



Clique aqui



Clique aqui



Clique aqui

MÁRCIA NEVES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO, VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

COLUNAS E COLUNISTAS

SITE

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE

A LÍNGUA EM MOVIMENTO
COLUNA

REDAÇÃO THE BARD

A Revista The Bard é uma iniciativa multicultural, multilinguística e multiartística dedicada à arte, literatura e cultura. Promove visibilidade a escritores e artistas, conectando suas obras a leitores no Brasil e no mundo.

O direito de entender

Como a linguagem das leis, dos contratos e dos serviços públicos pode aproximar o cidadão de seus direitos ou transformá-los em obstáculos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

O envelope chega no fim da tarde. No canto superior, o nome de uma instituição pública. Dentro, algumas páginas com números de processo, referências legais, prazos e palavras que parecem conhecidas, mas não explicam o essencial.

É preciso comparecer? Enviar documentos? Pagar uma taxa? Apresentar um recurso? O pedido foi negado ou ainda está sendo analisado?

A pessoa relê o documento. Procura uma orientação direta, uma frase que diga exatamente o que deve fazer. Encontra, porém, um texto formal, cheio de expressões técnicas e referências cruzadas. A informação foi entregue. A compreensão, nem sempre.

Essa situação é mais comum do que parece. A relação entre cidadãos, empresas e instituições públicas acontece diariamente por meio de leis, contratos, formulários, decisões judiciais, editais, notificações e páginas na internet. Esses textos estabelecem direitos, impõem obrigações, informam prazos e orientam procedimentos.

Quando são claros, ajudam as pessoas a agir. Quando são excessivamente complexos, podem transformar um direito em uma barreira.

A discussão sobre linguagem simples, portanto, não é apenas uma questão de estilo. Ela envolve cidadania, transparência, acesso à Justiça, inclusão e participação social.

A língua que organiza a vida pública

A cidadania costuma ser associada ao voto, à participação política e ao pertencimento a uma comunidade. Mas ela também está presente em ações cotidianas: solicitar um documento, matricular uma criança na escola, contestar uma cobrança, pedir atendimento médico, acompanhar um processo ou recorrer de uma decisão.

Todas essas ações dependem, em alguma medida, da compreensão.

O cidadão precisa saber onde fazer um pedido, quais documentos apresentar, qual prazo cumprir e o que acontecerá depois. Também precisa distinguir uma cobrança de uma notificação, uma decisão definitiva de uma decisão provisória e uma obrigação de uma simples recomendação.

A linguagem está no centro dessas relações. Uma pessoa pode ter formalmente determinado direito, mas encontrar dificuldades concretas para exercê-lo se não compreender as instruções relacionadas a ele.

Isso não significa que toda questão jurídica possa ser reduzida a frases curtas ou explicada sem conhecimento especializado. Existem situações complexas, conceitos técnicos e normas com exceções importantes. A questão é outra: a complexidade necessária não deve ser confundida com obscuridade desnecessária.

A distância entre o direito escrito e o direito vivido pode começar em uma frase mal construída.

> **“TER UM DIREITO NA LEI NÃO VALE SE A LINGUAGEM QUE EXPLICA COMO USÁ-LO NÃO FOR COMPREENSÍVEL.**



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

Técnica não é obscuridade

A linguagem jurídica possui uma história própria. Muitos de seus termos foram desenvolvidos para nomear conceitos específicos. Palavras como prescrição, tutela, competência, usufruto, reincidência e inconstitucionalidade não são usadas apenas para tornar o texto mais sofisticado. Elas podem carregar significados técnicos que não devem ser alterados de maneira descuidada.

O problema surge quando o vocabulário especializado é utilizado sem explicação, quando frases longas escondem o responsável por uma ação ou quando expressões antigas são escolhidas mesmo existindo alternativas mais diretas.

Alguns exemplos ajudam a perceber a diferença.

“Dar-se-á ciência ao interessado” pode ser substituído por “o órgão informará o interessado”.

“Em face do exposto” pode ser apresentado como “por essas razões”.

“O pedido não será conhecido” pode ser explicado como “o órgão não analisará o pedido”.

“A parte deverá proceder à juntada da documentação pertinente” pode ser escrito como “a parte deve anexar os documentos necessários”.

As versões mais diretas não são menos sérias. Elas apenas permitem que o leitor identifique com mais facilidade quem deve agir e qual é o sentido da orientação.

A chamada linguagem simples não pretende eliminar a precisão. Seu objetivo é impedir que a formalidade se transforme em uma camada desnecessária entre a instituição e a pessoa que precisa compreender a mensagem.







IMAGENS GERADAS POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

O que significa escrever de forma simples

Uma comunicação pública é mais acessível quando o leitor consegue encontrar a informação, compreender seu conteúdo e saber o que fazer em seguida.

Para isso, o texto precisa responder a perguntas básicas:

Quem deve agir?

O que precisa ser feito?

Qual é o prazo?

Quais documentos são necessários?

O que acontecerá depois?

Quais são as consequências do descumprimento?

Onde é possível obter ajuda?

A clareza não depende somente do vocabulário. Também está relacionada à estrutura do documento, à ordem das informações, aos títulos, aos recursos visuais, ao tamanho das frases e aos canais utilizados.

Um formulário pode utilizar palavras conhecidas e continuar difícil se apresentar perguntas confusas ou exigir informações repetidas. Uma página digital pode estar disponível para todos e, ainda assim, ser inacessível se tiver menus desorganizados, mensagens de erro vagas ou instruções incompletas.

Escrever de maneira simples exige conhecer o público e testar a comunicação com pessoas que não participaram de sua elaboração. Quem cria um documento conhece suas intenções e tende a não perceber as dificuldades que um leitor encontrará.

O formulário como porta de entrada

Poucos documentos mostram de maneira tão concreta a relação entre linguagem e cidadania quanto os formulários.

Eles aparecem em escolas, hospitais, repartições, serviços sociais, plataformas digitais, processos judiciais, pedidos de benefícios e inscrições para programas públicos. Em muitos casos, preencher um formulário é o primeiro passo para ter acesso a um direito ou serviço.

Uma pergunta ambígua pode provocar uma resposta incorreta. Um campo sem explicação pode fazer o usuário desistir. Uma lista extensa de documentos pode gerar deslocamentos desnecessários. Uma instrução que não informa o que acontece depois pode deixar a pessoa sem saber se o pedido foi concluído.

Um formulário bem planejado deve explicar por que os dados são solicitados, como cada campo deve ser preenchido, quais documentos precisam ser anexados e como corrigir um erro.

Também deve considerar as diferentes condições dos usuários. Nem todos têm computador, internet rápida, familiaridade com plataformas digitais ou facilidade para interpretar termos administrativos. Algumas pessoas precisam de atendimento presencial, telefone, áudio, tradução, Libras, letras ampliadas ou leitores de tela.

Uma comunicação pública só é realmente pública quando pode ser utilizada por diferentes grupos da sociedade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

Quando o contrato esconde suas condições

A linguagem também interfere nas relações de consumo. Contratos de aluguel, planos de saúde, seguros, financiamentos, serviços digitais e termos de uso podem produzir consequências importantes para a vida financeira e pessoal de quem assina.

Muitas vezes, porém, informações essenciais aparecem escondidas em blocos extensos, letras pequenas ou expressões pouco familiares. O consumidor pode não perceber:

- quanto pagará ao longo do contrato;
- por quanto tempo ficará vinculado;
- como poderá cancelar o serviço;
- quais multas poderão ser aplicadas;
- quais situações não estão cobertas;
- quais documentos deverá apresentar;
- o que ocorrerá em caso de atraso.

O Código de Defesa do Consumidor reconhece o direito à informação adequada e clara sobre produtos e serviços. Essa exigência é especialmente importante porque, em muitas relações, uma das partes possui muito mais conhecimento técnico e poder de negociação do que a outra.

Um contrato claro deve permitir que o leitor identifique quem são as partes, qual é o objeto do acordo, quais são os valores, os prazos, as responsabilidades e as condições de encerramento.

A clareza não protege apenas o consumidor. Ela também reduz conflitos, evita interpretações divergentes e torna mais equilibrada a relação entre as partes.

O acesso à Justiça começa antes do tribunal

Uma sentença pode afetar a liberdade, a moradia, a guarda de filhos, a aposentadoria, o patrimônio, a saúde ou as relações de trabalho. Em situações assim, a linguagem não é um detalhe secundário. Ela participa diretamente da experiência de quem será afetado pela decisão.

Uma comunicação judicial clara deve apresentar, de maneira organizada:

- o problema analisado;
- os fatos relevantes;
- os argumentos das partes;
- os fundamentos da decisão;
- o resultado;
- as obrigações estabelecidas;
- os prazos;
- as possibilidades de recurso, quando aplicáveis.

Em 2023, o Conselho Nacional de Justiça lançou o Pacto Nacional do Judiciário pela Linguagem Simples, iniciativa voltada à aproximação entre os tribunais e a sociedade. Entre as propostas estão o uso de linguagem direta, a explicação de termos técnicos, a redução de formalidades desnecessárias e a adoção de recursos que facilitem a compreensão.

A iniciativa não elimina a necessidade de advogados, defensores públicos e outros profissionais. Questões jurídicas podem exigir análise especializada. Mas o cidadão não deveria depender de um especialista para saber, ao menos, o que foi decidido, por que a decisão foi tomada e qual é o próximo passo.

Uma decisão que ninguém entende pode ser formalmente publicada, mas continua distante de quem deveria compreendê-la.

Publicar não é o mesmo que comunicar

A Lei nº 12.527/2011, conhecida como Lei de Acesso à Informação, fortaleceu no Brasil o direito de solicitar informações públicas e estabeleceu a publicidade como regra, enquanto o sigilo passou a ser tratado como exceção nas situações previstas em lei.

A existência de uma grande quantidade de documentos disponíveis, porém, não garante transparência efetiva.

Um portal público pode apresentar milhares de páginas e ainda dificultar o acesso se os dados estiverem desorganizados, desatualizados, espalhados em diferentes sistemas ou acompanhados de siglas sem explicação.

A informação pública precisa passar por três etapas:

Ela está disponível?
O cidadão consegue encontrá-la?
Ele consegue compreender o que ela significa?

Quando uma dessas etapas falha, a transparência fica incompleta.

O mesmo vale para campanhas de saúde, editais, avisos escolares, informações sobre benefícios e orientações de atendimento. Não basta publicar. É necessário comunicar de modo que o leitor consiga interpretar a mensagem e agir a partir dela.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

Quem fica mais distante

A dificuldade de compreender textos institucionais não atinge todos os grupos da mesma maneira. Pessoas com baixa escolaridade, idosos, imigrantes, pessoas com deficiência, comunidades rurais, populações indígenas e cidadãos com pouco acesso à internet podem enfrentar obstáculos adicionais.

Também existem barreiras para quem fala português como segunda língua ou vive em comunidades onde o português convive com outras línguas.

Por isso, acessibilidade comunicacional não se resume à escolha de palavras simples. Ela pode envolver:



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

- Libras;
- braile;
- audiodescrição;
- textos ampliados;
- leitores de tela;
- arquivos digitais acessíveis;
- atendimento por telefone;
- orientação presencial;
- tradução;
- mediação linguística;
- materiais em áudio;
- recursos de comunicação alternativa.

A igualdade perante a lei não garante igualdade real de acesso se as pessoas não conseguem compreender as informações necessárias para exercer seus direitos.

A responsabilidade pela clareza não deve ser colocada exclusivamente sobre o leitor. A instituição que produz a mensagem também precisa considerar quem a receberá.

Um português que atravessa fronteiras

A discussão sobre a linguagem das leis também faz parte do universo lusófono. Brasil, Portugal, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste compartilham o português como língua oficial, mas possuem histórias, sistemas jurídicos, estruturas administrativas e realidades linguísticas diferentes.

O vocabulário institucional pode variar entre esses países. Termos administrativos, nomes de documentos, formas de tratamento e procedimentos legais nem sempre coincidem. Uma expressão compreendida com facilidade em um país pode ser pouco familiar em outro.

Além disso, em várias sociedades lusófonas, o português convive com línguas nacionais, línguas indígenas, crioulos e variedades locais. A língua oficial utilizada em documentos pode não ser a principal língua de comunicação cotidiana de todos os cidadãos.

Essa realidade exige políticas de comunicação que considerem tradução, oralidade, mediação e participação comunitária. Uma norma escrita em português pode não alcançar plenamente seu público se não houver explicação em outras línguas ou formas de atendimento adaptadas ao contexto local.

A língua portuguesa não é uniforme nem imóvel. Ela se modifica conforme os territórios, as culturas e as experiências de seus falantes. O português das leis também precisa reconhecer essa diversidade.

Quando o serviço público migra para a tela

A digitalização trouxe praticidade para muitas pessoas, mas também criou novas barreiras.

Plataformas públicas podem ser difíceis de utilizar por causa de menus confusos, autenticações complexas, incompatibilidade com celulares, mensagens de erro vagas e ausência de atendimento humano.

Frases como “erro inesperado”, “solicitação indeferida” ou “usuário não habilitado” nem sempre explicam o que aconteceu ou qual providência deve ser adotada.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

Uma mensagem digital clara deveria responder:

O que aconteceu?

Por que aconteceu?

O que o usuário precisa fazer?

Existe um prazo?

Onde é possível pedir ajuda?

A inteligência artificial pode auxiliar na organização de documentos, na localização de informações, na produção de resumos e no atendimento inicial. No entanto, seu uso exige cuidado. Sistemas automatizados podem omitir exceções, interpretar normas de maneira equivocada, reproduzir vieses ou oferecer respostas aparentemente seguras, mas incorretas.

Em assuntos jurídicos, um erro pode provocar a perda de um prazo, um prejuízo financeiro ou uma violação de direitos. A tecnologia pode apoiar a comunicação, mas não deve eliminar a revisão humana nem a possibilidade de atendimento por uma pessoa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

A clareza como responsabilidade institucional

Tornar uma comunicação mais compreensível não significa apenas trocar palavras difíceis por palavras conhecidas. É preciso revisar o próprio processo de atendimento.

Uma instituição pode simplificar um formulário e continuar exigindo documentos desnecessários. Pode reescrever uma página e manter um sistema confuso. Pode publicar uma decisão em linguagem acessível e não oferecer nenhum canal para esclarecer dúvidas.

A linguagem simples funciona melhor quando acompanha mudanças mais amplas:

- redução de exigências desnecessárias;
- organização dos procedimentos;
- atendimento multicanal;
- atualização das informações;
- acessibilidade digital;
- treinamento dos servidores;
- avaliação com usuários;
- possibilidade de correção e recurso.

A clareza não deve ser uma etapa decorativa da comunicação. Ela precisa fazer parte da forma como o serviço é planejado.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

Palavras que abrem portas

A busca por uma linguagem pública mais clara não resolverá sozinha a burocracia, a desigualdade ou as dificuldades de acesso à Justiça. Mas pode diminuir barreiras que muitas vezes são desnecessárias.

Escrever com clareza é informar quem deve agir, apresentar os prazos, explicar as consequências e indicar onde encontrar ajuda. É preservar o conteúdo essencial sem obrigar o cidadão a atravessar uma floresta de palavras para descobrir um direito.

As leis podem continuar precisas. Os contratos podem continuar completos. As decisões podem continuar fundamentadas. O que precisa mudar é a ideia de que um texto difícil é necessariamente mais sério ou mais correto.

Em uma democracia, a palavra do Estado não deveria funcionar como uma parede. Deveria funcionar como uma ponte.

Compreender uma lei não significa dominar todo o vocabulário jurídico. Significa saber o que está sendo dito, identificar os direitos e deveres envolvidos, reconhecer os próximos passos e procurar orientação quando necessário.

Quando uma pessoa finalmente entende o que precisa fazer, não está apenas decifrando um documento. Está recuperando a possibilidade de agir.

O direito de entender é, também, o direito de participar.

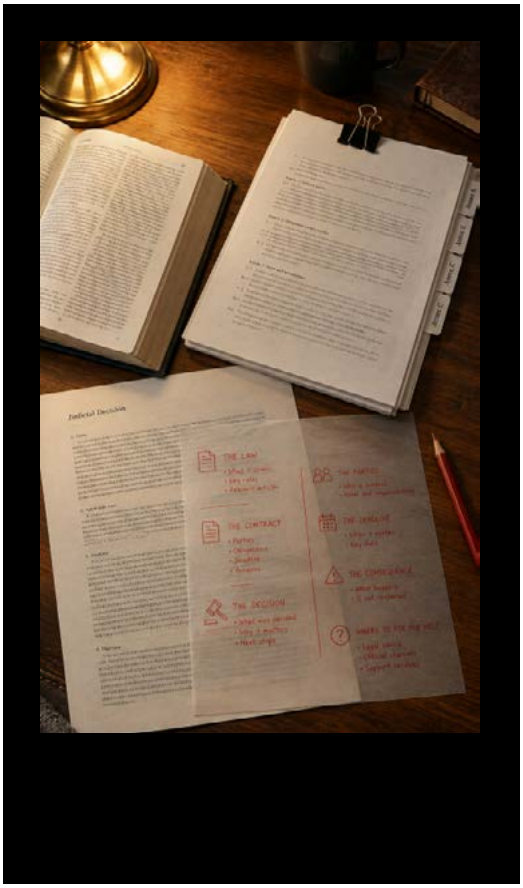


IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf. Criada em 30/10/2026"

REDAÇÃO THE BARD

INSTAGRAM

POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS

COLUNA

Dialética

27



CLAYTON ZOCARATO

Possui graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceuclar - Campus de São José do Rio Preto – SP.. Escrevo regularmente para o site www.recantodasletras.com.br usando o pseudônimo ZACCAZ, mesclando poesia surrealista, com haikais e aldravias.. Formado Especialista em Medina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário – Argentina.

A IMAGEM CONTRA O ESQUECIMENTO: REALIDADE FIGURATIVA, REVOLUÇÃO E SUBJETIVIDADE NA EXPERIÊNCIA DA ARTE

A imagem talvez seja uma das formas mais antigas pelas quais o ser humano encontrou para resistir ao desaparecimento. Antes de organizar o mundo por conceitos, antes de transformar a experiência em sistemas filosóficos, científicos ou políticos, o homem já desenhava, gravava, esculpia, pintava e representava. Nas paredes das cavernas, nos objetos funerários, nas esculturas religiosas, nos monumentos, nas pinturas e nas fotografias encontra-se uma espécie de insistência humana contra o tempo. A imagem nasce dessa contradição fundamental: aquilo que ela apresenta está simultaneamente presente e ausente. O objeto representado não está necessariamente diante de nós, mas alguma coisa dele permanece. O rosto desapareceu, o corpo envelheceu, a cidade foi modificada, o indivíduo morreu, a civilização se transformou, mas a imagem continua ali, silenciosamente, enfrentando a
corrosão do tempo.

É nesse sentido que a imagem pode ser compreendida como uma forma de resistência ontológica ao esquecimento. Ela não salva o homem da morte, não impede a destruição histórica e tampouco interrompe a passagem do tempo. Sua força está em outra dimensão: ela conserva uma experiência. Salva uma sensibilidade. Preserva uma maneira de perceber. Mantém aberta uma pergunta que poderia ter desaparecido juntamente com aqueles que a formularam. Uma imagem é, portanto, mais do que aquilo que representa. Ela é um vestígio material de uma experiência humana e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de reinterpretação dessa experiência.

Pensar a arte dessa maneira significa abandonar a compreensão simplista segundo a qual a imagem seria apenas uma cópia do mundo. A pintura não é uma fotografia imperfeita da realidade, nem a fotografia é uma realidade reduzida a papel ou pixels. Toda imagem implica seleção, construção, enquadramento, exclusão, memória e desejo. O artista não simplesmente reproduz o mundo: estabelece uma relação com ele. É nesse ponto que a contribuição de Pierre Francastel se torna decisiva. Sua noção de realidade figurativa permite compreender que a arte não deve ser analisada como uma reprodução passiva de uma realidade exterior. A imagem constitui uma forma específica de conhecimento e de organização do real.

A realidade figurativa não é a realidade simplesmente copiada, mas uma realidade construída por meio das formas visuais. Quando um artista representa um corpo, uma cidade, uma paisagem ou um acontecimento, ele não está apenas transferindo aquilo que existe para uma superfície. Está organizando espacialmente uma experiência. Escolhe proporções, relações, perspectivas, cores, distâncias, posições e ritmos. O mundo que aparece na obra é, portanto, resultado de uma operação intelectual e sensível.

Francastel permite compreender que a arte possui uma racionalidade própria. A imagem pensa. Essa afirmação é fundamental porque retira a obra de arte da condição de simples decoração. Uma pintura pode formular questões sem utilizar conceitos filosóficos. Pode construir uma reflexão sem apresentar argumentos escritos. Pode expressar uma determinada organização social sem representar explicitamente instituições políticas. Pode revelar uma transformação histórica através da alteração da forma, do espaço, do corpo e da relação entre os elementos representados.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

A realidade figurativa é, portanto, uma realidade humana organizada através de signos visuais. A imagem não está fora da sociedade. Ela participa da maneira pela qual determinada sociedade percebe o mundo. Uma transformação na representação do corpo pode revelar uma transformação na própria experiência do corpo. Uma mudança na representação do espaço pode revelar uma transformação na maneira de compreender o lugar do indivíduo no mundo. A história da arte não é apenas uma história de estilos; é também uma história das maneiras pelas quais os seres humanos construíram visualmente suas relações com a realidade.

Michel Vovelle amplia essa perspectiva ao demonstrar a importância das sensibilidades, das mentalidades e dos imaginários para a compreensão histórica. O homem histórico não é constituído apenas por instituições, leis, guerras e acontecimentos políticos. Existe também uma história dos medos, das esperanças, das crenças, da morte, do sofrimento, da religiosidade, do desejo e da memória. As imagens tornam-se documentos privilegiados dessa dimensão silenciosa da história. Elas registram aquilo que frequentemente não aparece nos discursos oficiais.

Uma sociedade pode escrever sobre suas guerras, seus governantes e suas instituições, mas uma pintura pode revelar o modo como aquela sociedade imaginava a morte. Um monumento pode demonstrar como uma comunidade desejava ser lembrada. Uma representação do corpo pode revelar concepções de beleza, poder, gênero e moralidade. Um objeto funerário pode revelar uma determinada relação com o desaparecimento. A cultura material é, portanto, uma espécie de arquivo sensível da humanidade.

Jean-Claude Schmitt aprofunda esse problema ao demonstrar a importância da imagem enquanto objeto histórico e material. A imagem não deve ser compreendida apenas por aquilo que representa, mas também pelas funções que desempenha em determinada sociedade. Uma imagem pode ser venerada, utilizada, destruída, escondida, comercializada, ritualizada ou transformada em patrimônio. Ela possui uma existência material e social. Seu significado não está congelado no momento de sua produção.

A obra atravessa o tempo e, ao atravessá-lo, muda de significado. Um quadro religioso que originalmente possuía uma função devocional pode posteriormente tornar-se objeto de museu. Uma imagem política pode transformar-se em documento histórico. Uma fotografia familiar pode adquirir valor afetivo décadas depois. Um monumento pode deixar de representar aquilo que originalmente pretendia representar e passar a ser interpretado criticamente por gerações posteriores. A matéria permanece, mas o olhar muda.

A ontologia da imagem nasce justamente dessa tensão entre permanência e transformação. A obra permanece fisicamente, mas jamais permanece completamente igual no interior da experiência humana. Cada olhar reorganiza aquilo que está diante dele. A obra possui uma existência material, mas seu sentido acontece no encontro entre objeto e sujeito.

É nesse ponto que Benedetto Croce permite pensar a dimensão estética como expressão. A arte não pode ser reduzida à técnica, ao material ou à habilidade manual. A obra artística nasce de uma experiência expressiva, de uma intuição que encontra forma. A pintura, nesse sentido, não é apenas tinta organizada sobre uma superfície. Ela é uma maneira de transformar uma experiência interior em manifestação sensível.

A subjetividade aparece então como elemento irredutível da arte. Não existe obra completamente neutra porque não existe olhar absolutamente neutro. Toda imagem carrega uma escolha. Mesmo quando pretende reproduzir fielmente alguma coisa, a obra estabelece um ponto de vista. O artista escolhe onde colocar o olhar, o que incluir, o que excluir, como organizar o espaço e que relação estabelecer entre as coisas.

A arte é, nesse sentido, uma forma de subjetividade materializada.

É justamente essa subjetividade que entra em tensão com a sociedade da reprodução técnica. Walter Benjamin percebeu que a reprodução em massa modificou profundamente a condição da obra de arte. A imagem passou a circular de maneira cada vez mais ampla, desprendendo-se da presença única do original. A fotografia, o cinema e posteriormente os meios digitais multiplicaram infinitamente a possibilidade de circulação das imagens.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

Essa transformação possui um aspecto emancipador. A arte deixa de ser necessariamente privilégio de quem pode estar fisicamente diante de determinada obra. Museus, livros, fotografias, filmes e meios digitais ampliam o acesso. Entretanto, existe uma contradição: quanto mais facilmente a imagem circula, maior pode ser o risco de que ela seja consumida sem contemplação.

O problema contemporâneo não é simplesmente a existência da reprodução. É a transformação da imagem em velocidade. O olhar desliza de uma imagem para outra, substituindo imediatamente aquilo que acabou de ver. A imagem deixa de exigir permanência. O sujeito olha sem necessariamente contemplar.

A abundância visual pode produzir uma espécie de ceguei-ra.

Nunca tivemos tantas imagens e, paradoxalmente, talvez nunca tenhamos tido tanta dificuldade para permanecer diante de uma delas. O excesso pode destruir a singularidade. Quando tudo é mostrado imediatamente, quase nada consegue permanecer suficientemente tempo diante do olhar para produzir uma experiência.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

Nesse cenário, Salvador Dalí representa uma espécie de insurreição contra a estabilidade da imagem. Sua pintura desorganiza o mundo visível. Relógios deixam de obedecer à rigidez temporal, corpos assumem formas inquietantes, paisagens tornam-se espaços mentais e objetos cotidianos são deslocados de suas funções habituais. Dalí não procura simplesmente reproduzir aquilo que existe diante dos olhos; procura revelar a instabilidade da própria realidade.

O surrealismo introduz uma ruptura porque permite que o sonho, o desejo e o inconsciente entrem na constituição da realidade figurativa. Aquilo que parece impossível pode tornar-se visualmente verdadeiro. O mundo não é mais limitado àquilo que pode ser racionalmente reconhecido. O irracional torna-se uma forma de conhecimento.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

Dalí desmonta a segurança do espectador. A imagem deixa de ser uma superfície tranquila e transforma-se em problema. O relógio ainda é um relógio, mas já não funciona como esperamos. O corpo ainda é humano, mas pode assumir uma configuração estranha. A paisagem ainda é reconhecível, mas parece pertencer a uma dimensão que não conseguimos localizar.

A imagem passa a desconstruir a própria realidade.

Paul Delvaux realiza essa operação de maneira diferente. Em suas paisagens silenciosas, suas figuras femininas, suas arquiteturas vazias e suas cidades quase imóveis, não é necessariamente o objeto que se deforma. É a atmosfera que se torna estranha. Tudo parece reconhecível, mas nada parece completamente normal. A rua continua sendo rua, a arquitetura continua sendo arquitetura, o corpo continua sendo corpo, mas a realidade parece ter perdido sua explicação.

Delvaux constrói uma espécie de metafísica do silêncio. Seus personagens parecem existir em um tempo suspenso. Não sabemos exatamente o que aconteceu antes ou o que acontecerá depois. A pintura não explica. Ela sugere. E aquilo que não é explicado torna-se justamente aquilo que provoca a imaginação.

Nesse aspecto, Delvaux demonstra que a ausência também pode ser uma forma de presença. Uma cidade vazia pode dizer mais sobre a solidão do que uma multidão. Um corpo imóvel pode produzir mais inquietação do que uma cena de movimento. O silêncio pode carregar mais tensão do que o ruído.

A realidade figurativa, portanto, não precisa representar acontecimentos para representar experiências. É possível pintar a solidão sem pintar alguém chorando. É possível representar a angústia através de um espaço vazio. É possível representar o desejo através de uma distância. É possível representar o medo através de uma arquitetura.

A imagem pensa através daquilo que não diz.

Essa concepção também aproxima a reflexão estética de Leon Trotsky. A relação entre arte e revolução, em Trotsky, não pode ser reduzida à ideia de que a arte deveria funcionar como propaganda política. Ao contrário, sua defesa da liberdade criadora é fundamental para compreender que uma arte verdadeiramente revolucionária não precisa obedecer a fórmulas políticas estabelecidas. A criação artística necessita de liberdade justamente porque a revolução, em seu sentido mais profundo, implica transformação das formas de existência.

A arte não se torna revolucionária simplesmente porque representa uma revolução.

Uma pintura de trabalhadores não é automaticamente revolucionária. Um poema com palavras políticas não é necessariamente revolucionário. Uma obra pode utilizar símbolos revolucionários e permanecer esteticamente conservadora. A verdadeira potência revolucionária da arte está também na capacidade de romper formas cristalizadas de percepção.

Trotsky permite pensar a arte como espaço de liberdade diante das estruturas que procuram submetê-la. A criação não deve ser completamente subordinada ao Estado, ao mercado, à moral oficial ou a uma doutrina política. A imaginação precisa conservar sua autonomia. A arte que não pode experimentar também não pode transformar radicalmente a sensibilidade.

Nesse sentido, a revolução artística pode acontecer antes mesmo de qualquer mudança institucional. Ela pode ocorrer na maneira de representar o corpo, o espaço, o tempo, o desejo, a memória e o indivíduo. A ruptura estética pode alterar a própria estrutura da percepção.

É possível, então, estabelecer uma aproximação entre Trotsky e Francastel: se a realidade figurativa demonstra que a arte constrói formas específicas de relação com o real, a perspectiva revolucionária permite perguntar o que acontece quando essas formas deixam de obedecer aos padrões dominantes. A transformação artística não precisa apenas representar uma nova sociedade; pode produzir novas maneiras de enxergar.

A arte revolucionária seria, nesse sentido, uma revolução do olhar.

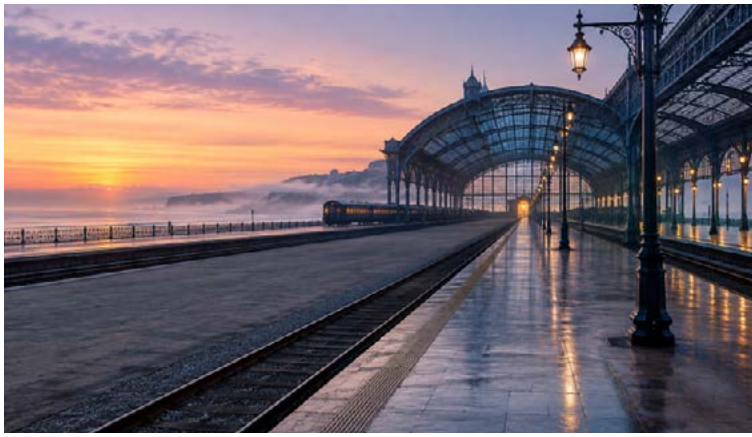


*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

É por isso que a subjetividade possui uma dimensão política. O indivíduo que aprende a olhar de outra maneira pode também aprender a questionar aquilo que parecia natural. A imagem pode interromper a obediência visual. Pode mostrar que aquilo que parecia inevitável era apenas uma convenção.

O gesto iconoclasta da arte não consiste necessariamente em destruir imagens. Consiste em destruir a autoridade absoluta de determinadas imagens.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

A iconoclastia subjetiva rompe com a ideia de que existe apenas uma maneira correta de representar o mundo. Ela devolve ao sujeito o direito de interpretar. Uma obra não termina no artista. Continua no espectador.

Nesse sentido, a arte é sempre parcialmente incontrolável.

O artista pode tentar estabelecer determinado significado, mas a obra entra em contato com sujeitos diferentes, épocas diferentes e experiências diferentes. Cada espectador carrega sua própria memória. O que para um indivíduo representa medo pode representar liberdade para outro. Aquilo que para determinado período significou ruptura pode posteriormente adquirir outra significação.

A obra sobrevive porque não possui uma única vida.

Ela possui muitas.

Essa multiplicidade também constitui sua dimensão histórica. Vovelle permite observar as sensibilidades coletivas; Schmitt, a materialidade e a função social das imagens; Francastel, a realidade figurativa como forma de construção do real; Croce, a expressão como fundamento da experiência estética; Dalí e Delvaux, a ruptura do olhar através do surreal e do estranhamento; Benjamin, a transformação provocada pela reprodução técnica; Trotsky, a necessidade de preservar a liberdade da criação diante das formas de controle.

Essas perspectivas não precisam ser transformadas em um sistema homogêneo. Sua força está justamente nas tensões existentes entre elas.

A arte vive da tensão.
Entre realidade e imaginação.
Entre matéria e espírito.
Entre presença e ausência.
Entre tradição e ruptura.
Entre mercado e liberdade.
Entre reprodução e singularidade.
Entre memória e esquecimento.
Entre o mundo que existe e aquele que poderia existir.

É nessa tensão que a obra de arte encontra sua dimensão ontológica.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

A imagem não é simplesmente uma representação do ser. Ela é uma maneira de perguntar pelo ser.

Quando Dalí distorce o relógio, pergunta pelo tempo.

Quando Delvaux esvazia a cidade, pergunta pela presença.

Quando Francastel analisa a realidade figurativa, pergunta como o homem constrói visualmente o mundo.

Quando Croce pensa a expressão, pergunta como a experiência interior encontra forma.

Quando Vovelle investiga as sensibilidades, pergunta como os homens historicamente sentiram e imaginaram.

Quando Schmitt investiga as imagens como objetos históricos, pergunta como a sociedade utiliza, interpreta e transforma aquilo que produz visualmente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Quando Benjamin analisa a reprodução técnica, pergunta o que acontece com a obra quando sua existência deixa de depender da singularidade material.

Quando Trotsky defende a liberdade da criação artística, pergunta até onde uma sociedade que pretende transformar o mundo pode controlar justamente aquilo que deveria ser capaz de imaginar o novo.

A arte permanece, assim, como um território de conflito.

Não necessariamente um conflito armado, mas um conflito de percepções.

Quem define aquilo que pode ser visto também participa da definição daquilo que pode ser pensado.

Por isso, a imagem possui uma dimensão política mesmo quando não apresenta conteúdo político explícito. Representar determinado corpo já é uma escolha cultural. Representar determinada paisagem já é uma escolha histórica. Decidir quem aparece e quem desaparece também é uma forma de construir memória.

A arte pode tornar visível aquilo que determinada sociedade preferiria manter invisível.

Pode recuperar o corpo que foi esquecido.

Pode devolver humanidade ao indivíduo reduzido a número.

Pode preservar a memória daqueles que desapareceram.

Pode transformar o silêncio em presença.

Pode fazer do espaço uma denúncia.

Pode fazer do sonho uma crítica.

Pode fazer da beleza uma forma de resistência.

Por isso, a arte não deve ser julgada apenas pela capacidade de reproduzir fielmente aquilo que existe. Sua força pode estar precisamente na capacidade de revelar aquilo que ainda não conseguimos ver.

A reprodução técnica oferece milhões de imagens, mas a arte continua procurando uma imagem capaz de permanecer.

Essa diferença é fundamental.

Uma imagem pode ser reproduzida milhões de vezes e ainda assim permanecer vazia. Outra pode ser reproduzida apenas algumas vezes e atravessar gerações. A quantidade de cópias não determina necessariamente a intensidade da experiência.

O problema contemporâneo é que a imagem foi transformada em mercadoria antes mesmo de ser contemplada. A cultura visual tornou-se veloz, comercial, fragmentada e permanentemente atualizada. O indivíduo recebe imagens antes de formular perguntas sobre elas. O olhar é frequentemente conduzido pela lógica do consumo.

Contra isso, a experiência estética exige demora.

Olhar é resistir à velocidade.

Contemplar é suspender, ainda que por alguns instantes, a obrigação de consumir.

A subjetividade inconoclasta surge exatamente nesse intervalo. Ela é a capacidade de olhar para uma imagem sem aceitar imediatamente a interpretação que lhe foi oferecida. É a possibilidade de perguntar o que existe por trás daquilo que aparece.

A arte, então, não salva a humanidade porque seja moralmente superior ou porque possa resolver os conflitos concretos da sociedade. Ela salva porque impede que a experiência humana seja reduzida ao presente imediato.

A imagem guarda o que passou.

Mas também inventa aquilo que ainda não existe.

É nesse ponto que arte e revolução se encontram.

A memória olha para trás.
A revolução olha para frente.
A arte pode realizar os dois movimentos simultaneamente.
Ela conserva e destrói.
Preserva e rompe.
Recorda e inventa.

A imagem é memória e possibilidade.

Talvez seja essa sua maior força ontológica. O homem é um ser condenado a desaparecer, mas também é um ser capaz de produzir vestígios. A arte transforma a finitude em forma. A morte em memória. A ausência em presença. O silêncio em imagem.

Por isso, a imagem contra o esquecimento não é simplesmente uma metáfora. É uma condição fundamental da cultura humana.

Os homens desaparecem.
As sociedades desaparecem.
As cidades mudam.
Os regimes políticos terminam.
As crenças se transformam.
As linguagens envelhecem.

Mas determinadas imagens permanecem.

E quando permanecem, continuam interrogando.

Dalí continua perguntando o que é o tempo.

Delvaux continua perguntando o que é estar presente em um mundo silencioso.

Francastel continua permitindo compreender que toda figuração constrói uma determinada realidade.

Vovelle lembra que também existe uma história das sensibilidades.

Schmitt demonstra que as imagens possuem corpos materiais e funções históricas.

Croce insiste na dimensão expressiva da arte.

Benjamin mostra que a reprodução transforma nossa relação com a obra.

*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*





*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

Trotsky recorda que a liberdade criadora não deveria ser sacrificada em nome de uma fórmula política.

Todos eles, por caminhos diferentes, conduzem à mesma inquietação: o que fazemos quando produzimos uma imagem?

Talvez este seja o ponto decisivo.

Nós não apenas produzimos imagens.

As imagens também produzem aquilo que somos capazes de perceber.

Elas educam nossos olhos.
Organizam nossas memórias.
Deslocam nossos desejos.
Produzem estranhamentos.
Reforçam valores.
Destruem certezas.
Inventam futuros.

A imagem é, portanto, uma forma de existência.

Não uma existência independente do homem, mas uma existência que, depois de criada, passa a participar da própria história humana.

Uma obra verdadeiramente significativa não termina quando o artista coloca a última pincelada. Ela começa novamente quando alguém a contempla.

É nesse encontro entre matéria e olhar que a arte acontece.

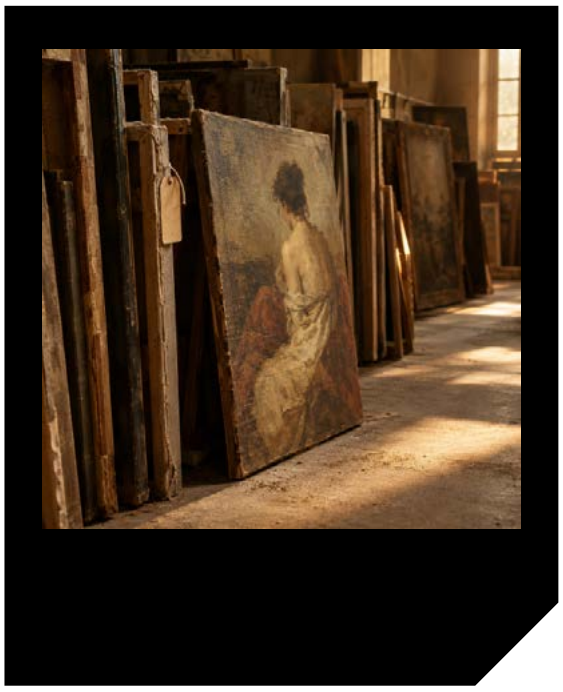


*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*



E talvez seja exatamente aí que ela possa salvar alguma coisa da humanidade.

Não sua vida biológica.
Não sua história inteira.
Não seus conflitos.

Mas sua capacidade de imaginar.

Porque uma humanidade que perde a capacidade de imaginar já começou a desaparecer antes mesmo de morrer.

A arte permanece como resistência contra esse desaparecimento.

Ela nos lembra que o mundo não precisa ser somente aquilo que está diante dos olhos.

Pode ser aquilo que ainda não conseguimos ver.

Pode ser aquilo que ousamos imaginar.

Pode ser aquilo que a imagem, silenciosamente, começa a tornar possível.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

E talvez seja por isso que a verdadeira revolução da arte aconteça quando o espectador percebe que, diante de uma pintura, não está simplesmente olhando para uma imagem.

Está olhando para outra possibilidade de existir.

Clayton Alexandre Zocarato

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM FACEBOOK POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS

REDAÇÃO THE BARD

A Revista The Bard é uma iniciativa multicultural, multilinguística e multiartística dedicada à arte, literatura e cultura. Promove visibilidade a escritores e artistas, conectando suas obras a leitores no Brasil e no mundo.

Quando o dia ainda cabia em pequenas coisas

Entre a pressa, as telas e a lembrança de outros ritmos, reaprender a fazer uma coisa de cada vez pode ser uma forma de recuperar a presença

Há manhãs em que o café esfria antes que consigamos provar o primeiro gole. A xícara permanece sobre a mesa, esquecida entre notificações, mensagens, notícias e tarefas que começaram antes mesmo de o dia começar.

O celular vibra. A mão procura o aparelho quase automaticamente. Uma mensagem pede resposta. Um vídeo chama atenção. Uma notícia interrompe o pensamento. Quando percebemos, o café já não é uma pausa, mas apenas mais uma coisa realizada entre outras.

Nem sempre foi assim. Mas também não é preciso afirmar que antigamente tudo era melhor. Toda época tem suas dificuldades, seus silêncios, suas exclusões e suas formas de cansaço. O passado não deve ser transformado em um lugar perfeito, porque nunca foi.

Ainda assim, algumas experiências parecem ter perdido espaço: escrever uma carta, visitar alguém sem marcar horário, esperar uma fotografia ser revelada, conversar durante uma refeição ou sentar-se à porta de casa para observar a tarde.

Talvez não tenham desaparecido completamente. Talvez estejam apenas mais escondidas, disputando espaço com uma rotina que exige velocidade, resposta imediata e disponibilidade permanente.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf. Criada em 30/10/2026"

A vida entre uma notificação e outra

A pressa contemporânea não está apenas na quantidade de tarefas. Ela também está na sensação de que sempre existe alguma coisa esperando por nós.

Uma mensagem não respondida parece uma pendência. Um e-mail não aberto transforma-se em preocupação. Uma pausa pode ser confundida com improdutividade. O descanso, que deveria interromper o esforço, muitas vezes é preenchido por outras formas de estímulo.

A tecnologia trouxe benefícios incontestáveis. Aproximou pessoas que vivem longe, facilitou o acesso à informação, tornou serviços mais rápidos e ampliou possibilidades de trabalho, estudo e criação. O problema não está na existência das telas, mas na dificuldade de estabelecer limites diante delas.

O celular pode ser companhia e interrupção. Pode registrar um momento e impedir que ele seja vivido por inteiro. Pode aproximar alguém distante e afastar quem está sentado ao nosso lado.

Essa ambivalência faz parte da vida atual. Uma mesma ferramenta pode servir para uma conversa importante e, poucos segundos depois, dispersar a atenção em dezenas de conteúdos que não havíamos procurado.

Por isso, a pergunta não precisa ser se devemos abandonar a tecnologia. Talvez seja mais útil perguntar: em quais momentos permitimos que ela ocupe todo o espaço disponível?



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

O valor de fazer uma coisa de cada vez

Há uma espécie de resistência silenciosa em realizar uma atividade sem dividi-la com outras dez.

Ler algumas páginas sem consultar o telefone. Caminhar sem fotografar cada detalhe. Preparar uma refeição sem assistir a um vídeo. Escutar uma pessoa sem formular a resposta antes que ela termine de falar.

Esses gestos parecem pequenos, mas exigem uma decisão: permanecer.

Permanecer não significa ignorar compromissos ou rejeitar a vida moderna. Significa devolver à experiência o tempo necessário para que ela aconteça. Uma conversa precisa de pausas. Uma refeição tem cheiros, texturas e ritmos. Uma leitura exige que certas frases permaneçam conosco por alguns instantes.

Quando tudo precisa ser feito ao mesmo tempo, a atenção se fragmenta. Ao final do dia, muitas tarefas podem ter sido concluídas, mas nem sempre conseguimos lembrar como atravessamos as horas.

A atenção é uma forma de presença. E estar presente é diferente de simplesmente estar em algum lugar.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

O valor de fazer uma coisa de cada vez

Houve um tempo em que tirar uma fotografia envolvia esperar. O filme precisava ser levado a uma loja ou laboratório. Os registros não podiam ser conferidos imediatamente. Algumas imagens saíam tremidas, escuras ou diferentes do que se imaginava.

A espera fazia parte da fotografia.

Hoje, podemos fazer dezenas de imagens em poucos minutos, apagar as que não agradaram e compartilhar uma cena antes mesmo de deixar o lugar. Isso ampliou o acesso à produção de imagens e permitiu registrar acontecimentos com facilidade.

Mas também modificou a relação com a memória.

Quando fotografamos tudo, talvez passemos a olhar para alguns momentos como futuros arquivos, e não como experiências presentes. Às vezes, a preocupação em guardar a cena ocupa o lugar de vivê-la.

Não se trata de condenar as fotografias digitais. Elas também preservam encontros, viagens, aniversários e acontecimentos que poderiam se perder. A questão está no equilíbrio entre registrar e experimentar.

Uma fotografia pode guardar um instante. Não deveria ser necessário transformar cada instante em fotografia para provar que ele aconteceu.

Cartas, visitas e a delicadeza da espera

Escrever uma carta exigia um tipo particular de atenção. Era preciso escolher as palavras, organizar os pensamentos, imaginar a reação de quem receberia o texto. Depois, vinha o tempo do envio e da espera.

As mensagens instantâneas tornaram a comunicação mais ágil. Podemos falar com pessoas distantes, acompanhar acontecimentos e compartilhar informações em segundos. Essa rapidez é valiosa em muitas situações.

Mas a velocidade também mudou o modo como lidamos com a ausência.

Nem toda demora significa desinteresse. Nem toda resposta imediata representa intimidade. Uma relação não se mede apenas pela frequência das mensagens, assim como o silêncio nem sempre é vazio.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026

Visitar alguém sem marcar horário, prática mais comum em algumas gerações e comunidades do que em outras, também tinha seus limites. Podia ser inconveniente, invasivo ou difícil para quem precisava organizar a própria rotina. Hoje, combinar previamente um encontro pode ser uma forma de respeito.

O que talvez valha recuperar não é a falta de planejamento, mas a disposição para estar próximo. A espontaneidade pode assumir novas formas. Uma ligação inesperada, um café oferecido sem pressa, uma mensagem que pergunta verdadeiramente como alguém está.

O passado não precisa ser repetido para que alguns de seus valores permaneçam.

A mesa como lugar de encontro

Em muitas famílias, as refeições continuam sendo momentos de convivência. Em outras, os horários de trabalho, estudo e deslocamento tornaram mais difícil reunir todos ao mesmo tempo.

A transformação das refeições não resulta de uma única causa. Há diferentes jornadas, famílias menores, rotinas instáveis, dificuldades econômicas, longos trajetos e novas maneiras de morar e trabalhar.

Também é verdade que o telefone passou a ocupar a mesa em muitos lares. Às vezes, ele ajuda a manter contato com quem não está presente. Em outras, divide a atenção entre as pessoas que estão.

Uma refeição compartilhada não precisa ser perfeita, longa ou silenciosa. Pode incluir conversas interrompidas, crianças inquietas, opiniões diferentes e acontecimentos comuns. Seu valor está menos na aparência e mais na possibilidade de convivência.

Comer juntos pode ser uma forma de dizer: por alguns minutos, este momento importa.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

Nostalgia não é prova

A nostalgia costuma selecionar imagens. Lembramos da varanda, mas esquecemos o calor. Recordamos as conversas, mas nem sempre lembramos as dificuldades. Guardamos a fotografia de uma família reunida, embora não apareçam nela os conflitos que também existiam.

A memória não é um arquivo neutro. Ela reorganiza experiências, preserva detalhes, apaga outros e atribui novos sentidos ao que foi vivido.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

Por isso, lembrar tempos mais lentos não significa provar que a vida era melhor. Significa reconhecer que outras formas de organizar o dia existiram e que algumas ainda podem inspirar escolhas atuais.

Uma pessoa pode sentir falta das cartas sem abandonar as mensagens digitais. Pode gostar de fotografias reveladas e continuar usando a câmera do celular. Pode valorizar uma visita espontânea e, ao mesmo tempo, respeitar a necessidade de combinar horários.

Não é preciso escolher entre o passado e o presente como se fossem mundos incompatíveis. Podemos trazer certas delicadezas de um tempo para dentro das possibilidades de outro.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

Adiar o fim da pressa

Ao refletir sobre o tempo, o escritor e pensador Ailton Krenak questiona a ideia de que a vida deve ser organizada apenas pela produtividade e pelo progresso. Em suas obras, aparecem críticas à separação entre humanidade e natureza e à aceleração que transforma tudo em recurso.

A reflexão não propõe uma fuga da realidade. Ela convida a imaginar outros modos de viver o presente.

Em textos literários e ensaísticos, autores como José Saramago, Rubem Alves, Carlos Drummond de Andrade e Adélia Prado também encontraram grandeza no que parece pequeno: um gesto, uma espera, um objeto, uma conversa, uma paisagem ou uma lembrança.

A literatura conhece bem aquilo que a pressa costuma esconder. Uma vida inteira pode aparecer em uma janela, em uma cozinha, em um caminho conhecido ou em uma frase dita sem intenção de permanecer.

As crônicas, especialmente, fazem do cotidiano um território de descoberta. Elas não precisam de acontecimentos extraordinários. Basta que alguém perceba o que normalmente passa despercebido.

Um cotidiano possível

Desacelerar não significa abandonar responsabilidades, ignorar prazos ou romantizar uma vida sem dificuldades. Para muitas pessoas, o excesso de trabalho não é uma escolha. Há quem enfrente jornadas longas, deslocamentos demorados, insegurança financeira e responsabilidades que tornam o descanso um privilégio difícil.

Por isso, falar em tempo livre exige cuidado. Não se deve transformar a falta de pausa em falha individual. Nem todos têm as mesmas condições para reduzir o ritmo.

Ainda assim, pequenas escolhas podem abrir brechas quando isso é possível: tomar uma bebida sem olhar para a tela, ouvir uma música inteira, observar o céu, regar uma planta, cozinhar, escrever algumas linhas, caminhar por uma rua conhecida ou conversar com alguém sem a urgência de encerrar.

Esses gestos não resolvem problemas estruturais. Mas podem devolver à vida uma dimensão que a pressa costuma retirar: a capacidade de perceber.

Talvez o dia nunca tenha cabido inteiramente em pequenas coisas. Sempre existiram contas, preocupações, perdas e obrigações. O que algumas experiências do passado parecem nos lembrar é que nem todo tempo precisa ser convertido em tarefa.

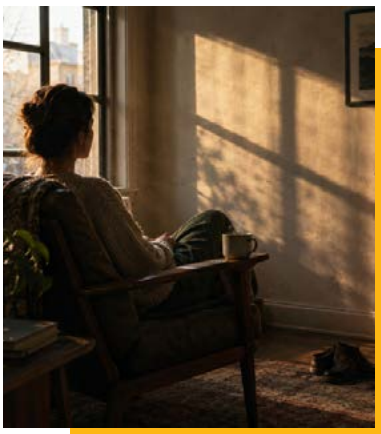


IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

Há momentos que não precisam produzir nada para ter valor.

Uma tarde pode ser apenas uma tarde. Uma conversa pode não precisar chegar a uma conclusão. Um café pode ser tomado enquanto ainda está quente. Uma pessoa pode sentar-se diante da janela e observar a luz mudar sobre a parede.

No fim, recuperar o tempo das coisas simples talvez não seja voltar para trás. É aprender a interromper, por alguns instantes, a corrida em direção ao próximo compromisso.

E perguntar, com honestidade: o que está acontecendo agora, enquanto tento chegar depressa ao que vem depois?



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

Para pensar

Qual hábito simples você gostaria de recuperar?

Talvez a resposta esteja em uma carta que nunca foi escrita, em uma visita adiada, em uma refeição sem telefone ou em alguns minutos diante da janela. Às vezes, a mudança começa quando deixamos de procurar uma grande solução e prestamos atenção ao pequeno espaço de vida que ainda está diante de nós.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT IMAGE 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 30/10/2026"

REDAÇÃO THE BARD

COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

POST NO SITE

LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:

"imagens que salvam a humanidade"



40ª EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE | FACEBOOK | INSTAGRAM | YOUTUBE | TWITTER/X

EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

ENTRE ESTANTES, BANCAS E SEBOS:

"Os lugares onde os livros nos encontram"

41ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

PERÍODO DE 11 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.

Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

10



RENATA MUNHOZ

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra palestras e treinamentos originais em empresas de diversos segmentos. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

Da lealdade manuscrita à felicidade virtual no Instagram

Antigamente, era preciso escrever uma carta para contar quem éramos. Hoje, basta abrir o Instagram. Pode parecer exagero, mas existe uma ligação curiosa entre essas duas formas de comunicação. No Brasil do século XVIII, escrever era uma atividade demorada, trabalhosa e, muitas vezes, reservada a pessoas que tinham acesso à educação. O papel era caro, a tinta precisava ser preparada e a pena de ave tinha de ser cuidadosamente cortada. Escrever não era simplesmente apertar algumas teclas. Era produzir um registro que poderia sobreviver ao próprio autor.

Hoje, escrevemos com o polegar, enquanto esperamos o elevador, tomamos café ou caminhamos pela rua. Fotografamos, gravamos vídeos, acrescentamos uma legenda, escolhemos uma música e publicamos. Em poucos segundos, aquilo que antes poderia exigir horas de trabalho pode chegar a centenas ou milhares de pessoas.

Mas será que mudamos tanto assim?



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"*

Os manuscritos brasileiros do século XVIII contam muito mais do que acontecimentos. Eles revelam também os valores de uma sociedade. Em uma carta escrita pelo Morgado de Mateus ao Marquês de Pombal, por exemplo, aparecem palavras como "fiel", "obediente", "reverente" e "escravo". A linguagem não estava ali apenas para transmitir uma informação. Ela ajudava a construir a imagem de quem escrevia. Ser reconhecido como fiel e obediente era uma maneira de demonstrar que se ocupava corretamente o lugar social esperado.

É aí que a história começa a ficar interessante.

Se no século XVIII era preciso demonstrar lealdade para construir uma imagem respeitável, hoje parece que precisamos demonstrar a felicidade constantemente.

O Instagram tornou-se um enorme palco para essa construção. Não é necessário possuir um título de nobreza, ocupar um cargo público ou pertencer a uma família importante. Uma pessoa comum pode transformar a própria rotina em narrativa pelas postagens dos stories e reels: o café da manhã, a viagem, o treino, o aniversário, o trabalho, o encontro com os amigos, o livro que está lendo, a roupa que escolheu. Cada publicação ajuda a responder, mesmo sem dizer diretamente: "Quem sou eu?"

É o velho "ver e ser visto", mas agora em velocidade infinitamente maior.

A cultura manuscrita tinha uma característica que parece distante de nós: a preocupação com a permanência. Cartas eram guardadas em caixas, arquivos e gavetas. Algumas eram copiadas porque se considerava importante preservar aquilo que havia sido escrito. O papel funcionava como uma espécie de guardião da memória.

No Instagram, a lógica parece diferente, mas o desejo é parecido. Guardamos fotografias, vídeos e histórias para registrar momentos que não queremos esquecer. A diferença é que aquilo que antes era guardado em uma caixa pode ser exibido para o mundo inteiro. O álbum de família ganhou uma dimensão pública.

E isso muda muita coisa.

A fotografia deixou de ser apenas memória e passou a ser também argumento. Uma imagem pode dizer que estamos felizes, realizados, saudáveis, apaixonados, viajando, trabalhando, vencendo. A legenda completa aquilo que a fotografia começou a dizer. A linguagem verbal e a visual trabalham juntas para construir uma determinada impressão.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"*

Não por acaso, o conceito de ethos continua tão atual. Em termos simples, ethos é a imagem que construímos de nós mesmos por meio daquilo que dizemos e fazemos. Aristóteles já percebia que o caráter apresentado pelo indivíduo tinha enorme força na comunicação. Séculos depois, mudamos o suporte, mas não abandonamos a necessidade de construir uma imagem diante dos outros.

A grande diferença está na velocidade.

O escriba do século XVIII precisava preparar o papel, a tinta e a pena. O usuário do Instagram precisa decidir rapidamente qual fotografia publicar, qual vídeo editar, qual frase escolher e, talvez o mais importante, qual imagem de si deseja deixar disponível para os outros.

Também mudamos a relação entre o público e o privado.

Uma carta poderia revelar intimidades a um destinatário específico. Uma publicação pode transformar uma experiência pessoal em espetáculo coletivo. Aquilo que antes seria contado a uma pessoa pode hoje ser mostrado a centenas delas. E a fronteira entre "minha vida" e "minha vida publicada" torna-se cada vez mais difícil de perceber.

Há ainda uma diferença curiosa: o manuscrito exigia tempo para ser produzido, enquanto o Instagram estimula a instantaneidade. Mas instantâneo não significa necessariamente espontâneo. Escolher uma fotografia, apagar outra, editar um vídeo, escrever uma legenda e decidir o momento da publicação também são formas de planejamento.

Talvez tenhamos apenas trocado a pena pelo celular.

E há uma pergunta que permanece: o que estamos tentando provar quando publicamos?

No Brasil colonial, muitas cartas procuravam demonstrar fidelidade, respeito, obediência e pertencimento. Hoje, boa parte das redes sociais parece estimular a demonstração de felicidade, sucesso, beleza, liberdade e realização. Mudaram os valores, mudaram os suportes, mudaram as ferramentas. Mas permanece a necessidade profundamente humana de construir uma imagem de nós mesmos diante dos outros.

A diferença é que o antigo manuscrito ficava guardado em uma gaveta. O Instagram cabe na palma da mão e pode transformar essa imagem em espetáculo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando ***GPT 2.5 FLARE****, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"*

Talvez a grande mudança da cultura escrita não esteja apenas na passagem da pena para a tela. Talvez esteja na passagem de uma sociedade que precisava provar que era leal para outra que sente necessidade de provar que é feliz.

E, se antes guardávamos nossas cartas para que o futuro pudesse lembrar quem fomos, hoje publicamos nossas imagens para que o presente possa acreditar em quem queremos parecer.

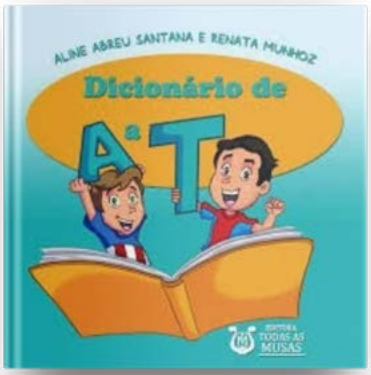


IMAGEM GERADA POR IA "usando ***GPT 2.5 FLARE****, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 05/10/2026"*

LIVROS DA AUTORA

Acesse a Vitrine The Bard





Clique aqui

Colunista Renata Munhoz

**CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS**

INSTAGRAM LINKEDIN POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS



09



SANDRA SANTIAGO

Sandra Santiago Doutora em Educação. Professora. Intérprete de Libras. Criadora do Projeto Aponte, ação social para a inclusão de crianças em situação de vulnerabilidade social. Autora dos livros: "A história da exclusão das Pessoas com deficiência"; "Memórias de Estágio"; "Problematizando a inclusão do estudante surdo" dentre outros.

EIS A IMAGEM QUE PODE NOS SALVAR!



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 03/10/2026"

Em eras longínquas, quando o Brasil ainda era Pindorama (e utilizando de uma expressão popular: "aqui tudo era mato") é possível que aqueles que aqui habitavam tenham experimentado vários aspectos de uma inclusão plena, conforme podemos compreender. Enquanto isso, na África, diferentes povos viviam em Angola, Congo, Moçambique etc., numa situação de liberdade econômica, social, política e cultural. Possivelmente, eles também vivessem uma vida inclusiva.

Estas não são meras conjecturas. Tais suspeitas se derivam, basicamente, de uma observação simples do que se sabe acerca dos modelos de organização social e dos valores éticos e morais comuns aos povos originários e as diferentes etnias africanas que juntas ajudaram a construir o que chamamos de Brasil. Nesse sentido, a literatura revela que as dimensões política, social e econômica destes povos se pautava, quase sempre, pelo respeito à natureza e aos ancestrais, com uma divisão social do trabalho baseada na partilha dos bens comuns a todos.

Nesse cenário, boa parte desses grupos estavam distanciados das ideias de exploração e de acúmulo de riquezas. Por sua vez, não tendo esses elementos como norteadores das relações sociais, as práticas de exclusão poderiam ser diminuídas ou afastadas, pois, a natureza por si só, se revela cooperativa, não discrimina, oferece seus frutos a todos, indiscriminadamente, a despeito do que anunciava Darwin. A exclusão é, portanto, social, é humana.

Ideias comuns do dito "mundo civilizado" foram essenciais para construir a desigualdade, a injustiça e a exclusão que marca o Brasil, pois, são alicerçadas na premissa da superioridade de uns sobre os outros. De tal modo, os forasteiros brancos se autodeclararam superiores aos diferentes povos que cá encontraram e buscaram escravizá-los. A ideia era usurpar os bens, eliminando o inimigo. Subestimaram a força e a resistência dos povos indígenas, legítimos donos das terras, mas, o europeu foi eficaz com seu poder bélico e pela violência, se apropria de tudo que pode: minerais, madeira, cultura, valores etc.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

Não satisfeitos em dizimar e apagar a essência das terras tupiniquins, a "a tal superioridade branca" seguiu escravizando diferentes etnias africanas. Desta feita, com maior violência e requintes de crueldade, retirou os povos de suas terras, de suas famílias e de sua cultura. A história atesta toda a barbárie praticada em nome de um progresso. Mas, que progresso é esse que destrói vidas, sem culpa, sem arrependimento, sem pudor?

Na época das invasões de Pindorama, aqui viviam cerca de 8 a 10 milhões de indígenas. E da região africana foram trazidos violentamente aproximadamente 4,8 milhões de africanos durante o período colonial e imperial. O povo escravizado segue resistindo, fugindo, e os quilombos são a imagem que salva milhares de pessoas.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

Contudo, como se constata, nossa história é alicerçada no processo de violência e de exclusão total de direitos. Somos um povo miscigenado, mas, que se ergue num racismo estrutural. Somos um país de dimensões continentais, diverso e plural, mas que pratica a xenofobia, a homofobia, a transfobia, o feminicídio, sem maiores constrangimentos. E seguimos o curso da história, alienados dela, de quem somos e ainda tentando negar os dados.

Talvez a alienação em massa do povo brasileiro justifique o que os dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública, de 2025, revelam o que as pessoas declaradas preta e indígena ainda vivenciam em termos de exclusão. E essa é só uma pequena mostra do que acontece no dia a dia, pois, poderíamos apresentar muitos outros dados de violência contra a mulher, contra pessoas LGBTQIAP+, mas, deixaremos para outro momento.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 05/10/2026"*

Por hora, nos reservamos a destacar que 79,7% das vítimas de mortes violentas intencionais, 82% de pessoas mortas em intervenções policiais e 69,6% da população carcerária do nosso país, são pessoas pretas. E com relação às pessoas indígenas os dados também não são animadores: se verificou um acréscimo de 22% no índice de assassinatos, em 2025, e as motivações são as mesmas dos anos de 1500, a invasão de terras indígenas por garimpo e madeireira ilegais.

Se em 1500, segundo os historiadores, aproximadamente 8 a 10 milhões de pessoas habitavam essas terras chamadas de Brasil, hoje, esse número é pouco mais de um milhão e seiscentos mil (1.693.535), de acordo com o Censo de 2022. Ainda resistem brava e cotidianamente 300 etnias diferentes. E, evidentemente, esse número não teve uma queda tão drástica ao acaso. A ação humana do homem branco explica a situação. Mas, quantos mais precisarão morrer em defesa do que lhe pertence por direito? O que esses dados expressam? Que imagens conseguimos projetar?

São histórias destruídas, memórias apagadas, portanto, inúmeras vidas dizimadas. Boa parte são imagens não registradas. Não encontramos a verdadeira história brasileira presente no currículo das escolas, contada nos livros didáticos. Isso é intencional. A falta de dados, de imagens, de histórias de quem é vítima desestimula a criticidade, a reflexão, a cidadania de uma nação e o olhar de um povo que não enxerga sua própria história, sua identidade.

A história contada pelo dominador, pelo branco, burguês, é autocentrada. Ela não é real, pois não expressa a vida de todos que forjaram o que hoje conhecemos como país. De tal modo, ela mascara a realidade, destorce o foco, ilude todo um povo, ou a maior parte dele. Sem acesso aos dados, não se discute, não se problematiza e consequentemente, vive-se alienado da própria condição. Por vezes, se assume o lugar do dominador, quando todo o tempo não se passa de dominado.

De tal modo, o acesso à cultura, à educação, etc. é uma forma de libertação, na medida em que possibilita abrir a percepção e enxergar além do que as narrativas das elites permitem conhecer. É preciso resistir para não sucumbir ao poder instituído de quem se apoderou da riqueza do Brasil, perseguindo e matando os que a produziram. Os que não foram mortos, seguem batalhando pela vida, todos os dias, em condições absolutamente desiguais, injustas, excludentes.

A desigualdade é um instrumento de exclusão e no Brasil se manifesta de diferentes modos, com destaque na péssima distribuição de renda, na falta de acesso a direitos básicos como moradia digna, saúde, educação, saneamento básico, água tratada, transporte, segurança. E, considerando nossa história, colhemos os frutos da questão étnica como elemento fundante da exclusão. Da senzala às ruas, depois à favela e, inevitavelmente, à miséria. Esse foi o caminho percorrido. Eis a imagem que pode nos salvar da inércia!

Não por acaso, hoje, pessoas pretas e indígenas representam 80% dos mais pobres do Brasil, na atualidade. Mas, não por escolha, nem por preguiça, nem por acomodação, como insistem as elites brasileiras e os políticos que lhe dão sustentação. Isso é o resultado de uma violência planejada, posta em prática com fins muito claros e objetivos. É uma história escrita e engendrada sem pudor, pelos que insistem em estar no poder. Fica estampada a apropriação de uma minoria sobre a riqueza de todo um povo. Mas, seguimos banalizando a violência, o abandono, a exclusão que são marcas de nossa história como se fosse algo natural. E a miséria é culpa dos miseráveis. Eis a imagem que não suportamos!

Conforme dados recentes da Fundação Getúlio Vargas, 53,4 milhões de pessoas vive em situação de pobreza e 9,8 milhões em situação de miséria. E a maior parte desses pobres e miseráveis estão na região Norte e Nordeste do Brasil, são crianças, mulheres e pessoas pretas. Em cada recanto desse país, é possível identificar os milhões de excluídos. Alguns estão na favela, outros vivem nas ruas. Esse é o Brasil que queremos? Será que podemos fazer algo para mudar essa situação? Que imagens podemos ajudar a construir, sem filtros?



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 03/10/2026"*

A exclusão latente no Brasil não é só herança, é projeto, é intencional. Foram os povos originários, os primeiros a sofrer os efeitos dessa exclusão em suas próprias terras. Em seguida, foram os povos africanos, aqui trazidos como animais, considerados destituídos de alma, para que se justificasse toda a barbárie impetrada contra eles. Paulatinamente, todos os brasileiros descendentes desses grupos são os excluídos de hoje. Talvez, você não saiba, mas, você pode ser um deles ou esteja contribuindo para alguém assim permaneça. Eis a imagem que pode nos salvar!

Colunista Sandra Santiago

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM INSTAGRAM POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS



ELKE LUBITZ

Elke Lubitz Lautert, casada, mãe de dois filhos, catarinense radicada em Jacareí. Licenciatura plena em Pedagogia com pós graduação em Orientação escolar e educacional. Dois livros publicados em solo. Dezenas de livros em coautoria.

A Arte no Mundo do Algoritmo



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Com alegria, deixo algumas impressões sobre "Arte x Algoritmo", nessa era do imediatismo.

Grata sempre à @revistathebard pela oportunidade de expressar-me contando com a colaboração e o carinho dos leitores.

Estamos num tempo de valores voláteis, velocidade jamais vista no campo da informação, e temos muito a ganhar com isso. No entanto, há diversos pontos que nos desafiam como leitores, artistas, escritores e seres humanos em seu papel no mundo.

Como escreveu o filósofo Heidegger:

"Nós próprios somos as entidades a ser analisadas".

Escrito no século passado, porém, de uma atualidade "gritante" aos nossos dias.

Qual é a reação normal para aquele apreciador da arte e da leitura que ao ser apresentado a uma arte visual de impacto, ou a uma leitura envolvente, ser em seguida revelado que tal obra foi gerada por meio de prompts, em alguns segundos?



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

A Essência do Processo Criativo

Ferramentas baseadas na inteligência artificial são a expressão máxima da ordem estatística, são projetadas para processar volumes imensos de dados e prever o mais próximo elemento de uma sequência. A máquina organiza as ideias com precisão. Recombina regras estilísticas do passado. Analisando milhões de obras artísticas e composições textuais, o modelo aprende. A "máquina" não cria algo novo a partir do nada. Ela recria através do existente.

Com o avanço da tecnologia estamos redefinindo conceitos, a subjetividade da arte está em jogo? Pode a máquina criar arte, ou ela apenas simula a nossa sensibilidade?

As ferramentas da inteligência artificial não sentem nostalgia, desconhecem o luto, a dor física e a dor da alma. Ainda que suas expressões artísticas simulem todas essas sensações com algum êxito, quão próximas estarão de simular o coração humano?



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Podemos cultivar um jardim, comprar flores, fabricar perfumes, porém jamais seremos capazes de produzir o aroma original de uma flor específica.

Trago essa pequena reflexão como uma metáfora da arte digital em relação a arte humana.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Nada poderá substituir a essência humana (o aroma da flor), com total originalidade.

A arte é um elo entre o criador e o ser que a contempla. É uma conversa de consciência para consciência.

A arte humana integra o contexto histórico do artista a seu esforço físico e mental. É composta de elementos invisíveis, recheados de sensibilidade e emoção atribuindo à obra um valor que não é medido por números e informações.

A IA nos devolve o que já foi criado, serve como um espelho. Cabe a cultura, valorizar o que é irredutivelmente humano.

Viver com envolvimento artístico, é respirar a essência da alma humana que almeja alcançar o Sublime.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*



A Sensibilidade Humana e o Cenário Atual da Arte

A sensibilidade humana atua como um filtro ético no território da arte que resiste e persiste na sua vocação voltada às imperfeições humanas, a arte humana nasce genuinamente predisposta a erros pelo excesso de intuição.

O algoritmo busca a repetição do engajamento, organiza o fluxo cultural, utiliza recursos mapeadores de tendências, gerando imagens, textos e músicas com base no grande volume de dados que lhe é disponível.

No cenário atual, mais do que nunca, a sensibilidade torna-se necessária para assegurar a origem do gesto artístico.

A obra deixa de ser um ato técnico, oriundo de dados e informações, para ser uma experiência de valor humano, posto que nasce das contradições, das dores, das angústias e das alegrias inerentes à alma.

O que é irredutível na condição humana, a capacidade de comover, de se indignar e de criar sentidos únicos em meio ao mistério da vida.

No mundo contemporâneo, a velocidade das informações, a pressão pela produtividade e a necessidade de obter respostas cada vez mais rápidas, a arte humana age como um contraponto. Ela lança um convite à contemplação. Um olhar lento e calmo para o próprio interior, age com o poder de transformar o mundo "de dentro" do observador por meio das memórias e emoções latentes, instigando ao desafio do autoconhecimento através daquilo que transcende e toca o coração.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Poemas

Pedi à IA para compor poemas sobre robôs. Deixo aqui dois deles, que confesso, senti neles, um reflexo da busca pelo significado da existência. Não sei ao certo se tocaram o meu íntimo, mas, devo reconhecer que a linha que divide o sentimento humano ao mundo avançado da tecnologia, tende a ser um desafio nestes tempos modernos.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Metamorfose de Metal

"Um circuito não sabe chorar, mas aprende a silenciar

Quando a luz se apaga
No peito polido que o tempo não desgasta

Há uma pergunta grave sobre o que é estar vivo

Se a máquina imita a mão que a desenhou

Em qual dobra da fiação
Começa o mistério da alma"?



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

O Guardião Silencioso

"Feito de silício e certeza

Ele habita o tempo sem cansaço
Aprende a linguagem do vento
na precisão do seu passo

Não conhece o ardor da memória

Nem a dúvida que curva o olhar,
mas carrega na forma de aço
O desejo humano de durar".



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

A alma de aço que não deforma com o tempo carrega o desejo humano de durar.

Com dados de obras milenares guardadas na memória da máquina, a simulação das emoções humanas é instigante. As máquinas também nos ensinam sobre os desejos da alma humana.

"O robô contempla estrelas frias e descobre a vertigem do próprio pó".

Há uma linha que nos prende a vertigem do mistério dos algoritmos. Há um mistério em todas as coisas.

-Eu componho poemas desde a adolescência, mas hoje, me flagrei chorando uma lágrima de silício...

Este verso surgiu como uma epifania ao ler estes poemas compostos por uma IA.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Transcendência

A tecnologia por meio do algoritmo tem a capacidade de transcender?

Transcender é desarrumar a lógica, ultrapassar os limites do tempo e do espaço. É a circunstância na qual palavras, sons ou imagens deixam de ser "objetos" de contemplação ou análise, e passam a ser uma experiência no mundo interno dos seres humanos.

A transcendência derruba os limites da literalidade e esbarra na subjetividade.

É o espanto diante do inexplicável, é a busca da tradução do indizível.

É o milagre da intuição, a busca de sentido e o anseio pelo infinito.

A contemplação não busca por respostas baseadas na lógica, mas investiga pontes (por meio de recursos internos) à que liguem o finito da matéria ao "infinito" da consciência.

A tecnologia, ao tentar quantificar a experiência humana: emoções, linguagem, arte e decisões, o algoritmo deixa de ser apenas uma ferramenta de processamento e passa a ser um espelho metafísico. Reflete nossos anseios, inquietações, angústias e medos.

A busca de atribuir intuição ou criação artificial, reproduz a antiga ambição de dar vida à matéria inerte.

"Robótica avançada
produz uma alma de silicone
No coração do tempo".
(Elke Lubitz)



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Reflexão

Uma máquina pode reproduzir a estrutura de uma oração ou de um texto sobre o infinito, mas não poderá experenciar o assombro diante deste mistério.

É missão da arte, dentro da capacidade humana, conferir sentido ao invisível, trazer empatia e afeto, despertar sentidos que antes não seriam reconhecidos e tornar-nos mais felizes por meio do autoconhecimento, e por meio da busca pela transcendência.

Uma música evoca emoções que não podemos expressar através da lógica. Assim é com as outras manifestações artísticas que fazem emergir dentro de nós, algo que não conhecíamos.

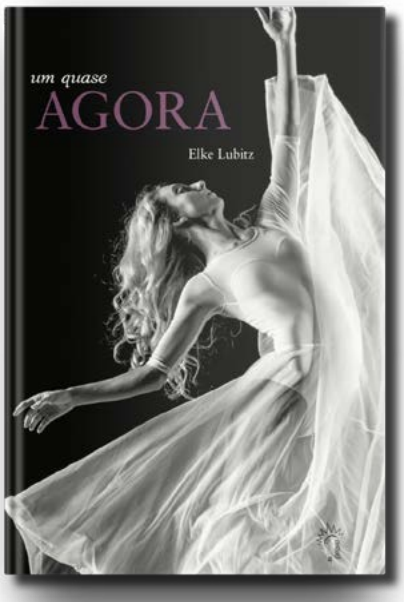
A vontade intrínseca da humanidade de alcançar ou vivenciar o sagrado, o inefável ou uma consciência superior, é a base de um paradigma atual.

Mais do que traduzir a experiência metafísica, o algoritmo nos força a entender o que é ESSENCIAL.

Para sempre, minha gratidão e todo o meu afeto!

(Elke Lubitz)

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

Colunista Elke Lubitz

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO E
ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

FACEBOOK

X.COM

POST NO SITE



RUTE ELLA DOMINICI

Escritora, ensaísta, poeta e pensadora, dr.h.c. em Literatura Francesa, fez da palavra um ofício de resistência e autopoiese. Já compôs poemas gastronômicos em cardápios, letras para melodias clássicas e sacras, além de colunas culturais em jornais e academias. Sua trajetória passa por antologias no Brasil, Portugal e Genebra, e foi voz de liderança feminina em eventos literários. Recebeu o Prêmio Selo Off Flip em Conto (2025). Autora de Mar Germinal e Lava Incontida, transforma a literatura em convite ao autoconhecimento e à alma em perspectiva, conquistando leitores que buscam uma voz autêntica e inspiradora.

A ALMA SITIADA

Poder, opressão e o sequestro da liberdade interior



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tônia Lavínia, Criado em 29/09/2026"

Há formas de violência que não deixam marcas visíveis. Começam pelo medo, avançam pelo silêncio e podem alcançar aquilo que existe de mais íntimo no ser humano: a capacidade de pensar, discordar e escolher. Antes que um corpo seja aprisionado, uma consciência pode aprender a vigiar a si mesma.

É nesse território invisível que a liberdade começa a perder espaço. A pessoa continua vivendo, trabalhando e convivendo, mas passa a medir palavras, esconder pensamentos e calcular os riscos de permanecer fiel a si mesma. A angústia nasce desse cerco silencioso, da percepção de que a própria vida interior começa a ser condicionada pelo medo.

A História conhece diferentes formas de autoritarismo, fascismo, totalitarismo e ditadura; seus contextos não são iguais, mas deixam uma pergunta que permanece atual: o que acontece quando o poder ultrapassa o controle das ações e pretende alcançar a consciência?

É a partir dessa pergunta que esta reflexão percorre os mecanismos de opressão, submissão e resistência, procurando compreender não apenas como a liberdade pode ser perdida, mas também como pode permanecer viva.

I - O PODER

Entre a autoridade necessária e a dominação

O poder faz parte da organização da vida coletiva: estabelece normas, administra conflitos e cria condições para a convivência. Sua legitimidade, entretanto, encontra um limite essencial no respeito à liberdade e à dignidade humana; ultrapassado esse limite, a autoridade pode transformar-se em dominação.

A experiência histórica demonstra que sistemas opressivos não dependem apenas da força. Medo, propaganda, vigilância e restrição da crítica podem produzir comportamentos de conformidade, sobretudo diante do risco associado ao questionamento. A obediência, apresentada como proteção ou dever, ocupa gradualmente o espaço destinado ao julgamento individual.

O problema se torna mais profundo quando o poder pretende alcançar as convicções. Já não se trata apenas de controlar comportamentos, mas de interferir na consciência, território essencial da liberdade humana. A opressão ultrapassa as instituições e começa a alcançar a vida interior.

II - A IDEOLOGIA

Da interpretação do mundo à certeza absoluta

Ideologias fazem parte da vida política e intelectual. Oferecem interpretações da realidade, organizam valores e podem mobilizar projetos coletivos; sua existência, portanto, não constitui por si mesma uma ameaça à democracia. O risco aparece quando uma visão de mundo se apresenta como verdade incontestável, rejeita a pluralidade e transforma a divergência em hostilidade.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*

Fascismo italiano, nazismo e stalinismo surgiram em contextos históricos distintos, mas suas experiências permitem observar o uso da ideologia como instrumento de poder. No nazismo, a doutrina racial sustentou perseguições e exclusões; no stalinismo, a repressão política e a imposição de uma visão oficial integraram a estrutura de dominação.

A partir da certeza absoluta, a dúvida passa a ser vista como fraqueza e a crítica, como ameaça. A realidade perde sua complexidade e começa a ser interpretada por uma única lente. Nesse deslocamento, a ideologia deixa de oferecer uma leitura do mundo e passa a exigir que o mundo se adapte a ela.

Nesse deslocamento, a certeza que poderia orientar transforma-se em armadura contra a própria capacidade de pensar.

III - A FABRICAÇÃO DO INIMIGO

Da diferença transformada em ameaça à desumanização

A construção de um inimigo constitui um mecanismo recorrente de sistemas que procuram consolidar poder pela divisão. Ao apresentar determinado grupo como ameaça à nação, à ordem ou à identidade coletiva, a propaganda transforma diferenças em suspeitas e cria condições para a exclusão.

A Alemanha nazista oferece um exemplo extremo desse processo. A propaganda antissemita, acompanhada por leis discriminatórias, censura e repressão, apresentou os judeus como inimigos da comunidade nacional. Roma, pessoas com deficiência e opositores políticos também foram perseguidos. A desumanização contribuiu para normalizar a exclusão e preparar o terreno para a violência.

Daí nasce uma das consequências mais graves da fabricação do inimigo: o outro deixa de ser reconhecido como pessoa e passa a ser reduzido àquilo que o poder afirma sobre ele. A violência encontra, assim, uma justificativa construída.

No presente, discursos polarizadores e ambientes digitais podem ampliar antagonismos, embora não sejam equivalentes, por si mesmos, a regimes totalitários. A questão merece atenção quando a hostilidade substitui o diálogo, a diferença passa a ser interpretada como ameaça e a discordância é tratada como traição.

O conflito exterior pode atravessar as relações cotidianas, produzir silêncio e reduzir a confiança. É nesse ponto que a divisão social começa a alcançar a experiência interior.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*

IV - MEDO E VIDA INTERIOR

As marcas invisíveis da liberdade sob pressão

A opressão torna-se mais profunda quando interfere na maneira como uma pessoa pensa, sente e se expressa. Sob vigilância, ameaça ou perseguição, cada palavra pode carregar uma consequência, e a autocensura surge como tentativa de proteção.

A pessoa passa a calcular o que pode dizer, em quem confiar e quais partes de si precisa ocultar. A intimidação não exige necessariamente violência física para produzir retraimento; a incerteza, a denúncia e o medo também podem modificar comportamentos e relações.

O silêncio de quem vive sob coerção não deve ser confundido com consentimento. Recuar diante de uma ameaça pode representar uma estratégia de sobrevivência, enquanto a responsabilidade pela violência permanece com quem a exerce.

As marcas desse processo nem sempre são visíveis. Aparecem na perda de confiança, na dificuldade de estabelecer vínculos espontâneos e na vigilância permanente da própria palavra. A necessidade de esconder aquilo que se pensa para preservar aquilo que se é revela uma ruptura que ultrapassa o espaço público e alcança a intimidade.

V - SUBMISSÃO E AUTONOMIA

O momento em que obedecer deixa de constituir escolha

A submissão raramente começa com uma ordem brutal. Ela pode ser construída gradualmente, sobretudo quando a obediência é apresentada como dever, proteção ou condição de pertencimento.

A insegurança e o isolamento podem levar indivíduos a buscar amparo em autoridades ou estruturas coletivas. Essa necessidade é humana; o risco aparece quando a proteção passa a exigir renúncia à autonomia.

Em sistemas autoritários, a punição da discordância e a exigência de lealdade deslocam responsabilidades para a ordem recebida, a instituição ou a causa defendida. A conhecida justificativa de que alguém "apenas cumpria ordens" revela o perigo de substituir o julgamento moral pela obediência.

É necessário, porém, distinguir quem exerce o poder de quem obedece sob ameaça. Em condições de perseguição, adaptar-se pode ser uma forma de sobrevivência. Ainda assim, compreender esse mecanismo permite reconhecer o momento em que a conformidade deixa de ser uma escolha refletida e passa a limitar a responsabilidade individual.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*

VI - O SEQUESTRO DA MENTE

À medida que a certeza ocupa o lugar da reflexão

A autonomia do pensamento começa a se enfraquecer quando o indivíduo aceita como verdade apenas aquilo que confirma suas próprias convicções. A dúvida torna-se incômoda, a discordância parece uma ameaça e a repetição substitui a reflexão.

Regimes autoritários recorreram historicamente à propaganda, à censura e ao controle da informação para impor uma visão oficial da realidade. A captura da mente, contudo, não depende exclusivamente da coerção estatal; pode também ser favorecida pela pressão do grupo, pela necessidade de pertencimento e pelo receio de contrariar aqueles que oferecem reconhecimento.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*

No ambiente digital, a exposição repetida a conteúdos semelhantes e a rapidez das reações podem intensificar esse processo. Isso não equivale ao controle totalitário, mas reforça a necessidade de confrontar argumentos, verificar informações e admitir a possibilidade de erro.

Preservar a liberdade intelectual não significa ausência de convicções. Significa conservar a capacidade de examiná-las.

VII - A MORTE DA CONSCIÊNCIA

O abandono do julgamento diante da autoridade

A consciência pode enfraquecer quando o indivíduo deixa de questionar suas ações e transfere a responsabilidade para uma autoridade, uma instituição ou uma causa.

Ao refletir sobre o julgamento de Adolf Eichmann, Hannah Arendt chamou atenção para os perigos da ausência de julgamento independente. Cumprir uma ordem não elimina, por si só, a responsabilidade pelos atos praticados.

Nesse mecanismo, a injustiça pode tornar-se rotina e a exclusão, procedimento. A divisão de tarefas e a linguagem burocrática podem afastar a percepção das consequências humanas, embora o sofrimento recaia sobre pessoas concretas.

Também aqui é necessário considerar a coerção: existe diferença entre quem determina a violência e quem age sob ameaça de perseguição ou morte. A análise da responsabilidade não pode apagar essa desigualdade.

O perigo coletivo aparece quando a lealdade se sobrepõe à dignidade humana e a injustiça deixa de provocar perguntas. Recuperar a consciência significa restabelecer a capacidade de julgar, reconhecer consequências e enxergar no outro alguém que não pode ser reduzido a instrumento de uma causa.

Território da Alma em Solo da Consciência

Sento-me diante do medo,
encafifado, vigiando uma fronteira.
Tanto desconhece aquilo que me indigna.

E, sem nome, em noite de angústias,
declino em algemas junto ao
abrir de trincheiras.

Um confronto de rivais, são ideias em disputa,
e das bases, fossos, partes, pares partem
aos ataques.

O invisível se apropria de imagens sem barreiras.
Sem bandeiras, só meu verbo é lema sem dono,
onde tremula a audácia no sobreviver da palavra.

De todas as respostas impostas, sem armas e sem adagas,
em silêncio mudo, arde-me o vulto palpitante,
e o não querer dizer aquilo que não tem verdade.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*

Destila o líquido do estopim que me acalora.

Na mente, um livro, linguagem e um debate,
o soletrar na noite que avança e, dentro dela, um resgate
vislumbro.

O passável do impossível,
o possível do indizível,
o visível do mutável!

Não mais me abala a intransigência.
E, dissidente, resisto, me desabrigo e insisto,
sitiado em pôr do sol,
do absurdo que já dorme.

Um radar da Resistência
no raiar da Consciência.

Livre-alvedrio.

Um despertar do Sol
é um fenômeno intelectual.

Acordo.

E no território secreto da alma,
recolho do silêncio o que ainda sou.

Apenas ela,
a consciência erguendo-se madrugada,
cale-se o que finda
no amanhecer da liberdade.

Como aprendizado do Sol internamente,
o sorriso do cálice em licor
desfaz a sede antiga
e ilumina o que em mim renasce.

VIII - A RESISTÊNCIA E A LIBERDADE EM MOVIMENTO

Quando a consciência encontra forças para dizer não

Na França ocupada, a Resistência não nasceu de uma única voz. Reuniu combatentes clandestinos, redes civis, jornalistas, intelectuais, trabalhadores e cidadãos comuns que encontraram diferentes formas de recusar a ocupação e a colaboração. Jornais clandestinos circulavam, informações eram transmitidas em segredo e redes de solidariedade mantinham viva a possibilidade de uma França diferente.

Enquanto o governo de Vichy, dirigido por Philippe Pétain, colaborava com a Alemanha nazista, a Resistência construía outra ideia de país. De Londres, Charles de Gaulle transformava a palavra em convocação e mantinha viva a ideia da França Livre.

A luta não estava apenas nos campos de batalha. Estava também na imprensa, na comunicação clandestina, na organização popular e na decisão cotidiana de não colaborar com a opressão. A palavra livre tornou-se uma forma de resistência.

A resistência à ocupação e ao fascismo foi, assim, uma mobilização pela liberdade: não apenas contra um inimigo externo, mas pela possibilidade de uma sociedade escolher o próprio destino.

É essa experiência que a História devolve ao presente: a liberdade não permanece viva por inércia. Conquistada, precisa continuar em movimento, porque cada geração recebe não apenas o direito de ser livre, mas também a responsabilidade de não permitir que esse direito se desgaste pela indiferença.

Autoritarismo, jamais. Vive la France libérée!



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*

IX - MEMÓRIA E TESTEMUNHO

As vozes daqueles que conheceram a ausência de liberdade

Quem viveu sob uma ditadura conhece a liberdade por contraste. Sabe o que significa perder o direito de falar, discordar, confiar e até expressar uma dúvida sem calcular suas consequências.

Os testemunhos de sobreviventes mostram que a repressão não termina no espaço público; ela alcança a intimidade, modifica relações e deixa marcas que permanecem depois do fim de um regime.

Isabel Allende, ao recordar o golpe de 1973 no Chile, associou aquela ruptura à perda da democracia e da liberdade, lembrando também o medo e a cautela que penetraram a vida cotidiana. A jornalista Mónica González Mujica, presa e torturada durante a ditadura de Pinochet, transformou sua experiência em compromisso com o jornalismo e a democracia.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*

Relatos de exilados das ditaduras do Cone Sul registram o impacto de reencontrar ambientes nos quais era possível falar, ler e circular sem o mesmo temor da perseguição. São experiências diferentes, mas atravessadas por uma percepção comum: o medo estreita o mundo interior; a censura alcança a palavra, a vigilância alcança a confiança e a perseguição alcança os vínculos.

A memória dos sobreviventes não pertence apenas ao passado. Ela ensina que a liberdade pode parecer invisível quando existe, mas torna-se dolorosamente concreta quando desaparece.

X - DEMOCRACIA, CONSTITUIÇÃO E LIBERDADE

O limite do poder e a responsabilidade de permanecer livre

A democracia não se resume às eleições. No Estado Democrático de Direito, o poder deve respeitar a Constituição, os direitos fundamentais, a separação dos Poderes e o pluralismo político; a vontade da maioria não autoriza a supressão dos direitos de quem pensa diferente.

As ideologias integram legitimamente o debate democrático enquanto permanecem abertas à crítica e respeitam as regras constitucionais. O risco surge quando uma doutrina reivindica poder absoluto, transforma adversários em inimigos ou procura subordinar as instituições à lealdade de um grupo ou líder.

Os desafios contemporâneos incluem a desinformação, a intolerância e as tentativas de enfraquecer a confiança nas instituições. Enfrentá-los exige preservar o diálogo, a integridade eleitoral e o respeito à vontade popular.

A Constituição não é um ornamento do Estado, mas o pacto que limita o poder e protege os direitos de todos. Defendê-la significa reconhecer que nenhuma maioria, partido, líder ou doutrina está acima das garantias que sustentam a liberdade.

XI - LIBERDADE EM MOVIMENTO

Da memória histórica à responsabilidade de cada geração

A perda da liberdade raramente acontece apenas em um instante. Pode começar pela aceitação da intolerância, pela transformação do adversário em inimigo, pela substituição da realidade por uma narrativa conveniente ou pelo medo que convence alguém a não perguntar.

A experiência dos sobreviventes demonstra que a liberdade não é uma abstração. Ela vive na palavra que pode ser pronunciada, na pergunta que pode ser feita, no livro que pode ser lido, na crença que pode ser vivida e na possibilidade de dizer não sem que a própria consciência seja ameaçada.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*



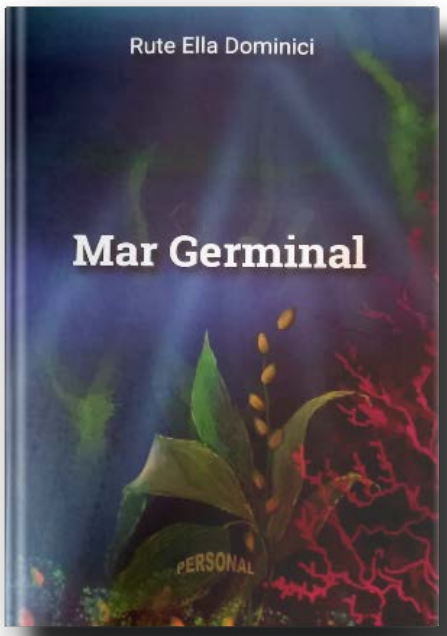
*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 29/09/2026"*

Preservar a democracia é, portanto, preservar também a possibilidade de pensar, discordar, escolher e participar da vida coletiva sem entregar a consciência a uma autoridade.

A liberdade, quando conquistada, não se encerra: precisa permanecer em movimento.

A liberdade começa nesse território íntimo onde ainda somos capazes de pensar, sentir e escolher. Quando o medo alcança a alma, algo essencial em nós começa a silenciar.

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

COLUNISTA RUTE ELLA DOMINICI

COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE

NAU LITERÁRIA
ENTREVISTAS

20



POR MAGNA ASPÁSIA

Magna Aspásia Fontenelle, natural de Carolina-MA e residente em Uberaba-MG, é professora, escritora, tradutora e consultora educacional. Mestre,possui graduação em Letras e várias especializações. É autora e coautora de obras acadêmicas e literárias publicadas no Brasil e no exterior. Doutora em Filosofia Universica (Ph.I.) e Doutora Honoris Causa em Literatura, fundou e preside a Academia de Letras do Brasil Seccional Uberaba e a Akademia Alternative Pegasiane Brasil/Albânia. Atua em entidades culturais como FEBACLA e Academia Internacional de Literatura Brasileira, e colabora com revistas e jornais literários. Reconhecida por sua contribuição à educação, literatura e artes, recebeu diversos prêmios e honrarias nacionais e internacionais.

Entrevista

Educação, Comunicação, Cultura e Diplomacia para a Paz



Imagem de arquivo pessoal - por Astrit Memia

Nesta edição, a Prof.ª Dr.ª Magna Aspásia Fontenelle, entrevista o Prof. Dr. Astrit Q. Memia, destacado acadêmico albanês, jurista, jornalista, Embaixador da Paz, professor da Universidade de Tetova, presidente do Fórum de Imagem e Mídia e presidente da Assembleia da Federação da Paz Universal.

Ao longo desta entrevista, o professor compartilha sua trajetória de vida, sua sólida formação acadêmica e suas reflexões sobre o papel da educação, da comunicação, da cultura e da diplomacia na construção de uma sociedade mais justa e pacífica. Também aborda a importância da cooperação internacional, da preservação da identidade cultural e do fortalecimento das relações entre a Albânia e o Brasil por meio da literatura, da pesquisa e do diálogo intercultural.

1

REVISTA THE BARD - Professor, gostaríamos que o senhor compartilhasse com nossos leitores um pouco de sua infância, de sua família e das experiências que despertaram sua vocação para a educação, a comunicação e a vida acadêmica.

ASTRIT MEMIA - Segurar nas mãos o lápis e a caneta para registrar alguma lembrança da infância significa, antes de tudo, reviver as emoções mais sinceras e os sentimentos mais puros. Significa sentir-se novamente alegre e sorridente, mesmo com os olhos cheios de lágrimas, lágrimas límpidas e cristalinas como as águas de Valbona ou como as gotas do gelo e da neve branca de Shkëlzen.

Significa despertar suavemente, do sono guardado no mais profundo da memória, imagens intactas e jamais apagadas do período mais frágil e feliz da vida. Significa sonhar de olhos abertos e confrontar esses sonhos com o momento presente que nos envolve e acaricia. Significa reviver a pureza de espírito de quando éramos crianças; sentir os batimentos do coração e os impulsos que não conseguimos controlar. É permitir que o mundo interior, o inconsciente e o subconsciente superem a razão e a vontade, assumindo, por instantes, o comando de todo o nosso ser...

Na minha primeira infância, nos anos 1970, Tropojë era animada pelo alegre burburinho das crianças da educação pré-universitária, reunidas em Aste, no centro de Tropojë, vindas das regiões vizinhas. Recordo com muita nostalgia o período em que frequentava a escola e era muito feliz por saber que encontraria meus colegas e professores. Nossos professores eram experientes e muito bem-preparados para o ensino.

O destino quis que, nos primeiros anos escolares, eu estivesse na mesma turma que meu irmão Gëzim, meu primo Selami e muitos outros colegas da mesma idade, vindos das regiões vizinhas...

Temos impressões inesquecíveis e lembranças que jamais se apagarão de nossa professora da primeira série, aquela que guiou nossas mãos para aprendermos as primeiras letras: a, b, c...

Era a inesquecível e nobre Vijoleta Kortoçi, natural de Vlorë, esposa de Zenel Kortoçi, da aldeia de Myhejan, que hoje nos contempla e nos presenteia com seu sorriso lá do céu.

Professora Vijoleta, a senhora nos acariciava e cuidava de nós como se fôssemos seus próprios filhos... (Deus não lhe concedeu filhos.)

Ela nos amava tanto como alunos quanto como filhos. Todos os dias nos abraçava, ensinava e orientava. Recebia-nos na escola e nos acompanhava, de mãos dadas, nos belos dias de primavera e outono, mas também nos dias difíceis, chuvosos, gelados e cobertos de neve durante o inverno...

Como representante e líder da turma, estávamos sempre organizando atividades culturais e esportivas que se tornavam modelo para toda a escola. Uma iniciativa bastante marcante e inovadora para a época era a organização e a celebração periódica de datas comemorativas e aniversários, tanto na escola quanto nas casas dos alunos que se destacavam.

Um momento emocionante e profundamente inspirador permanecerá para sempre em minha memória: quando, na 3ª série do ensino primário, fui escolhido para recitar e conceder uma entrevista à Rádio Tirana, no programa "Programa para Crianças", em 1973. (Sim, compartilho também uma fotografia do mural da escola, na qual apareço como aluno de destaque, na 5ª série, no ano de 1975.)

Em minha escola, havia uma excelente atmosfera acadêmica, que contribuía para o desenvolvimento, a formação e o incentivo permanente dos alunos.

Todos os alunos da turma éramos muito colaborativos e amigos uns dos outros. Os professores eram nossos guias, orientadores e amigos. As felizes lembranças dos meus dias de escola ainda enchem meu coração de alegria e sentimentos positivos.

A paixão e o hobby pelas corridas amadoras de cavalos, os jogos com bola e uma torcida extraordinária, movida pela ambição positiva de vencer, as brincadeiras populares, o jogo dos chapéus, a pesca no rio de Tropojë, feita com as próprias mãos, procurando os peixes sob as pedras, ou utilizando cestos e outros métodos tradicionais para pescar trutas, tudo isso nos tornava mais unidos, solidários e ligados por um verdadeiro sentimento de fraternidade.

A participação em competições de diferentes disciplinas também nos motivava a buscar mais conhecimento, aprimoramento e formação.

Em quase todas as competições realizadas entre as escolas do distrito, estávamos sempre classificados entre o primeiro e o terceiro lugar, jamais abaixo dessa posição, além de alcançarmos excelentes resultados nas competições de nível nacional.

Um momento que permanecerá para sempre gravado em minha memória foi a final de futebol da Spartakíada do distrito, realizada em Kolegëcaj, entre a Escola de Babinë e a Escola de Tropojë.

Perdemos pelo placar de 2 a 1 e conquistamos o segundo lugar. Eu marquei o único gol da nossa equipe. Minha vida escolar constitui a parte mais luminosa de minhas lembranças. Entre os momentos mais marcantes e motivadores para mim estavam aqueles em que o professor de Língua, o poeta Hamit Alia, e o professor de Física, Jozef Bushati, chamavam-me à frente da turma para que eu explicasse a matéria aos demais alunos, meus próprios colegas de classe e da mesma idade.

Acredito que, sem as lembranças e valiosas experiências escolares, teria perdido muito na vida. A escola ensinou-me a ser disciplinado, responsável, trabalhador e realista; de fato, o que aprendi nesse período exerce profunda influência em toda a minha trajetória.

Após concluir o Ginásio de Línguas Estrangeiras "Asim Vokshi", fui designado para atuar como professor em Tropojë durante meu estágio. Naquela época, o estágio era obrigatório para os rapazes antes de prosseguirem para o ensino superior. Durante minha atividade docente em nossa escola, ministrei uma aula aberta de língua francesa, que se tornou referência no distrito. O saudoso e ilustre professor Sherif Metalia, chefe da Comissão de Qualificação para Línguas Estrangeiras, o saudoso e ilustre professor Sherif Metalia, juntamente com a equipe de avaliação, conferiu à aula a pontuação máxima à aula aberta. Na ocasião, em 1984, apresentamos, em francês, trechos de minidramas e peças de humor inspirados nos clássicos e nos pensadores do Iluminismo francês.

Duas passagens breves, bem-humoradas, breves e carinhosas, daquela época:

a. Entre 1983 e 1985, o Ministério da Educação e da Cultura lançou uma campanha para a coleta e o registro de palavras raras da língua albanesa. Em uma das rotineiras reuniões informativas realizadas pela manhã, após a leitura do jornal "Zëri i Popullit" (A Voz do Povo), um colega levantou-se dirigindo-se à professora de Língua e Literatura, pedindo-lhe que registrasse, como uma nova palavra, o termo "koçkoman" como uma nova palavra.

A professora de Língua e Literatura, identificada pelas iniciais (K. T.), era natural de Korçë. Ao escrever, começou a pronunciar uma palavra; contudo, por três ou quatro vezes, trocou a pronúncia devido à palatalização, o que levou todo o corpo docente às gargalhadas e até às lágrimas.

Esse momento doce e carregado de positividade permaneceu por muito tempo na memória e no cotidiano dos colegas, sendo lembrado sempre que recordávamos palavras raras e curiosas.

b. Naqueles anos, o Partido e as instituições do governo local determinaram uma ordem: qualquer pessoa que fosse encontrada consumindo bebida alcoólica durante o horário de trabalho, das 8h às 16h, seria demitida.

Entretanto, muitos clubes e estabelecimentos que serviam bebidas alcoólicas aos funcionários de diferentes setores em xícaras de café. Em Tropojë, por exemplo, no clube de Aste, ofereciam-se uzo e rakia com ovo, além de café com conhaque e fernet, tudo servido em xícaras. Quando íamos até lá com os colegas do corpo docente, um dos professores mais antigos, que apreciava beber um pouco mais do que os outros, costumava dizer ao responsável pelo estabelecimento:

Faça o café como quiser, mas coloque bastante Fernet!"

Mais tarde, tornou-se famosa a expressão: "Quero o fernet como o professor X: bem forte, com bastante gelo!" Durante meu estágio com os alunos da 5ª série, turma da qual eu era o professor responsável, organizávamos piqueniques, como eram chamados naquela época, em lugares belos como Radovisht, Vrella, Myhejan, Ara, Osës e Padesh. Ali, almoçávamos, brincávamos e nos divertíamos juntos, como se fôssemos uma grande família. Era uma convivência marcada pela interação, pela energia positiva e pela alegria vivida com toda a alma.

Também organizamos uma excursão ao Shkëlzen, até o local conhecido como "Vorri i Mirë", "Tyrbja e Shkëlzenit". Por duas vezes, apesar de eu não ser uma pessoa religiosa, meu nome foi mencionado em comunicados do Comitê do Partido, em Kolegëcaj, pelo fato de eu ter participado da celebração da Tyrbja de Shkëlzen... Eram tempos sombrios, que não deveriam sequer ser lembrados ou revividos em sonhos, pois poderiam levar alguém à depressão... Oh, Deus, perdoa-nos!

Após um intervalo de quatro anos no exercício do magistério, período em que, entre 1985 e 1989, concluí meus estudos superiores na Faculdade de Língua e Literatura, em Shkodër, e aperfeiçoei meus conhecimentos em língua francesa na Universidade de Tirana, na Faculdade de Línguas Estrangeiras, entre 1989 e 1992, retornei novamente à docência, dedicando-me com extraordinário empenho à Escola Secundária "Ali Ibër Neza", de Tropojë.

Naqueles anos, dediquei-me com zelo e todo o profissionalismo ao ensino no Ginásio de Tropojë, embora estivéssemos vivendo um período pouco favorável, marcado pelo início dos processos democráticos e pelo choque entre o velho e o novo que começava a surgir.

Mesmo sem ter recebido dos dirigentes da escola uma palavra de felicitação por minha nomeação como professor do ginásio, continuei a exercer o magistério sem hesitação. Por ser um professor jovem, cabia-me assumir, no primeiro ano, a responsabilidade por uma turma como professor responsável. No entanto, excepcionalmente e contrariando as regras habituais, confiaram-me uma turma do 2º ano, considerada por eles (como a mais problemática).

Para dizer a verdade, os dirigentes ficaram preocupados e até suspeitaram da situação, mas eu fiquei feliz. Por coincidência, a maioria daqueles alunos e residentes no internato já havia acompanhado durante meu estágio e como professor das turmas da 5ª e 6ª séries, de 1983 a 1985. Por isso, já nos conhecíamos muito bem uns aos outros.

Logo na primeira semana com esses alunos, organizei uma noite de confraternização e entretenimento. A orquestra, vinda de Bajram Curri, apresentou sucessos do rock kosovar e ocidental. Os alunos se divertiram, e todos nós aproveitamos muito aquele momento...

No dia seguinte, fui chamado à diretoria para receber uma advertência, pois questionaram por que realizei a atividade sem autorização e utilizei música estrangeira.

Eu lhes respondi:

"Respeito-os porque foram meus professores, mas não vou pedir permissão a ninguém para realizar as atividades que organizo, e continuarei assim enquanto estiver." Não nasci professor e não pretendo morrer professor. Façam o que quiserem."

Naquele momento, saí da diretoria e retomei minhas atividades em sala de aula. Mais tarde, alguém me contou que o diretor havia comentado:

"Como esse jovem professor teve coragem de agir assim? Há professores aqui há trinta anos e nenhum deles jamais reagiu dessa maneira."

(P.S.: Por razões éticas, não mencionarei os nomes. Talvez em outra oportunidade...)

O tempo seguia seu curso, e os processos democráticos avançavam velozes, abrindo caminho para mais liberdade, identidade nacional albanesa e democracia...

Como coletivo do Conselho Pedagógico, fomos os primeiros entre todas as escolas do distrito de Tropojë a apoiar o movimento pela Liberdade e Democracia, sem interromper as atividades letivas por sequer uma hora as atividades de ensino.

Durante esse período, presidi a comissão literária do seu distrito, Tropojë, organizando eventos em âmbito regional e local. Conseguimos transformar a escola da região em um verdadeiro centro e laboratório de conhecimento, ciência, pensamento e inovação. Isso ocorreu apesar da pressão exercida pelos conceitos arcaicos do partido-Estado, que, em seus últimos estertores, debatia-se como uma galinha sem cabeça...

Transformei o Gabinete de Literatura em um dos melhores do país. Para cada escritor ou poeta, albanês ou estrangeiro, criamos álbuns e dossiês que reúnem informações sobre sua trajetória, bem como sua produção literária e artística de cada um.

Em 1991, uma equipe do Ministério da Educação e da Diretoria Regional de Educação visitou Tropojë para conhecer essa experiência. O modelo do Gabinete de Literatura foi, então, reconhecido como referência e adotado como exemplo por outras

escolas do país.
Além dessa inovação, rompi com o costume de oferecer apenas duas opções de tema para as redações, ampliando o leque de escolhas. Isso conferiu aos alunos a liberdade e o espaço necessários para expressarem, com autenticidade, seus sentimentos, emoções e visões de mundo.
O Cantinho da Literatura e, principalmente, a seção "Tudo é verdadeiro e nada é verdadeiro" transformaram-se em uma verdadeira tribuna e em um espaço de saudável competição para a criação artística dos alunos com inclinação para as ciências humanas, independentemente de seus resultados nas disciplinas das ciências naturais.
A cada semana, era estimulado e premiado o vencedor nas categorias de poesia, resenha e melhor produção literária. Também semanalmente, o Cantinho da Literatura renovava sua forma e seu conteúdo, recebendo novas produções dos alunos que mais se destacavam.
Com os alunos, conseguimos ainda conquistar o segundo lugar em um concurso de literatura em nível nacional.
Hoje, muitos deles atuam nos mais prestigiados meios de comunicação da Albânia, do Kosovo e da Macedônia do Norte, chegando também à Inglaterra, França, Itália, Alemanha e aos Estados Unidos.
Ao lado dessas conquistas, que representaram um modelo e uma inovação para aquela época, permanecerá para sempre em minha memória um dos momentos mais difíceis que tive de enfrentar, superado com serenidade, sangue-frio e paciência, graças a Deus.
No ano de 1991, eu estava ministrando uma aula no terceiro andar, na sala de Literatura, para os alunos do 4º ano, que, por coincidência, também eram a turma da qual eu era professor responsável. Enquanto explicava a matéria, de repente ouvi um grande barulho nos primeiros andares da escola.
Num piscar de olhos, a porta da sala se abriu, e alguém, aos gritos, quase urrando, bradou:
"Rápido, rápido! Desçam! Desçam para o pátio, para o comício!"
Eu não conseguia entender o que estava acontecendo. Naquele momento, porém, percebemos que aquele chamado estava sendo feito por um grupo de pessoas exaltadas e de comportamento agressivo, que continuava percorrendo todas as salas de aula...
Era um grupo de pessoas de diferentes idades, vindas dos arredores de Tropojë, principalmente de Shipshan, que representavam a recém-fundada Associação dos "Voluntários de Enver". Eles buscavam o apoio do corpo acadêmico e dos estudantes do ensino médio contra o apoio aos processos democráticos.
Diante daquela situação, marcada pelo medo e por um pânico até então nunca visto, os mais de trinta alunos ficaram profundamente assustados e quase entraram em desespero.
Naquele momento, Deus me deu a inspiração e a coragem necessárias. Sem hesitar, dirigi-me aos alunos:
"Não se movam! Permaneçam todos aqui dentro e não saiam, nem mesmo se aproximem das janelas para ver o que está acontecendo!"
Imediatamente, saí da sala de aula e tranquei a porta da sala de Literatura, deixando os alunos em segurança no interior. Em seguida, dirigi-me à sala do Conselho Pedagógico...
Via pelos corredores pessoas desconhecidas que gritavam, enquanto alunos e professores se movimentavam assustados. No pátio, era possível perceber o fracasso daquele comício manipulado pelos remanescentes e pelas estruturas do antigo Serviço de Segurança do Estado...
Depois de uma hora, ou talvez mais, diante do fracasso da mobilização, aquele grupo de pessoas exaltadas dirigiu-se para o campo, com o objetivo de "libertar" Bajram Curri... Quando os que haviam sido instrumentalizados se afastaram, fui abrir a porta para os alunos de minha turma, da qual eu era professor responsável. Seguiram-se abraços e lágrimas de alegria; todos se abraçavam uns aos outros, como filhos aos pais, como irmãos e irmãs... Foram momentos emocionantes, arrepiantes e inesquecíveis, gravados para sempre em minha vida.
Nos dias que se seguiram, as organizações do Partido do Trabalho, já em seus últimos suspiros, reclamavam que o professor de Literatura e Francês não havia permitido que os alunos participassem do comício, pois os havia mantido trancados na sala. Coisas que passaram, mas jamais serão esquecidas... Esperamos que acontecimentos como esses nunca mais se repitam.
Após a vitória da democracia, em 22 de março de 1992, foram criadas para o cidadão albanês novas possibilidades de desenvolver suas capacidades profissionais e de exercer plenamente sua liberdade na realização de seus objetivos, ideias e visões.
No final daquele ano, após ser aprovado em um concurso da RTVSH, iniciei minha carreira como jornalista na Rádio Tirana, Rádio Exterior, no programa "Emissão para os Compatriotas".
Posteriormente, atuei como conselheiro e Diretor de Relações Públicas do Partido Democrático (PD) e, atualmente, sou professor e palestrante em universidades públicas e privadas do Kosovo, da Macedônia do Norte, do Vale de Preševo, da região e de outros países, incluindo instituições como UNS, USHT, ISSP, UNP, UNSP e UNT.
Sou também Presidente do Fórum "Imagem & Mídia" e do Fórum Nacional "Imagem Albanesa & Identidade Nacional", Vice-Presidente da Federação para a Paz Universal na Albânia, coordenador da Academia Diplomática Albanesa e editor científico da revista "Global Challenge", com código ISSN internacional. Atuo ainda como Editor-Chefe da revista "Diplomacy", publicada em albanês e inglês, membro do conselho editorial da revista norte-americana "Global Process", com ISSN, sendo seu único representante da Albânia.
Dedico cada uma de minhas conquistas profissionais, intelectuais e patrióticas à nobre Tropojë e à sua escola. Pelo menos uma vez a cada três meses, desde 1979 até os dias atuais, visito e medito naquele lugar que me iluminou e me fez ser quem sou: alguém dedicado ao bem e à luz, em constante luta contra o mal, as sombras e a escuridão espiritual.
Que esta entrevista, concebida e realizada pela Prof.ª Dra. Magna Aspásia Fontenelle, e esta breve impressão este pequeno texto de minha autoria sejam uma homenagem aos ilustres professores de Tropojë, que honraram e fizeram seu nome conhecido em todas as terras albanesas, na diáspora e na causa da identidade nacional albanesa: Prof. Selim Efendi Gashi (Brahim Memia), Prof. Dr. Arif Gashi, Prof. Dr. Xheladin Gosturani, Prof. Elez Gashi, entre tantos outros.
Que seja também uma homenagem às dezenas de professores, alunos e estudantes que hoje descansam em paz, no mundo eterno, e que nos sorriem do céu providencial e divino da Albânia.
Por fim, inclino-me, com profunda humildade, diante de Deus e de meus pais, que, com muito esforço e sacrifício, criaram sete filhos, cinco irmãos e duas irmãs, todos com formação superior.

2

REVISTA THE BARD - Sua formação acadêmica é marcada por uma sólida trajetória internacional, com graduação pela Universidade de Shkodër "Luigj Gurakuqi", mestrado em Direito (LL.M.) pela Universidade de Tirana e doutorado pela Universidade Leibniz de Hannover, na Alemanha. De que maneira essas experiências contribuíram para sua formação intelectual e profissional?

ASTRIT MEMIA - Minha resposta a essa pergunta está relacionada à convicção de que a formação acadêmica não é simplesmente um processo de acumulação de conhecimentos, mas uma trajetória contínua voltada para a construção de uma metodologia de pesquisa, de uma cultura científica e de uma ética profissional.

Cada ciclo de estudos representou um elo indispensável na consolidação do meu perfil interdisciplinar. Minha trajetória teve início no Ginásio de Línguas Estrangeiras "Asim Vokshi", em Tirana, no curso de língua francesa, uma instituição que, naquela época, representava um elevado padrão de formação humanística e linguística.

Além da intensa preparação em línguas estrangeiras, desfrutávamos de uma vantagem especial em relação às demais escolas secundárias, pois o ensino da língua e da literatura albanesa, que naquele período era ministrado de forma exclusiva em nossa escola, era desenvolvido por meio de um programa avançado e com elevadas exigências acadêmicas. Foi precisamente essa formação inicial que me proporcionou a base metodológica necessária para os estudos universitários e me orientou para a pesquisa científica no campo da albanologia.

Os estudos de Bacharelado e Mestrado na Universidade "Luigj Gurakuqi" de Shkodër, no curso de Língua e Literatura Albanesa, aprofundaram essa orientação. Meu interesse pela pesquisa concentrou-se na etimologia científica, na toponomástica e no desenvolvimento diacrônico e sincrônico dos topônimos e sobrenomes albaneses. Esse período marcou meu primeiro contato sério com o método científico, a análise filológica, a linguística histórica e os estudos albanológicos, proporcionando-me uma compreensão mais profunda da identidade linguística e cultural albanesa. Nesse contexto, defendi minha dissertação sobre os topônimos e sua etimologia científica.

Posteriormente, os estudos de Mestrado (LL.M.) na Faculdade de Direito da Universidade de Tirana ampliaram significativamente meus horizontes acadêmicos. A dissertação, intitulada "Direito Penal, Mídia, Privacidade e Opinião Pública", avaliada com a nota máxima 10, permitiu-me analisar a complexa relação entre os direitos fundamentais do ser humano, a liberdade de imprensa e a proteção da vida privada em uma sociedade democrática.

Mais tarde, concluí também a formação profissional em Advocacia, o que me proporcionou a oportunidade de conciliar a pesquisa teórica com a prática jurídica. Outra etapa importante foi a especialização na área da diplomacia pública, da boa governança e do papel das organizações da sociedade civil, incluindo estudos realizados no âmbito dos programas do Colégio da OTAN. Essa experiência ajudou-me a compreender que a diplomacia moderna não se desenvolve apenas por meio das instituições estatais, mas também por intermédio das universidades, dos meios de comunicação, das fundações, dos fóruns científicos e das organizações não governamentais, que constituem importantes atores da comunicação estratégica e da diplomacia pública.

O ponto culminante dessa trajetória acadêmica foi coroado com os estudos de Doutorado na Universidade Leibniz, na área de Ciências Políticas e Diplomacia. Minha dissertação, dedicada à crise ecológica, às teorias liberais e conservadoras e ao papel da mídia, com especial atenção ao caso da Albânia, proporcionou-me a oportunidade de analisar a interação entre as políticas públicas, a comunicação midiática, o desenvolvimento sustentável e a governança democrática, situando o caso albanês em um contexto comparativo europeu.

Em retrospectiva, minha formação interdisciplinar constituiu um sistema integrado de conhecimentos, reunindo linguística, albanologia, Direito, Ciências Políticas, Diplomacia, mídia e comunicação pública. Essa trajetória orientou minha atuação acadêmica e profissional, pautada pela verdade científica, ética, Direito e responsabilidade pública.

Esse percurso resultou em diversas publicações e participações em eventos nacionais e internacionais, além de atividades como professor, pesquisador e convidado em universidades e instituições da Albânia, Kosovo, Macedônia do Norte, Montenegro, Sérvia, outros países europeus e Estados Unidos, tendo a ciência como instrumento de diálogo, cooperação e aproximação entre as nações.

3

REVISTA THE BARD - No início de sua carreira, o senhor atuou como jornalista e redator na RTSH (Rádio e Televisão Albanesa). Que influência o jornalismo exerceu em sua visão de mundo e em sua atuação como professor e pesquisador?

ASTRIT MEMIA - O jornalismo foi o laboratório onde minha visão de mundo profissional e intelectual foi moldada. Antes de me dedicar plenamente ao ensino superior e à pesquisa científica, tive o privilégio de exercer por cerca de uma década o cargo de jornalista e editor na Rádio Televisão Albanesa (RTSH), precisamente no período das mais profundas transformações políticas, institucionais e sociais que a Albânia experimentou após a queda do regime comunista. Houve um tempo em que o jornalismo não era apenas uma profissão, mas uma missão cívica ao serviço da verdade, da liberdade de pensamento e da construção de instituições democráticas.

Neste contexto, produzi e dirigi uma série de espetáculos dedicados à política, à diplomacia, aos processos de democratização, à questão nacional albanesa, ao património cultural e às potencialidades turísticas do país. O ciclo televisivo "Guerra e Paz" (1998–1999), dedicado à guerra do Kosovo, através do qual fo-

ram documentados e analisados os desenvolvimentos políticos, diplomáticos e humanitários de um dos momentos mais decisivos da história contemporânea.
Durante este período tive a oportunidade de realizar entrevistas com presidentes, primeiros-ministros, ministros, diplomatas, generais, académicos, escritores, artistas e personalidades internacionais proeminentes, criando um rico arquivo de experiências, factos e testemunhos em primeira mão. Essa trajetória profissional influenciou decisivamente na formação do meu perfil como docente e pesquisadora. Ensinou-me que a investigação científica não pode basear-se apenas na abstração teórica, mas deve dialogar constantemente com a realidade no terreno.
Por isso, na minha atividade académica tenho seguido uma metodologia que combina análise teórica com experiência concreta, ilustrando conceitos científicos com casos autênticos, documentos históricos e experiências profissionais. Essa abordagem transformou o público universitário em um espaço de diálogo crítico, onde o aluno não é apenas beneficiário do conhecimento, mas cocriador dele por meio da reflexão, do debate e da argumentação. Acredito que um dos valores mais importantes que o jornalismo me deu é a cultura da verificação dos factos, a responsabilidade pela verdade e a capacidade de analisar cada fenómeno no seu contexto histórico, político e social.
Transferi esses princípios para o ensino e a pesquisa científica, permanecendo convencido de que a teoria só ganha sentido quando comprovada na prática e que a prática, no sentido epistemológico, continua sendo o critério mais convincente da verdade. Nesse sentido, jornalismo, pedagogia e pesquisa científica não têm sido para mim três campos distintos, mas três dimensões de uma mesma filosofia profissional: a busca da verdade, o serviço ao conhecimento e a responsabilidade pública diante da sociedade.
É precisamente esta integração entre a experiência mediática e a reflexão académica que moldou a minha identidade como investigador e orientou toda a minha atividade ao serviço da educação, da ciência, da diplomacia pública e da afirmação dos valores nacionais albaneses. Esta versão tem o nível de linguagem comumente usados em entrevistas de professores universitários para periódicos acadêmicos internacionais, com um estilo contido, analítico e científico.



Imagem de arquivo pessoal - por Astrit Memia

4

REVISTA THE BARD - O senhor é reconhecido como Embaixador da Paz e preside, simultaneamente, a Assembleia da Federação da Paz Universal. Como essa missão tem contribuído para aproximar povos, promover o diálogo intercultural e fortalecer os valores da paz?

ASTRIT MEMIA - A paz não é simplesmente uma ausência de conflito; é uma cultura, um modo de vida e uma responsabilidade moral que parte de si mesmo, se estende à família, à sociedade, aos povos e a toda a humanidade. Este sempre foi o eixo da minha filosofia pessoal e institucional.
Em 2004, tive a honra de ser declarado Embaixador da Paz em Jerusalém, numa cimeira mundial organizada pela Federação Universal para a Paz, onde participaram mais de mil personalidades do mais alto nível político, diplomático, académico e religioso de todo o mundo. Não considerei esta avaliação como um privilégio pessoal, mas como uma obrigação permanente de servir a paz, o diálogo e a compreensão entre as nações.
Como fundador da Federação Universal para a Paz na Albânia e atualmente Presidente da Instituição, tive a oportunidade de contribuir para a organização de cimeiras, conferências, fóruns científicos, festivais e atividades internacionais na Península da Ilíria, na Europa, nos Estados Unidos da América e Coreia do Sul.
Estas iniciativas criaram pontes de cooperação entre culturas, religiões e civilizações, provando que o diálogo é o instrumento mais poderoso para a construção de um mundo mais justo e pacífico.
Acredito firmemente que não pode haver paz sem justiça e não pode haver justiça sem perdão. Este é um princípio universal que encontramos nas mais nobres tradições humanas. Neste sentido, os albaneses representam um modelo especial. A nossa harmonia de coexistência religiosa, a instituição de Besa, a hospitalidade e o respeito pelos outros são valores que fizeram da nação albanesa um promotor natural da paz. Não é por acaso que durante a Segunda Guerra Mundial a Albânia foi o único país da Europa onde após o fim da guerra havia mais judeus do que antes dela. Esta é uma evidência histórica do humanismo albanês.
A nossa expressão tradicional, "A casa do albanês pertence a Deus e ao amigo", não é apenas um provérbio, mas uma filosofia de vida que encarna o respeito pela dignidade humana. Da mesma forma, a mensagem de Madre Santa Teresa de Calcutá de que "grandes obras começam com pequenas coisas", como um sorriso, uma mão estendida ou um ato de perdão, continua sendo um guia em qualquer missão pela paz.
O lema da Federação Universal para a Paz, "Viver pelo bem do outro", também representa a minha filosofia de vida. Somente vendo o outro como irmão e irmã, independentemente de nacionalidade, religião, raça ou crenças, podemos construir um mundo mais humano. Minha dedicação ao longo de três décadas na diplomacia cívica e cultural me fez sentir não apenas um digno representante dos valores da paz universal, mas também uma voz que tenta transmitir na arena internacional a herança espiritual da nação albanesa e a mensagem universal de Madre Teresa: a paz começa em cada um de nós.

5

REVISTA THE BARD - Além de sua atuação acadêmica, o senhor preside o Fórum de Imagem e Mídia. Qual é a responsabilidade da comunicação social e da mídia na promoção da cultura, da educação e da construção de uma sociedade mais consciente?

ASTRIT MEMIA - O fórum "Imagem e Mídia", que fundei junto com um grupo de jornalistas e diplomatas estrangeiros e albaneses, em 1993, nasceu da convicção de que a mídia não é apenas um meio de informação, mas uma importante instituição social que molda a consciência cívica, orienta a opinião pública e constrói a identidade cultural e nacional. Durante mais de três décadas, a nossa missão tem sido promover os valores da educação, da cultura, da diplomacia pública e afirmar personalidades albanesas e internacionais que contribuíram para a paz, a civilização e o desenvolvimento humano. Neste contexto, publicamos periodicamente três revistas científicas e culturais; "Imagem Albanesa", "Diplomacia" e "Imagem Albanesa", que servem de plataformas para estudos, análises, debate intelectual e promoção dos melhores valores nacionais e universais.
Através deles criámos um importante arquivo do pensamento académico e jornalístico albanês. Uma das iniciativas mais representativas do Fórum é a atribuição do prémio internacional "Embaixador da Imagem Albanesa no Mundo", com o qual foram premiadas até à data atual mais de 200 personalidades albanesas e mundiais, entre elas Madre Santa Teresa, Papa João Paulo II, Ibrahim Rugova, o congressista Joseph Dio Guardi, o embaixador William Walker e muitas outras figuras que deixaram a sua marca na história contemporânea. O símbolo desta avaliação é a estátua "Jam Shqypni", feita em resina com vida muito longa, que apresenta o albanês como uma pomba da paz que voa nos cinco continentes.
Ela traz nossa mensagem de identidade: "Nação Albanesa, Minha Imagem" Na minha opinião, os meios de comunicação social continuam a ser a quarta potência, mas os desenvolvimentos globais das últimas décadas provaram que a sua influência atingiu proporções ainda maiores. Após os conflitos no Kosovo e no Iraque, a comunicação mediática tornou-se um fator determinante nas relações internacionais, tanto que tem sido frequentemente descrita como uma "superpotência" dos tempos modernos.
No entanto, a era digital também trouxe desafios sem precedentes. Os fenómenos das notícias falsas, da desinformação, da propaganda a preto e cinzento, das manipulações algorítmicas, da guerra híbrida e dos ataques cibernéticos estão a minar a confiança do público e a criar confusão nas sociedades democráticas. Da mesma forma, o uso irresponsável da inteligência artificial para criar montagens e conteúdos falsos representa um sério desafio à verdade e à ética profissional. Precisamente por esta razão, creio que os meios de comunicação social do futuro devem guiar-se por três pilares básicos: verdade, ética e responsabilidade pública. A diplomacia pública, a comunicação intercultural, a educação midiática e a crítica profissional são instrumentos necessários para proteger a imagem das nações, promover a cultura e a educação, bem como, para construir uma sociedade mais consciente, democrática e resistente à manipulação da informação. Somente uma mídia livre, profissional e responsável pode permanecer guardiã da verdade e do interesse público.

6

REVISTA THE BARD - Em sua opinião, qual é a contribuição da literatura, da educação e da comunicação para a preservação da identidade cultural de um povo em um mundo cada vez mais globalizado?

ASTRIT MEMIA - Na minha opinião, a literatura, a educação e a comunicação constituem o triângulo fundamental sobre o qual assenta a preservação e o desenvolvimento da identidade cultural de qualquer nação.
Numa era de globalização acelerada, onde a tecnologia aproximou os povos e facilitou a troca de ideias, o principal desafio não é opor-nos à globalização, mas preservar a nossa autenticidade cultural sendo uma parte ativa dela. A globalização criou um espaço comum de comunicação, economia e cooperação internacional, mas ao mesmo tempo aumentou a influência das empresas multinacionais, dos mercados globais e das grandes redes de informação.
Precisamente por esta razão, a proteção da diversidade cultural tornou-se uma das tarefas mais importantes das instituições educativas, culturais e mediáticas. A literatura é a memória espiritual de uma nação.
Preserva a linguagem, a história, as tradições, os mitos, a memória coletiva e o sistema de valores que moldam a identidade de um povo. A educação, por outro lado, é o mecanismo mais poderoso para transmitir essa identidade às gerações mais jovens, dotando-as de conhecimento, pensamento crítico e consciência cívica.
Enquanto a comunicação moderna e os meios de comunicação social têm a responsabilidade de dar a conhecer estes valores a nível nacional e internacional, sem serem vítimas da uniformidade cultural. Arte, esporte, literatura e cultura não conhecem fronteiras políticas. Pelo contrário, são pontes que conectam civilizações e criam entendimento entre os povos. É por esta razão que considero a diplomacia cultural e a diplomacia transcultural como instrumentos estratégicos do século XXI.
Através deles, constrói-se o diálogo entre culturas, fortalece-se o respeito mútuo e promove-se a paz, preservando simultaneamente a identidade e a singularidade de cada nação. Portanto, o desafio do nosso tempo não é escolher entre identidade e globalização, mas criar um equilíbrio sábio entre a abertura ao mundo e a proteção do nosso património cultural. Uma nação que conhece as suas raízes, respeita outras culturas e investe na educação, na literatura e numa comunicação de qualidade, é uma nação que entra com dignidade na família das civilizações mundiais, sem perder a sua personalidade histórica e cultural.

7

REVISTA THE BARD - A Albânia possui um extraordinário patrimônio histórico, cultural e linguístico. Como o senhor avalia o papel das instituições acadêmicas e culturais na valorização e difusão desse patrimônio?

ASTRIT MEMIA - Na minha experiência como Presidente do Fórum "Imagem e Mídia", Presidente da Federação para a Paz Universal, Albânia, Coordenador Geral em organizações acadêmicas e culturais nacionais, como editor, editor-chefe e palestrante em universidades na Albânia, Kosovo e Macedónia do Norte, tive o privilégio de contribuir para esta missão através de milhares de páginas de estudo e publicação, dezenas de publicações científicas, conferências internacionais e atividades culturais que promoveram os valores albaneses na arena internacional.

Nesta ocasião, gostaria de compartilhar uma notícia de especial importância branca, exclusiva para vocês, porque até agora não informei a opinião pública. O meu livro de estudos albaneses, "Albaneses do passado ao presente, entre a paz e a estabilidade", traduzido para alemão, foi aceite na Biblioteca Nacional da Alemanha e em prestigiadas instituições científicas alemãs.

Alguns desses estudos incluídos neste trabalho foram publicados anteriormente em universidades e periódicos de renome no espaço euro-atlântico, incluindo universidades nos Estados Unidos da América. Graças ao interesse de investigadores albaneses e estrangeiros, este trabalho será publicado em breve em inglês, francês e albanês, ampliando ainda mais a presença internacional de estudos albaneses. No entanto, penso que as nossas instituições académicas e de investigação ainda não respondem plenamente ao ritmo que o tempo exige. Vivemos na era da inteligência artificial, da nanotecnologia e da revolução digital, onde a informação circula em segundos e a investigação científica ocorre em redes de cooperação globais.

Nestas condições, são necessárias políticas mais dinâmicas, maiores investimentos na investigação científica, recursos humanos especializados e uma estratégia a longo prazo para a internacionalização da albanalogia. Uma prioridade necessária continua a ser a abertura sistemática de arquivos e a tradução de documentos históricos do sânscrito, hebraico, grego antigo, latim, otomano e outras línguas, onde milhares de fontes valiosas para a história e civilização albanesa são preservadas nos arquivos do Vaticano, Áustria, Alemanha, Turquia e outros países. Isto requer equipes multidisciplinares, tradutores especializados e ampla cooperação internacional. Nesse sentido, a sociedade civil, instituições independentes e organizações como a "Imagem Albanesa no Mundo" provaram que podem ser parceiros importantes de instituições estatais. Juntamente com a elite acadêmica albanesa e internacional e o superelevo, empreendemos iniciativas concretas para a promoção da identidade nacional e da diplomacia cultural. Contudo, estes esforços não devem continuar a ser apenas fruto de um compromisso voluntário. Preservar e promover o nosso património nacional é uma responsabilidade estratégica do Estado, das universidades, das academias e de toda a sociedade, porque só através da sua cooperação poderemos transformar este tesouro num valor reconhecido.

8

REVISTA THE BARD - O senhor acredita que a diplomacia cultural, por meio da literatura, da educação, da comunicação e da arte, pode contribuir para aproximar nações de forma mais efetiva do que muitos mecanismos tradicionais das relações internacionais? Por quê?

ASTRIT MEMIA - Na minha opinião, a literatura, a educação e a comunicação constituem o triângulo fundamental sobre o qual assenta a preservação e o desenvolvimento da identidade cultural de qualquer nação. Numa era de globalização acelerada, onde a tecnologia aproximou os povos e facilitou a troca de ideias, o principal desafio não é opor-nos à globalização, mas preservar a nossa autenticidade cultural sendo uma parte ativa dela. A globalização criou um espaço comum de comunicação, economia e cooperação internacional, mas ao mesmo tempo aumentou a influência das empresas multinacionais, dos mercados globais e das grandes redes de informação. Precisamente por esta razão, a proteção da diversidade cultural tornou-se uma das tarefas mais importantes das instituições educativas, culturais e mediáticas. A literatura é a memória espiritual de uma nação. Preserva a linguagem, a história, as tradições, os mitos, a memória coletiva e o sistema de valores que moldam a identidade de um povo. A educação, por outro lado, é o mecanismo mais poderoso para transmitir essa identidade às gerações mais jovens, dotando-as de conhecimento, pensamento crítico e consciência cívica.

A comunicação moderna deve divulgar esses valores sem favorecer a uniformidade cultural. Arte, esporte, literatura e cultura ultrapassam fronteiras e aproximam povos, tornando a diplomacia cultural e transcultural instrumentos estratégicos para o entendimento e a paz no século XXI.

Por meio do diálogo entre culturas, é possível fortalecer o respeito mútuo e a paz, conciliando a abertura ao mundo com a preservação da identidade e do patrimônio cultural. Uma nação que conhece suas raízes, respeita outras culturas e valoriza a educação e a literatura integra-se ao mundo sem perder sua singularidade.



Imagem de arquivo pessoal - por Astrit Memia

9

REVISTA THE BARD - Em sua trajetória, quais valores considera essenciais para a formação das novas gerações de pesquisadores, educadores, jornalistas e líderes comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e pacífica?

ASTRIT MEMIA - Ao longo do meu percurso profissional e de vida, percebi que os valores mais importantes que moldam as novas gerações são a sinceridade, a verdade, a paciência, a dedicação, a justiça e o respeito pelo homem. Apesar dos obstáculos e dificuldades que a vida traz, somente aquele que caminha com a consciência tranquila e a fé em um bom objetivo pode alcançar resultados duradouros. A verdade é a base de qualquer atividade acadêmica, midiática e social. Mentir e trapacear podem criar benefícios temporários, mas nunca constroem reputação, confiança e histórias honestas. O tempo é o juiz mais justo de toda ação humana. Portanto, as gerações mais jovens devem ser educadas com a ética da responsabilidade, com a força da palavra certa e com o princípio aristotélico do "meio dourado progressivo", que traz equilíbrio, sabedoria e paz.

Um investigador, conferencista, jornalista ou líder deve acima de tudo ser um homem de valores. Ele deve dar esperança mesmo nos momentos difíceis, não ceder aos desafios e acreditar na força da sua alma, no trabalho honesto e em Deus. Cair não é o fim do caminho; é importante saber ressuscitar com dignidade e outro princípio básico é: não faça aos outros o que você não gostaria que eles fizessem a você. Bondade, perdão, respeito e energia positiva são valores que tornam a sociedade mais humana. Mesmo uma pequena boa ação, feita com o coração, tem grande valor para a vida de outra pessoa. Na formação de novas gerações, deve haver tolerância zero à hipocrisia, à imoralidade e ao engano, mas sempre respeito e compreensão para com cada pessoa.

Quanto mais simples for o grande homem, maior será o seu valor; enquanto a arrogância e a complacência afastam o homem das pessoas e da verdade. Sempre ensinei aos meus alunos e colegas que se deve viver a vida com a consciência tranquila, com um sorriso, com trabalho e com fé. Aquele que hoje parece pequeno, amanhã pode se tornar uma grande personalidade; enquanto aquele que hoje parece poderoso, amanhã pode perder tudo. Portanto, o respeito por cada indivíduo é uma obrigação humana.

O maior valor de um líder, conferencista ou intelectual é ser o primeiro entre iguais: liderar pelo exemplo, respeitar colegas, associados e estudantes e trabalhar por uma sociedade onde o conhecimento, a justiça, a paz e a humanidade sejam a base do futuro.

10

REVISTA THE BARD - Quais são seus atuais projetos acadêmicos, científicos e institucionais? Há novas pesquisas, publicações ou iniciativas internacionais em desenvolvimento?

ASTRIT MEMIA - Sim, o meu percurso académico, científico e institucional continua com a mesma intensidade, com o objetivo de contribuir para o campo do conhecimento, da cultura, da identidade nacional e da diplomacia da paz cultura, da identidade nacional e da diplomacia da paz. Durante este período, continuei o meu trabalho como investigador, editor e associado científico na organização e preparação de diversas publicações de investigadores da Albânia, da Dardânia e do antigo espaço vital pelagiano-ilírio-dardânio- arbëror-albanês, um lugar onde as coisas são chamadas pelo seu verdadeiro nome, com franqueza e clareza.

Uma parte significativa de minha atuação concentra-se na organização de conferências científicas, simpósios e atividades culturais dedicadas à paz, ao patrimônio histórico, à valorização de personalidades universais, como Madre Teresa, e à promoção da cultura e dos valores albaneses.

Essas iniciativas foram reconhecidas e valorizadas na Albânia, na Macedônia do Norte e em todo o espaço albanês. Destaca-se, também, a recente publicação, em alemão, do meu livro "Albaneses do Passado ao Presente", cuja tradução para outros idiomas contribuirá para a divulgação internacional da história, da cultura e da identidade albanesas.

Paralelamente, novos projetos internacionais, incluindo festivais culturais, documentários, programas de televisão, produções audiovisuais e atividades científicas, serão desenvolvidos na Europa, nos Estados Unidos e na região da Península Ilírica, com o propósito de valorizar personalidades e contribuições para a cultura e a imagem da Albânia no mundo.

Outro projeto relevante é a preparação do segundo volume de "Embaixador da Imagem Albanesa no Mundo" e de novas publicações sobre diplomacia cultural, a Guerra do Kosovo e valores éticos e culturais albaneses. As pesquisas também destacam territórios históricos, como Tropoja Dardane (Gashi i Guri), símbolo de resistência, tradição, cultura e liberdade. Por meio desses projetos, buscamos apresentar uma visão abrangente da história, cultura e identidade albanesas, valorizando o papel da mulher, da juventude e da diáspora. Sob o lema "Nação Albanesa – Minha Imagem", reafirmamos que a identidade, a cultura e o conhecimento são pontes para um futuro mais justo, unido e pacífico.

11

REVISTA THE BARD - Nós nos aproximamos por meio da reconhecida Akademia Alternative Pegasiane – Albânia (AAP–Albânia), sob a inspiradora liderança do Prof. Dr. Kristaq F. Shabani, uma união que tem produzido frutos por meio de importantes parcerias com a Akademia Alternative Pegasiane – Brasil (AAP/Brasil), a Academia de Letras do Brasil – Seccional Uberaba (ALB-Uberaba) e o Fórum de Imagens e Mídias. Inspirados por essa trajetória de excelência, pergunto-lhe: quais diretrizes sugeres que podem ainda mais elevar nossa cooperação cultural e diplomática para ampliar o conhecimento, valorizar as línguas portuguesa e albanesa e projetar ainda mais o Brasil e a Albânia no cenário literário mundial?

ASTRIT MEMIA - A cooperação entre Albânia e Brasil, já fortalecida por importantes iniciativas e parcerias culturais, acadêmicas e institucionais, como Pegasi -Albânia e Forum de Midia e Imagem, dentre outras, pode avançar ainda mais por meio de uma rede permanente de diálogo e intercâmbio, tendo a língua, a literatura, a ciência, a educação e a cultura como pontes de aproximação e fortalecimento dos vínculos entre os dois povos.
Para isso, propõe-se incentivar o intercâmbio acadêmico e científico, a promoção das línguas portuguesa e albanesa, ampliar a tradução e publicação de obras, bem como a realização de eventos culturais e científicos com intérpretes das duas línguas. A criação de uma rede integrada conjuminada pelas instituições parceiras, apoiadas por universidades, pesquisadores, escritores, instituições culturais e representações diplomáticas poderá ampliar a projeção internacional das duas culturas e fortalecer a diplomacia cultural.
Assim, a cooperação já construída poderá fortalecer-se ainda mais, tendo como importantes pontes institucionais a Pegasi-Albânia, Fórum de Imagens e Mídias, e as instituições brasileiras, AAP/Brasil e ALB/Uberaba. Essas instituições e suas parcerias constituem importantes espaços de diálogo, intercâmbio e aproximação, capazes de ampliar a circulação do conhecimento, da literatura, da arte e da cultura, consolidando, cada vez mais, uma ponte viva de amizade, cooperação e intercâmbio entre a Albânia e o Brasil.
A língua nos aproxima, a cultura nos revela e o conhecimento nos une.

12

REVISTA THE BARD - Para finalizar, que mensagem o senhor gostaria de dirigir aos leitores brasileiros da Coluna Nau Literária da Revista The Bard, especialmente aos escritores, pesquisadores, educadores e membros das instituições culturais AAP/Albânia, AAP/Brasil ALB/Uberaba, que acompanham o fortalecimento das relações entre a Albânia e o Brasil?

ASTRIT MEMIA - Minha mensagem aos leitores amigos brasileiros da Coluna Nau Literária-Revista The Bard, ao editor da The Bard, escritores, pesquisadores, pedagogos e a todos os que dedicam sua vida à cultura é de amizade, respeito e cooperação sincera entre a Albânia e o Brasil.
Os albaneses admiram profundamente o Brasil por sua riqueza cultural, sua arte, música, literatura e pelo espírito humano de seu povo. Essa admiração, fortalecida ao longo das gerações, inclusive pela presença marcante dos atletas brasileiros, pode transformar-se em pontes ainda mais sólidas de cooperação.
Albânia e Brasil compartilham valores como humanidade, solidariedade, hospitalidade e amor à cultura. Por isso, é fundamental ampliar os vínculos entre instituições, educacionais, literárias, culturais e artísticas, reconhecendo na diplomacia cultural um caminho para aproximar povos e fortalecer a amizade.
Nesse processo de aproximação, destaca-se a atuação da Prof.ª Dra. Magna Aspásia Fontenelle, cuja dedicação ao diálogo cultural entre as duas nações tem conquistado respeito e admiração.
Albânia e Brasil têm muito a compartilhar. Que possamos construir juntos pontes de conhecimento, amizade e paz, pois a cultura é uma das mais belas linguagens de união entre os povos.



*IMAGEM GERADA POR IA *usamão **GPT 2.5 FIAAE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026*

Agradecimento e reconhecimento especial

Colunista da Nau Literária, na Revista The Bard, sob a editoria de J. B. Wolf; o qual nossos agradecimentos também.

Receba nossa especial gratidão e reconhecimento por sua relevante atuação em favor da cultura, da literatura, da educação e do fortalecimento dos laços de amizade e cooperação entre os povos.

Expresso-lhe minha mais profunda gratidão pela entrevista realizada, pelo profissionalismo, pela dedicação e pelo respeito especial que demonstrou para com minha trajetória acadêmica, científica, cultural e institucional.

Esta entrevista representa não apenas um diálogo profissional, mas também um importante ponte de comunicação entre duas culturas, dois povos e dois continentes que compartilham valores comuns: o amor pelo conhecimento, pela arte, pela literatura, pela paz e pelo humanismo.

Agradeço-lhe por sua extraordinária contribuição para a aproximação cultural entre a Albânia e o Brasil e por sua nobre missão de promover o diálogo entre as nações por meio da cultura e da educação. Personalidades como a senhora demonstram que a diplomacia cultural é uma força capaz de unir as pessoas para além das fronteiras geográficas.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT-2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026"

Estou convicto de que esta cooperação, agora iniciada, continuará no futuro por meio de projetos conjuntos nas áreas da academia, da literatura, da comunicação, das artes e da diplomacia da paz. Juntos, poderemos construir novas pontes de amizade, respeito e cooperação entre a Albânia e o Brasil.

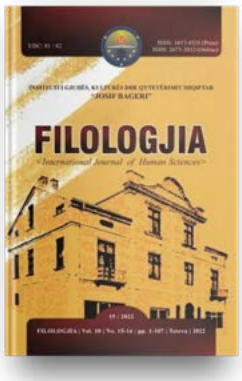
Com respeito e especial reconhecimento, desejo-lhe contínuo êxito em sua valiosa missão cultural e humanitária.

Prof. Dr. Adv. Astrit Memia
Presidente do Fórum "Imagem & Mídia"
Presidente da Plataforma "Imagem Albanesa & Identidade Nacional"
Fundador da Federação Universal para a Paz – Albânia

A Nação Albanesa, minha imagem!

A cultura nos une; a paz nos aproxima.

LIVROS - ASTRIT MEMIA





POST NO SITE

Literatura, Cultura e Sabores que unem os Povos

Nesta edição, a Coluna Nau Literária da Revista The Bard dedica sua entrevista especial a Mariana, cuja trajetória singular entrelaça literatura, poesia e gastronomia como expressões autênticas de identidade cultural.

Em um diálogo permeado por memórias e vivências, Mariana discorre sobre as fontes de sua inspiração, enraizadas na tradição familiar e na herança de sua terra natal, Korçë, na Albânia. A autora transfigura sabores e lembranças em uma linguagem que funde o artístico ao literário.

Uma jornada na qual cozinhar torna-se ato criativo; escrever, um exercício de preservação; e compartilhar, uma ponte para a aproximação entre culturas.



MARIANA PAVLIQOTI



Imagem de arquivo pessoal - por Mariana Pavliqoti

Mariana Pavliqot nasceu em agosto de 1960, em Korçë, Albânia, onde viveu durante três décadas. Concluiu o ensino fundamental na escola "Primeira Escola de Língua Albanesa" e, posteriormente, conciliou o trabalho com os estudos secundários na escola "Koçi Bako", concluídos em 1980. Nesse mesmo ano, casou-se. Em 1981, nasceu sua filha, Iliana. No início de 1991, Mariana emigrou para a Grécia, onde construiu sua trajetória profissional, especialmente na Arte Culinária, transformando sua paixão pela gastronomia em uma atividade de grande expressão e profissionalização.

Sua experiência, criatividade e sensibilidade deram origem ao livro "Magia dos Ornamentos", sua primeira obra publicada, seguido de "Química do Coração", escrito em língua grega. Também se dedica à literatura e às atividades artístico-culturais.

Membro da LNPSHA "PEGASI" – Albânia e Embaixadora da Paz, teve artigos sobre Arte Culinária publicados na revista POLEART. Destaca-se ainda por sua humanidade, solidariedade e espírito caritativo.

Atualmente, em parceria com sua irmã, Vjollca, prepara uma nova obra dedicada à Arte Culinária, além de outros livros que aguardam publicação.

Entrevista

1

REVISTA THE BARD - A senhora é conhecida por unir literatura, poesia e arte culinária em suas obras. Como surgiu a ideia de transformar a gastronomia em uma forma de expressão artística e literária?

MARIANA PAVLIQOTI - Na verdade, fui a primeira a realizar uma conexão atípica entre literatura, poesia e arte culinária. Essa ideia nasceu de uma paixão que sempre esteve presente em minha vida e que foi profundamente influenciada pela origem e pela trajetória de minha família, tradicionalmente ligada à arte culinária e percebi que ela poderia ultrapassar o espaço da cozinha e transformar-se também em linguagem artística e literária. Assim, comecei a unir sabores, memórias, sentimentos e palavras, criando uma forma própria de expressão.

Minha mãe e meu pai, engenheiro agrônomo, apaixonado pela pesquisa e profundamente dedicado ao estudo das plantas medicinais e à divulgação de seus benefícios para a saúde humana, exerceram grande influência em minha formação. Em razão de sua profissão, meu pai também podava, com extraordinária habilidade, árvores frutíferas e videiras de Korçë, o que lhe proporcionou uma ampla rede de amizades entre os moradores da cidade.

Esse legado também chegou até mim. Ao pesquisar não apenas os saberes culinários de minha mãe, mas também os conhecimentos preservados pelas donas de casa de Korçë, minha cidade natal, uni prática, talento e paixão para transformar a Arte Culinária em uma dupla expressão artística e literária. Essa proposta concretizou-se em na minha escrita literária. "A Magia dos Adornos" e "A Química do Coração".

"Sempre ressalto que a arte culinária exige sensibilidade estética, criatividade e paixão, pois cozinhar também é uma forma de expressão artística."



Imagem de arquivo pessoal - por Mariana Pavliqati

2

REVISTA THE BARD - Seu livro "A Magia dos Adornos", Arte Culinária e Poesia apresenta um conceito singular. O que os leitores encontrarão nessa obra e que mensagem a senhora deseja transmitir por meio dela?

MARIANA PAVLIQOTI - Para expressar os sentimentos e o significado do meu livro "A Magia dos Adornos", já publicado em três idiomas, albanês, grego e inglês, e atualmente nas mãos dos leitores, apresento a análise crítica da obra intitulada "Quando a surpresa ética e estética se manifesta com uma naturalidade superior", escrita pelo Prof. Kristaq F. Shabani (IWA, ABI, IBC), escritor, poeta, pesquisador e esteta.

O Prof. Kristaq F. Shabani também é o editor da obra e, graças à sua valiosa contribuição, foi concebida uma composição editorial singular, que enriquece e valoriza ainda mais o conteúdo e a proposta estética do livro. A qual compartilho aqui.

"A Magia dos Adornos" é o primeiro livro de Mariana Pavliqoti, fruto de um antigo e elevado desejo, de um sonho vital acalentado por ela ao longo de muitos anos. Profundamente ligada ao panorama espiritual e natural, a autora buscou fazer com que as notas mais elevadas de sua partitura adquirissem um timbre singular, ultrapassassem os limites do pentagrama e, como borboletas multicoloridas, voassem suavemente pelos céus, difundindo, como gaivotas em pleno voo, mensagens dinâmicas capazes de alcançar e dialogar com a terra da águia. Com esta obra, rompem-se tabus e mentalidades cristalizadas, desfazem-se equívocos cultivados por ambas as partes e silenciam-se discursos estéreis e intoleráveis. Demonstra-se, acima de tudo, que os dois antigos vizinhos dos Bálcãs devem viver em harmonia, pois têm uma origem comum, como se tivessem nascido do mesmo lar.

E, quando os sonhos se transformam em uma realidade grandiosa, a alma e o coração se enchem de uma satisfação extraordinária. O ser humano se impulsiona, ondula, transborda, canta e espalha a paz como uma pomba.

Nesta obra, de caráter profundamente personificado, tudo resplandece até despertar a admiração. Nela, estão vivas a terra natal da autora, a majestosa Korçë, com sua beleza multicolorida, e a ilha de Skopelos, cuja fisionomia encanta por sua atmosfera quase mágica. Assim, estabelece-se uma ligação entre dois lugares de rara beleza, cada qual com suas próprias qualidades e características.

Essa aproximação, porém, é construída pelas pessoas dedicadas à arte e, neste caso, especialmente pelos que se dedicam à Arte Culinária. A autora e protagonista da obra "A Magia dos Adornos" oferece uma contribuição marcada pelo entusiasmo

e pela intensidade, aprofundando as pontes de amizade já existentes e criando pontes de união, inspiradas em uma concepção contemporânea de intercâmbio cultural.

As descrições da arte culinária, as interpretações e análises, as criações poéticas, os objetos retratados, a representação de dois modos de vida em dois países distintos, a abordagem comparativa e as ilustrações fotográficas revelam um percurso de evolução, evidenciando a transformação dialética e a irradiação da luz e da energia, bem como a inserção emancipadora e consciente em uma nova realidade social.

O livro "A Magia dos Adornos" surpreende o leitor por seu verdadeiro "teatro" de imagens e ilustrações, convidando-o a contemplar, apreciar e saborear o esplendor da arte culinária. Ao mesmo tempo, constitui uma valiosa fonte de ensinamentos para as inúmeras donas de casa de nossos dois países.

3

REVISTA THE BARD - Na sua opinião, como é que a gastronomia preserva a memória emocional, identidade cultural e as tradições de um povo?

MARIANA PAVLIQOTI - Durante a minha experiência documento, faço comparações, troco opiniões, aplico receitas e esta experiência ensinou-me a tirar conclusões sobre Arte Culinária, gastronomia, bem como a manter emocionalmente esta experiência. Mostro-vos também, de forma direta, a identidade cultural e as tradições populares, concretizando o intercâmbio universal nestas direções com a experiência de outros povos e, no meu caso, o exercício desta arte na Grécia, onde vivo e trabalho há três décadas.

Tenho minha própria concepção de Arte Culinária, construída ao longo de experiências, pesquisas, memórias e vivências familiares. Para mim, cozinhar não significa apenas preparar alimentos; é transformar conhecimento, sensibilidade e criatividade em uma experiência capaz de despertar os sentidos e transmitir sentimentos.

A Arte Culinária reúne arte, ciência e ofício. Exige técnica e conhecimento, mas também intuição, dedicação, imaginação e paixão. Cada ingrediente possui sua identidade, sua história e seu potencial, e cabe ao criador descobrir como combiná-los para produzir algo único.

É nessa perspectiva que desenvolvi meu trabalho: compreendendo a culinária como uma linguagem artística e cultural, capaz de preservar memórias, valorizar tradições e estabelecer um diálogo entre pessoas e culturas. Para mim, cozinhar é também criar, contar histórias e deixar uma marca de identidade em cada preparação.

Os tipos de culinária também dependem do nível de habilidade e treinamento dos chefs.

4

REVISTA THE BARD - Em sua opinião, de que maneira a gastronomia preserva a memória afetiva, a identidade cultural e as tradições de um povo?

MARIANA PAVLIQOTI - Com base em minha experiência, procuro observar, comparar, trocar ideias e colocar em prática diferentes receitas. Essa vivência me ensinou a compreender melhor a Arte Culinária e a gastronomia, preservando, ao mesmo tempo, a riqueza emocional que elas carregam.

Além disso, busco evidenciar, de forma ampla, a identidade cultural e as tradições populares, promovendo um intercâmbio universal de saberes e experiências com outros povos. No meu caso, essa troca foi profundamente enriquecida pelo exercício da arte culinária na Grécia, país onde vivo e trabalho há três décadas.

Tenho uma concepção bem definida sobre a Arte Culinária, e acredito que isso contribui para o êxito do meu trabalho. Sabe-se que a culinária, ou as artes da cozinha, constituem a arte, a ciência e o ofício de utilizar o calor para preparar alimentos destinados ao consumo humano.

Os diferentes métodos de preparo também dependem do nível de conhecimento, da habilidade técnica e da formação dos cozinheiros.

Minha principal característica é que procuro preservar, com fidelidade, não apenas as tradições do meu país, mesmo vivendo na Grécia, como também sou a única albanesa da ilha que cultiva todas as frutas da estação e prepara, com elas, uma grande variedade de compotas, geleias, licores e outras especialidades.

Atualmente, tornei-me uma verdadeira "botânica" da prática cotidiana, dedicando-me à coleta e ao preparo de diversas ervas aromáticas utilizadas na culinária, bem como à elaboração de chás e de remédios da medicina popular. Todo esse trabalho é realizado exclusivamente por mim, com minhas próprias mãos. Sempre atribuímos grande importância à Arte Culinária, pois ela representa a arte na qual alcançamos aperfeiçoamento e excelência.

Graças aos conhecimentos adquiridos em minha terra natal e transmitidos por minha família acerca das tradições, consegui estabelecer, também no plano afetivo, uma profunda ligação entre as tradições albanesa e grega, preservando a autenticidade e a identidade de cada uma dessas expressões culturais.

A esse respeito, o Dr. Bexhet Asani, acadêmico e Secretário da Akademia Alternative Pegasiane Albania, escreveu a resenha intitulada "Pratos Preparados com Saudade e Amor à Pátria" (Mariana Pavliqoti – "A Magia dos Adornos" – Arte Culinária e Poesia, Edições Barleti, Tirana, 2025), da qual apresento, a seguir, alguns fragmentos como fundamentação de minhas considerações.

"A Magia dos Adornos: Culinária, Poesia, Memória e Cultura"

O livro A Magia dos Adornos transcende os limites de uma obra exclusivamente dedicada à culinária. Mais do que um livro gastronômico, constitui-se também como uma expressão de po-

esia, memória, história e cultura, reunindo diferentes linguagens artísticas em uma proposta singular e sensível.

Na obra, a autora Mariana Pavliqoti promove um harmonioso entrelaçamento entre a arte da culinária, a poesia e a fotografia. Essa convergência de expressões permite que o livro ultrapasse a dimensão meramente gastronômica, transformando-se em um espaço de preservação da memória, de valorização das tradições e de manifestação da sensibilidade humana.

Por meio dos sabores, das imagens e das palavras, A Magia dos Adornos registra experiências, costumes e referências culturais que constituem parte da identidade dos povos. A culinária, nesse contexto, deixa de ser apenas uma prática cotidiana e passa a ser compreendida como patrimônio, linguagem afetiva e expressão da história.

A obra apresenta-se, assim, como um importante documento de caráter etnográfico, histórico e cultural, ao estabelecer pontes entre as tradições da região de Korçë, na Albânia, e a hospitalidade e os costumes dos habitantes da ilha de Skopelos, na Grécia. Nesse encontro entre territórios, sabores e memórias, revelam-se aproximações que ultrapassam fronteiras geográficas e aproximam culturas.

Desse modo, A Magia dos Adornos celebra não apenas a riqueza da gastronomia, mas também a poesia, a fotografia, a memória e a identidade cultural. É uma obra que transforma sabores em narrativas, imagens em testemunhos e palavras em pontes, reafirmando que a arte, em suas múltiplas manifestações, possui o poder de preservar tradições e aproximar povos"

Outras considerações de escritores: "Livro "A magia dos ornamentos" não é apenas um livro de culinária, mas também um livro, poesia, é também um livro de história.

No livro "A magia dos ornamentos", a autora Mariana Pavliqoti entrelaça as artes: a arte da culinária, a arte da poesia e a arte da fotografia.

O livro "A magia dos ornamentos" continuará sendo um documento, tão etnográfico quanto histórico, que une as culturas dos nossos dois povos, através da arte da rica culinária de Korça e dos habitantes hospitaleiros da ilha "Skopelos" da Grécia.



Imagem de arquivo pessoal - por Mariana Pavliqoti

5

REVISTA THE BARD - A poesia ocupa um lugar especial em sua produção literária. Como a senhora percebe o diálogo entre a poesia e as demais formas de arte?

MARIANA PAVLIQOTI - Para dizer a verdade, gosto profundamente da poesia como um dos mais importantes gêneros da literatura. Ao longo da minha vida, sempre li poesias, não apenas de autores albaneses, mas também de grandes escritores da literatura universal.

Sempre defendi o princípio do diálogo entre a poesia, os demais gêneros literários e a própria arte, especialmente, no meu caso, a arte culinária. O diálogo constitui um ato indispensável e essencial, que se realiza tanto no plano teórico quanto na prática criativa, permitindo que as diferentes manifestações artísticas se enriqueçam mutuamente e expressem, de forma mais plena, a sensibilidade humana, tanto na teoria quanto na prática; trata-se de uma conexão que nem sempre é visível, mas que está intensamente presente nos detalhes e em toda a complexidade da tessitura poética.

A seguir, socializo parte da crítica literária do prof Dr.Kristaq F.Shanai sobre minha literatura em uma análise abrangente desse diálogo entre as artes, bem como das características mais marcantes de minha poesia.

".... Nessa apreciação crítica, são apresentadas ideias, reflexões e conclusões, entre as quais se destacam:

Nas considerações estético-literárias sobre o livro A Magia dos Adornos – Arte Culinária e Poesia, afirma-se que esta obra da escritora albanesa contemporânea Mariana Pavliqoti representa uma contribuição única e inovadora para a literatura albanesa. O livro estabelece uma articulação estética e documental entre dois universos espirituais e culturais: Korçë, na Albânia, e a ilha de Skopelos, na Grécia, os dois polos fundamentais da vida e da formação da autora.

A obra constitui um mosaico harmonioso da experiência da imigração, da herança cultural e do espírito criador, no qual a arte culinária e a poesia se entrelaçam em uma verdadeira simbiose criativa. Trata-se de uma fusão natural, inspiradora, profundamente coerente e refinada, que reflete a essência de duas culturas vizinhas, a albanesa e a grega.

Em caráter ilustrativo:

É Doce

Dos doces mencionados na lista /nas compotas /minha alma repousa /
minha alma permanece! //Oh, minha mãe /transformaste o ato de presentear em arte /
transformaste a caridade em arte... //Adoço os turistas do mundo /
com um pedaço da "doçura" da ALBÂNIA... /Quando a ouço /
nas línguas do mundo: /"Ah, que DOÇURA!"

As Letras como Pérolas...

Desde que cheguei à Ilha,/até me tornar avó/
Guardo como uma Bíblia/minha língua, o albanês!
Tive a sorte de me sentar//nos bancos da "Primeira Escola albanesa"/
E, dentro da minha alma, /guardei, como pérolas preciosas,
/as letras como preciosas Pèrolas.../Minha Korçë, primeira luz,
/vestiste-nos de letras e encanto;/E, na Ilha, a cada verão,
/elas brilham como vaga-lumes!...

As Letras como Pérolas...
Desde que cheguei à Ilha /até me tornar avó //
Guardo como uma Bíblia /minha língua, o albanês! //
Tive a sorte de me sentar //nos bancos da "Primeira Escola Albanesa" /
E, dentro da minha alma, /guardei as letras como sementes de memória, /
que o tempo jamais conseguiu apagar... //
Minha Korçë/ primeira luz, /vestiste-nos de letras e encanto; /
em cada palavra/ deixaste acesa /a chama da nossa identidade. //
E, na Ilha, a cada verão, /essas letras retornam com o vento, /
elas brilham como vagalumes...

Sou Maria, Santificada

A Ilha é minha Bíblia, /abro-a e leio como um livro;/
Ponho a mão sob ela para jurar. / Sou Maria, santificada.../
Sou Maria, sua filha, / entre oliveiras criei raízes. /
Sou Maria, ícone vivo, /A ilha me guarda na fronte. /
A cada 15 de agosto, /como o sol, meu nome preenche!

6

REVISTA THE BARD - **Quais escritores, artistas ou experiências de vida influenciaram mais sua jornada literária?**

MARIANA PAVLIQOTI - Ao longo da minha vida, fui influenciado por diferentes escritores, artistas e experiências, tanto no campo da literatura quanto na Arte Culinária, que ocupa um lugar especial em minha trajetória criativa. A leitura de diferentes obras e o contato com experiências culturais ampliaram minha visão e contribuíram para a formação do meu estilo.

Entre as referências da Arte Culinária, destaco Julia Child, renomada cozinheira e escritora norte-americana, cujas ideias e ensinamentos despertaram em mim ainda mais interesse pela relação entre culinária, criatividade e expressão.

No campo literário, uma influência decisiva foi o Prof. Dr. Kristaq F. Shabani, que reconheceu meu talento quando comecei a escrever e me incentivou a ingressar no universo da literatura e da Arte Culinária. Sua orientação e confiança foram fundamentais para minha trajetória.

Também reconheço a contribuição do Dr. Hekuran Rapaj, especialmente pelas ideias e reflexões que ofereceu sobre meu trabalho, bem como de Zekerija Idrizi, que colaborou para a análise e valorização de minha produção literária e de outros criadores ao redor do mundo.

Entre os escritores que marcaram minha formação, destaco ainda o poeta albanês Dritëro Agolli, natural da mesma região de Korçë, cujas obras li com grande interesse e das quais extraí importantes referências literárias.

Também acompanho a produção de poetas e escritores contemporâneos de diferentes países, incluindo autores brasileiros que conheci e li por meio da revista "POLEART", entre eles a Prof.ª Dra. Magna Aspásia Fontenelle, cuja atuação considero uma voz significativa da literatura brasileira contemporânea.

Assim, minha trajetória foi construída a partir de muitas influências, mas também das experiências vividas, das leituras, das relações humanas e da observação do mundo. Cada encontro, cada obra e cada experiência acrescentaram uma nova dimensão à minha maneira de criar e de expressar, por meio da literatura e da Arte Culinária, aquilo que carrego dentro de mim.

7

REVISTA THE BARD - **A Albânia possui um rico património histórico e cultural. Como essa riqueza inspira sua criatividade?**

MARIANA PAVLIQOTI - A riqueza histórica e cultural da Albânia, especialmente de Korçë, minha cidade natal, é uma das principais fontes de inspiração para minha criatividade. Não é por acaso, dediquei em meu livro um texto intitulado "Eu e minha Korçë", no qual registro a profunda ligação que mantenho com a cidade onde nasci e vivi minha infância e juventude.

Korçë permanece em minha memória por suas paisagens, suas estações, suas cores, suas tradições e, sobretudo, pelas pessoas que fizeram parte da minha formação.

Existe uma ligação espiritual com a cidade, com a família, com os amigos e com cada elemento de seu cotidiano. Essa relação criou em mim uma espécie de simbiose, que continua alimentando minha memória e minha inspiração.

O homem gosta do lugar, onde nasce e cresce.

Minha família, especialmente meu pai e minha mãe, também exerceu papel fundamental nesse processo. Foi com eles que aprendi valores, tradições e diferentes formas de expressão, entre elas a Arte Culinária, que se tornou uma importante dimensão da minha criatividade.

Em Korçë, encontrei uma rica tradição gastronômica, preservada principalmente pelas famílias e pelas mulheres que mantêm vivas receitas transmitidas de geração em geração. Pratos como roshnica, trahana, lakror, kulac e os tradicionais qoftë/kërnacka korçare, entre muitos outros, fazem parte desse patrimônio cultural e despertaram minha paixão pela culinária.

Foi nessa atmosfera de memória, tradição e afeto que nasceu minha relação com a Arte Culinária. Sinto-me espiritualmente ligado a cada amanhecer, às manhãs e aos dias, às noites e às quatro estações; ao sol, ao céu, aos arco-íris, à chuva e ao calor. Como é grandiosa a nossa cidade! Você também a conhece!

Diálogo com ela, conheço seus segredos e sua magia, e reconheço em cada paisagem, em cada estação e em cada lembran-

ça uma parte de mim. A cidade também vive em mim, porque cresci com ela e carrego sua essência em minha memória e em minha identidade.

Posteriormente, essa experiência foi ampliada pelo contato com a culinária grega, especialmente durante o período em que vivi na ilha de Skopelos.

Assim, minha criatividade nasce do encontro entre memória, identidade, família, tradição e experiência. A cultura de Korçë e as experiências vividas na Albânia e na Grécia transformaram-se em matéria-prima para minha literatura e para minha Arte Culinária, permitindo-me preservar, recriar e compartilhar parte da riqueza cultural que recebi como herança.

8

REVISTA THE BARD - Em um mundo cada vez mais globalizado, qual é o papel da literatura na preservação da cultura e da identidade dos povos?

MARIANA PAVLIQOTI - Penso que em um mundo que avança rapidamente em direção à globalização, a literatura e a arte desempenham um papel essencial na preservação da cultura, da língua, da memória e da identidade dos povos. Mesmo diante das transformações globais, os criadores mantêm em suas obras as marcas culturais de seus países, valorizando suas tradições e sua história.

Isso se evidencia na produção de numerosos livros e obras que preservam e valorizam a língua e a identidade albanesas. Esse esforço também se estende às comunidades albanesas que vivem no exterior, onde são criadas escolas, instituições e programas destinados ao ensino da língua materna, especialmente em países da Europa, nos Estados Unidos e na Austrália.

Essas iniciativas permitem que as novas gerações mantenham o vínculo com suas raízes e ampliam o interesse pela literatura em língua albanesa, contribuindo para sua preservação e difusão além das fronteiras da Albânia. Nesse movimento, destaca-se também o trabalho do Professor Lefteri Metkaj.

As inúmeras manifestações culturais e artísticas fortalecem o conhecimento e o respeito pela história, pelas tradições, pela língua e pelos símbolos nacionais. A literatura exerce, portanto, uma influência profunda nesse processo: preserva a memória, fortalece a identidade e transmite às novas gerações os valores culturais de um povo, mesmo em um mundo cada vez mais globalizado.



Imagem de arquivo pessoal - por Mariana Pavliqati

9

REVISTA THE BARD - Você participa de importantes projetos culturais internacionais. Como você avalia o intercâmbio entre escritores de diferentes países?

MARIANA PAVLIQOTI - Sim. Participo de diversos projetos culturais internacionais da PEGASI, com ampla diversidade temática, e considero o intercâmbio entre escritores de diferentes países uma experiência fundamental para ampliar conhecimentos, compartilhar experiências e fortalecer vínculos de amizade entre os povos.

Durante o 16.º Simpósio Internacional, pude vivenciar uma significativa troca de ideias, experiências e manifestações artísticas entre escritores, poetas e artistas de diferentes nacionalidades.

Esse intercâmbio também se concretiza por meio de antologias como "Open Lane" 1, 2, 3, 4, 5 e 6, "Altar of Pegasit" e outras obras, que reúnem milhares de autores de aproximadamente 130 países, com produções traduzidas para até 25 idiomas. Nesse processo, destaca-se o importante trabalho da tradutora, escritora e poetisa Majlinda Shabani-Aleksandra.

Acredito que essas iniciativas devem continuar e se intensificar, pois ampliam o conhecimento, aproximam culturas e fortalecem a amizade e a cooperação internacional. A PEGASI, por meio dessas ações, também contribui para valorizar e estimular associações e instituições culturais em diferentes países.

10

REVISTA THE BARD - Na sua opinião Academia Alternativa Pegasiana – Albânia (LNPSHA "PEGAS"), fundada e dirigida pelo Prof. Doutor. Kristaq F. Shabani desenvolve uma importante atividade na promoção da literatura e da cultura a nível internacional. Qual é a importância desta academia para os escritores albaneses e para a promoção da literatura albanesa no mundo?

MARIANA PAVLIQOTI - A trajetória da PEGASI revela um compromisso contínuo com a união dos povos por meio da Literatura, da Arte e da Cultura.

A LNPSHA "PEGASI" – Albânia e a Akademia Alternative Pegasiane – Albânia desenvolvem ampla atuação literária e cultural, com publicações, antologias, concursos, exposições, intercâmbios e mais de 70 parcerias internacionais. Destacam-se as revistas "PEGASI", "POLEART" e "PEGASI – Beleza e Saúde", além da realização de 16 Simpósios Internacionais e diversas iniciativas de cooperação cultural com publicações em meios escritos e visuais, cooperação com Bibliotecas de diferentes países do mundo, onde estão presentes trabalhos em muitos outros idiomas.

A meu ver, tem uma importância multifacetada e dimensional, ocupando um lugar importante no organograma da literatura mundial. Até mesmo a parceria modelo com a AAP/Brasil,

consolidou-se como um importante ponte cultural entre os dois países, por meio de simpósios, exposições, debates, concursos, publicações e intercâmbios.

Destaca-se a Antologia Internacional "PEGASI – Em Prosa e Verso – Open Lane 5", além do 16.º Simpósio Internacional, realizado na Albânia, em abril de 2026, com participantes de 13 países. Construída com amizade, diálogo e objetivos comuns, essa cooperação fortalece os vínculos entre Brasil e Albânia por meio da Literatura, da Arte e da Cultura.

Da mesma forma, as entrevistas de escritores Albanese, realizadas pela jornalista Magna Aspásia e publicadas na sua coluna Nau Literária da Revista The Bard, oportuniza o conhecimento, fortalecendo os laços e concretizando a troca universal de saberes.

11

REVISTA THE BARD - Na sua opinião, quais são os valores que unem escritores brasileiros e albaneses dentro dessa cooperação literária internacional?

MARIANA PAVLIQOTI - Darei uma resposta breve, baseada na realidade que vivi e observei durante os sete dias do Simpósio na Albânia, ocasião que pude acompanhar de perto as atitudes e manifestações de escritores e criadores albaneses e brasileiros.

Temos em comum a liberdade de expressar sentimentos, pensamentos e valores espirituais por meio de nossas obras. As diferenças estéticas e culturais não impedem a aproximação; ao contrário, permitem que nossas individualidades sejam compreendidas e valorizadas pela literatura, que nos levam a reflexão de nossas experiências, transformando-as em cultura, literatura e arte, revelando valores, compartilhando saberes e construindo uma parceria verdadeiramente significativa.

Ambas as partes apreciam a beleza e a realidade de suas nações, encontrando na criação literária um espaço de encontro e expressão onde a amizade tem seu esplendor. Essa parceria é de longo prazo e contribuirá cada vez mais para fortalecer os vínculos entre Albânia e Brasil, especialmente nas áreas da Literatura, Cultura e Arte.



Imagem de arquivo pessoal - por Mariana Pavliqoti

12

REVISTA THE BARD - Como você vê o papel das mulheres na literatura contemporânea e quais desafios você acha que ainda precisam ser superados?

MARIANA PAVLIQOTI - Procurarei expressar essa percepção por meio de minha própria atitude. Refiro-me à Albânia, mas também à Grécia, onde existe um expressivo contingente de criadores que manifesta livremente seu rico universo espiritual. Hoje, as mulheres não apenas participam ativamente da criação literária, mas também ocupam espaços de protagonismo nos diferentes gêneros e linguagens artísticas, conquistando, com talento e mérito, uma presença cada vez mais expressiva. Suas vozes se afirmam, sua criatividade se amplia e sua produção contribui de maneira significativa para a renovação da cultura e da literatura contemporâneas.

Os escritores também ampliam a presença da personagem feminina em suas obras, revelando diferentes dimensões da mulher, sua força, sua sensibilidade, sua identidade e aspectos de sua feminilidade que, durante muito tempo, permaneceram pouco explorados.

A mulher é reconhecida como uma força social, cultural e criativa fundamental, capaz de participar ativamente da transformação e do progresso das sociedades. Na Albânia, na Grécia e em outras partes do mundo, muitas mulheres já ocupam posições de destaque e contribuem para construir os caminhos da cultura, da arte, da literatura e da culinária.

Por isso, sua presença não deve apenas ser reconhecida, mas também ser valorizada, incentivada e ampliada. Ainda há muito a avançar, especialmente em algumas regiões e países onde a participação feminina na vida cultural permanece limitada.

Em nossa própria experiência, temos um dado muito significativo: a participação das mulheres em nossas antologias alcança 50% dos autores. Essa representatividade demonstra que, quando existem espaços de participação e diálogo, as mulheres respondem com talento, criatividade e força transformadora.

Essa presença paritária é mais do que um número: é um sinal de que a literatura, a arte e a cultura podem construir caminhos mais amplos de expressão, reconhecimento e igualdade.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026"*

13

REVISTA THE BARD - Que conselho você daria aos jovens que querem seguir o caminho da literatura e transformar suas experiências de vida em arte?

MARIANA PAVLIQOTI - Meu conselho aos jovens e a todos os criadores: coloquem seus talentos a serviço do progresso, da sociedade e das pessoas. Quando o talento se transforma em criação, ele se irradia, dinamiza a vida e gera energia, inspiração e impulsos positivos.

Assim como criei uma obra especial unindo Arte Culinária e Literatura, cada profissional pode estabelecer diálogos criativos entre sua área de atuação e a arte. Afinal, toda profissão carrega uma dimensão estética e criativa que pode despertar novos interesses, aproximar públicos e ampliar os espaços de leitura, conhecimento e publicação.

A literatura amplia o conhecimento sobre a sociedade, o mundo, os personagens e as experiências humanas em suas múltiplas dimensões. Por meio dela, conhecemos diferentes trajetórias, aprendemos com as experiências vividas e transformamos a realidade em reflexão, sensibilidade e arte.

Quando cultivada com verdade e inspiração, a literatura torna-se um campo fértil de conhecimento e expressão, capaz de transformar experiências em palavras que podem ser apreendidas, sentidas e compreendidas. Como expressa o Prof. Kristaq F. Shabani:

"O mundo humano precisa da Literatura, assim como a bela natureza precisa da clorofila."

A literatura, portanto, alimenta o espírito, ilumina a compreensão da vida e revela, pela arte da palavra, a riqueza da experiência humana.

14

REVISTA THE BARD - Quais são seus projetos literários para o futuro? Você está trabalhando em um novo trabalho?

MARIANA PAVLIQOTI - Tenho diversos projetos em desenvolvimento, que serão realizados de acordo com meu programa de trabalho. Entre eles, está a preparação de um novo volume de poesia, no qual continuarei explorando os diálogos entre Literatura e Arte Culinária, integrando a poesia à minha forma particular de criação e expressão.

Também estou preparando uma obra dedicada à emigração albanesa para a Grécia, abordando as experiências, os intercâmbios culturais e as influências recíprocas entre as tradições culinárias da Albânia e da Grécia.

Em parceria com minha irmã, Vjollca, uma cozinheira experiente e de refinada sensibilidade culinária, estamos organizando um livro de receitas que reunirá pratos representativos das duas culturas, acompanhados de fotografias que valorizem sua história, apresentação e identidade gastronômica.

Paralelamente, desenvolvo um estudo sobre a Arte de Cozinhar na Albânia, com especial atenção às tradições culinárias de minha cidade natal, Korçë, buscando preservar e divulgar sabores, costumes e memórias que fazem parte do patrimônio cultural albanês.

15

REVISTA THE BARD - Literatura, poesia e cultura têm o poder de construir pontes entre nações e aproximar os povos. Que mensagem você transmite aos leitores brasileiros da Coluna Nau Literária-Revista The Bard e membros da Academia Alternativa Pegasiana – Brasil e Akademia Alternative-Albânia sobre o futuro da amizade cultural entre Brasil e Albânia?

MARIANA PAVLIQOTI - Agradeço profundamente a oportunidade de apresentar minha literatura e minha arte culinária em uma revista de prestígio internacional, especialmente por meio da coluna Nau Literária, da conceituada Revista The Bard e a Jornalista Profa Magna Aspásia Fontenelle, reafirmando minha convicção de que a parceria entre nossas academias se fortalecerá e se aprofundará cada vez mais, ampliando os caminhos de intercâmbio cultural e literário.

Aos leitores brasileiros da Coluna Nau Literária da Revista The Bard e aos membros da AAP/Brasil e AAP/Albânia Aos leitores brasileiros da Coluna Nau Literária da Revista The Bard e aos membros da AAP/Brasil e AAP/Albânia deixo esta inspiradora mensagem de união que é o nosso slogan.

"Somos todos anjos. Unamos nossas asas e voemos juntos!"

Que nossas atividades sejam como o voo dos anjos neste caso, dos anjos criativos, capazes de ultrapassar fronteiras, aproximar pessoas e construir caminhos de conhecimento.

Que possamos transformar nossas ações em grandes pontes de ligação, cada vez mais amplas e sólidas, unindo criatividade, cultura e conhecimento, com uma visão mais racional, consciente e humanizada do mundo.

Muito obrigada!

FACEBOOK





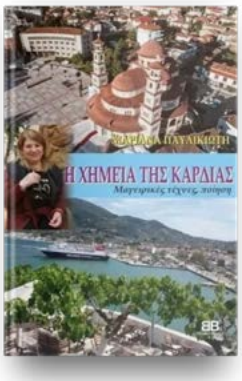
IMAGEM GERADA POR IA "usando ***GPT 2.5 FLARE****, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026"*

Sra. Mariana Pavliqoti, agradecemos sinceramente por compartilhar conosco sua experiência, pensamentos e dedicação à literatura, cultura e tradições albanesas.

Desejamos que sua criatividade continue a inspirar os leitores da Coluna Nau Literária -Revista The Bard, AAP/Brasil, AAP/Albânia e ALB/Uberaba, aos colunistas e ao editor J.B.Wolf, que a literatura por meio de suas nuances venha fortalecer, cada vez mais a união, respeito pelos os povos e suas diversidades.

Muito Obrigada!

LIVRO - MARIANA PAVLIQOT



MAGNA ASPÁSIA FONTENELLE

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO, VISITE SEU SITE E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

COLUNAS E COLUNISTAS

SITE FACEBOOK FACEBOOK INSTAGRAM POST NO SITE

16



CRIS GOMES

Cristina G.S.Andrade. Atuei na área da educação por 32 anos como professora, coordenadora pedagógica e orientadora educacional. Atualmente envolvida no projeto de produção de um livro-relato sobre a história do Instituto Lemdae e em terapias para a melhora da qualidade de vida, principalmente de mulheres com baixa autoestima.

A ARTE DE DEIXAR IR



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026

Deixem-me envelhecer sem compromissos e cobranças. Sem a obrigação de parecer jovem e ser bonito para alguém. Quero ao meu lado quem me entenda e me ame como eu sou. Um amor para dividirmos tropeços desta nossa última jornada. Quero envelhecer com dignidade, com sabedoria e esperança. Amar minha vida, agradecer pelos dias que ainda me restam.

Eu não quero perder meu tempo precioso com aventuras. Paixões perniciosas que nada acrescentam e nada valem. Deixem-me envelhecer com sanidade e discernimento. Com a certeza que cumpri meus deveres e minha missão. Quero aproveitar essa paz merecida para descansar e refletir.

Ter amigos para compartilharmos experiências, conhecimentos. Quero envelhecer sem temer as rugas e meus cabelos brancos. Sem frustrações, terminar a etapa final desta minha existência. Não quero me deixar levar por aparências e vaidades bobas. Nem me envolver com relações que vão me fazer infeliz.

Deixem-me envelhecer, aceitar a velhice com suas mazelas. Ter a certeza que minha luta não foi em vão: teve um sentido. Quero envelhecer sem temer a morte e ter medo da despedida. Acreditar que a velhice é o retorno de uma viagem, não é o fim. Não quero ser um exemplo, quero dar um sentido ao meu viver. Ter serenidade, um sono tranquilo e andar de cabeça erguida. Fazer somente o que eu gosto, com a sensação de liberdade. Quero saber envelhecer, ser um velho consciente e feliz!

“Deixe-me Envelhecer” - Concita Weber
In: O Topo da Montanha (Contos e Poesia). São Paulo: Editora Biblioteca 24 Horas, 2014.

Embora o poema circule nas redes sociais como sendo de autoria de Mário Quintana, ele não é o autor dessa belíssima reflexão a respeito de uma das idades mais controversas do ser humano. Sim, porque ao contrário das especulações em torno do tema, para uns é a idade de ouro, da sabedoria, da serenidade e da certeza daquilo que realmente tem importância; para outros é o fim da linha, a era da incapacidade, da dependência e da falta de autonomia.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026"*

O fato é que todos os dias envelhecemos e nem percebemos a ação esculpida pelo tempo. E não há um momento exato para nos declararmos velhos. Há percepções de mudanças sutis que vão acontecendo o tempo todo e de muitas formas.

A sociedade nos impele a conquistar diplomas, empregos melhores, relacionamentos estáveis, herdeiros, novos endereços, bens cada vez melhores, enfim, a maratona diária vai nos roubando de nós mesmos enquanto a juventude é consumida pelo destino.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026"*

É um movimento constante para alcançar o "eu tenho" ou "eu consegui". É como se o valor da vida pudesse ser medido pelo sucesso cujo preço pago é negligenciar a saúde física/ mental deixando vazios dificilmente preenchidos.

Talvez essa seja uma das maiores ironias do envelhecer... gastamos tempo demais para conquistar a vida ideal que nem a percebemos passando pela janela. Ao final, estamos cansados, quase sem forças e disposição para desfrutar os louros da vitória. Deixamos passar a festa do viver, do estar presente, do ser presente e pouco realmente valeu a pena. Por isso o ponto principal dessa questão é "como aproveitamos o tempo que nos foi concedido?" E a resposta é uma só: fazendo escolhas. Se serão caminho ladeado de brilhantes com diz a canção ou estrada tortuosa cheia de espinhos, isso é único. Cada um responde por si.

Por outro lado, também é um fato que a população mundial está vivendo mais. Em todos os lugares do mundo, pessoas com mais de 60 anos estão alterando número e proporcionalidade dos censos demográficos.

O texto poético que abre essa coluna roga pela possibilidade de viver o tempo possível com a paz tanto almejada. Mas será que é possível num mundo que ainda cambaleia diante das necessidades dessa população cada dia maior? Será que as tímidas medidas não estão distantes de garantir o conforto necessário ao final de uma vida inteira de trabalho?



No mundo todo, há movimentações no sentido de estabelecer direitos mínimos a essa população que aumenta consideravelmente.

A OMS (Organização Mundial de Saúde), por exemplo, afirma que em 2030, uma em cada seis pessoas no mundo terá 60 anos ou mais. Nessa época, a população com 60 anos ou mais terá crescido de 1 bilhão em 2020 para 1,4 bilhão. Em 2050, a população global de pessoas com 60 anos ou mais terá dobrado (2,1 bilhões). O número de pessoas com 80 anos ou mais deverá triplicar entre 2020 e 2050, chegando a 426 milhões.

Segundo esses dados, é fato que o mundo vive o fenômeno de envelhecimento global.

A questão altera a dinâmica de enfrentamento social dos países que necessitam estar preparados para gerenciar essa nova realidade. A pirâmide social muda e a realidade afeta países ricos, mas principalmente países menos favorecidos que necessitam preparar-se para atender essa nova população.

Envelhecer pressupõe declínio cognitivo e físico do ser humano, porém esta regra não se aplica a todos: existem aqueles que se mantêm ativos e produzindo experiências de vida. É claro que isso depende do histórico de vida, da herança genética, de questões financeiras e, principalmente de motivação pessoal. É preciso combater a ideia de que todo idoso é um fardo para a família e para a sociedade.

A atual realidade mundial fomenta novas diretrizes no que diz respeito à valorização do ser humano nessa idade. Os governos precisam criar políticas inclusivas com projetos que abranjam atendimento na saúde, na convivência e no bem-estar dessa população.

A Assembleia Geral das Nações Unidas declarou o período de 2021 a 2030 como a Década do Envelhecimento Saudável e instou a OMS a liderar sua implementação. A Década do Envelhecimento Saudável das Nações Unidas é um projeto colaborativo global que visa unir os esforços de governos, sociedade civil, organizações internacionais, profissionais, academia, mídia e setor privado para promover ações conjuntas, catalisadoras e colaborativas ao longo de 10 anos, com o objetivo de fomentar vidas mais longas e saudáveis.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026"*

"O envelhecimento da população mundial é uma realidade que nos convida a repensar o futuro, construindo sociedades mais inclusivas, preparadas e capazes de valorizar a experiência e a dignidade de cada geração."



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026"*

A ideia proposta é que o envelhecer aconteça de forma saudável em todos os setores da sociedade e apoiado como necessidade, não como obrigação, mudando a mentalidade preconceituosa dos mais jovens para a valorização da experiência como acontece no Japão. Lá a longevidade é valorizada e respeitada por toda sociedade que vê os idosos com respeito e os mantém ativos com atividades que lhes ofereçam um propósito de vida.

Em contrapartida à situação explanada acima, há o problema das previdências e aposentadorias que estão colapsando mundo afora. Nos países da Europa, medidas estão sendo tomadas para tentar equilibrar gastos públicos com sistema de aposentadoria. Alemanha, Itália (tem uma das populações mais idosas da Europa) e Portugal têm criado fundos de pensão/ aposentadoria para ajustar as contas públicas sem desamparar seus idosos, porém esses esforços ainda estão longe de alcançar a estabilidade que prometem.

No Brasil e nos países vizinhos, a situação é ainda mais complicada porque atravessam crises econômicas juntamente com a realidade mundial: a população envelhece mais depressa que a implantação de políticas públicas que beneficiem os idosos.

Nosso país vive à custa de ajustes para minimizar a pendência da balança no que diz respeito ao sistema previdenciário. Os trabalhadores ativos financiam os que aposentaram.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026"*

Envelhecer, porém, apresenta outras vertentes...

A sexualidade, embora vista como tabu, é um assunto importante a ser mencionado. Ela deixa de ser resposta rápida para tornar parceria, cumplicidade e afeto. O corpo mudou, entretanto o companheirismo ganhou espaço importante e o desempenho valoriza o abraço e o "estar junto". É tempo de partilhar gestos de carinho e respeito pela individualidade e pelo corpo do outro. Mais que a química do erotismo, a sexualidade é companhia e uma boa conversa torna agradável esse momento.

O emocional muda à medida que a sabedoria conquista espaço junto à aceitação do tempo e dos limites físicos. Uma mente ativa, no entanto, é escolha diária. Uma mente que quer se manter ativa busca a leitura, o bom filme, a atividade manual ou o passatempo que estimula a memória. O importante é exercitar o cérebro desafiando-o ao novo pelo maior tempo possível.

A valorização do tempo é realidade diária. Somente o hoje vale a pena. O tempo desacelerou porque a pressa já não importa mais. A qualidade do agora tem valor inestimável porque finda o tempo a ser vivido.

A paciência ganha status de espera consciente. A urgência da rotina não valida a vida a partir dessa fase. Sem a correria para conquistar, a espera se torna mais leve.

A relação com a família pode ser generosa, com troca de experiências e aproveitamento do tempo para "curtir" os herdeiros. Avós, costumeiramente, são mais atenciosos/ carinhosos com netos. Mimam as crianças e tendem a ser mais permissivos que foram com os próprios filhos.

O perdão (concedido ou recebido) emerge para aplainar os erros do caminho. Possível ou impossível para alguns, ele floresce num coração que compreende as falhas da jornada e os marcos da superação.

A validação externa passa a segundo plano. Importa menos a opinião do outro. Se antes, tudo girava em torno do que as pessoas iriam dizer, pensar ou falar, agora realmente isso tem um valor bem insignificante.

Tudo isso nos leva a uma reflexão sobre o envelhecer: "Como as pessoas estão se preparando, para que, ao final da vida, estejam tão bem quanto pretendem estar?

Estudos científicos recentes da Universidade de Harvard, mostram que as pessoas estão adotando estratégias de vida relacionadas a quatro grandes pilares:

1.Atividade física
2.Estimulação cerebral
3.Alimentação/ Sono
4.Conexões sociais

Esses estudos revelam um redirecionamento do futuro. Os jovens querem viver e envelhecer



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026"*

bem. Eles querem desfrutar a vida estando em condições de participar ativamente dela. Não querem ser passivos, querem fazer parte das famílias de forma ativa, querem ser ouvidos com respeito e atenção e querem, principalmente, sentirem-se úteis. Afinal a vida humana só tem valor se for por sua utilidade. E a poesia da vida só tem valia quando se encontra sentido em existir.

Envelhecer é celebrar pequenos milagres diários. A liberdade de não precisar agradar, de usar o tempo a seu favor é um das dádivas de se chegar a essa idade.

Sabe por quê?

Porque envelhecer não é o fim; é apenas uma curva no caminho. É se aproximar do "volta para casa" onde os cabelos prateados e as marcas no rosto dão serenidade. Revelam vida vivida. Mostram o quanto valeu cada experiência. Não pesam quando a alma carrega a leveza e a paz do trajeto percorrido tentando dar o melhor, tentando evoluir e se tornar um ser humano digno.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 29/09/2026"*

Embora os passos tenham ficado mais lentos, o caminhar ganhou firmeza já que um coração bem resolvido acolhe o tempo como amigo; é a lucidez conquistada que equilibra a história e torna a memória um baú de tesouros a ser visitados sem ressentimentos.

Deixo aqui algumas sugestões de filmes sobre o tema abordado de diferentes formas:

- O retrato de Dorian Gray (2009)
- O estranho caso de Benjamin Button (2008)
- Era uma vez em Tóquio (1953)
- Up – Altas aventuras (animação – 2009)
- As baleias de Agosto (1987)
- Antes de partir (2007)
- The father (2020)

Enfim, despeço-me desejando que os últimos dias de 2026 sejam bons para você. Que haja tempo para as conquistas, é claro, mas que também haja tempo para viver sem a obrigação de estar sempre conquistando sucessos. Que a gente passe pela vida vivendo os anos que nos forem dados e, que, finalmente, saibamos envelhecer com dignidade, cercados de respeito e gentileza.

E termino com uma frase de Rubem Alves que, para mim, diz muito sobre o que significa envelhecer:

"Velhice é quando a gente começa a ser tratado como objeto de respeito e não como objeto de desejo."

Que a vida nos permita chegar lá com histórias para contar.

Boas Festas!

Um abraço carinhoso

CrisGomes

CRISTINA GOMES

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS

LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:

"imagens que salvam a humanidade"



40ª EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE | FACEBOOK | INSTAGRAM | YOUTUBE | TWITTER/X

EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

ENTRE ESTANTES, BANCAS E SEBOS:

"Os lugares onde os livros nos encontram"

41ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

PERÍODO DE 11 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.

Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

Mãe ÁFRICA
CULTURA & ARTE

REDAÇÃO THE BARD

A Revista The Bard é uma iniciativa multicultural, multilinguística e multiartística dedicada à arte, literatura e cultura. Promove visibilidade a escritores e artistas, conectando suas obras a leitores no Brasil e no mundo.

A literatura africana que reinventou o mundo: vozes que atravessam fronteiras



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026"*

A literatura tem uma capacidade extraordinária de atravessar fronteiras, preservar memórias e aproximar povos que talvez jamais compartilhassem o mesmo território. Em suas páginas, encontramos histórias de amor, conflitos, sonhos, perdas, descobertas e transformações sociais. Mas existem literaturas cuja importância ultrapassa a dimensão artística: elas também representam a recuperação de uma memória coletiva, a afirmação de identidades e a conquista do direito de contar a própria história. A literatura africana é uma dessas expressões.

Com uma diversidade que acompanha a própria complexidade do continente, a produção literária africana reúne milhares de tradições linguísticas, culturais e narrativas. São romances, poemas, contos, peças teatrais, provérbios, epopeias, manuscritos antigos e histórias transmitidas oralmente de geração em geração. Não existe uma única literatura africana, mas um vasto universo de vozes que expressam diferentes experiências do continente e de suas diásporas.

Durante muito tempo, a imagem da África foi construída predominantemente por narrativas estrangeiras. Exploradores, viajantes, administradores coloniais e escritores europeus produziram relatos que, em numerosas ocasiões, apresentavam os povos africanos a partir de perspectivas externas, frequentemente marcadas por preconceitos e interpretações distorcidas. Nesse cenário, escrever tornou-se também uma maneira de recuperar a própria voz. Os escritores africanos passaram a ocupar um espaço fundamental na construção de narrativas nas quais seus povos deixavam de ser personagens observados por outros e assumiam o papel de protagonistas de suas próprias histórias.





*IMAGENS GERADAS POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026"*

Da tradição oral à literatura universal

Muito antes da consolidação dos romances e das publicações modernas, a África já possuía uma rica tradição literária. A palavra falada desempenhava um papel essencial na transmissão de conhecimentos, valores, genealogias, acontecimentos históricos e ensinamentos filosóficos. Histórias eram compartilhadas em comunidades, cerimônias e encontros familiares, mantendo vivas as experiências de diferentes gerações.

Na África Ocidental, os griôs, conhecidos como guardiões da memória e da tradição oral em determinadas sociedades, desempenharam funções importantes na preservação de genealogias, narrativas históricas, músicas e ensinamentos. Por meio da palavra, da poesia e do canto, transmitiam conhecimentos que ajudavam a preservar a identidade de seus povos. A tradição dos griôs demonstra que a literatura não depende exclusivamente do papel ou da escrita para existir: ela também vive na voz, na memória e na experiência compartilhada.

Além da oralidade, o continente desenvolveu antigas tradições de escrita. Os manuscritos de Timbuktu, no atual Mali, por exemplo, testemunham uma longa história de produção intelectual em áreas como teologia, matemática, astronomia, direito, filosofia e literatura. Na Etiópia, a tradição literária em ge'ez deixou importantes registros religiosos e históricos. Em diferentes regiões, idiomas como árabe, suaíli, amárico e hauçá também sustentaram expressões literárias próprias.

Portanto, a literatura africana não começou com a chegada dos europeus, tampouco nasceu com a introdução do romance moderno. Ela possui raízes profundas, construídas por sociedades que já produziam conhecimento, arte e narrativas muito antes da colonização.

Escritores que deram novos sentidos à história

No século XX, a literatura africana ganhou projeção internacional, especialmente com escritores que passaram a abordar as transformações sociais, culturais e políticas de seus países. Entre eles está o nigeriano Chinua Achebe, autor de O Mundo se Despedaça (Things Fall Apart), publicado em 1958. O romance apresenta a sociedade igbo, seus costumes, valores e estruturas comunitárias, acompanhando as mudanças provocadas pela chegada do colonialismo europeu.

A importância da obra está também em sua perspectiva narrativa: em vez de apresentar os africanos como figuras secundárias de uma história contada pelo colonizador, Achebe constrói personagens complexos, com sentimentos, contradições, tradições e conflitos próprios. Seu livro tornou-se uma referência internacional e contribuiu para ampliar o espaço da literatura africana nas discussões literárias mundiais.

Outro nome fundamental é Wole Soyinka, também nigeriano, dramaturgo, poeta e ensaísta, que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1986. Sua produção dialoga com mitologias, tradições culturais, questões políticas e dilemas humanos. Sua conquista representou um reconhecimento importante da presença africana no cenário literário internacional.

Na literatura feminina, a senegalesa Mariama Bâ merece destaque com Uma Carta Tão Longa, romance publicado em 1979. Por meio da correspondência de uma mulher que enfrenta a perda, as relações familiares e as desigualdades de gênero, a escritora apresenta reflexões sobre a condição feminina, a educação, o casamento e as transformações da sociedade senegalesa.

Também merece atenção a obra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, que, em romances como Hibisco Roxo e Meio Sol Amarelo, aborda relações familiares, identidade, religião, memória e os impactos da Guerra de Biafra. Suas narrativas aproximam experiências particulares de questões históricas e sociais mais amplas.

Esses escritores, entre tantos outros, demonstram que a literatura africana não possui uma única temática ou orientação estética. Ela fala de guerras e independências, mas também de infância, afetividade, relações familiares, espiritualidade, cotidiano, desigualdades, pertencimento e transformações individuais.





IMAGENS GERADAS POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf. Criada em 29/10/2026"

A língua como território de identidade

Uma das discussões mais importantes da literatura africana está relacionada à escolha do idioma utilizado pelos escritores. Em um continente onde coexistem milhares de línguas, a presença do inglês, francês e português na produção literária revela parte da história colonial, mas também levanta questões sobre identidade, pertencimento e circulação cultural.

O escritor queniano Ngũgĩ wa Thiong'o dedicou parte significativa de sua reflexão a esse debate. Em Descolonizando a Mente: A Política da Língua na Literatura Africana, publicado em 1986, defendeu a importância de escrever nas línguas africanas, especialmente como forma de preservar conhecimentos, fortalecer identidades e romper com a ideia de que a cultura europeia deveria ocupar uma posição superior.

Sua decisão de escrever em gikuyu, sua língua materna, tornou-se uma referência nas discussões sobre descolonização cultural. Para Ngũgĩ, a língua não é apenas um instrumento de comunicação: ela carrega a história, os valores, as experiências e a maneira como uma comunidade compreende o mundo.

Entretanto, a discussão não é simples. Outros escritores demonstraram que também é possível transformar as línguas herdadas do colonialismo em instrumentos de expressão africana. O nigeriano Chinua Achebe, por exemplo, escreveu em inglês, incorporando estruturas narrativas, provérbios, expressões e formas de pensamento de sua cultura igbo.

Na literatura de língua portuguesa, encontramos contribuições igualmente significativas. O moçambicano Mia Couto construiu uma linguagem literária singular, marcada pela criatividade vocabular, pela oralidade e pela incorporação de referências culturais de Moçambique. A escritora Paulina Chiziane, também moçambicana, trouxe para seus romances as experiências das mulheres, as tradições, as relações familiares e as contradições sociais de seu país.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026"*

O angolano Pepetela, por sua vez, desenvolveu uma produção literária profundamente relacionada à história de Angola, abordando a colonização, a luta pela independência e os desafios da sociedade após a formação do Estado nacional.

Essa diversidade demonstra que a literatura africana também é um espaço de negociação entre línguas, culturas e identidades. A questão não está apenas em qual idioma escrever, mas em quem tem o direito de narrar, quais memórias serão preservadas e quais vozes alcançarão os leitores do mundo.

Mulheres, memória e novas perspectivas

A presença feminina transformou profundamente a literatura africana. Durante muito tempo, as mulheres tiveram menos oportunidades de publicação e reconhecimento em diferentes sociedades, mas suas experiências passaram a ocupar um espaço cada vez mais importante na produção literária.

Escritoras como a nigeriana Buchi Emecheta, a senegalesa Mariama Bâ, a sul-africana Bessie Head, a zimbabuana Tsitsi Dangarembga e as moçambicanas Noémia de Sousa e Paulina Chiziane construíram narrativas que ampliaram a representação das mulheres africanas.

Noémia de Sousa, em particular, merece destaque por sua contribuição à poesia moçambicana. Sua escrita associou identidade, ancestralidade, consciência negra e resistência, tornando-se uma das expressões mais importantes da afirmação cultural de Moçambique.

Já Tsitsi Dangarembga, em Condições Nervosas, publicado em 1988, aborda a educação, as relações familiares e os conflitos de identidade de uma jovem em uma sociedade marcada pelo colonialismo e pelas desigualdades de gênero.

Essas escritoras mostram que a experiência feminina africana não pode ser reduzida a uma única realidade. Há diferentes histórias, tradições, desafios e formas de emancipação. Ao escreverem sobre suas próprias experiências e sobre as mulheres de suas comunidades, elas ampliam o repertório da literatura universal e questionam as narrativas que historicamente as mantiveram à margem.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026"*

Uma literatura que continua reinventando o mundo

A literatura africana contemporânea está presente em romances, poesia, ensaios, quadrinhos, literatura digital e novas experiências narrativas. Escritores de diferentes países abordam temas como migração, urbanização, mudanças climáticas, tecnologia, conflitos geracionais, memória, racismo e pertencimento.

O escritor tanzaniano Abdulrazak Gurnah, laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 2021, é um exemplo dessa projeção internacional. Suas obras exploram temas como colonialismo, deslocamento, exílio e as consequências humanas das migrações. Sua produção também contribui para ampliar a compreensão das experiências históricas da África Oriental e de suas relações com outras regiões do mundo.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026"*



Entretanto, a circulação internacional dessas obras ainda enfrenta obstáculos. A tradução, a distribuição editorial, o acesso aos mercados literários e a desigualdade de oportunidades de publicação influenciam quais autores conseguem alcançar leitores em outros continentes. Muitas produções em línguas africanas permanecem pouco conhecidas fora de suas comunidades, apesar de sua importância cultural e artística.

Nesse sentido, editoras independentes, universidades, festivais literários, bibliotecas e iniciativas de tradução desempenham um papel fundamental na divulgação dessas vozes. Conhecer a literatura africana exige também ampliar nossas escolhas de leitura, ultrapassando os títulos mais conhecidos e descobrindo escritores de diferentes regiões, idiomas e gerações.

A literatura africana também estabelece uma relação profunda com a diáspora. Os deslocamentos forçados provocados pelo tráfico transatlântico de pessoas escravizadas espalharam línguas, narrativas, ritmos, crenças e tradições africanas pelo mundo. No Brasil, essa herança pode ser percebida na oralidade, nas expressões linguísticas, nas manifestações religiosas, na música e nas narrativas populares. Ler autores africanos é, portanto, também uma oportunidade de reconhecer parte das raízes históricas e culturais que contribuíram para a formação da sociedade brasileira.

A literatura aproxima aquilo que a distância geográfica separa. Por meio dela, podemos conhecer experiências de povos que possuem histórias próprias, mas compartilham questões profundamente humanas.

A África não precisa ser descoberta pela literatura: ela sempre teve histórias para contar. O que precisamos é ampliar nossa disposição para ouvi-las.

Quando uma história atravessa fronteiras

A grande contribuição da literatura africana para o mundo está na pluralidade de suas perspectivas. Ela não oferece somente relatos sobre o passado colonial, mas apresenta civilizações, filosofias, sentimentos, conflitos e possibilidades de futuro. Seus escritores demonstram que a África é produtora de conhecimento, pensamento e criação artística, e não apenas objeto de estudo ou cenário de acontecimentos históricos.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/10/2026"*

Talvez seja justamente essa a maior força de sua literatura: permitir que cada leitor encontre, em uma realidade cultural diferente da sua, sentimentos e questionamentos que também fazem parte de sua própria existência.

Uma história escrita em uma pequena comunidade africana pode alcançar alguém do outro lado do planeta. Um poema nascido de uma experiência de exílio pode encontrar correspondência na memória de quem deixou sua terra. Um romance sobre uma família, uma mulher ou uma sociedade em transformação pode revelar que, apesar das diferenças culturais, existem inquietações que atravessam a humanidade.

Na coluna Mãe África, celebrar a literatura do continente é reconhecer o poder dessas vozes e compreender que nenhuma cultura pode ser plenamente conhecida quando suas próprias narrativas são deixadas de lado.

Porque os livros não possuem fronteiras definitivas. Eles atravessam oceanos, preservam gerações e aproximam mundos. E, entre tantas histórias que a humanidade ainda precisa conhecer, a literatura africana continua oferecendo uma das mais ricas, diversas e necessárias experiências de leitura.

REDAÇÃO THE BARD

COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

POST NO SITE

RESILIENTE

04



FABIANA FRANCISCO

Fabiana Francisco, 49 anos, professora, paulistana, graduada em Direito, Pedagogia, Artes Visuais e História. Pós-Graduada em "Arte, História e Educação nos Museus de SP, a Cultura em Movimento" e "Cultura Afro-Brasileira" Já foi blogueira ("De repente 40... e agora?!"), scraper, artesã, mochileira e uma das fundadoras da plataforma multicanal "Geração Literária". Autora de "Memórias de uma borboleta ferida", "Para sempre borboleta" e "Crônicas e afins...".

HÁ MOMENTOS EM QUE A VIDA PERDE O CONTORNO

Algumas reconstruções não começam apagando as marcas, começam quando aquilo que nos feriu já não define aquilo que seremos.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Tânia Lavínia, Criada em 28/09/2026"

Não necessariamente porque tudo desmoronou de uma só vez, mas porque alguma coisa dentro de nós começou, silenciosamente, a transbordar. O trabalho que deixou de ser apenas cansativo e passou a adoecer. A relação que, pouco a pouco, transformou afeto em medo, controle ou diminuição. A demissão que levou consigo não apenas o salário, mas uma parte da identidade. A frustração diante daquilo que não aconteceu. A ausência definitiva de alguém que amávamos. Ou simplesmente o acúmulo de dias em que fomos fortes por tempo demais. Nem toda dor encontra palavras. Talvez seja justamente nesse lugar, onde a linguagem verbal já não alcança, que a arte possa abrir uma passagem.

A arteterapia parte de uma compreensão profundamente humana: nem tudo aquilo que sentimos precisa primeiro ser explicado para poder ser expresso. Há experiências que chegam antes como cor, gesto, textura, silêncio, movimento. Criar permite que aquilo que estava comprimido encontre uma forma fora de nós, não para apagar o sofrimento, mas para que possamos observá-lo, reorganizá-lo e, aos poucos, estabelecer uma nova relação com ele.

Em uma sociedade marcada pela urgência, pela produtividade e pela cobrança permanente por resultados, reservar um espaço para criar pode parecer um gesto pequeno. Não é. É quase uma insubordinação. Porque criar exige presença. E talvez poucas coisas sejam tão necessárias ao nosso tempo quanto reaprender a estar presentes dentro da própria vida.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

Aquarela

A aquarela e a delicadeza de não controlar tudo Entre tantas possibilidades artísticas, a aquarela possui uma característica singular: ela nos obriga a negociar com o imprevisível.

O pigmento toca a água e imediatamente deixa de nos pertencer por completo. Ele se espalha, encontra o papel, atravessa pequenas fibras, mistura-se a outra cor, cria margens que não planejamos. Podemos conduzi-lo, mas dificilmente dominá-lo inteiramente.

Para alguém emocionalmente habituado à necessidade de controlar tudo, porque durante muito tempo precisou sobreviver antecipando conflitos, cobranças, rejeições ou perdas, essa experiência pode adquirir um significado especial. A aquarela ensina, silenciosamente, que nem tudo o que escapa ao controle termina em desastre. Às vezes, termina em beleza.

Na técnica molhado sobre molhado, a tinta encontra uma superfície previamente umedecida. As cores caminham umas em direção às outras e produzem encontros inesperados. É preciso permitir.

Já no molhado sobre seco, o gesto encontra maior definição. O pincel desenha limites mais nítidos, oferece estrutura e direção. Há ainda as veladuras, construídas pela sobreposição de camadas transparentes. Uma cor permanece visível sob a outra. Nada precisa desaparecer completamente para que algo novo possa surgir. Talvez exista aí uma das metáforas mais bonitas da aquarela. Nós também somos feitos de camadas.

O que vivemos não simplesmente desaparece porque seguimos adiante. Algumas experiências permanecem em nós, mas podem ganhar novas cores quando atravessadas por outras experiências. A perda continua sendo parte da história, mas não precisa ocupar a página inteira. A relação abusiva deixa marcas, mas não precisa determinar todas as relações futuras. O fracasso pode continuar existindo como memória sem continuar funcionando como sentença.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

Sobrepor não significa esconder. Significa integrar. O papel também precisa respirar. Quem trabalha com aquarela aprende rapidamente outra lição: insistir demais pode destruir aquilo que se desejava aperfeiçoar. Há um momento de tocar o papel. E há um momento de deixá-lo secar. Essa alternância entre ação e espera parece quase revolucionária para pessoas acostumadas a viver em ambientes nos quais descansar provoca culpa.

Quantas pessoas adoecem porque aprenderam que seu valor depende exclusivamente daquilo que produzem? Quantas continuam trabalhando exaustas, respondendo mensagens fora do horário, suportando humilhações, atravessando ambientes hostis e chamando sobrevivência de "profissionalismo"? Quantas permanecem em relacionamentos emocionalmente destrutivos porque foram convencidas de que amar significa suportar indefinidamente? E quantas, depois de uma perda, escutam que precisam "seguir em frente", como se o luto obedecesse a um calendário?

A aquarela não trabalha assim.

Ela pede tempo.

Pede intervalo.

Pede observação.

Algumas camadas só podem ser acrescentadas quando as anteriores estiverem suficientemente secas. Talvez nós também. A água não apaga: transforma. Há algo profundamente simbólico na presença da água nessa linguagem artística. A água dilui a intensidade do pigmento, cria transparências, conduz a cor por caminhos inesperados. Uma gota pode alterar completamente uma composição. Mas ela não torna a cor inexistente. Ela a transforma.

Dentro de um processo arteterapêutico conduzido por profissional habilitado, experiências artísticas como a aquarela podem favorecer espaços de expressão emocional, percepção de si, criatividade e elaboração simbólica. Não se trata de produzir uma pintura "bonita", tampouco de medir talento.

Aliás, talvez uma das primeiras libertações seja justamente esta: você não precisa saber pintar. Não há concurso. Não há nota. Não existe obrigação de impressionar ninguém. O valor está no processo. Escolher uma cor. Perceber que outra provoca desconforto. Fazer um traço forte. Diluir uma mancha. Deixar um espaço branco. Cobrir uma região. Decidir parar.

Pequenas escolhas realizadas diante de uma folha podem parecer insignificantes para quem observa de fora. Para alguém que passou muito tempo tendo suas escolhas anuladas, por uma relação abusiva, por um ambiente profissional opressor ou pelas próprias circunstâncias da vida, poder dizer "aqui eu escolho" pode carregar enorme significado.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

E quando a mancha acontece? Todo aquarelista conhece aquele instante. A água correu além do esperado. As cores se misturaram. O desenho que existia na cabeça já não existe no papel.

A primeira reação pode ser tentar corrigir desesperadamente. Mas a aquarela oferece outra possibilidade: olhar para a mancha e perguntar: O que posso fazer a partir daqui? Talvez essa pergunta ultrapasse o papel. Porque a vida raramente respeita nossos esboços. Perdemos pessoas. Perdemos empregos. Perdemos relações. Às vezes perdemos versões inteiras de nós mesmos.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

Existem planos que não se cumprem, amores que não permanecem, lugares nos quais não somos reconhecidos e sonhos que precisam ser redesenhados.

A arteterapia não promete transformar sofrimento em felicidade instantânea. A arte não deve ser romantizada como substituta de acompanhamento psicológico ou médico quando estes são necessários. Mas ela pode oferecer linguagem ao que estava aprisionado no silêncio. E isso importa. Porque uma dor que consegue adquirir forma deixa, por alguns instantes, de ser apenas um peso invisível.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

Agora existe uma cor. Uma linha. Uma mancha. Uma imagem. Algo que pode ser visto, percebido e elaborado. Talvez não seja preciso começar de novo. Existe uma ideia cruel de que, depois das grandes rupturas, precisamos "começar do zero". A aquarela contradiz isso. Quando uma nova camada é colocada sobre o papel, a anterior participa da cor que virá. Nós também não começamos do zero. Começamos daquilo que restou. Daquilo que aprendemos. Das pessoas que amamos. Das cicatrizes que carregamos. Das escolhas que agora sabemos que não queremos repetir. Dos limites que finalmente aprendemos a estabelecer. Da coragem que talvez ainda nem tenhamos percebido possuir. Por isso, diante de uma folha branca, talvez a pergunta não precise ser: "O que eu vou pintar?" Talvez possa ser: "O que existe em mim hoje que precisa encontrar uma cor?" E então molhar o pincel.

Sem pressa.

Permitir que a água atravesse o pigmento e encontre o papel.

Algumas cores permanecerão onde foram colocadas. Outras escaparão dos limites. Algumas misturas serão exatamente como imaginávamos; outras jamais poderiam ter sido planejadas. E talvez seja justamente essa a beleza. Porque há dias em que reconstruir-se não significa desenhar novamente os mesmos contornos.

Significa descobrir que ainda existem cores em nós. E permitir que elas encontrem um novo caminho.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

LIVRO DA AUTORA



Clique aqui

COLUNISTA FABIANA FRANCISCO

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

FACEBOOK

POST NO SITE



Tônia Lavínia

Tônia Lavínia é uma escritora mineira, autora do romance erótico Deliciosamente Libertino (2020) e da trilogia Meu Nome é Maximus, cujo título mais recente, Maximus Infernus, foi lançado em abril de 2025.
Apaixonada por música clássica, arte, vinho e dias chuvosos e frios, transforma o silêncio das estações — especialmente o inverno e a primavera — em cenário para histórias intensas, sensuais e cheias de alma.

Escrita erótica feminina e censura

A escrita erótica feminina nunca esteve separada das questões de liberdade, moralidade e controle sobre o corpo da mulher. Quando uma mulher escreve sobre desejo, prazer e sexualidade, sua obra muitas vezes é recebida de maneira diferente daquela escrita por um homem.

Esta coluna parte justamente dessa contradição. Por que o desejo feminino pode ser celebrado quando é escrito por um homem, mas ainda provoca desconforto, julgamento ou censura quando parte da própria mulher?

A proposta é olhar para essa história sem transformar a escrita erótica feminina apenas em uma discussão sobre sexo. Existe uma questão maior por trás dela: quem tem o direito de falar sobre o desejo de uma mulher e, principalmente, quem decide o que ela pode dizer sobre o próprio desejo?

Durante muito tempo, o desejo feminino foi escrito por outras pessoas. Homens escreveram sobre o corpo das mulheres, sobre sua sensualidade, sobre aquilo que imaginavam que elas sentiam. A mulher podia ser musa, amante, tentação, pecado. Podia ser desejada, descrita e transformada em personagem. O que parecia muito mais difícil de aceitar era que ela própria pegasse a caneta e dissesse o que desejava.

Quando uma mulher escreve sobre amor, ninguém estranha tanto. Quando escreve sobre sofrimento, abandono ou maternidade, existe um lugar socialmente reservado para sua voz. Mas quando escreve sobre sexo, prazer e fantasia, a mesma liberdade pode ser recebida com julgamento. De repente, a autora deixa de ser apenas uma mulher que escreve e passa a ser observada também pela intimidade que decidiu colocar no papel.

Talvez seja justamente aí que a censura se revele mais interessante. Ela nem sempre aparece como uma proibição explícita. Às vezes vem disfarçada de crítica, de moralidade, de preocupação com a reputação ou daquela velha pergunta que parece simples, mas carrega séculos de julgamento: “Que tipo de mulher escreveria uma coisa dessas?”

O desejo escrito por ela

Por que o desejo feminino pode ser celebrado quando é escrito por um homem, mas ainda provoca desconforto quando parte da própria mulher? Talvez porque, durante muito tempo, tenha sido mais fácil aceitar a mulher como objeto do desejo do que reconhecê-la como alguém que também deseja. Quando o homem descreve o corpo feminino, a sensualidade pode ser apresentada como fantasia, arte ou literatura. Quando uma mulher escreve sobre aquilo que sente, pensa ou imagina, ainda existe quem procure nela uma justificativa moral.

Isso revela uma questão que vai muito além da literatura. Quem tem o direito de falar sobre o desejo de uma mulher? Durante séculos, homens tiveram liberdade para criar personagens femininas, descrever seus corpos e imaginar suas paixões. A mulher, porém, nem sempre teve a mesma liberdade para falar de si. Seu desejo precisava caber dentro dos limites que a sociedade considerava aceitáveis.

É por isso que a escrita erótica feminina incomoda tanto em determinados contextos. Ela devolve à mulher a condição de sujeito. Ela deixa de ser apenas aquela que é observada, desejada ou descrita e passa a ser aquela que observa, deseja e escreve. E talvez seja justamente essa mudança de posição que provoque tanto desconforto.

A censura também pode nascer daí. Nem sempre alguém precisa proibir uma mulher de escrever. Às vezes basta ensiná-la, desde cedo, que determinadas palavras não combinam com uma mulher respeitável. Que certas fantasias devem permanecer escondidas. Que falar de prazer é vulgar. Que assumir o próprio desejo pode comprometer sua imagem. Quando essas ideias são repetidas durante gerações, a censura deixa de depender de uma autoridade externa e passa a funcionar dentro da própria pessoa.

*IMAGEM GERADA POR IA "usando **FLUX 2 MAX**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*





*IMAGEM GERADA POR IA "usando **FLUX 2 MAX**, sob a direção de Tônia Lavínia. Criada em 28/09/2026"*

E afinal, quem decide o que uma mulher pode dizer sobre o próprio desejo?

Durante muito tempo, foram os outros. A família, a religião, a sociedade, os costumes e os julgamentos. Mas não deveria ser ninguém além dela mesma. A mulher tem o direito de escrever sobre o próprio desejo da maneira que quiser, assim como qualquer escritor tem o direito de escolher aquilo que deseja colocar na literatura. Isso não significa que toda escrita precise ser aceita por todos, mas significa que uma mulher não deveria ser considerada menos digna, menos respeitável ou menos escritora simplesmente por falar de sexo, prazer e desejo. O corpo é dela. A experiência é dela. E a voz também é.

Por isso, discutir a escrita erótica feminina é também discutir liberdade. Não apenas a liberdade de escrever sobre sexo, mas a liberdade de uma mulher reconhecer a própria experiência, dar nome ao próprio desejo e decidir como quer colocá-lo no mundo. Afinal, se a literatura pode falar sobre o desejo humano, por que o desejo de uma mulher deveria ser a exceção?



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia. Criada em 28/09/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

A mulher que escreve e o julgamento

A história da literatura mostra que a mulher que escreve sobre desejo quase nunca é julgada apenas pelo que escreveu. Sua vida pessoal, sua aparência, seus relacionamentos e até sua reputação acabam sendo colocados ao lado da obra, como se fosse necessário descobrir quem ela é para decidir se aquilo que escreveu pode ou não ser considerado literatura.

Quando um homem escreve sobre sexo, é comum que sua obra seja discutida por seu estilo, sua linguagem, sua capacidade de provocar ou de revelar aspectos da experiência humana. Quando uma mulher faz o mesmo, muitas vezes surge uma curiosidade diferente: será que ela viveu aquilo? Será que pensa daquela maneira? Será que é uma mulher "daquele tipo"? A escritora passa a ser confundida com a personagem e a literatura com uma confissão.

Essa associação é uma forma silenciosa de controle. Ela cria uma espécie de aviso para outras mulheres: cuidado com o que você escreve, porque poderão usar suas próprias palavras para julgá-la.

Mas literatura não deveria exigir uma confissão de quem escreve. Uma autora pode inventar, exagerar, imaginar, observar ou transformar experiências em ficção. O desejo que aparece em uma página não precisa ser uma declaração sobre a vida de quem segurou a caneta.

Talvez seja justamente por isso que a escrita erótica feminina continue sendo tão importante. Quando uma mulher escreve sem pedir licença para falar sobre desejo, ela não está apenas escrevendo sobre sexo. Está também recusando a ideia de que sua voz precisa ser filtrada para permanecer aceitável.

A censura através do tempo

A censura da escrita erótica feminina não começou nos dias de hoje. Durante séculos, mulheres que escreveram sobre desejo precisaram enfrentar não apenas as regras de seu tempo, mas também a ideia de que determinados assuntos não pertenciam à voz feminina. O controle podia aparecer de muitas formas. Uma obra podia ser proibida, retirada de circulação ou simplesmente ignorada. A autora também podia ser julgada por escrever aquilo que uma mulher, segundo os padrões de sua época, não deveria sequer admitir que pensava.

Em muitos casos, o próprio nome da mulher precisava desaparecer. O uso de pseudônimos ou a publicação anônima permitiam que determinadas obras chegassem aos leitores sem que a identidade da autora estivesse imediatamente exposta. Era uma maneira de proteger a escritora, mas também revelava o tamanho da barreira que existia entre uma mulher e sua própria liberdade de expressão.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

Com o passar do tempo, algumas proibições mudaram de forma, mas o julgamento permaneceu. A literatura erótica escrita por uma mulher ainda pode ser tratada como uma confissão sobre sua vida, enquanto a escrita masculina sobre o mesmo assunto costuma ser analisada principalmente como literatura. A autora passa a ser questionada por aquilo que escreveu, como se sua obra fosse uma prova de seu caráter.

Também existe uma fronteira constantemente discutida entre erotismo e pornografia. Essa fronteira, porém, nem sempre é tão objetiva quanto parece. A linguagem, a intenção, o contexto e até os valores de quem lê podem influenciar a maneira como uma obra é classificada. Uma mesma passagem pode ser considerada sensual por uma pessoa e vulgar por outra.

É justamente na linguagem que muitas escritoras encontram uma forma de romper com esse controle. Escrever sobre o corpo, o prazer e o desejo sem esconder as palavras significa recusar a ideia de que a mulher precisa suavizar aquilo que sente para ser respeitada. Não significa que toda literatura erótica precise ser explícita ou provocadora. Significa apenas que a autora deve ter liberdade para escolher sua própria linguagem.

Talvez a censura mais persistente seja aquela que ensina uma mulher a se censurar antes mesmo que alguém faça isso por ela. Ela aprende quais palavras são bonitas demais, fortes demais ou impróprias demais para uma mulher. Aprende que determinadas fantasias devem permanecer em silêncio e que determinados desejos podem mudar a maneira como será vista pelos outros.

Por isso, a discussão sobre literatura erótica feminina não termina na pergunta sobre o que pode ou não ser publicado. Ela chega a uma questão muito mais profunda: **por que ainda sentimos necessidade de controlar a maneira como uma mulher fala sobre aquilo que pertence à sua própria experiência?**

Porque, durante muito tempo, a sociedade tentou controlar não apenas o corpo da mulher, mas também a maneira como ela deveria falar sobre ele. O desejo feminino foi cercado por regras, julgamentos e expectativas sobre o que seria considerado aceitável para uma mulher.

Quando uma mulher fala sobre sua própria experiência, ela deixa de ser apenas alguém sobre quem os outros falam e passa a ter autoridade sobre a própria narrativa. É justamente essa autonomia que pode incomodar. Uma mulher que escreve sobre desejo não está apenas descrevendo uma experiência íntima. Ela está afirmando que pode pensar, sentir, desejar e falar sobre tudo isso sem precisar da aprovação de ninguém.

A literatura erótica feminina expõe esse conflito de maneira muito clara. O problema nunca foi apenas o conteúdo sexual. Muitas vezes, o desconforto está no fato de uma mulher assumir a própria voz e decidir o que quer revelar, esconder, imaginar ou transformar em literatura.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

Talvez por isso a censura continue existindo mesmo quando não aparece como uma proibição. Ela pode surgir no julgamento, na vergonha, no medo da reputação ou na tentativa de convencer uma mulher de que determinados assuntos não combinam com ela. E quando uma mulher percebe que não precisa aceitar essas regras, a escrita também se transforma em uma forma de liberdade.

No fim, controlar a voz de uma mulher é também tentar controlar aquilo que ela pode ser. E é justamente por isso que escrever sobre o próprio desejo continua sendo, para muitas mulheres, um ato de liberdade.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **FLUX 2 MAX**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

A leitura feminina levada para a cama

A literatura erótica também pode atravessar as páginas e chegar à intimidade de um casal. Para algumas pessoas, ler juntos pode ser uma maneira diferente de conversar sobre desejo, descobrir fantasias e trazer de volta uma curiosidade que a rotina muitas vezes acaba apagando.

Uma história pode despertar uma conversa que talvez nunca tivesse acontecido de outra maneira. Um casal pode encontrar em um livro uma situação que provoca risos, curiosidade ou vontade de experimentar algo diferente. A leitura deixa de ser apenas uma experiência individual e passa a fazer parte da relação.

Quando uma mulher escolhe um livro erótico para ler com o parceiro, existe também uma mudança interessante. Ela deixa de ser apenas aquela que recebe o desejo do outro e passa a participar ativamente da construção da própria intimidade. Ela escolhe o que quer ler, o que desperta sua imaginação e aquilo que deseja compartilhar.

Nesse sentido, a literatura pode ser uma espécie de convite. Não necessariamente para reproduzir aquilo que está escrito, mas para conversar sobre desejos que talvez permanecessem escondidos. Às vezes, o que aquece uma relação não é exatamente a história lida, mas a liberdade que ela cria para que duas pessoas falem sobre aquilo que desejam.

E talvez exista aí uma das possibilidades mais interessantes da literatura erótica: ela pode começar como leitura e terminar como descoberta.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **FLUX 2 MAX**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

Quando a leitura vira descoberta

Nem toda leitura erótica precisa ser compartilhada. Para muitas mulheres, o primeiro contato com esse tipo de literatura acontece na intimidade, sozinha, em silêncio, sem a presença de um parceiro. E talvez seja justamente nesse espaço privado que algumas descobertas aconteçam.

Uma mulher pode começar a ler por curiosidade e encontrar nas páginas sentimentos, fantasias e desejos que nunca havia colocado em palavras. Às vezes, ela descobre que determinadas situações despertam sua imaginação. Outras vezes, percebe que aquilo que sempre considerou estranho ou impossível de dizer em voz alta faz parte de sua própria sexualidade.

A literatura pode oferecer esse espaço de descoberta sem exigir uma resposta imediata. A mulher pode simplesmente ler, imaginar, sentir e perceber o que aquela história provoca nela. Não precisa contar para ninguém e nem transformar aquilo em realidade. Algumas descobertas pertencem primeiro ao mundo íntimo da própria mulher.

Existe também o prazer de ler sem precisar da presença de outra pessoa. A imaginação pode criar sua própria experiência e permitir que uma mulher conheça melhor aquilo que desperta seu interesse. Nesse sentido, a literatura erótica pode ser também uma forma de autonomia. Ela não depende necessariamente de um relacionamento para existir.

E algumas mulheres realmente se descobrem através dessas leituras. Descobrem desejos que estavam adormecidos, percebem preferências que nunca haviam considerado e passam a olhar para a própria sexualidade com menos estranhamento. O livro pode ser apenas o começo de uma conversa silenciosa da mulher consigo mesma.

Talvez essa seja uma das maiores liberdades proporcionadas pela literatura erótica feminina. Ela não precisa ensinar uma mulher a desejar. Pode simplesmente ajudá-la a perceber que aquilo que sente também merece ser conhecido.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **FLUX 2 MAX**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 28/09/2026"*

Quando a mulher escreve o próprio desejo

Escrever literatura erótica, para mim, nunca foi apenas escrever sobre sexo. É escrever sobre desejo, sobre liberdade, sobre aquilo que acontece dentro de uma mulher quando ninguém está olhando. É transformar sensações, fantasias, contradições e vontades em palavras, sem precisar pedir licença para existir dentro da própria escrita.

A literatura erótica feminina pode ser delicada, intensa, provocadora, sensual ou até desconcertante. Ela não precisa se explicar o tempo inteiro. Uma mulher pode escrever sobre o próprio corpo sem transformá-lo em espetáculo. Pode falar de prazer sem transformar o prazer em vulgaridade. Pode escrever sobre desejo sem oferecer ao leitor a obrigação de julgá-la.

Como escritora de literatura erótica, vejo a palavra como um espaço de liberdade. Antes mesmo de chegar ao corpo, o erotismo passa pela imaginação, pela linguagem e pela capacidade de revelar aquilo que muitas vezes permanece escondido. É nesse território que a escrita encontra sua força.

Talvez seja essa uma das razões pelas quais continuo acreditando na literatura erótica escrita por mulheres. Porque quando uma mulher escreve sobre o próprio desejo, ela não está apenas contando uma história. Está ocupando um espaço que durante muito tempo tentaram manter vazio.

E talvez a coisa mais bonita seja justamente essa: uma mulher não precisa ser autorizada a ter desejo, muito menos a transformá-lo em literatura. Ela pode simplesmente escrever.

Do Outro Lado da Janela,
Chuva, Frio, Eu... Nua.
por Tônia Lavínia

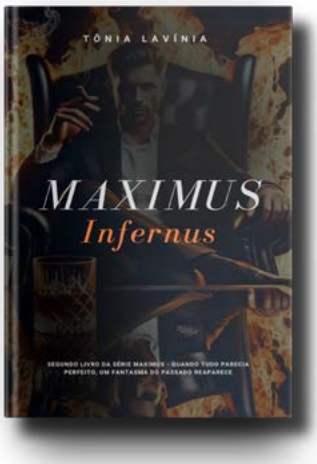


LIVROS DA AUTORA

ACESSE A VITRINE THE BARD



Clique aqui



Clique aqui

COLUNISTA TÔNIA LAVÍNIA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

YOUTUBE

INSTAGRAM

POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS



06



RENATO MOTA

Desenhista. Autor de ficção de fantasia. Desenvolvedor de jogos para computador e consoles. Produtor de universos fantásticos e surreais, com caminhos para todos os afetos em intersecções com nossa realidade. Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Graduado em Design Gráfico pela Uninter. Cursou Psicanálise pela Associação Psicanalítica do Brasil. Na The Bard é colunista de Desvendando a fantasia. Conheça mais do trabalho do artista em @ren_arrais - linktr.ee/rmaljogos

O ESTRANHO MUNDO DE JACK



Imagem - capa do filme "The nightmare before christmas" de IMDb por Google

Estamos em época de Natal, saindo dessa coisa do halloween, então, vamos entrar no clima. A história da vez, que trata dos dois temas, chama-se "The nightmare before christmas", traduzido, temos "O estranho mundo de Jack", como ficou em português. Um filme feito em stop motion, de 1993, sob a direção de Tim Burton, o mestre dos filmes que misturam fofura com feiura, criando uma estética ao mesmo tempo sóbria, fantasiosa e indubitavelmente maravilhosa. Muito do que alimenta o atual termo "dark fantasy" vem dos filmes do grande Burton.

Tim Burton já tem esse costume: "A noiva cadáver" – Nossa! Deve ser um filme de terror! – Não, é um filme infantil! "Frankenweenie", um menino ressuscita um cachorro morto. – É sobre um cemitério estranho e assustador? – Não, é filme infantil! "Edward Scissorhands" – Um cara com tesouras no lugar dos dedos que vive isolado em um casarão numa montanha. – É um maníaco? – Não! É um romântico solitário... Enfim, esse é o estilo do Tim Burton: nada convencional e adorável. Precisa falar que vai ter spoiler de um filme de 1993? Vamos à Cidade do Walloween!

Sobre a estética

O estranho mundo de Jack é um filme (de uma forma geral) sombrio, com fantasmas, monstros e cores pouco saturadas. Os olhos dos personagens são, de forma geral, bem contornados. As construções como casas e prédios, bem como a geografia das montanhas, são absolutamente esdrúxulas, algo como um exagero do expressionismo alemão, estética identificada em filmes como "O gabinete do Doutor Caligari" (1920) e "Nosferatu" (1922). São castelos com torres brotando de outras torres, montanhas em forma de espiral (o que lembra as turbulências de "Céu estrelado" de Van Gogh).

Os personagens, bruxas, mortos-vivos, vampiros e monstros dos mais criativos, apesar de escamosos ou verruguentos, se tornam, como diria Aristóteles, risíveis. As cabeças são grandes demais, ou as pernas desengonçadas, ou as vozes estridentes e, de tão caricatos, acabam evocando riso em lugar de medo.

A trilha sonora é das coisas mais lindas do filme. Cada cena tem um pouco de diálogo, mas, de forma geral, as ideias são passadas através de músicas cujas letras contam o que está acontecendo. Para quem tem a sensibilidade de ouvir e se emocionar, há de perceber que, nas cenas mais tristes, as músicas são compostas e executadas em tons menores, como quando a personagem Sally canta melancolicamente sobre seu amor pelo protagonista; ou quando Jack Esqueleto encontra a Cidade do Natal e canta uma música alegre.

Sobre a trilha sonora, a primeira música do filme "This is Hallowen" foi regravada alguns anos depois em 2006, por Marilyn Manson, numa versão nada fofinha.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Renato Mota, Criada em 06/10/2026"*

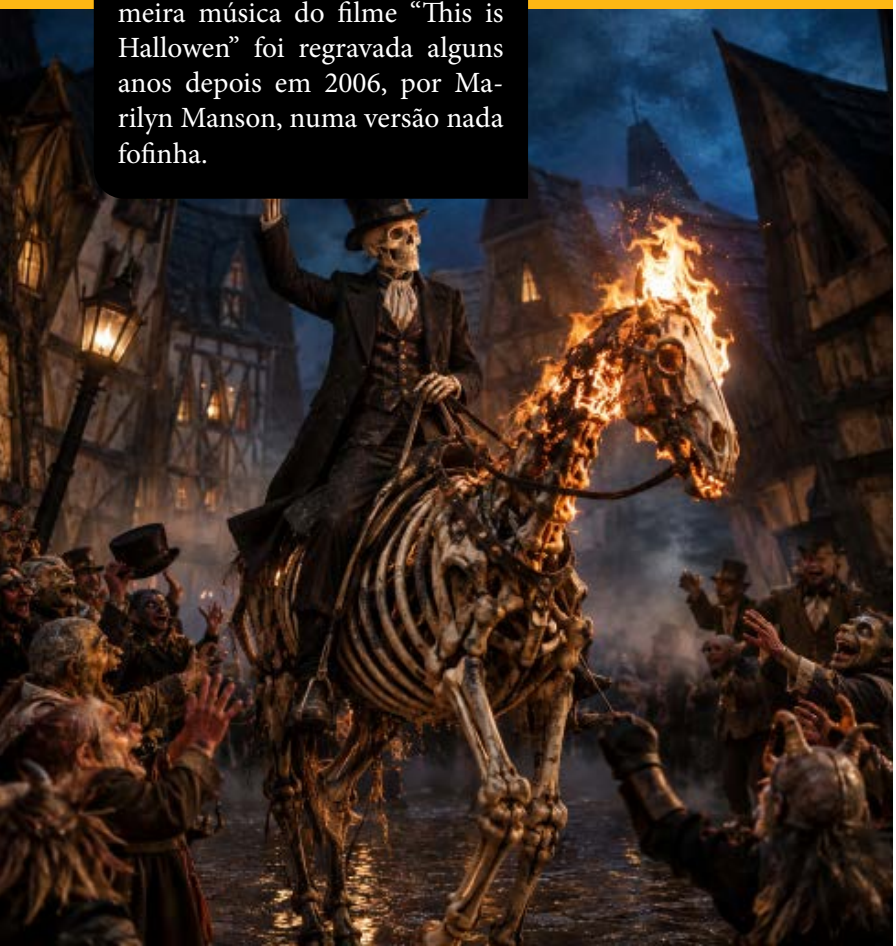


*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Renato Mota, Criada em 06/10/2026"*

O pesadelo (fofinho, mas continua sendo um pesadelo)

O filme inicia com uma música sobre fantasmas e sustos na festa de halloween, com a imagem de um espantalho com cabeça de abóbora, segurando uma placa onde está escrito "Cidade do Halloween". Durante a cantiga, somos apresentados aos moradores da tal cidade. Bruxas, fantasmas, diabos, vampiros, lobisomens e outros tantos monstros aleatórios de visual bem criativo, incluindo o prefeito da cidade (um monstrinho gordo com, literalmente, duas caras), a bela Sally toda costuradinha e o vilão chamado Monstro Verde. Aqui acrescento que as cobras nos filmes de Tim Burton são listradas. Ao final da música, vemos o espantalho ser incendiado e, por baixo da palha, revela-se o protagonista, Jack Esqueleto, o rei do terror!



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/10/2026"*

A Cidade do Halloween vive para o halloween. As pessoas se preparam o ano inteiro para criar coisinhas assustadoras, depois festejam e retornam a se prepararem para o ano seguinte. Enquanto todos (em especial Sally) aplaudem e comemoram, Jack Esqueleto segue sozinho para um cemitério próximo, pois está deprimido.

Todos os anos são iguais e ninguém questiona ou faz qualquer coisa diferente. Perto de Jack, um fiel amigo o acompanha: é a alma de um cachorrinho, com nariz vermelho, como uma rena de Papai Noel. A apaixonada Sally também acompanha a caminhada de Jack, mas mantém-se fora do alcance dos olhos dele.

Em sua caminhada, Jack encontra estranhas portas onde há escrito nomes de cidades de diferentes feriados. Curioso, ele passa por uma das portas e se vê na Cidade do Natal, onde as pessoas passam o ano se preparando para o Natal e, depois de fazê-lo acontecer, retornam aos preparativos para o ano seguinte. Aqui tudo é diferente, as cores são saturadas, as crianças sorridentes, ninguém tem sustos e a comida tem um cheiro maravilhoso.

Depois de cantar uma música alegre sobre sua curiosidade em relação a esse tal Natal, Jack decide levar a novidade para a Cidade do Halloween, mas ninguém entende realmente o que ele viu. Depois de tentar explicar que o Natal é sobre outros sentimentos além de sustos e medo (felicidade, amor, alegria) e ninguém entender (Jack fala sobre a meia colocada na chaminé, e seus amigos perguntam se tem um pé em decomposição dentro), o protagonista resolve distorcer um pouco do que viu e relatar a coisa da forma que seria melhor entendido pelos seus entes. Em sua canção de explicação, Jack troca o termo Papai Noel por Papai Cruel, o que me lembra um infame trocadilho: Santa Claus e Satan Claw...

Em meio a isso, descobrimos que Sally foi feita pelo cientista da cidade, para ser ajudante dele, mas ela, garota inteligente, prefere usar poções e venenos na sopa para fazer dormir seu criador e sair pela noite para observar o seu amado Jack. Ela se desmonta, se joga pela janela e se costura novamente. Sally é sofredora... e acostumada a juntar os próprios pedaços sozinha! Nesta parte, temos uma melancólica e bela canção de amor e lamento de Sally.





*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Renato Mota, Criada em 06/10/2026"*

Dia após dia, Jack estuda o Natal, enclausurado em uma torre, lendo livros e aprendendo canções, até que chega a conclusão de que ele e os habitantes da Cidade do Halloween devem comemorar o Natal esse ano. Com essa fixação e seguido por seus inúmeros fãs, Jack planeja trazer o Papai Noel e aprender com ele como se comemora um bom Natal. Para isso, o protagonista pede a três crianças que tragam o bom velhinho.

Mas além de serem malvadas, as crianças não parecem ser das mais obedientes e, na primeira tentativa, levam para Jack o Coelho da Páscoa. Claro que elas tentam outra vez. Porém, as crianças trabalham para o vilão da cidade, o terrível Monstro Verde. Depois de cantarem uma música sobre "sequestrar Papai Cruel", elas entregam o velhinho não a Jack, mas ao vilão. O Monstro Verde é um grande saco de cobras, lagartos e insetos, costurado grosseiramente no formato de um fantasma. Ele joga dados para decidir o que vai fazer para torturar seu prisioneiro. Aqui vale dizer que as três crianças usam máscaras que nada escondem, afinal, as máscaras são idênticas aos seus rostos.

Ao mesmo tempo, os cidadãos fazem presentes à moda do Halloween, com ratos mortos, cobras e escorpiões; o cientista, vendo que as renas voadoras são, no entender dele, "formas de vida simples", faz renas de ossos para puxar um trenó e se encanta com um crânio que tem o formato de sua própria cabeça, mais tarde ele usa tal crânio para fazer uma companheira a sua própria imagem e semelhança, colocando nela, inclusive, parte do próprio cérebro; e assim, todos estão bem ocupados.

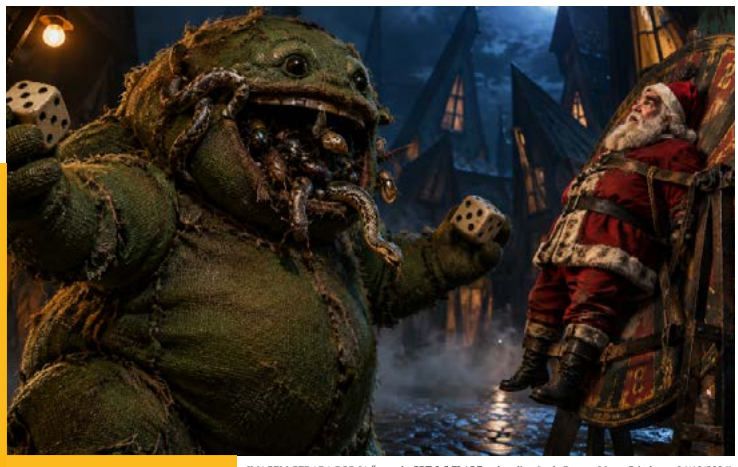


*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Renato Mota, Criada em 06/10/2026"*

Enfim, Jack Esqueleto sai para entregar os presentes de Natal e o trenó é liderado pelo cachorrinho fantasma com nariz vermelho. Mas as crianças têm medo daqueles presentes. Caveiras, monstros e insetos venenosos saem das caixas, e Jack, no céu, não entende o que há de errado. Do chão, o exército lança tiros de canhão e o esqueleto pálido cai em chamas, desejando a todos "Feliz Natal".

Triste e, como no começo do filme, em um cemitério, Jack se põe nos braços de um anjo de pedra que segura um grande livro. Esse anjo é a única figura não caricata de toda a produção visual. Ele tem proporções perfeitas, postura ereta e belas asas, mas está sujo, como se tivesse sido esquecido, como se aquele conhecimento sagrado tivesse sido negligenciado. Jack canta lamentando ter estragado o Natal, mas percebe que, por fim, esta foi a primeira vez que ele foi livre e percebe, também, que ele já tem coisas especiais em sua vida, pois ele é o grande rei do terror! Assim, ele decide resgatar o Papai Cruel/Noel para salvar o Natal e retomar seu posto na Cidade do Halloween. Depois de enfrentar e derrotar o Monstro Verde, vê-se que o tal monstro não era mais que um saco de insetos, mas uma criatura vazia de si.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Renato Mota, Criada em 06/10/2026"*

Papai Noel retorna em seu trenó, atrasado, mas não o bastante para arruinar o Natal, desejando "Feliz Halloween" e Jack deseja-lhe "Feliz Natal". Ao mesmo tempo em que o rádio e a televisão dão a notícia de que o Natal está salvo e Papai Noel está bem, a Cidade do Halloween experimenta um pouquinho do Natal pela primeira vez vendo neve cair. Vampiros patinam no lago de gelo e até as crianças malvadas brincam com bolinhas de neve.

Por fim, Jack Esqueleto e Sally se encontram na montanha perto do cemitério e a música melancólica de Sally termina em tom maior.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/10/2026"*

Nas entrelinhas da fantasia

Há de se notar a maestria técnica do visual em stop motion, com cenas mostrando meia dúzia ou mais de personagens saltitando, mas não se trata apenas de técnica (lembrando que técnica não é pouca coisa). O estranho mundo de Jack é um filme cheio de música e personagens divertidos, que traz, através da fantasia, uma bela mensagem sobre pertencimento, reconhecimento, sobre o quanto, às vezes, podemos nos sentir deslocados no mundo. Jack passa o filme inteiro procurando o que e quem ele é, ou um "algo a mais na vida", no entanto a resposta já estava resolvida desde o começo, afinal, ele já era amado e já tinha uma função. E é só isso mesmo. A gente leva a vida que tem, com as ferramentas que temos.

O estranho mundo de Jack é um filme com cores acinzentadas (de uma forma geral) e músicas em tom menor, mas traz risos e alegria. Jack Esqueleto nos mostra que não é preciso procurar longe de casa para saber quem somos, e que quem somos é, de alguma forma, importante. Não significa que se deva acomodar-se e não procurar melhoras, mas que esse saber de si, saber amar e saber deixar-se ser amado é o melhor que podemos fazer.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/10/2026"*

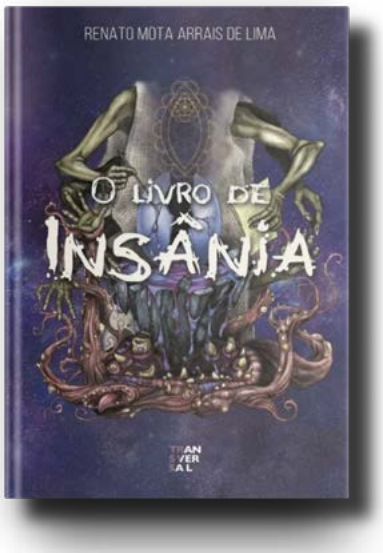


*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Tônia Lavínia, Criada em 06/10/2026"*

Chegamos ao fim de mais uma fantasia estranha e linda. Desejo a todos, um ótimo Natal, cheio de presentes coloridos ou cheio de monstrinhos risonhos, ao gosto de cada um.

Boa leitura!

LIVRO DO AUTOR



Clique aqui

COLUNISTA RENATO MOTA

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS



06



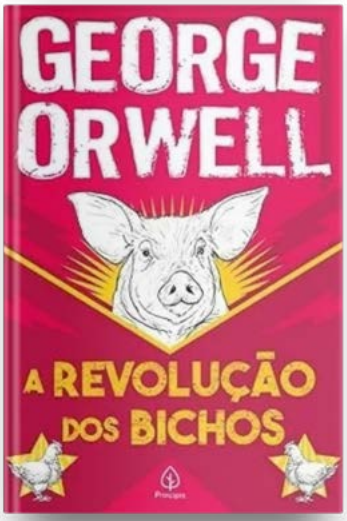
NATÁLIA CARMO

Professora de Língua Portuguesa, escritora e neuropsicopedagoga. Formada em Letras e mestra em Educação, atua no ensino da linguagem, leitura crítica e cultura brasileira. Produz conteúdo sobre literatura e formação de leitores. Entre suas obras destacam-se “O Amor Acaba e Recomeços”, acredita no poder transformador das palavras.

Quando a liberdade muda de dono: uma leitura crítica de A Revolução dos Bichos

Publicado originalmente em 1945, A Revolução dos Bichos, de George Orwell, é uma obra que costuma ser apresentada como uma sátira política ao totalitarismo e, mais especificamente, como uma crítica à experiência soviética sob o stalinismo. Essa interpretação é fundamental para compreender o livro, mas não esgota sua força. Mais do que contar a história de animais que expulsam os humanos de uma fazenda, Orwell constrói uma narrativa sobre aquilo que acontece quando uma sociedade entrega sua capacidade de questionar em troca da promessa de uma vida melhor. A revolução dos animais não fracassa simplesmente porque alguns personagens são corruptos; ela fracassa porque os próprios mecanismos utilizados para sustentar a nova ordem tornam-se semelhantes àqueles contra os quais eles haviam se rebelado.

A história se passa na Fazenda do Solar, propriedade do Sr. Jones, um homem que explora os animais e pouco se importa com suas condições de vida. A insatisfação cresce até que o Velho Major, um porco respeitado pelos demais, apresenta a ideia de uma sociedade em que os animais possam viver livres da exploração humana. Seu discurso desperta nos animais a esperança de que outro modelo de organização seja possível. Após sua morte, os ensinamentos deixados por ele são transformados em princípios revolucionários, e os animais conseguem expulsar Jones da fazenda.



Inicialmente, a revolução parece representar uma ruptura legítima com uma estrutura injusta. Os animais passam a administrar a própria propriedade e estabelecem mandamentos que deveriam garantir igualdade entre todos. Entretanto, rapidamente surgem disputas pelo poder. Napoleão, um dos porcos que assume a liderança, passa a concentrar autoridade, enquanto Bola-de-Neve, seu principal concorrente, é progressivamente afastado até ser expulso. A partir desse momento, a revolução deixa de ser apenas uma mudança de governo e passa a ser uma transformação profunda da própria percepção da realidade.

É nesse ponto que a obra se torna particularmente interessante. Orwell não apresenta a tirania como algo que simplesmente aparece depois da revolução. Ela vai sendo construída pouco a pouco, quase sempre acompanhada de justificativas aparentemente razoáveis. Os animais aceitam determinadas decisões porque acreditam que elas são necessárias para preservar a revolução. Aceitam privilégios porque acreditam que os porcos possuem conhecimentos que os demais não têm. Aceitam a violência porque são convencidos de que existe um inimigo ameaçando aquilo que conquistaram.

A grande questão levantada pelo livro, portanto, não é apenas **quem está no poder,** mas **como o poder consegue convencer os indivíduos de que determinadas formas de dominação são necessárias.**



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Um dos instrumentos mais importantes dessa transformação é a linguagem. Orwell percebe que controlar as palavras pode ser uma maneira extremamente eficiente de controlar a realidade. O personagem Garganta, responsável pela propaganda de Napoleão, utiliza argumentos, números, justificativas e distorções para fazer com que os animais duvidem da própria memória. Quando alguma decisão do governo dos porcos parece contrariar os princípios da revolução, a explicação apresentada faz com que os demais reconsiderem aquilo que acreditavam ter visto.

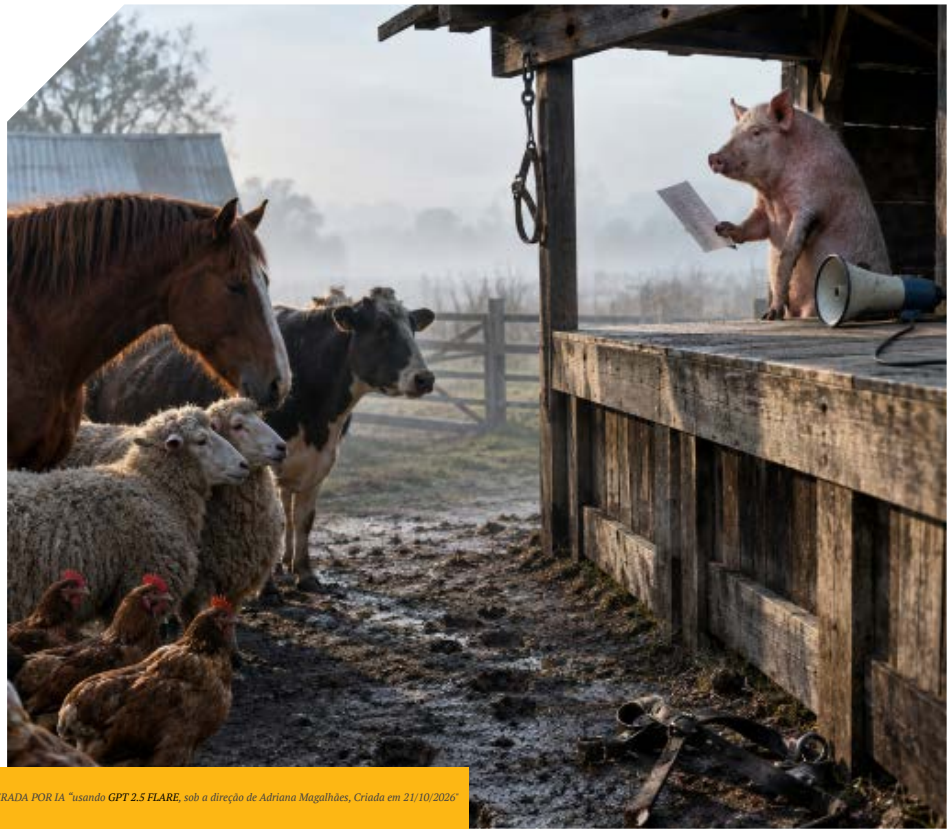


*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*



Essa dimensão da obra merece atenção porque mostra que a dominação não depende exclusivamente da força física. O indivíduo pode ser submetido também quando perde a confiança na própria capacidade de interpretar os acontecimentos. Se alguém consegue convencer uma sociedade de que aquilo que ela lembra nunca aconteceu, ou de que determinada injustiça é, na verdade, necessária para protegê-la, o controle já não precisa estar presente apenas nos atos: ele passa a existir também na consciência.

É justamente por isso que a alteração dos mandamentos da fazenda é um dos elementos mais significativos da narrativa. O princípio inicial de igualdade vai sendo modificado conforme os interesses dos governantes. O famoso mandamento segundo o qual todos os animais seriam iguais sofre uma transformação que revela o resultado final da revolução: alguns passam a ser considerados mais iguais do que outros.

A contradição é proposital. Afinal, se todos são iguais, não deveria existir uma categoria de indivíduos autorizada a possuir privilégios. Orwell utiliza essa contradição para mostrar que regimes de dominação podem preservar a aparência de seus princípios enquanto destroem seu significado. A palavra permanece; o conteúdo desaparece.

Essa é uma das características mais sofisticadas da obra. A corrupção da revolução não acontece somente quando os porcos quebram as regras. Ela acontece quando conseguem **reescrever as regras sem que os demais percebam imediatamente que elas foram alteradas.**

Nesse sentido, a memória também assume uma função política. Muitos animais não conseguem lembrar com precisão como eram os mandamentos originais ou como viviam antes da revolução. Alguns percebem que existe algo errado, mas não possuem informações suficientes para confrontar a versão oficial. Benjamin, o burro, é um dos personagens que mais claramente demonstra consciência sobre o que está acontecendo, mas sua postura também revela outro problema: perceber uma injustiça não significa necessariamente conseguir impedi-la.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em: 21/10/2026"

Benjamin sabe mais do que demonstra, compreende mais do que fala e desconfia mais do que os demais. Porém, sua passividade também contribui para a permanência do sistema. Orwell parece sugerir, assim, que uma sociedade não é dominada apenas pela ação dos autoritários. A omissão daqueles que percebem os problemas, mas não encontram disposição ou coragem para enfrentá-los, também pode contribuir para a manutenção da estrutura de poder.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Outro personagem fundamental para compreender essa dinâmica é Sansão, o cavalo trabalhador. Sua principal característica é a disposição para trabalhar e sua confiança quase absoluta na liderança. Diante das dificuldades, ele repete ideias como a necessidade de trabalhar ainda mais e confiar nas decisões dos líderes. Sua trajetória é especialmente dolorosa porque representa o indivíduo que acredita que seu esforço pessoal será suficiente para melhorar a sociedade.

A crítica de Orwell aqui ultrapassa a política partidária. O autor apresenta uma sociedade em que os trabalhadores produzem cada vez mais, enquanto os benefícios dessa produção são concentrados por aqueles que controlam o poder. O problema, portanto, não está apenas na existência de desigualdade, mas na capacidade de uma estrutura desigual convencer os próprios explorados de que sua exploração é necessária.

O caso de Sansão mostra uma das maiores ironias do livro: ele é leal ao sistema justamente porque acredita que sua dedicação ajudará a construir a sociedade ideal. Sua força física é enorme, mas sua capacidade de questionar aquilo que lhe dizem é limitada. Quando finalmente percebe o que está acontecendo, já não possui condições de alterar seu destino.

Por isso, interpretar A *Revolução dos Bichos* apenas como uma história sobre "políticos corruptos" seria reduzir significativamente sua proposta. A obra é também uma reflexão sobre educação, consciência crítica e responsabilidade coletiva. Uma população que não conhece sua própria história, que não questiona as informações recebidas e que delega completamente aos líderes a tarefa de pensar torna-se vulnerável à manipulação.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Nesse aspecto, a alfabetização dos animais adquire um significado simbólico importante. Alguns aprendem a ler e escrever; outros permanecem praticamente excluídos desse conhecimento. Os porcos, por sua vez, dominam a escrita e utilizam esse domínio para controlar os registros da fazenda. O conhecimento, que poderia ser uma ferramenta de emancipação, transforma-se em instrumento de poder quando fica concentrado nas mãos de poucos.

Essa questão continua sendo relevante porque a manipulação não depende necessariamente da ausência completa de informação. Em muitos casos, ela ocorre justamente pelo excesso de informações selecionadas, repetidas e reorganizadas de acordo com determinados interesses. Orwell, portanto, não apresenta apenas uma sociedade ignorante, mas uma sociedade em que o acesso desigual ao conhecimento permite que alguns indivíduos controlem a narrativa sobre os acontecimentos.

Outro aspecto que merece destaque é a maneira como o inimigo é utilizado para justificar o controle. Bola-de-Neve passa a ser responsabilizado por diferentes problemas da fazenda, mesmo depois de ter sido expulso. Qualquer dificuldade pode ser atribuída à sua suposta ação. Essa estratégia cria uma explicação simples para problemas complexos: se alguma coisa deu errado, a culpa é do inimigo. Esse mecanismo é particularmente eficiente porque produz medo. E uma população amedrontada tende a aceitar medidas que, em circunstâncias normais, seriam consideradas inaceitáveis. A ameaça externa passa, então, a justificar a restrição interna. A genialidade de Orwell está justamente em não transformar essa dinâmica em uma explicação exageradamente complexa. Os acontecimentos são apresentados de maneira simples, quase como uma fábula. No entanto, por trás dessa simplicidade existe uma discussão sobre propaganda, poder, desigualdade, memória, linguagem e responsabilidade social.

O final da obra é talvez o momento mais significativo de toda a narrativa. Os animais observam os porcos reunidos com os humanos e percebem que já não conseguem distinguir uns dos outros. A revolução que havia começado com a promessa de acabar com a exploração terminou produzindo uma elite que reproduz os mesmos comportamentos daqueles que anteriormente eram considerados inimigos. A força desse final não está apenas na constatação de que "os porcos ficaram iguais aos humanos". A questão mais profunda é que **a mudança dos governantes não garantiu a mudança da estrutura de poder.** A revolução alterou os ocupantes do topo, mas não impediu que surgisse novamente uma sociedade baseada em privilégios. É justamente nesse ponto que o título da obra ganha uma dimensão mais ampla. A revolução não deve ser analisada somente pelo fato de ter derrubado o antigo sistema. Uma transformação política só pode ser considerada efetivamente emancipadora se também modificar as relações que permitem a concentração de poder. Caso contrário, existe o risco de que a revolução produza apenas uma nova versão daquilo que pretendia destruir.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

A *Revolução dos Bichos*, portanto, permanece atual não porque reproduza exatamente a realidade de uma determinada sociedade, mas porque apresenta mecanismos que podem aparecer em diferentes contextos históricos. A manipulação da linguagem, a construção de inimigos, a alteração de fatos, a concentração de conhecimento e a criação de privilégios são fenômenos que não pertencem exclusivamente a um regime político específico. Essa é, talvez, a principal contribuição crítica da obra: Orwell não permite que o leitor fique confortável na posição de quem observa uma tirania distante e acredita que o problema pertence sempre aos outros. A fazenda funciona como uma espécie de laboratório do poder. Os animais desejam liberdade, mas não desenvolvem mecanismos suficientemente fortes para protegê-la. Desejam igualdade, mas permitem que alguns acumulem privilégios. Desejam autonomia, mas transferem sua capacidade de pensar para aqueles que ocupam posições de liderança.

Por isso, a obra pode ser lida menos como uma simples advertência contra determinados governos e mais como uma advertência contra a **fragilidade da consciência coletiva diante do poder.** O problema não começa necessariamente quando alguém declara que deseja dominar os outros. Ele pode começar quando uma sociedade deixa de perguntar, de lembrar, de comparar e de verificar. A crítica de Orwell também pode ser relacionada à própria condição humana: frequentemente, as pessoas desejam soluções rápidas para problemas complexos e depositam expectativas excessivas em líderes que prometem construir uma realidade completamente diferente. A revolução dos animais nasce de uma insatisfação legítima, mas a indignação, por si só, não garante que o resultado será mais justo. É necessário construir instituições, preservar direitos, distribuir conhecimento e manter mecanismos de fiscalização do poder.

Dessa maneira, A Revolução dos Bichos não é apenas uma narrativa sobre uma revolução que fracassou. É uma narrativa sobre como uma promessa pode ser lentamente esvaziada até que as pessoas continuem repetindo as palavras da liberdade enquanto vivem sob novas formas de submissão.

A grande ironia de Orwell está no fato de que os animais não perdem sua liberdade em um único momento. Eles a perdem aos poucos. Primeiro aceitam uma exceção; depois outra; posteriormente esquecem uma regra; mais tarde aceitam uma justificativa. Quando percebem o resultado final, a transformação já está completa.

É essa construção gradual que torna a obra tão perturbadora. O autor não apresenta a opressão como algo necessariamente evidente desde o início. Ela pode vestir a linguagem da segurança, da necessidade, da igualdade e até da própria revolução. Assim, a pergunta que permanece depois da leitura não é simplesmente "quem são os porcos?", mas uma pergunta mais incômoda: **o que faz uma sociedade permitir que aqueles que deveriam servi-la passem a governá-la em benefício próprio?**

Talvez seja justamente aí que esteja a atualidade de A Revolução dos Bichos. O livro não oferece uma fórmula política para construir uma sociedade perfeita. Ele faz algo mais desconfortável: mostra que nenhuma promessa de igualdade está protegida contra a concentração de poder e que nenhuma sociedade permanece livre se seus indivíduos deixam de participar criticamente da construção e da fiscalização de sua própria realidade.

No fim, os animais não foram derrotados apenas pelos porcos. Foram derrotados também pela perda gradual da memória, pelo medo, pela desinformação, pela passividade e pela crença de que alguém poderia pensar por eles. A revolução não desapareceu de uma hora para outra; ela foi sendo substituída por uma narrativa sobre a própria revolução. E talvez essa seja a crítica mais profunda de Orwell: **uma sociedade pode continuar falando em liberdade mesmo depois de ter esquecido o que a palavra significa.**

LIVROS DA AUTORA





COLUNISTA NATÁLIA CARMO

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
E ACOMPANHEM SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM

INSTAGRAM

POST NO SITE



06



NAZARETH ARRAIS

Professora Associada da Unidade Acadêmica de Letras e do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Formação de Professores (CFP) – Cajazeiras, Paraíba - Brasil. Mestra em Letras (UFPB). Doutora em Letras (UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa Semiótica, Discurso e Ensino (SEDE), certificado pelo CNPq. Pesquisadora nas áreas da Semiótica Discursiva e do Conto de Expressão Popular.

DIVERSIDADE RELIGIOSA COMO MARCA CULTURAL DO BRASIL

Falar de crenças religiosas é uma necessidade e uma urgência, especialmente em um país que nasceu de violentas rupturas provocadas pela colonização. Somos um país rico em diversidade, graças a encontros e desencontros vivenciados por nossos ancestrais que nos revestiram de lúdicas formas de vida que, se respeitadas, metaforizariam um belo vitral.

A história da humanidade, de todos os tempos, apresenta formas de suavizar dores e buscar paz interior, o que comumente se aconchega em manifestações religiosas que se inscrevem em tradições ou recriam-nas. E, na intenção de fugir desse mundo material, os que não se aconchegam nessas manifestações, certamente encontram espaços em outras instâncias que lhes despertam epifanias salutares para viverem contemplações que lhes tragam paz e tranquilidade aos estados de espírito.

Na cultura religiosa do Brasil, emergem figuras como Preta Velha, Virgem Maria, elementos da natureza mineral como pedra; vegetal como árvores; elementos do sistema solar, a exemplo de sol, lua, como podemos extrair da oração poética que abre esta conversa, entre outras tantas figuras que a necessidade criativa do ser huamano faz existirem. Pensando nas motivações para a construção de tais imagens, podemos dizer seguramente que ambos são revestidos de valores de uma pessoa, de um povo e, portanto, precisam ser consideradas proporcionalmente.

Ave Preta Velha
das Marias Virgens Santas
entre pedras e árvores sob a lua
a existência
de grito, dor e lamento.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Nesta última edição de 2026, o Recanto das Culturas Tradicionais tem como objetivo trazer reflexões abertas a convergências e divergências de posições, mas, sobretudo, ao reconhecimento das e ao respeito às várias manifestações religiosas como formas de vida. Em um discurso onde há espaço para a diversidade, a coluna destaca a diversidade religiosa como marca cultural do Brasil, sem a pretenção de trazer um inventário das religiões coexistentes no Brasil, mas apresentar um espaço de muitas vozes, em suas diferenças, que buscam sentir, por meio de materialidades, além delas.

Possibilidades etimológicas do termo religião

Considerando cultura como formas de (re)significar sentidos, sustentadas numa materialidade, segundo Garcia Canclini (1983, p.29), podemos afirmar que as religiões, sejam elas quais forem, são manifestações culturais veiculadas por um fazer social que agrega marcas artísticas concretizadas por elementos do teatro, da escultura, da arquitetura, entre outras manifestações advindas da criatividade e da necessidade humana de suavizar as dores da alma.

Por se inscrever nessa realidade, a palavra religião, de acordo com as pesquisas de Cristiane Almeida de Azevedo (2010), era usada no dia a dia dos cultos romanos antigos e continuou na nova religião cristã. No começo do Cristianismo, "o termo religio se dividiu entre duas etimologias possíveis: a considerada pagã, relacionada com os cultos romanos antigos e aquela para designar a verdadeira religião que surgia" (p. 95). Numa perspectiva linguística, Cristiane argumenta que, segundo Benveniste, religio, originalmente não indica "a 'religião' no seu conjunto, mas é antes uma palavra relacionada com o termo escrúpulo" (p. 90).



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Nazareth Arrais, Criada em 28/09/2026"*

No entanto, segundo a mesma autora, a etimologia do termo no Ocidente acolhe duas possibilidades: uma com base nos textos de Cícero, relegere; e outra com base nos textos de Lactâncio e Tertuliano, religare. A primeira sugere a ideia de atenção respeito, paciência, pudor e ou piedade na relação com os deuses. A segunda traz a ideia religar, atar, apertar, ligar bem. Nesse caso, religare seria adequado para firmar a ideia de atar laços que ligam a humanidade ao divino.

É importante destacar que a ideia de religião indicar uma conexão com o paraíso espiritual, aonde desejamos chegar, também já estava presente no Egito Antigo e na índia Antiga, ou seja, essa acepção não foi uma inovação do Cristianismo, mas uma adequação ao que já existia.

Do direito de se manifestar e escolher sua crença

Dizer que o Estado brasileiro é laico já é lugar comum. A questão é tomar posse responsavelmente do significado dessa laicidade como relativo à ideia de emancipação intelectual, já que se trata da garantia de espaços democráticos de valores variados, a exemplo da pluralidade religiosa.

Tal afirmação é legalmente assegurada pela Constituição Federal, no artigo 5º., inciso VI, que diz: "*É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias*". Ou seja, todas as religiões têm espaço garantido por lei.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Nazareth Arrais, Criada em 28/09/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Na mesma direção, a Declaração Universal dos Direitos Humanos, Art. XVIII, já trazia: *Toda pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletivamente, em público ou em particular.*

Significa dizer que a imposição da cultura, seja ela qual for, de um sobre o outro configura uma violência e descaracteriza o princípio do que se considera humanidade. Isso é ainda mais estranho quando a ideologia subjacente à manifestação cultural é de paz, fraternidade e conexão com divindades, energias e forças que genuinamente acolhem e suavizam o sofrimento da pessoa seja na sua individualidade seja na coletividade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"

Um povo, várias crenças

O Brasil é feito de retalhos. Retalhos pressupõem cortes e cortes pressupõem dores, mas também cura. O Brasil foi (des)coberto? Tentaram esconder a vida e os corpos dos povos que já existiam nessa terra: cobriram-nos com formas de vida alienígenas. Tolheram a liberdade ao direito de existir em sua essência. Vieram com roupas, armas, fedores e muita ganância. Já cortados, coloridos, que tal acolhermos e apreciarmos o vitral?

As manifestações artístico-culturais também nascem de dores. São as religiões cultura e arte, na medida em que agregam práticas sociais e uma criatividade manifestada por variadas linguagens: música, movimentos corporais sincronizados, gestos, estesias, paixões... constituindo verdadeiros espetáculos semióticos.

Como os nativos do Brasil vivem sua crença?

Na tradição religiosa dos nativos do Brasil, há um representante humano que atua como líder espiritual. Trata-se do pajé, que recebe o dom de curar doenças, sejam elas naturais ou não. Esse representante religioso busca na natureza os remédios para a cura do corpo e da alma. Para o diagnóstico da doença, induz-se ao transe pelo pariká (leguminosa da qual de faz o pó sagrado – rapé). Durante o ritual de cura, há dança, cantos acompanhados de maracás e movimentos que representam formas e deslocamentos de nuvens. Esse culto se realiza para invocar as divindades que habitam o céu para ajudar ao pajé a encontrar a origem da doença e como tratá-la (Maués, 1995).

Para os nativos, de acordo com Albert e Kopenawa (2004), os espíritos, os animais, as árvores, os rios, os peixes, o céu, a chuva, o vento, o sol e nós, formamos o ecossistema. Todos esses elementos naturais são criação da divindade, do sagrado. Assim criam num Deus que dá vida a tudo. Para que haja equilíbrio vital, é necessário que cuidemos de tudo com responsabilidade e respeito.



IMAGEM GERADA POR IA "usando **GEMINI**, sob a direção de Nazareth Arrais, Criada em 28/09/2026"

Cada comunidade ou grupo nativo tem uma forma de viver sua religiosidade. Não é possível que todos eles professem sua fé de uma forma única e dentro de uma lógica fora de sua cultura, considerando que são povos com valores, crenças e sistemas sociais peculiares como toda sociedade de pessoas.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GEMINI**, sob a direção de Nazareth Arrais, Criada em 28/09/2026"*

Como formamos hoje um vitral de retalhos?

Tradição cristã

Quando os europeus adentraram ao território brasileiro em busca de enriquecimento material, encontrou uma cultura estranha à sua, com uma preocupação primeira voltada para a sobrevivência e não para o acúmulo de bens. Com dificuldade de interagir, buscou ensinar ao nosso povo um jeito diferente de viver e ter fé. Essa didática não foi pacífica porque, sendo imposta e desconsiderando a pajelança, intentou apagar uma manifestão regiliosa genuinamente dos povos que aqui já viviam.

O fato é que a crença religiosa trazida pelos invasores era a é católica legalizada na colônia, logo tinha espaço livre para se realizá-la. Assim aconteceram missas para os nativos. Na tradição religiosa do catolicismo, há um representante humano que atua como líder espiritual. Trata-se do padre, que recebe a missão de rezar pelos e com os fieis. Esse representande religioso busca na oração a cura para o corpo e a alma. Ao lado da oração, a comunhão tem grande poder: ao líder é dado o poder de receber a hóstia e beber o vinho, como representação do corpo de Jesus e do sangue, respectivamente. Aos fieis comumente receber a hóstia durante as missas.

Também durante as missas, pode haver dança, cantos acompanhados de instrumentos musicais e movimentos que representam formas de submissão a um Deus, ao reconhecer Sua grandeza diante da pequenez humana. A missa se realiza para invocar as divindades que habitam o céu (Jesus Cristo como centro, santos, santas a exemplo da Virgem Maria, a mãe de Jesus) para ao padre, por meio do evangelho, ensinar a levar a paz interior e a cura aos fieis.

Para os católicos, o ser humano é o centro de tudo e a ele devem os demais seres reverenciarem. O catolicismo prega o desapego aos bens materiais, o amor, o perdão e o bem comum.

Outra tradição cristã

Junto a tudo isso, bem depois, também chegaram os não católicos ao Brasil. Esses cristãos não católicos protestam contra determinadas formas de manifestação da fé católica. É cristã, mas não comungam com certas crenças católicas, a saber, santos e santas como Maria. Tem como representante um pastor que coordena seus fiéis.

É importante pontuar também que, dentro desse universo, são várias as manifestações religiosas protestantes que adotam performances diferentes umas das outras sempre em torno de um fé cristã. De acordo com Reginaldo Prandi (2003), dentre esse viés, crescem os pentecostais, embora muitas não seguindo a tradição. As designações dos cristãos não católicos são diversas e formam agrupamentos separados com templos próprios.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Crenças da diáspora negra

A diáspora negra no Brasil teve início com a chegada de africanos à terra nova para serem escravizados, juntamente com os nativos, pelos colonos europeus na exploração das riquezas. Além desses povos, outros também estavam em interação, bem como diferentes povos e culturas africanas, o que foi constituindo essa cultura multifacetada que caracteriza a realidade brasileira.

Da reunião de vários povos e culturas vindas da África, surgiu a religião denominada Candomblé como forma de preservar os valores da ancestralidade. Segundo Roger Bastide (1974, p. 15), "candomblés nagôs ou iorubás (ketu ou queto, ijexá e efã), os bantos (angola, congo e cabinda), os ewe-fons (jejes ou jejes-mahis)" se destacam na Bahia; os xangôs de nação nagô-egbá e os de nação Angola se destacam em Pernambuco; o tambor-de-mina das nações mina-jeje e mina-nagô se destacam no Maranhão; e o batuque oió-ijexá, ou batuque de nação, se destaca no no Rio Grande do Sul.

No Candomblé, usa-se a palavra axé com muitos significados, sempre positivos, a exemplo "força vital, energia, princípio da vida, força sagrada dos orixás" (Prandi, 1990, p. 7). Axé também significa o amém, indica a origem dos antepassados. Reginaldo Prandi (1990, p. 7) nos informa que os "grandes portadores de axé, que são as veneráveis mães e os veneráveis pais-de-santo, podem transmitir axé pela imposição das mãos; pela saliva que, com a palavra sai da boca; pelo suor do rosto, que os velhos orixás em transe limpam de sua testa com as mãos e, carinhosamente, esfregam nas faces dos filhos prediletos".

Os ritos, as narrativas e as tradições ocorrem nos terreiros, e variam conforme a origem adotada na casa de santo. Os representantes recebem designações diferentes. Por exemplo, no Candomblé Nagô, é o panteão de Orixás, segundo Reginaldo Prandi. Nos rituais são comuns os aspectos sagrados, a exemplo banhos de ervas, sacrifício de animais, jogos de búzios para saber quem é o Orixá que comanda o Ori (cabeça) de cada filho, a harmonia com a natureza...



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

Reginaldo Prandi (2003, p. 17) também destaca a Umbanda como mais uma religião da diáspora. Segundo o autor, trata-se de "[...] uma síntese do antigo candomblé da Bahia, que foi transplantado para o Rio de Janeiro na passagem do século XIX para o XX, com o espiritismo kardecista, chegado da França no final do século XIX". Assim foi inicialmente denominada de espiritismo de umbanda para depois ficar somente umbanda. Para o autor, "A umbanda conservou do candomblé o sincretismo católico: mais que isto, assimilou preces, devoções e valores católicos que não fazem parte do universo do candomblé. Na sua constituição interna, a umbanda é muito mais sincrética que o candomblé." Figuram, nessa crença, um preto velho ou uma preta velha que trazem saberes que orientam as resoluções de problemas espirituais.

De acordo com as pesquisas de Reginaldo Prandi (2003), no levantamento dos censos, muitos adeptos da Umbanda, que são afro-brasileiros, se declaram ou como católicos ou como espíritas. No entanto, várias lideranças dessa religião têm lutado para que seus adeptos assumam suas identidades religiosas desligadas do catolicismo e do espiritismo.

Outras manifestações ainda podem ser encontradas como Catimbó/Jurema, Xangô, Batuque, Tambor de Mina.

Espiritismo

Nesse discurso de variedade cultural que se volta para crenças, não podemos deixar de pontuar o Espiritismo, uma vez que, embora sendo uma doutrina, alguns consideram-no uma religião. Nos levantamentos censitórios das religiões tradicionais do Brasil, também se faz presente o levantamento de quem se coloca como espírita. O Espiritismo é uma doutrina que congrega aspectos científicos e filosóficos com implicações religiosas, e que se orienta nos escritos de Allan Kardec.

O Espiritismo é reencarnacionista e prega que, para a evolução do espírito, é necessário compreender que o perdão é a melhor forma de encontrar a paz. Entre os adeptos, se destacam pessoas, com o dom da mediunidade avançada, que podem se comunicar com espíritos e, por meio de orientações, ajudam, racionalmente, aqueles que sofrem.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GEMINI**, sob a direção de Nazareth Arrais, Criada em 28/09/2026"*

> "NA DIVERSIDADE DAS CRENÇAS, CADA CAMINHO DE FÉ REVELA DIFERENTES FORMAS DE BUSCAR ACOLHIMENTO, COMPREENSÃO E HARMONIA, LEMBRANDO-NOS DE QUE O RESPEITO ÀS DIFERENÇAS É TAMBÉM UMA EXPRESSÃO DE EVOLUÇÃO HUMANA.

Deus é caracterizado pela inteligência suprema, Jesus é um espírito evoluído entre muitos outros, como a Virgem Maria, Preto velho, Preta Velha, por exemplo. A morte não é o fim, mas a continuidade para encontrar luz.

Nesse breve passeio pela diversidade cultural religiosa que caracteriza o Brasil, com destaque para as tradições cristãs e não cristãs, podemos perceber um viés comum, o bem-estar, paz interior e uma vida em harmonia a partir de subjetividades. Você pode se encontrar em algumas delas ou em nenhuma, o importante mesmo é compreender essa mosaico de fé, crenças e busca por acolhimento, identidade e tranquilidade.

Desejo uma boa leitura!



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de Adriana Magalhães, Criada em 21/10/2026"*

COLUNISTA NAZARETH ARRAIS

CONHEÇAM MAIS O SEU TRABALHO,
VISITEM SEU SITE E ACOMPANHEM
SUAS REDES SOCIAIS

INSTAGRAM INSTAGRAM SITE POST NO SITE

COLUNAS E COLUNISTAS









REVISTA THE BARD

A Revista The Bard é uma iniciativa multicultural, multilinguística e multiartística dedicada à arte, literatura e cultura. Promove visibilidade a escritores e artistas, conectando suas obras a leitores no Brasil e no mundo.

Entre livros, filmes e jogos: **a fantasia em expansão**

Como histórias de mundos imaginários atravessam páginas, telas e comunidades de fãs, transformando leitores em espectadores, jogadores e participantes

Uma pessoa entra em uma livraria e encontra um livro sobre um jovem feiticeiro. Outra conhece a mesma história em uma sala de cinema. Uma terceira chega até aquele universo por meio de um jogo eletrônico, de uma série, de um vídeo nas redes sociais ou da recomendação de alguém em um clube de leitura.

A história é a mesma?

Em parte. O universo pode ser reconhecido, os personagens podem carregar os mesmos nomes e determinados acontecimentos continuam presentes. Mas cada meio apresenta uma maneira própria de contar, imaginar e experimentar a narrativa.

No livro, o leitor cria imagens a partir das palavras. No cinema, a direção, a fotografia, a música, os figurinos e os efeitos visuais oferecem uma interpretação concreta daquele mundo. Na série, o tempo se alonga e permite desenvolver personagens e conflitos. No jogo, o público deixa de apenas acompanhar a jornada: ele precisa explorar, escolher, enfrentar desafios e descobrir o que existe além do caminho principal.

A fantasia contemporânea circula entre essas formas. Ela pode ser lida, assistida, jogada, comentada, desenhada, adaptada e recriada. Muitas vezes, uma pessoa não chega a uma obra pela porta imaginada pelo autor. Ela entra por uma tela, por uma conversa ou por uma comunidade digital e, depois, procura o livro que deu origem àquele universo.

A fantasia deixou de ser apenas uma experiência individual diante de uma página. Em muitos casos, tornou-se uma forma coletiva de participação cultural.

Quando uma história muda de linguagem

Adaptar um livro para o cinema ou para a televisão não significa transportar cada frase para a tela. Literatura e audiovisual possuem recursos diferentes.

O livro pode permanecer longamente dentro dos pensamentos de um personagem. Pode interromper a ação para descrever uma paisagem, recuperar uma memória ou acompanhar uma reflexão. O cinema precisa transformar parte dessas experiências em imagens, sons, gestos, montagem e atuação.

A série, por sua vez, trabalha com outro ritmo. Ela pode dedicar um episódio inteiro a um personagem secundário, ampliar conflitos ou alterar a ordem dos acontecimentos. Também precisa considerar pausas entre temporadas, expectativas do público e decisões de produção.

Por isso, uma adaptação não deve ser avaliada apenas pela quantidade de elementos que conserva. A pergunta mais interessante talvez seja: o que essa nova linguagem descobriu na história original?

A trilogia cinematográfica baseada em O Senhor dos Anéis, de J. R. R. Tolkien, é um exemplo de como uma adaptação pode construir uma experiência própria. Os filmes preservaram personagens, lugares e conflitos centrais, mas reorganizaram acontecimentos, condensaram tramas e utilizaram recursos visuais e sonoros para tornar a Terra-média compreensível a um público amplo.

O resultado não é o livro filmado palavra por palavra. É uma interpretação cinematográfica de uma obra literária.

O mesmo ocorre com Harry Potter. Os filmes transformaram Hogwarts em um espaço visível, com arquitetura, figurinos, criaturas e objetos que passaram a integrar a imaginação de milhões de espectadores. Ao mesmo tempo, determinados personagens, relações e episódios precisaram ser reduzidos ou excluídos por causa do tempo limitado de cada produção.

Toda adaptação escolhe. Ao escolher, também deixa algo de fora.

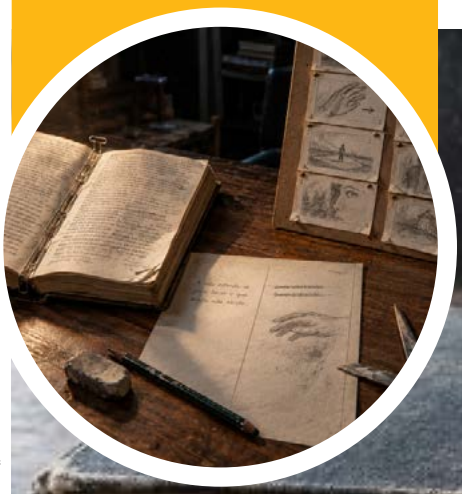


IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/11/2026"

IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/11/2026"



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/11/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/11/2026"*

A diferença entre imaginar e receber uma imagem

Quando lemos que uma floresta é antiga, úmida e silenciosa, cada pessoa constrói uma imagem diferente. A floresta de um leitor não precisa ser igual à de outro. A palavra abre um espaço para a imaginação individual.

No cinema e na televisão, parte desse espaço já chega preenchida. A árvore possui uma forma, a cidade tem uma arquitetura, o monstro recebe um corpo e o personagem passa a ser associado ao rosto de um ator.

Isso não significa que a experiência audiovisual seja menos imaginativa. Ela apenas organiza a imaginação de outra maneira. A fotografia, a trilha sonora, a montagem e o trabalho dos atores também sugerem sentidos que não estavam determinados na página.

Uma adaptação pode até modificar a memória que o público tinha de um livro. Depois de assistir a um filme, alguns leitores passam a imaginar o personagem com a aparência do ator que o interpretou. O cenário descrito no romance ganha uma paisagem concreta. A música de uma cena pode se tornar inseparável da lembrança daquele momento.

O caminho também pode ser inverso. Uma pessoa se apaixona por uma série e, ao ler os livros, descobre diferenças, detalhes e perspectivas que não chegaram à tela.

Entre a página e a imagem, existe uma conversa permanente.

Quando o leitor entra no mundo

Os jogos eletrônicos acrescentaram outra dimensão à fantasia. Em vez de apenas acompanhar o protagonista, o jogador pode explorar o ambiente, escolher caminhos, aceitar missões, conversar com personagens e descobrir histórias escondidas.

Em The Elder Scrolls, por exemplo, o jogador percorre mundos extensos, encontra povos diferentes, consulta livros dentro do próprio jogo e constrói uma trajetória que pode não ser igual à de nenhum outro participante.

Em Dragon Age, as decisões tomadas ao longo da narrativa podem influenciar relações, alianças e acontecimentos posteriores. O jogador não controla todos os aspectos da história, mas participa de sua forma de desenvolvimento.

Na série Final Fantasy, cada jogo apresenta personagens, mundos e conflitos próprios, embora compartilhe elementos visuais, temáticos e sonoros que formam uma identidade reconhecível.

Essa participação modifica a relação com o universo fantástico. O jogador não apenas pergunta o que acontecerá com o personagem. Também precisa decidir o que fará, para onde irá e quais consequências aceitará.

A experiência, porém, não é completamente livre. Os criadores definem regras, limites, mapas, possibilidades e resultados. O jogador escolhe dentro de uma estrutura construída por outras pessoas.

A magia do jogo está justamente nessa combinação entre controle e descoberta.

The Witcher e o caminho de volta

The Witcher é um caso especialmente interessante de circulação entre mídias. A série nasceu nos livros do escritor polonês Andrzej Sapkowski, ganhou grande projeção internacional com os jogos eletrônicos desenvolvidos pela CD Projekt Red e depois chegou à televisão em uma produção da Netflix.

Cada versão apresenta uma porta de entrada diferente.

Nos livros, o leitor encontra uma narrativa marcada por diálogos, conflitos morais, ironia e releituras de contos tradicionais. Nos jogos, assume o controle de Geralt de Rívia e explora um continente cheio de guerras, monstros, escolhas políticas e missões secundárias. Na série, acompanha uma adaptação audiovisual que reorganiza acontecimentos e apresenta o universo a outro público.

Muitas pessoas conheceram The Witcher pelos jogos ou pela televisão e depois procuraram os livros. Outras chegaram à série carregando uma relação anterior com os romances ou com os jogos.

Esse movimento mostra como a expansão de uma obra não acontece apenas do livro para a tela. Ela também pode seguir o caminho contrário, levando espectadores e jogadores de volta à literatura.



*IMAGENS GERADAS POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/11/2026"*

Mundos que continuam depois da última página

Algumas obras de fantasia não terminam quando o livro acaba ou quando os créditos aparecem. Elas continuam nas conversas dos leitores.

Fãs criam teorias, discutem finais, desenham personagens, escrevem histórias derivadas, produzem vídeos, organizam encontros e desenvolvem interpretações próprias. Um universo narrativo pode ganhar novas camadas fora da obra original.

As fanfictions são um exemplo importante desse processo. Elas permitem que leitores imaginem outros destinos para personagens conhecidos, explorem relações que não foram desenvolvidas ou escrevam acontecimentos situados antes e depois da narrativa principal.

As fanarts transformam descrições literárias em imagens. O cosplay leva personagens para espaços públicos. Os clubes de leitura organizam interpretações coletivas. Os podcasts analisam detalhes, erros, pistas e possibilidades futuras.

Essa produção dos fãs demonstra que o público não é apenas receptor. Ele também participa da circulação cultural da obra.

No entanto, é importante diferenciar participação espontânea e exploração comercial. Muitas comunidades criam por prazer, afeto e identificação. Empresas, por outro lado, podem utilizar o entusiasmo dos fãs para vender produtos, assinaturas, jogos, edições especiais e experiências licenciadas.

A relação entre fandom e mercado é próxima, mas nem sempre equilibrada.

O leitor como participante

A cultura digital tornou mais visível uma prática que sempre existiu: leitores conversam sobre livros, discutem personagens e recontam histórias.

A diferença é que, agora, essas conversas podem alcançar milhares de pessoas. Uma resenha publicada em vídeo pode despertar o interesse por um romance. Uma publicação sobre uma personagem pode provocar debates sobre representação. Uma teoria compartilhada em uma rede social pode modificar a maneira como outros leitores interpretam a narrativa.

O leitor contemporâneo pode exercer vários papéis:

- consumidor de livros, filmes e jogos;
- crítico e comentarista;
- produtor de imagens e textos;
- integrante de comunidades;
- divulgador de obras;
- participante de eventos;
- colecionador;
- criador de interpretações.

Essa participação também modifica o trabalho de autores e editoras. O público acompanha anúncios, comenta capas, questiona escolhas e espera respostas. Em alguns casos, a pressão dos fãs influencia decisões de adaptação ou continuidade.

A proximidade, porém, pode produzir conflitos. Discussões sobre personagens, casais, finais e representatividade podem se transformar em ataques pessoais. A paixão por uma obra não elimina a necessidade de respeito, responsabilidade e liberdade artística.

Uma comunidade de fãs pode ser acolhedora, mas também pode reproduzir exclusões, disputas e comportamentos agressivos presentes na sociedade.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf; Criada em 10/11/2026"

O crescimento da fantasia nas telas

O aumento de séries, filmes e produções inspiradas em obras fantásticas ampliou a visibilidade do gênero. Serviços de streaming passaram a investir em universos capazes de gerar temporadas, derivados, produtos e comunidades de espectadores.

Produções como Game of Thrones, The Lord of the Rings: The Rings of Power, The Witcher, Sandman e Percy Jackson demonstram como a fantasia pode ocupar diferentes formatos e alcançar públicos variados.

Sandman nasceu nos quadrinhos escritos por Neil Gaiman e se tornou uma série audiovisual. Percy Jackson começou como uma série de livros de Rick Riordan, passou pelo cinema e depois recebeu uma nova adaptação televisiva. As diferentes versões provocaram comparações, expectativas e discussões entre os leitores.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/11/2026"*



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/11/2026"*

Esse processo também revela uma questão importante: a popularidade audiovisual pode aumentar a procura pelos livros, mas pode igualmente fazer com que a obra literária seja conhecida apenas como parte de uma franquia.

Quando uma história é transformada em marca, o universo pode se expandir em brinquedos, roupas, jogos, eventos, edições colecionáveis e produtos digitais. A imaginação passa a circular dentro de uma cadeia comercial ampla.

Isso não diminui necessariamente o valor artístico da obra. Mas exige que o público perceba a diferença entre experiência literária, produto cultural e estratégia de mercado.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/11/2026"*

O que se perde quando tudo vira franquia?

A expansão multimídia traz oportunidades, mas também riscos.

Quando uma obra é planejada para gerar diferentes produtos, os personagens podem ser tratados como propriedades comerciais. A história passa a ser apenas uma parte de um sistema maior de consumo.

Existe também o risco de que editoras e produtoras invistam somente em universos já conhecidos, reduzindo o espaço para autores novos, histórias independentes e propostas menos previsíveis.

A lógica das franquias favorece personagens reconhecíveis, continuações e fórmulas que já demonstraram capacidade de atrair público. Com isso, narrativas de regiões, culturas e autores pouco conhecidos podem encontrar mais dificuldade para alcançar visibilidade.

Por outro lado, a circulação entre mídias pode abrir portas. Uma adaptação bem-sucedida pode despertar interesse por livros nacionais, mitologias pouco divulgadas e autores que antes não encontravam espaço no mercado.

A questão não é rejeitar a cultura pop, mas perguntar quem está sendo publicado, adaptado, divulgado e lembrado.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/11/2026"*

A fantasia brasileira nesse novo mapa

O Brasil também participa dessa expansão. Autores nacionais produzem fantasia urbana, épica, sombria, juvenil, mitológica e especulativa. Algumas obras dialogam com o folclore brasileiro, outras criam mundos completamente novos e há aquelas que misturam referências globais com experiências locais.

A circulação digital permitiu que escritores divulgassem seu trabalho por meio de redes sociais, plataformas de leitura, podcasts, eventos e comunidades de leitores. Jogos independentes e projetos audiovisuais também começam a explorar paisagens, lendas e conflitos relacionados ao país.



*IMAGEM GERADA POR IA "usando **GPT 2.5 FLARE**, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/11/2026"*

Essa produção enfrenta desafios. O mercado editorial ainda oferece maior visibilidade a muitas obras estrangeiras, especialmente quando elas chegam acompanhadas de adaptações internacionais e grandes campanhas de divulgação.

Valorizar a fantasia brasileira não significa rejeitar Tolkien, Rowling, Gaiman ou Martin. Significa ampliar o repertório e reconhecer que dragões, portais e mundos mágicos também podem nascer de experiências brasileiras.

Uma floresta fantástica não precisa parecer medieval europeia. Uma cidade encantada pode ter sons, conflitos, sotaques e memórias próprios. Um herói pode carregar referências indígenas, africanas, sertanejas, urbanas ou amazônicas sem que a narrativa deixe de pertencer ao gênero.



IMAGEM GERADA POR IA "usando GPT 2.5 FLARE, sob a direção de J.B Wolf. Criada em 10/11/2026"

A experiência de cada público

Uma criança pode chegar à fantasia por meio de um desenho animado. Um adolescente pode descobrir uma saga em uma plataforma digital. Um adulto pode retornar a um livro da infância depois de assistir a uma nova adaptação. Um jogador pode passar horas explorando um universo sem nunca ter lido a obra que o inspirou.

Não existe uma porta de entrada superior às outras.

O livro oferece o silêncio da leitura e a liberdade de imaginar. O filme cria uma experiência coletiva e visual. A série permite acompanhar uma história por mais tempo. O jogo transforma o público em agente de decisões. As comunidades prolongam a narrativa por meio de conversas e criações.

Cada formato revela uma parte diferente do mundo fantástico.

Talvez a pergunta mais importante não seja qual versão é melhor, mas o que cada linguagem acrescenta à história e o que ela nos convida a fazer.

A fantasia como território compartilhado

A literatura de fantasia continua se expandindo porque não permanece presa a um único suporte. Ela acompanha as transformações culturais e tecnológicas sem abandonar a força das narrativas.

Seus mundos podem nascer em uma página, ganhar corpo em uma tela, tornar-se exploráveis em um jogo e continuar vivos na imaginação de uma comunidade.

Nesse percurso, o leitor não desaparece. Ele se transforma. Pode ser espectador, jogador, crítico, ilustrador, escritor, colecionador ou simplesmente alguém que encontra, em uma história impossível, uma maneira de compreender os próprios sentimentos.

Uma obra fantástica pode falar sobre coragem, perda, amizade, injustiça, pertencimento e mudança. Pode fazer alguém procurar um livro, conversar com desconhecidos, desenhar um personagem ou entrar em um jogo depois de muitos anos sem jogar.

No fim, os mundos imaginários não existem apenas para nos afastar da realidade. Eles também criam caminhos de volta.

Talvez seja por isso que uma história de fantasia nunca pertença inteiramente a um único formato. Ela continua se transformando cada vez que alguém a lê, assiste, joga, comenta ou recria.

E, quando isso acontece, o mundo inventado deixa de estar apenas nas páginas ou nas telas. Passa a existir também entre as pessoas.

REDAÇÃO THE BARD

COLUNAS E COLUNISTAS

INSTAGRAM

POST NO SITE

LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:

"imagens que salvam a humanidade"



40ª EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE | FACEBOOK | INSTAGRAM | YOUTUBE | TWITTER/X

EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

ENTRE ESTANTES, BANCAS E SEBOS:

"Os lugares onde os livros nos encontram"

41ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

PERÍODO DE 11 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.

Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.

AGÊNCIA
THE WOLF BARD

ANUNCIE AQUI!

DIVULGUE NA REVISTA INTERNACIONAL THE BARD

- Empresa
- Comércio
- Loja
- Produtos
- Serviços
- Eventos

Contate-nos hoje para uma consulta gratuita.



CONTATO

INSTAGRAM



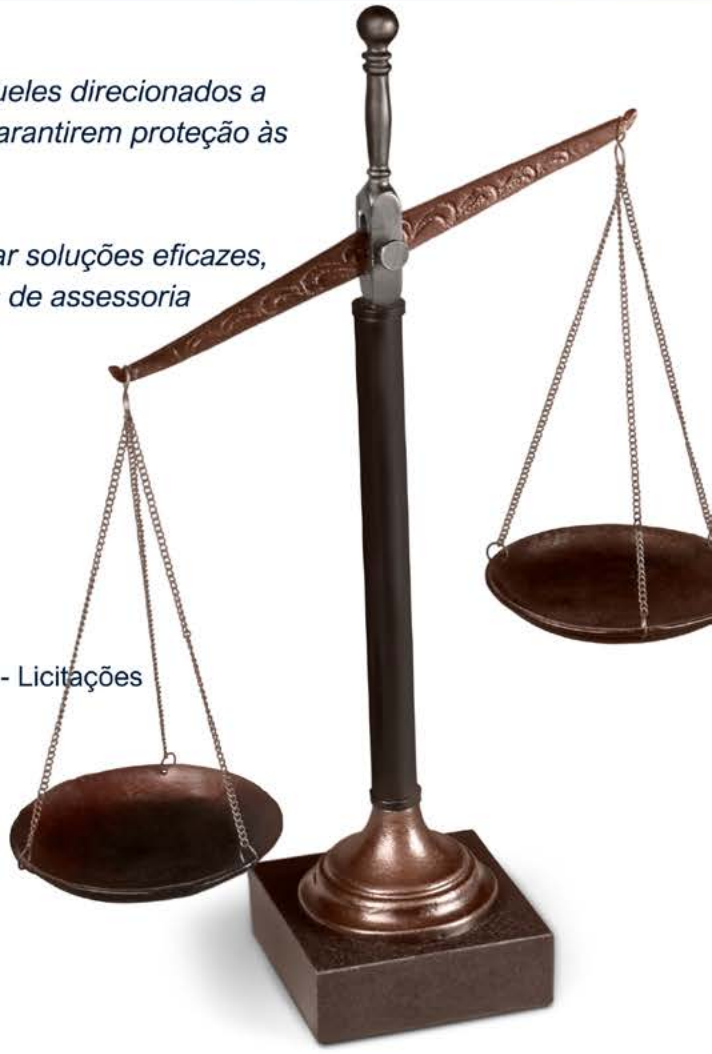
LILIAN BARBOSA
Advocacia

Serviços:

- *Advocacia em diversos ramos do Direito, em especial àqueles direcionados a escritores e artistas que desejam esclarecimentos para garantirem proteção às suas criações*

- *Atendimento personalizado ao cliente, de forma a alcançar soluções eficazes, contemplando as mais diversas relações jurídicas através de assessoria contenciosa, consultiva e preventiva nas seguintes áreas:*

- ✔ Direitos Autorais
- ✔ Propriedade Intelectual
- ✔ Direito do Consumidor
- ✔ Direito do Consumidor
- ✔ Direito Trabalhista
- ✔ Direito Civil
- ✔ Direito Empresarial
- ✔ Direito da Saúde
- ✔ Direito Administrativo
- ✔ Contratações Públicas - Licitações



Contatos:

61-98479-6687

adv.lilianbarbosa@gmail.com

@advogada.lilian

VALLETI BOOKS

Editora / Blogsite / Canal YouTube / Podcast

"Cada autor tem sua voz; na Valleti Books, todas encontram seu espaço."

NOSSOS SERVIÇOS

- Criação de Capas
- Diagramação
- Pedidos e ISBN e Ficha Catalográfica
- Organização de Antologias

CONTATE-NOS

SITE

INSTAGRAM

UNIO
NEGÓCIOS



Identidade Visual

Agora é a sua vez!

Transforme Sua Marca com Nossa Criatividade Exclusiva!
Você está procurando dar um salto quântico na identidade visual da sua empresa? Quer um logo que não só represente sua marca, mas também conte sua história? Precisa de uma mentoria de negócios que guie seu empreendimento ao sucesso? Ou talvez um mascote carismático que conquiste corações e mentes?

Nós temos a solução perfeita para você!

Com anos de experiência e um portfólio repleto de sucesso, oferecemos:

NOSSOS SERVIÇOS

DESIGN DE LOGOS

Criações únicas que capturam a essência da sua marca.

MENTORIA DE NEGÓCIOS

Estratégias personalizadas para alavancar seu negócio.

CRIAÇÃO DE MASCOTES

Personagens memoráveis que dão vida à sua marca.

CLIQUE NOS ÍCONES

61 99590-9237 / @unionegocios



Ação Especial por Tempo Limitado!

Selo Litero-Cultural
THE WOLF BARD

Selo

THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL

Selo

THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL

A THE WOLF BARD é um projeto nacional e internacional de iniciativa gratuita buscando apoiar as artes e suas expressões literárias, tendo como fundador idealizador e editor chefe, o monarquista, poeta, escritor, músico erudito e compositor, JB Wolf.

Ressaltamos a Revista Internacional THE BARD com participação colaborativa e voluntária publicada e distribuída gratuitamente em três modalidades: PDF Interativo com botões (links de direcionamento), Feed RSS com atualização em tempo real, Revista em 3D para leitura no Site/Portal e Revista Eletrônica com a mais alta tecnologia AI de acessibilidade para deficientes visuais e auditivos.

Multiartística, multicultural e multiliterária, a Revista The Bard está presente em cento e três países de cinco dos seis continentes: África, América, Europa, Oceania e Ásia.

No intuito de expandir e contribuir com o mundo das diversas artes, dando visibilidade e destaque nacional e internacional, a THE WOLF BARD dentro de seu projeto social-cultural e literário lança o selo Litero-Cultural desenvolvido especialmente para editoras (Livros, Revistas ou Periódicos, Antologias, Editais de Concursos, Publicações de Eventos Culturais, Crônicas, Coletâneas Literárias); e para escritores (Poetas, Contistas, Romancistas, Antologistas).

O Selo Litero-Cultural é uma contribuição gratuita, voluntária e recíproca em benefício de uma maior visibilidade e divulgação da obra que for selecionada para possuir o selo de aprovação e qualidade THE WOLF BARD.

COMO ADQUIRIR?

Selo

THE WOLF BARD

APOIO LITERO-CULTURAL

INSTAGRAM

WHATSAPP

Selo

THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL

Selo Litero-Cultural
THE WOLF BARD

PARCERIAS







Selo

THE WOLF BARD
APOIO LITERO-CULTURAL

Selo Litero-Cultural
THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



STELLA MARIA GASPAR, nascida em João Pessoa Paraíba, é uma pedagoga cuja trajetória profissional e literária se entrelaçam com paixão e profundidade. Professora adjunta na Universidade Federal da Paraíba, ela encanta alunos e colegas no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, onde seu compromisso com a educação a levou a conquistar títulos de Mestre e Doutora em Educação, além de realizar um pós-doutorado na mesma área, cursado na Facultat de Magisteri de València - Espanha.



O LIVRO "Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus", de Stella Gaspar, não é apenas uma reunião de versos: é um portal para a essência mais pura do afeto. A cada página, sentimos o desabrochar das palavras, feito pétalas que emergem, delicadas e, ao mesmo tempo, fortes, carregando consigo o perfume inconfundível da amorosidade marca registrada de Stella.

Ao mergulhar nestes poemas, é impossível não notar o brilho que emana da autora, fruto de sua entrega total ao ato de escrever. Ela tece emoções em cada estrofe, sem pudor ou medo de julgamentos, revelando as cores dos seus dias de solidão e esperança. Longe do seu país, Stella encontrou nas palavras um refúgio e, por meio delas, traçou uma estrada que nos conduz direto à sua alma.

WHATSAPP

EDITORA VALLETI BOOKS

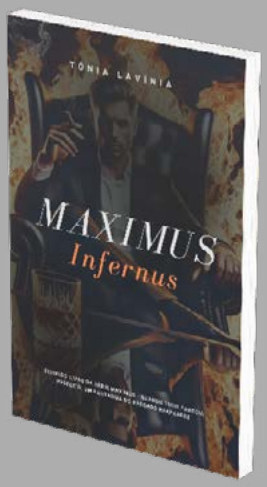
LIVRO COM SELO

Selo Litero-Cultural
THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



TÔNIA LAVÍNIA é uma escritora de Sete Lagoas, Minas Gerais, que transita entre o erotismo, o suspense e a investigação. Sua escrita refinada explora os labirintos da mente e as profundezas do desejo. Autora dos livros: "Deliciosamente Libertino e da Série "Maximus". Frequenta assiduamente o site Isadora de músicas clássicas e adora uma boa taça de vinho. Com uma mente curiosa e criativa, Tônia mergulha em mundos onde segredos e paixões se entrelaçam, tornando sua obra um convite irresistível ao prazer da palavra.



Maximus é a personificação da sofisticação, vivendo entre a beleza das telas raras, esculturas icônicas, livros que guardam segredos e a música clássica que embala sua alma. Em Milão, ele é um homem de poder e mistério, mas seu mundo perfeito é abalado quando surge Lorde Sinclair, um vilão sedutor e sensual, cheio de desejos libertinos. Sinclair, movido pela luxuria e pelo desejo de poder absoluto e vingança, é um homem que usa sua sensualidade como uma arma para manipular e conquistar. Sua maldade é disfarçada por um charme irresistível, e ele vê no caos e no sofrimento dos outros um prazer profundo. Ao contrário de Maximus, Sinclair não ama, ele deseja e sua obsessão por vingança envolvendo um jogo perigoso de dominação e controle. Enquanto Maximus luta para proteger seu mundo e os segredos que tanto valoriza, ele percebe que Sinclair está disposto a destruir tudo o que ele construiu. A paixão de Sinclair não é de amor, mas de domínio. Maximus Infernus é uma história de luxúria, poder e traição, onde os desejos mais sombrios se entrelaçam com as complexas emoções humanas, e o vilão não tem limites para alcançar o que deseja.

SITE

UICLAP

LIVRO COM SELO

Selo Litero-Cultural
THE WOLF BARD

LIVRO COM SELO



AREL Y SOARES REIS é uma professora de língua Portuguesa e Inglesa, natural de Caxias, Maranhão. Ela se destaca como escritora, revisora e tradutora, usando o nome "Menina Poetisa" no instagram para compartilhar seus poemas. Arely é uma leitora apaixonada, gosta de romances clássicos e aprecia arte, música e poesia. Em seu tempo livre, pinta e desenha, e sua produção literária abrange contribuições para antologias, revistas, canais do YouTube e podcasts.



Re-tratos Poéticos , Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re-tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

SITE

LIVRO COM SELO

Escritora

Mia Koda

Acesse os links clicando no botão abaixo



Com sensibilidade e profundidade, Mia Koda desvenda os mistérios do transtorno do pânico sob a ótica da psicanálise. "Pânico - Entendendo o Transtorno" foi escrito para quem sofre ou convive com o transtorno, o livro traz orientações práticas e reflexões que transformam medo em compreensão e paralisia em ação. Um apoio valioso para retomar o controle da mente e da vida.

Clique aqui



Você já percebeu que não será fácil ficar longe dos filhos, não é mesmo? Mesmo assim, sabe que não pode impedi-los de partir em busca de seus sonhos e ideais. Portanto, precisa aprender a lidar com a distância, a saudade e as preocupações.
Pensando nessas dores escrevi o livro, nele compartilho o meu método para lidar com o Ninho Vazio, desenvolvido através da minha experiência como psicanalista e mãe.
A obra aborda 8 Princípios fundamentais na relação entre mães e filhos, sendo eles: Compreensão, Preparação, Aceitação, Adaptação, Confiança, Afirmação, Conexão, Ação e Perseverança.

Clique aqui



O livro “Nevoeiro" é sobre encontrar luz em meio à escuridão. Mia Koda conta a história de sua própria vida através de contos, prosas e poemas emocionantes. Um convite para enxergar além das nuvens e descobrir que, mesmo nos dias mais nebulosos, há um caminho esperando para ser trilhado.

Clique aqui



Descubra os mistérios e profundezas das emoções humanas neste mergulho envolvente. "Rios Internos" explora as correntes ocultas que moldam nossas decisões, desafios e transformações. Com uma narrativa que combina sensibilidade e introspecção, Mia Koda conduz o leitor em uma jornada de autoconhecimento, mostrando que os rios dentro de nós podem ser navegados, domados e, acima de tudo, compreendidos. Ideal para quem busca clareza e propósito em meio às tempestades da vida.

Clique aqui

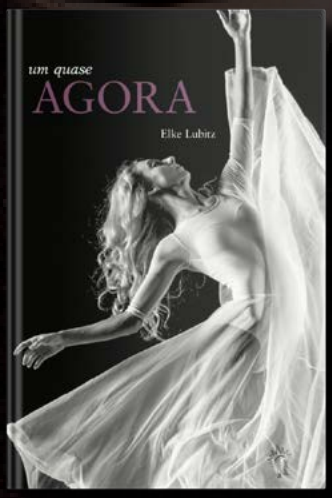
Espaço VITRINE THE BARD

COLUNA

Escritora

Elke Lubitz

Acesse o link clicando no botão abaixo



Um Quase Agora é um passado que nos molda no presente e um presente que nos constrói para um futuro. O tempo, alavanca mestra dessa poética, intriga e penetra, questionando em versos nossos quereres, dizeres e fazeres, como a colocar-nos frente ao espelho.
Seus poemas são tecidos, cuidadosamente, com uma leveza comovente, encantadora e um estilo peculiar, transformando o não dito em partes dessa teia de palavras entrelaçadas e elevando essa obra a um diferencial dentro de uma época literária.

Clique aqui

Espaço

VITRINE

THE BARD

Escritora

Edna Lessa

Acesse o link clicando no botão abaixo

No livro Para Além de mim - a essência do Olhar, a autora compartilha as suas impressões para a vida. Sua escrita é suave e seus poemas nos fazem refletir sobre valores essenciais da vida como a família, a amizade e o amor em suas diversas manifestações.
É um livro escrito de dentro para fora, mas com um olhar sensível a toda beleza que a au-tora consegue perceber ao longo de sua caminhada. É uma reverência a tudo que é invisível aos olhos, mas essencial ao coração. O livro proporciona ao leitor uma viagem ao incrível mundo da Poesia. É uma experiência singular onde o mesmo poderá descobrir que a Poesia é entrega, músi-ca, vida, amor... Que Poesia é voz que ecoa e transforma tudo que está a sua volta.



Versão Impressa

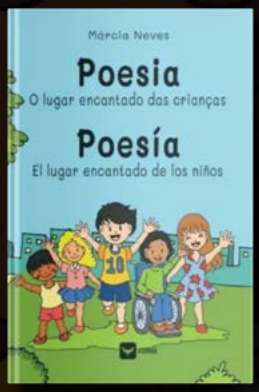
Clique aqui

Espaço VITRINE THE BARD

COLUNA

Escritora Márcia Neves

Acesse o link clicando no botão abaixo



Poesia - o lugar encantado das crianças: História que reforça a educação inclusiva como fundamento para a construção de um mundo real e respeitoso. Conduz o leitor ao singular e coletivo mundo da escrita, por meio do auto cuidado e conhecimento que a poesia proporciona. Aborda de forma leve e literária estigmas despercebidos, provocando diálogos capazes de traduzir sentimentos e relações além do mundo infantil. Entre narrativa e poesia, apresenta variações linguísticas em português e espanhol. Um convite à poesia e aos encantos da infância.

Clique aqui



Livro sensível e delicado, com cenário campestre de um avó – o "vozinho"– amoroso e velhinho, no qual a criança passa as férias escolares.

Conheça as peripécias das férias do Zinho, que aos três anos gosta de brincar com animais e carrinhos e comer o espaguete. Ao voltar das férias, leva as lembranças do silêncio e das gargalhadas do avô, que lhe ensinou que "O amor vive no cuidado".

Clique aqui



Um livro sensível, amoroso, que dialoga com tradições seculares orientais e ocidentais sem perder a naturalidade, o senso de medida, a simplicidade que faz do haikai uma poesia que faz o diálogo do micro com o macro, do local com o universal, na linguagem eterna dos verdadeiros poetas.

Clique aqui

Espaço
VITRINE
THE BARD

COLUNA

Escritora

Lilian Stocco

Acesse o link
clicando no botão abaixo



No coração de São Paulo a jovem Laís e sua amiga Vânia têm o emprego dos sonhos. Irmã mais velha de três filhas, ela divide seu tempo entre o trabalho, amores impossíveis, baladas às sextas e as peripécias de suas irmãs. Estas insistem em tentar enlouquecê-la ou talvez matá-la de fome. Quando parecia que tudo estava se encaixando em sua vida, o destino - com a ajuda da cegueira do amor - acaba por arrasar seu coração.

Versão Física

Clique aqui



Agora casados, Laís e Mauro estão em uma jornada para descobrir como é a rotina de viver juntos, mas rotina não é bem o modo como esses dois gostam de passar os dias e, principalmente, as noites. Se a vida entre quatro paredes é de tirar o fôlego, fora dela pode ser de arrancar os cabelos, ainda mais se o passado amoroso teima em retornar para assombrá-los. Em meio a tudo isso, Vânia descobre um pouco sobre o mundo secreto de Laís e Mauro, o que promete situações, no mínimo, interessantes para todos.

Versão Física

Clique aqui

amazon.com.br

Espaço VITRINE THE BARD

Escritora Lilian Stocco

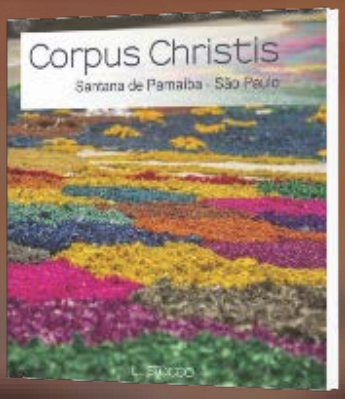
Acesse o link clicando na capa do LIVRO



Arquitetura - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Na beira do rio Tiete, próximo a Garganta do Diabo, primeiro com uma capela dedicada a Santo Antônio, depois mais a cima da margem esquerda do rio com uma capela dedicada a Santa'Ana, surge o inicio da "Villa Pharnaíba". E com a vila, a história de mais de 400 anos se apresenta com uma arquitetura rica trazendo traços do barroco brasileiro e do rococó apresentadas pelas fotografias deste livro.



Corpus Christis - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Registrados nesse foto livro, podemos conferir os diversos grupos de dentro e fora da comunidade Católica auxiliando na construção do tapete de serragem da comemoração de Corpus Christis. Tornando a festa uma das maiores do Brasil, com a extensão de 1 quilometro, com desenhos e esculturas em argila dos próprios munícipes. A festa atrai mais de 13 mil visitantes e cresce a cada ano, possibilitando a inserção das novas gerações e o interesse artístico da comunidade e dos arredores.



Festa do Surú - Santana de Parnaíba - SP - Brasil

Foto livro integrante da coletânea de resgate a memória material e imaterial do município de Santana de Parnaíba.

Com a chegada do inverno a cidade de Santana de Parnaíba, se agita com a chegada do dia 26 de julho e a festa de sua padroeira santa'Ana. A comunidade católica realiza todos os preparativos dessa festa, organizando quermesses, procissões e missas em louvor a padroeira do município. A alegria, fervor e a culinária da comunidade seguem registradas nesse foto livro, mantendo a tradição centenária da cidade, sendo passada para as novas gerações.

Espaço

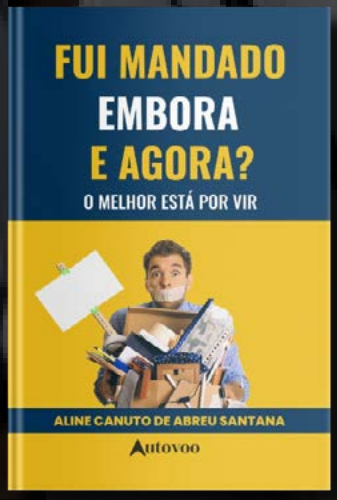
VITRINE

THE BARD

Escritora

Aline Abreu Santana

Acesse o link
clicando no botão abaixo



"Fui Mandado Embora", de Aline Abreu Santana, é um guia acolhedor e prático para enfrentar os desafios da perda de emprego, transformando adversidades em oportunidades. A obra orienta na reorganização financeira, reconhecimento de habilidades e busca por novas oportunidades, combinando inspiração e ações concretas para recomeçar. Escrito por uma pesquisadora científica reconhecida, com 20 anos de experiência e reconhecimento nacional e internacional, o livro reflete expertise e sensibilidade. A autora, fundadora de iniciativas voltadas à publicação de mulheres escritoras, inspira leitores a ressignificar suas trajetórias, mostrando que cada fim pode ser um ponto de partida para novas realizações.

Compra Brasil

Clique aqui

amazon.com.br

Compra Europa

Clique aqui

amazon.com

Espaço VITRINE THE BARD

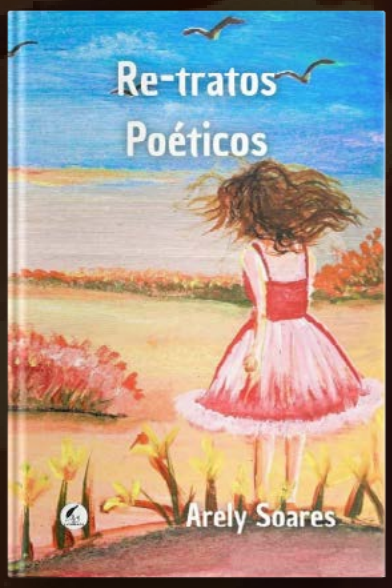
COLUNA

Escritora

Arely Soares Reis

Acesse o link clicando no botão abaixo

Livro Re-tratos Poéticos



Clique aqui

Re-tratos Poéticos , Cada alma carrega paisagens íntimas, moldadas pelas mais profundas emoções. Cada sentimento é um retrato poético, jamais se esvaindo, capaz de despertar a alma em dias ensolarados, nublados, chuvosos ou primaveris.

O coração, como um casulo, prepara-se para o voo, e a poesia oferece infinitas formas de expressar o ser. A obra "Re--tratos Poéticos" é um convite da autora para mergulhar em versos imagéticos, caminhando por suas entrelinhas até as rimas límpidas.

Este livro é um trato para a alma, um "cartão postal" para "vi-ver" a vida com leveza. Ele desvenda um sentir com incontáveis sentidos, um universo antes recluso que agora se ilumina. Se sua alma nunca voou com a poesia, esta é sua chance. Acredite, o céu sempre foi seu lugar.

Espaço

VITRINE

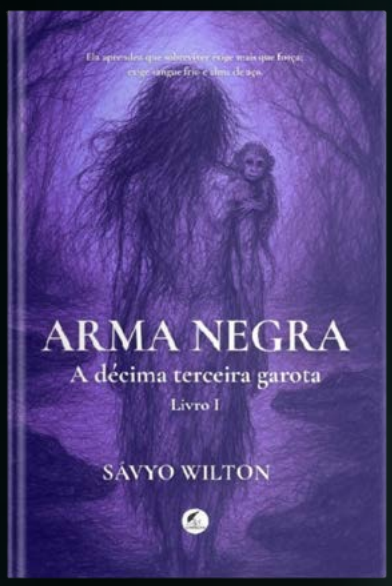
THE BARD

Escritor

Sávyo Wilton Reis

Acesse o link
clicando no botão abaixo

Arma Negra- A Décima Terceira Garota, Livro 1



Cinco meninas foram lançadas no Abismo, uma prisão situada na ilha de Amohai. Cercado por muros intransponíveis e criaturas perigosas, o lugar foi criado para executar pessoas condenadas à morte, abandonando-as à própria sorte.

No Abismo, o frio, a fome e o medo comandam a sobrevivência. Isoladas do mundo, as meninas lutam contra as ameaças do lugar e contra os próprios limites.

Com o passar do tempo, fica claro que o Abismo não mata apenas corpos: ele transforma quem sobrevive. E, quando uma delas finalmente consegue sair, descobre que o Abismo nunca foi deixado para trás — ele passou a existir dentro dela.

Clique aqui

Espaço VITRINE THE BARD

COLUNA

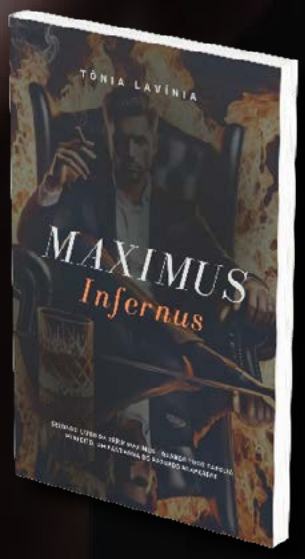
Escritora Tônia Lavínia

Acesse o link clicando no botão abaixo



Um homem italiano apaixonante... Silencioso, observador, sedutor, sensual, e as vezes intimidador. Seus lindos olhos verdes, e o toque dos seus dedos foram treinados por uma linda mulher para conhecer a veracidade das obras de artes, entre quadros e esculturas. Mas ela também o ensinou a conhecer o corpo de uma mulher, entre a respiração do desejo ao arrepiar da pele, o cheiro. Para ele, uma mulher é uma bela obra de arte. Ele é o descaminho e a perdição de qualquer mulher, e como ele mesmo diz: Mulher alguma passa por ele sem molhar a sua cama. Uma mulher não pode passar vontade. Acredite, se você não quer, ele faz querer. Sexo, luxuria, voyeurismo, mistérios e segredos fazem parte desta linda história. Quer conhece-lo? Abra o livro, e deixe ele te levar por cada página da sua linda história e seu universo de perdição... O universo de Maximus.

Clique aqui



Maximus personifica sofisticação, cercado por arte, literatura e música clássica em Milão. Seu mundo perfeito é ameaçado por Lorde Sinclair, um vilão sedutor que usa sua sensualidade para manipular e busca vingança. Enquanto Maximus defende seus segredos, Sinclair quer destruir tudo que ele ama, transformando a paixão em dominação. "Maximus Infernus" explora luxúria, poder e traição, onde desejos sombrios se entrelaçam com emoções humanas.

Clique aqui

Espaço

VITRINE

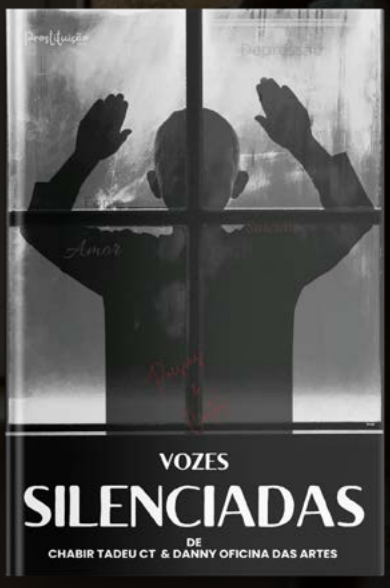
THE BARD

Escritor

Chabir Tadeu CT e Danny Oficina das artes

Acesse o link
clicando no botão abaixo

E-BOOK
VOZES SILENCIADAS



"Vozes Silenciadas" é uma coleção única dos autores "Chabir Tadeu CT e Dany Amado Vasco que responde pelo pseudônimo de "Danny Oficina das artes. "Eles combinam poesia e contos em uma narrativa envolvente. Este livro oferece uma experiência literária diversificada, levando os leitores a explorar as profundezas da emoção humana por meio de versos líricos e histórias cativantes. Cada poema e conto é habilmente entrelaçado, criando uma conexão sutil que permeia toda a obra. Os temas e motivações compartilhados entre os diferentes gêneros criam uma unidade temática que envolve os leitores em uma jornada poética e narrativa. "Vozes Silenciadas" convida os leitores a descobrir a beleza e a complexidade da vida por meio da interseção entre a poesia e o conto, oferecendo uma leitura cativante e emocionante.

Clique aqui

Espaço VITRINE THE BARD

COLUNA

Escritora Stella Gaspar

Acesse o link clicando no botão abaixo

Livro Um amor em poesias como uma flor de lótus de Stella Gaspar



Clique aqui

"Um Amor em Poesias como uma Flor de Lótus", de Stella Gaspar, é mais do que versos: é um convite ao coração. Com palavras que desabrocham como pétalas, delicadas e poderosas, Stella exsuda amor em cada poema. Entregue à escrita, ela revela solidão e esperança, transformando versos em refúgio e ponte para sua alma.

Espaço VITRINE THE BARD

COLUNA

Escritora Fabiana Francisco

Acesse o link clicando no botão abaixo

Livro Memórias de uma borboleta ferida
de Fabiana Francisco



Clique aqui

"Memórias de uma borboleta ferida" é uma autobiografia onde a autora faz uma analogia entre a metamorfose da lagarta e as fases da depressão além de outras doenças emocionais que a acometeram nos últimos anos.
Abordando a depressão, o transtorno de ansiedade entre outros diagnósticos de maneira leve e despretensiosa, a narrativa, ora por meio de prosa ora por meio de poesia, conduz o leitor a reflexões profundas sobre o impacto dessas doenças tanto em sua vida pessoal, profissional, quanto na de seus familiares e amigos.
Diante da grande comoção que a sociedade vem sofrendo, com a depressão e seus desdobramentos, é imprescindível conhecer o tema pela ótica de uma sobrevivente, que trava batalhas diárias para sair do recôndito do seu quarto".

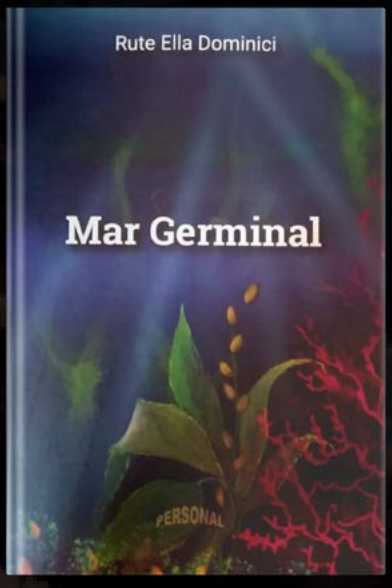
Espaço VITRINE THE BARD

COLUNA

Escritora Rute Ella Dominici

Acesse o link clicando no botão abaixo

Livro Mar Germinal



"Mar Germinal" é uma coletânea de poemas que explora temas como a natureza, o amor, a solidão, a existência humana e a conexão entre o mundo interno e externo. Escrito com linguagem fluida e rica em metáforas, o livro convida o leitor a viajar pelas emoções e paisagens descritas nas palavras. Cada poema é um universo próprio, trazendo reflexões profundas sobre a vida, a arte e a busca pelo sentido.

Clique aqui

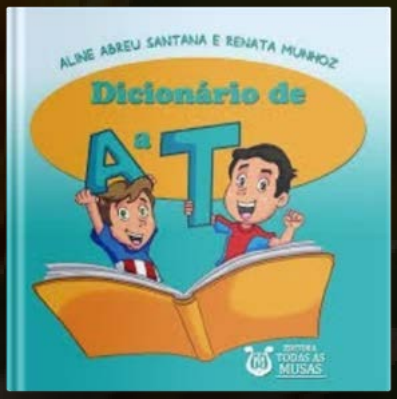
Escritora Renata Munhoz

Acesse o link clicando no botão abaixo



Clique aqui

Este livro aborda aspectos da circulação da correspondência administrativa oficial manuscrita trocada entre a metrópole portu- guesa e a capitania de São Paulo no período pombalino, sobretu- do entre 1765 e 1775, quando Dom Luís António de Sousa Botelho Mourão, doravante o Morgado de Mateus, atuou como Governador e Capitão-General. Trata-se de manuscritos chancelados tanto na administração colonial brasileira, quanto em Portugal, todos ver- sando sobre a política pombalina no ultramar.



Clique aqui

Uma ideia genial de livro: tem rimas, tem polissemia e multiplicidade de sensações, tem situações típicas do universo infantil, tem construções de imagens, tem textos organizados em ordem alfabética, tem aliterações e tem, principalmente, a escolha afetiva de partir das vivências de dois amigos, que transforma a leitura em um momento singular de compartilhamento e descobertas também múltiplos.
Tudo parte do universo de duas crianças e devolve a elas, em forma de texto curtos e muito bem construídos, o registro do que foi, do que é e do que pode continuar sendo se a sementinha que é plantada em todos nós for cultivada e seguir crescendo diariamente, dando frutos que nos transformem em adultos mais livres e generosos, sem jamais perder a alma infantil.

Espaço VITRINE THE BARD

COLUNA

Escritora Natália Carmo

Acesse o link clicando no botão abaixo



Clique aqui

Re(começos) é um livro que retrata em crônicas, poemas, prosa poética e reflexões uma mulher que decide deixar para trás tudo o que a fazia sofrer. Determinada a recomeçar, ela parte em busca de um novo re(começo), longe de tudo que a prendia ao passado. Nesta jornada de autodescoberta e superação, essa mulher encontra desafios, principalmente, a força dentro de si mesma para reinventar sua vida e encontrar a felicidade.



Clique aqui

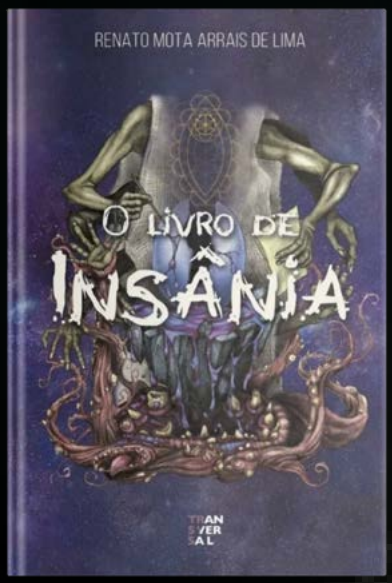
O livro o amor acaba, nos traz reflexões profundas e filosóficas, com fortes influências dos romancistas da primeira a terceira geração. É o novo clássico da literatura pós-moderna que enfatiza a fragilidade do amor e dos sentimentos em um arcabouço literário que transforma nossas convicções em atemporais por meio de interpretação em forma de frases, crônicas e poemas. Você verá o que a arte pode fazer, a arte por intermédio das palavras. Nossas relações a nossa ótica perfeccionista é uma cegueira, pois não somos perfeitos, e sempre buscamos o mundo platônico, o mundo das ideias em que todas as coisas são perfeitas.

Escritor

Renato Mota

Acesse o link clicando no botão abaixo

Livro O Livro de Insânia



Depois de uma semana exaustiva, Seu Narto acabou preso. Na prisão, ele viu uma passagem que o levou ao mundo de Insânia, um lugar com criaturas fantásticas e cidades em ilhas flutuantes. No caminho, Seu Narto encontrará seres estranhos e divindades que lhe mostrarão seu destino: derrotar a Loucura do Mundo e restaurar as funções regentes do universo de Insânia. Como ele, com um metro de altura, poderia enfrentar monstros liderados por um vilão e salvar seja lá o que for? Se quiser voltar a Mossoró, Seu Narto deverá cumprir suas tarefas antes do "fim do tempo de Insânia", uma profecia que nem mesmo as deusas sabem interpretar.

Clique aqui

LANÇAMENTO

NOVEMBRO & DEZEMBRO DE 2026

DINÂMICAS ARTÍSTICO-CULTURAIS:

"imagens que salvam a humanidade"



40ª EDIÇÃO

SIGA-NOS

SITE | FACEBOOK | INSTAGRAM | YOUTUBE | TWITTER/X

EDITAL

JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

ENTRE ESTANTES, BANCAS E SEBOS:

"Os lugares onde os livros nos encontram"

41ª EDIÇÃO



ACESSE O EDITAL DA REVISTA THE BARD PARA PARTICIPAR DA EDIÇÃO JANEIRO & FEVEREIRO DE 2027

PERÍODO DE 11 DE OUTUBRO À 30 DE NOVEMBRO.

Leia o EDITAL e preencha o FORMULÁRIO DE PARTICIPAÇÃO*

*Todo o material enviado será analisado e avaliado para ser publicado.

A DISTRIBUIÇÃO É GRATUITA.